Um *thriller* intenso e viciante

OS OUTROS



Da autora de O HOMEM DE GIZ

C. J. TUDOR

Planeta

Um *thriller* intenso e viciante

OS OUTROS



Da autora de O HOMEM DE GIZ

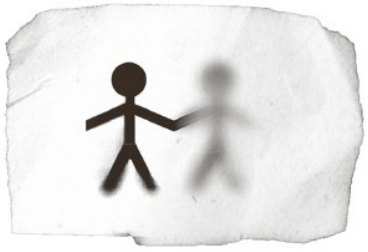


C. J. TUDOR

Planeta

C. J. TUDOR

OS OUTROS



Tradução
Mário Dias Correia

Planeta

Para a mamã e o papá. As melhores pessoas

O inferno são os outros.

Jean-Paul Sartre

Dorme. Uma rapariga pálida num quarto branco. As máquinas rodeiam-na. Guardiãs mecânicas prendem a rapariga adormecida à terra dos vivos, impedem-na de derivar para longe numa maré eterna e negra.

Os bips *regulares que emitem e o som laborioso da sua respiração são as únicas canções de embalar da rapariga. Antes, adorava música. Adorava cantar. Adorava tocar. Encontrava música em tudo: nas aves, nas árvores, no mar.*

Foi colocado um pequeno piano num canto do quarto. Tem a tampa levantada, mas o teclado está coberto por uma fina camada de pó. Em cima do piano há uma concha nacarada. O seu interior sedoso e rosado faz lembrar as curvas de uma orelha.

As máquinas zumbem e fazem bip.

A concha estremece.

De súbito, um dó sustenido enche o quarto.

Algures, outra rapariga cai.

Capítulo 1

Três anos antes

M1 Norte

A primeira coisa em que repara é nos autocolantes, a cobrir o vidro da janela traseira e alinhados no pára-choques.

Apita se estás com pressa.

Não me sigas, estou perdido.

Quando se guia como eu, é melhor confiar em Deus.

Buzina avariada – atenção ao dedo.

Os homens a sério amam Jesus.

Que baralhada de mensagens. Mas de uma coisa não havia dúvida: o condutor era um cretino. Gabe estava capaz de apostar que usava *T-shirts* com *slogans* e tinha no local de trabalho a fotografia de um macaco com as mãos na cabeça e a legenda: *Não é preciso ser maluco para trabalhar aqui, mas ajuda.*

Espantava-o que o sujeito conseguisse ver fosse o que fosse para trás. Por outro lado, estava ao menos a proporcionar material de leitura aos condutores que o seguiam nos engarrafamentos. Como aquele em que no momento estavam apanhados. Uma longa fila de carros a avançar pela M1 a passo de caracol, por causa das obras; era como se tivessem começado qualquer coisa no século anterior e estivessem preparados para continuar até bem entrado o milénio seguinte.

Gabe suspirou e tamborilou com os dedos no volante, como se com isso pudesse fazer o trânsito andar mais depressa, ou invocar uma máquina de viajar no tempo. Estava quase atrasado. Ainda não. Por enquanto. Chegar a casa a tempo situava-se ainda dentro do limite da possibilidade. Mas não tinha grandes esperanças. Na realidade, a esperança abandonara-o por altura da Saída 19, com

todos os condutores que tinham tido esperteza suficiente para se arriscarem sem o GPS por uma estrada rural.

E o facto de naquele dia ter conseguido sair a horas tornava aquilo ainda mais frustrante. Devia ter podido chegar a casa sem problemas às seis e meia, para estar presente à hora de Izzy ir para a cama, como prometera – *prometera* – a Jenny que nessa noite aconteceria.

«*Uma vez por semana. É tudo o que peço. Uma noite em que jantemos juntos, e tu leias uma história à tua filha antes de ela dormir e possamos fingir que somos uma família normal e feliz.*»

Aquilo tinha doído. Ela estivera a falar a sério.

É verdade que podia ter feito notar que fora *ele* quem preparara Izzy para a escola naquela manhã, porque Jenny tinha tido de sair a correr para se encontrar com um cliente. Tinha sido *ele* que acalmara a filha e lhe aplicara *Savlon* no queixo quando o temperamental gato (o gato que *Jenny* tinha ido buscar a um refúgio) a arranhara.

Mas não o fizera. Porque ambos sabiam que isso não chegava para compensar todas as ocasiões perdidas, todos os momentos em que não estivera lá. Jenny não era uma mulher irrazoável. Mas quando tocava à família, tinha uma linha muito definida. Se alguém a ultrapassava, tinha de esperar muito tempo até que ela deixasse essa pessoa voltar a entrar.

Era uma das razões por que a amava: a sua feroz dedicação à filha. A mãe de Gabe sempre fora mais dedicada à vodca barata, e quanto ao pai nunca o conhecera. Gabe jurara que seria diferente; que estaria sempre presente para a sua menina.

E, no entanto, ali estava ele, encurralado na auto-estrada, à beira de ficar atrasado. Jenny não lho perdoaria. Não desta vez. Nem queria pensar no que isso significava.

Tentara ligar-lhe, mas a chamada fora para o atendedor automático. E agora a bateria do telemóvel estava a menos de um por cento, o que significava que ia morrer de um momento para o outro e, como não podia deixar de ser, logo naquele dia tinha deixado o carregador em casa. Tudo o que podia fazer era ficar sentado, a reprimir a vontade de pisar o acelerador e empurrar todos os outros carros para fora da estrada, a tamborilar com os dedos no volante, a lançar olhares furiosos ao *Homem dos Autocolantes* à sua frente.

Muitos dos autocolantes pareciam antigos. Desbotados e encarquilhados. Mas a verdade era que também o carro era antigo. Um velho *Cortina*, ou qualquer coisa no género. Pintado daquela cor que fora tão popular nos anos de 1970: uma espécie de ouro sujo. Banana podre. Pôr de Sol num céu poluído. Sol moribundo.

Baforadas de fumo cinzento saíam a intervalos do tubo de escape. Todo o pára-choques estava salpicado de pontos de ferrugem. Não viu o emblema da marca. Devia ter caído, ao mesmo tempo que metade da chapa de matrícula. Só restavam as letras «T» e «N» e o que podia ser parte de um 6 ou um 8. Franziu a testa. Tinha quase a certeza de que aquilo era ilegal. O mais certo era o raio daquela lata nem estar em condições de circular, ou não ter seguro, ou não estar a ser conduzida por um condutor habilitado. O melhor era não se aproximar demasiado.

Estava a considerar a possibilidade de mudar de faixa quando a cara da rapariguinha apareceu na janela traseira, emoldurada pelos esfarrapados autocolantes. Parecia ter cinco ou seis anos. Cara redonda, faces rosadas. Bonitos cabelos louros apanhados em dois totós puxados para cima.

O seu primeiro pensamento foi que a criança deveria estar sentada numa cadeirinha e presa por um cinto.

O seu segundo pensamento foi: *Izzy*.

A rapariguinha estava a olhar para ele. Abriu muito os olhos. Abriu a boca, revelando a falta de um dente mesmo à frente. Lembrou-se de o ter embrulhado num lenço de papel e enfiado debaixo da almofada dela para a fada dos dentes.

– Papá! – disse ela, a formar a palavra com os lábios.

Então uma mão estendeu-se para trás, agarrou-lhe um braço e puxou-a para baixo. Fora da sua vista. Desaparecida. Eclipsada.

Ficou a olhar para a janela vazia.

Izzy.

Impossível.

A filha estava em casa, com a mãe, talvez a ver o canal Disney enquanto Jenny fazia o jantar. Não podia estar no banco de trás de um carro desconhecido, a caminho sabia Deus de onde, e nem numa cadeirinha e com o cinto de segurança posto.

Os autocolantes bloqueavam-lhe a visão do condutor. Mal conseguia ver-lhe o alto da cabeça por cima de *Apita se tens pressa*. Porra para aquilo. Buzinou. E fez

sinais de luzes. O carro pareceu acelerar um pouco. O troço de estrada em obras acabava um pouco mais à frente, os sinais de 80 km/h substituídos pelos do limite nacional de velocidade.

Izzy. Acelerou. Era um *Range Rover* novo. Saltou como um gato a que tivessem pisado o rabo. E no entanto a velha e enferrujada banheira à sua frente estava a distanciar-se. Carregou no acelerador com mais força. Viu o velocímetro passar os 110, os 120, os 130. Estava a ganhar terreno, e então o carro à sua frente passou de súbito para a faixa do meio e ultrapassou vários outros. Gabe foi atrás dele, guinando à frente de um pesado. O berro da buzina quase o ensurdeceu. Sentia o coração a querer saltar-lhe do peito, como na merda do *Alien*.

A carripana entrava e saía da corrente de tráfego, numa série de manobras perigosas. Gabe estava entalado entre um *Ford Focus* de um lado e um *Toyota* à frente. Merda. Olhou para o retrovisor e ultrapassou o *Toyota* pela esquerda. Ao mesmo tempo, apareceu um jipe vindo da direita, falhando por pouco o seu *capot*. Pisou o travão. O condutor do jipe ligou os pisca-piscas e fez-lhe o sinal do dedo.

– Vai-te foder *tu*, punheteiro de merda!

A carripana enferrujada estava agora vários carros à frente, ainda a guinar de um lado para o outro, as luzes traseiras a desaparecerem na distância. Não podia manter aquela velocidade. Era demasiado perigoso.

Além disso, tentou dizer a si mesmo, devia estar enganado. *Tinha de estar.* Não podia ser Izzy. Impossível. Por que diabo havia ela de estar naquele carro? Estava cansado, stressado. Tinha escurecido. Tinha de ser outra rapariguinha parecida com Izzy. *Muito parecida com Izzy.* Uma rapariguinha que tinha os mesmos cabelos louros com totós, o mesmo espaço entre os dentes da frente. *Uma rapariguinha que lhe chamara «papá».*

Viu uma tabuleta mais à frente: ÁREA DE SERVIÇO 1 KM. Podia entrar lá, fazer um telefonema, descansar o espírito. Mas já estava atrasado, tinha de continuar. Por outro lado, que diferença faziam mais alguns minutos? O desvio de acesso estava a passar. Continuar? Encostar? Continuar? Encostar? *Izzy.* No último segundo guinou à esquerda e passou por cima da zebra branca, o que provocou mais um concerto de buzinadelas. Acelerou pela via de acesso e entrou na área de serviço.

Era muito raro Gabe parar em áreas de serviço. Achava-as deprimentes, cheias de pessoas infelizes que queriam estar noutro lugar qualquer.

Desperdiçou minutos preciosos a andar de um lado para o outro, em frente dos restaurantes, à procura de um telefone público, que acabou por encontrar escondido perto dos lavabos. Era o único. Já ninguém usava telefones públicos. Gastou mais alguns minutos a procurar trocos antes de perceber que podia usar um cartão. Tirou o cartão de débito do bolso, enfiou-o na ranhura e ligou para casa.

Jenny nunca atendia ao primeiro toque. Estava sempre ocupada, sempre a fazer qualquer coisa com Izzy. Por vezes dizia que quem lhe dera ter oito pares de mãos. Devia estar em casa mais vezes pensou. Devia ajudar.

– Sim?

Uma voz de mulher. Mas não a de Jenny. Desconhecida. Teria ligado para o número errado? Não marcava muitas vezes o número de casa. Mais uma vez, era tudo telemóveis. Verificou o número no visor do telefone público. Sim, era o número da rede fixa de casa.

– Sim? – repetiu a voz. – É o senhor Forman?

– Sim, é o senhor Forman. Quem diabo é você?

– Sou a inspectora detective Maddock.

Uma detective. Em sua casa. A atender o seu telefone.

– Onde está, senhor Forman?

– Na M1. Quero dizer, na área de serviço. A regressar do trabalho.

Estava a balbuciar. Como uma pessoa culpada. Mas ele *era* culpado, não era? De montes de coisas.

– Tem de vir para casa, senhor Forman. Imediatamente.

– Porquê? Que se passa? *Que aconteceu?*

Uma longa pausa. Um silêncio inchado, sufocante. O género de silêncio, pensou, que transborda de palavras não ditas. Palavras que vão lixar a nossa vida.

– É a respeito da sua mulher… e da sua filha.

Capítulo 2

Actualidade

Newton Green Services, M1 Saída 15, 01:30

O homem magro bebeu café simples, com muito açúcar. Era raro comer qualquer outra coisa. Uma, talvez duas vezes, tinha pedido uma torrada e deixara-a no prato depois de um par de dentadas. Parecia, achava Katie, alguém mais perto da morte do que os anos deviam tê-lo levado. As roupas pendiam dele como de um espantalho a que tivessem tirado o recheio de palha. A magreza cavara-lhe sulcos no rosto, por baixo dos olhos e dos pómulos. Os dedos, quando pegava na chávena de café, eram compridos e delicados, de ossos tão afiados que pareciam capazes de cortar a fina camada de pele.

Se não soubesse que não era esse o caso, Katie poderia pensar que sofria de uma doença terminal. Cancro. Fora o que lhe levara a avó, e tinham o mesmo ar. Mas a dele era um género diferente de doença. Uma doença do coração e da alma. Nem os melhores médicos do mundo podiam curar o mal que afligia aquele homem. Ninguém podia.

Quando começara a aparecer na área de serviço, uma ou duas vezes por mês, costumava distribuir panfletos. Katie aceitara um. Imagens de uma rapariguinha. ALGUÉM ME VIU? Katie tinha-a visto, claro. Toda a gente tinha. A menina que estivera em todos os noticiários. E a mãe.

Naquele tempo, o homem magro tinha esperança. Uma espécie de esperança. Esse género de esperança louca que alimenta as pessoas como uma droga. É tudo o que têm. Agarram-se a ela como a um cachimbo de *crack*, mesmo sabendo que a esperança está a tornar-se um vício. Dizem que o ódio e a amargura nos destroem. Estão enganados. É a esperança. A esperança devora-nos por dentro

como um parasita. Deixa-nos pendurados como um isco por cima de um tubarão. Mas a esperança não nos mata. Não é assim tão generosa.

O homem magro tinha sido comido pela esperança. Não lhe restava nada. Nada a não ser montes de quilómetros de estrada e chávenas de café.

Katie pegou na chávena vazia, limpou a mesa.

– Mais uma?

– Serviço de mesa?

– Só para os clientes habituais.

– Obrigado, mas tenho de ir andando.

– *Okay*. Até à próxima.

Ele voltou a assentir.

– Sim.

E era esta a soma total das conversas entre os dois. De todas as conversas. Katie não tinha a certeza de que ele se apercebesse de que falava com a mesma pessoa cada vez que ali entrava. Tinha a sensação de que para ele a maior parte das pessoas era apenas pano de fundo.

Tinha ouvido dizer que aquela não era a única cafetaria que ele frequentava, nem a única área de serviço. Os empregados mudavam de um lado para o outro, e falavam. E os agentes da polícia que ali paravam também. Dizia-se que passava o dia e a noite a conduzir para cima e para baixo ao longo da auto-estrada, parando em várias áreas de serviço, à procura do carro que lhe levara a sua menina. À procura da filha perdida.

Katie esperava que não fosse verdade. Esperava que o homem magro conseguisse um dia encontrar um pouco de paz. E não só por ele. Havia qualquer coisa no seu silencioso desespero que arranhava os nervos. Mais do que tudo, esperava chegar um dia ao trabalho e saber que tinha desaparecido e nunca mais ter de pensar nele.

Capítulo 3

Conduzir de noite. Era uma coisa de que Gabe nunca tinha gostado. O clarão dos faróis dos carros em sentido contrário. Os troços de auto-estrada sem iluminação onde o pavimento em frente parecia dissolver-se num nada infinito. Como avançar para um buraco negro. Sempre achara aquilo desorientador. A escuridão fazia tudo parecer diferente. Alterava as distâncias, distorcia as formas.

Agora, a noite era a altura do dia em que se sentia mais confortável. Aninhado no banco do condutor, a tocar qualquer coisa baixa e ambiental. Naquela noite, Laurie Anderson. *Strange Angels*. Era o álbum que ouvia mais vezes. Havia na sua sobrenaturalidade, na sua estranheza, qualquer coisa que ressoava com ele. Parecia adequar-se à sua jornada de um lado para o outro pelo asfalto negro.

Por vezes, imaginava que estava a navegar por um rio fundo e escuro. Outras, que vogava pelo espaço, numa escuridão eterna. Estranhos, os pensamentos que deambulam sonâmbulos pela nossa mente de madrugada, quando devíamos deitar o nosso cérebro a salvo na cama. Mas embora deixasse a mente divagar, mantinha sempre os olhos na estrada, alerta, à procura.

Gabe não dormia de verdade. Não como deve ser. Essa era uma das razões por que conduzia. Quando precisava de um pausa, mais por sentir que *devia* do que por estar cansado, entrava numa das áreas de serviço que acabara por conhecer tão bem.

Era capaz de fazer a lista de todas elas, ao longo da M1: as instalações, as avaliações e as distâncias que as separavam. Eram, supunha, o mais parecido que tinha com qualquer espécie de casa. Irónico, na verdade, considerando o quanto costumava detestá-las. Quando queria mais do que uma recarga de café, estacionava a autocaravana num dos espaços destinados aos pesados e estendia-se na parte traseira por um par de horas. Ressentia-se muitas vezes do tempo que estava a desperdiçar, a não fazer nada, a não procurar. Mas, embora a sua mente

nunca repousasse, os olhos, pulsos e pernas precisavam de uma trégua. Por vezes, quando descia do banco do condutor, sentia-se um encurvado Neandertal a tentar pôr-se erecto pela primeira vez. Por isso forçava-se a fechar os olhos, estender o mais possível o corpo de um metro e noventa na cama da autocaravana por um máximo de duas horas em cada vinte e quatro. E então voltava à estrada.

Tinha consigo tudo o que precisava. Artigos de higiene, umas poucas mudas de roupa. Por vezes uma viagem à lavandaria obrigava-o a desviar-se um pouco da auto-estrada até uma povoação. Não gostava daquelas viagens, recordavam-lhe demasiado a normalidade da vida quotidiana da maior parte das pessoas. Fazer compras, trabalhar, encontrar-se para um café, levar os miúdos à escola. Todas as coisas que já não fazia. Todas as coisas que tinha perdido ou abandonado.

Na auto-estrada, nas áreas de serviço, a vida normal ficava suspensa. Toda a gente estava a caminho de um lugar qualquer, num ponto de escala. Não era um lugar nem outro. Um pouco como o purgatório.

Mantinha o telemóvel e o portátil sempre por perto, com dois carregadores sobressalentes e várias baterias (nunca mais cometeria aquele erro). Quando não estava a conduzir, passava o tempo a beber café, a ver as notícias – para o caso de haver *alguma* notícia – e a verificar os *sites* de pessoas desaparecidas.

A maior parte pouco mais era do que painéis de anúncios. Corriam apelos aos desaparecidos, publicavam actualizações dos progressos, organizavam eventos para despertar atenções. Tudo na desesperada esperança de que alguém, algures, visse qualquer coisa e entrasse em contacto.

Costumava acompanhá-los religiosamente. Mas ao fim de algum tempo aquilo começara a afectá-lo: a esperança, o desespero. As mesmas fotografias uma e outra vez. Os rostos de pessoas que tinham desaparecido há anos, há décadas. Preservadas no *flash* de uma máquina. Os penteados a tornarem-se mais datados, os sorrisos a tornarem-se mais congelados a cada aniversário e Natal perdidos.

E depois havia os novos rostos que apareciam quase todos os dias. Ainda com um eco de vida. Imaginava a cova que ficara numa almofada, uma escova de dentes a endurecer no suporte e as roupas no armário ainda a cheirar a lavado e ainda não a mofo e bolas de naftalina.

Mas aconteceria. Tal como aos outros. O tempo continua a rolar sem eles. O resto do mundo continuaria a viagem para o seu destino. Só os entes queridos permaneceriam na gare. Incapazes de sair dali, incapazes de abandonar a sua vigília.

Desaparecer é diferente de morrer. De certa maneira, é pior. A morte oferece finalidade. A morte dá-nos licença para chorar. Para fazer um serviço fúnebre, para acender velas e pôr flores. Para deixar ir.

Desaparecer é um limbo. Ficamos perdidos; num lugar estranho e sombrio onde a esperança brilha como uma débil chama no horizonte e a infelicidade e o desespero voam em círculos no céu, como abutres.

O telemóvel zumbiu no suporte do painel de instrumentos. Olhou para o ecrã. O nome que lá aparecia eriçou-lhe os cabelos da nuca.

A outra coisa que se encontrava, quando se passava tempo suficiente a viajar a altas horas pelas estradas do país, era outras pessoas da noite. Outros vampiros. Condutores de camiões e carrinhas de entregas de longa distância. Polícias, paramédicos, pessoal de serviço. Como a empregada de mesa loura. Estivera outra vez de serviço naquela noite. Parecia simpática, mas tinha sempre um ar exausto. Imaginou que tinha tido um marido, em tempos, mas que a deixara. Agora trabalhava à noite, para ter tempo para os miúdos durante o dia.

Fazia muitas vezes aquilo com as pessoas. Inventava-lhes histórias, como se fossem personagens de um livro. Algumas eram fáceis de ler. Outras exigiam um pouco mais de tempo. Algumas não se conseguia adivinhar, nem num milhão de vidas.

Como o *Samaritano*.

Onde estás?, dizia a mensagem de texto.

Bateu no ícone do ecrã do telemóvel e disse:

Entre Newton Green e Watford Gap.

As palavras apareceram no ecrã como mensagem. Tocou em enviar.

A resposta apareceu logo a seguir:

Vai ter comigo @Barton Marsh, na J14. Env indic

Normalmente, Gabe não suportava pessoas que usassem abreviaturas, mesmo em mensagens de texto – resquícios da sua antiga profissão de *copywriter* – mas perdoava ao *Samaritano*, por uma porção de razões.

Barton Marsh. Uma pequena aldeia não muito longe de Northampton. Não muito bonita. A uns bons cinquenta minutos de onde estava.

Porquê?

A resposta tinha apenas uma palavra. A palavra que ele esperava ouvir há quase três anos. A palavra que receava ouvir.

Encontrei-o.

Capítulo 4

Área de Serviço de Tibshelf, Saídas 28-9 da M1

Fran bebericou o café. Bem, presumia que era café. A ementa dizia que era café. Parecia café. Cheirava vagamente a café. Mas sabia a merda. Despejou mais um pacote de açúcar. O quarto. Do outro lado da pegajosa mesa de plástico, Alice mordiscava de má vontade uma torrada de ar anémico que conseguia só um nadinha melhor do que o café cumprir o propósito a que se destinava nos termos da Lei da Descrição Comercial.

– Vais comer isso? – perguntou Fran.

– Não – respondeu Alice, ausente.

– Não te censuro – disse Fran, com um sorriso de compreensão, apesar de o esforço lhe fazer doer as bochechas… o que ao menos as equiparava aos olhos e à cabeça.

A cabeça latejava-lhe com mais força do que nunca na dura luz fluorescente. Não comia nada desde a manhã anterior. O estômago já estava para lá de comida, mas a falta de alimento e de sono era como se alguém estivesse a martelar-lhe o crânio do lado de dentro. Isso fora parte da razão que a levara a decidir que tinham de parar para beber um café e comer qualquer coisa. Boa piada. Não estavam a ter uma coisa nem outra. Afastou o café.

– Precisas de ir à casa de banho antes de irmos?

Alice começou a abanar a cabeça, mas reconsiderou.

– Até onde temos de ir?

Boa pergunta. Até onde? Quanta distância seria suficiente? Não fazia ideia, mas não queria dizê-lo a Alice. Devia ser das duas a que estava no controlo, a que tinha um plano. Não podia dizer a Alice que estava só a conduzir, o mais

depressa que se atrevia, a tentar pôr o maior número de quilómetros possível entre elas e a sua última morada.

– Bem, ainda é longe, mas há muitas outras áreas de serviço pelo caminho.

Até que saíssem da auto-estrada, claro, e então a única opção seria um espaço de descanso na beira da estrada.

Alice fez uma careta.

– Acho que podia ir agora.

Dito com tanto entusiasmo como se lhe tivessem pedido para entrar numa jaula cheia de leões comedores de homens.

– Queres que vá contigo?

Outra hesitação. Alice tinha, entre outras coisas, fobia em relação às casas de banho públicas. No entanto, com quase oito anos, tinha uma fobia ainda maior em relação a comportar-se como um bebé.

– Não, estou bem.

– De certeza?

Alice assentiu e então, com uma cara de sombria determinação que a fazia parecer tão mais velha do que era, levantou-se da cadeira. Depois de mais uma breve hesitação, estendeu a mão por cima da mesa para pegar no saco: uma pequena mochila cor-de-rosa decorada com flores roxas. Nunca ia a lugar nenhum sem ela, nem à casa de banho. Quando a pendurou ao ombro, a mochila chocalhou e fez estalidos.

Fran tentou não franzir a testa, tentou não deixar que o medo lhe transparecesse na cara. Pegou na chávena de café e fingiu beber enquanto Alice se afastava; compridos cabelos castanhos apanhados num rabo-de-cavalo alto, *jeans* enfiados numas falsas *Ugg* um grande anoraque a envolver-lhe a figura frágil.

Foi submersa por uma vaga de amor primevo. Por vezes acontecia. Era aterrador, o amor que se sentia por um filho. A partir do instante em que se tinha aquela cabeça macia e pegajosa na dobra do braço, tudo mudava. Passava-se a viver num perpétuo estado de espanto e terror: espanto por se ter sido capaz de produzir uma coisa tão incrível, terror de que a qualquer momento ela possa ser-nos tirada. Nunca antes a vida lhe parecera tão frágil e tão cheia de ameaças.

A única altura em que não precisávamos de preocupar-nos, pensava, era quando dormiam. Era quando deviam estar a salvo, bem aconchegados nas suas

camas. O problema era que Alice não dormia na sua cama. Ou nem sempre. Alice era capaz de adormecer em qualquer lugar, a qualquer momento. A caminho da escola, no parque, nas casas de banho das senhoras. Num minuto desperta. No seguinte apagada. Era assustador.

Mas não tão assustador como quando acordava.

Fran pensou na mochila. No inquieto chocalhar. O pânico bateu as asas como uma traça negra dentro do seu peito.



Alice avançou para a porta com o sinal de Senhoras. Uma mulher com uma saia triangular. Quando era pequena, pensava que significava que se estivesse a usar calças não podia entrar. Naquele momento não queria entrar. O medo apertou-lhe o estômago com força, o que, claro, só serviu para tornar ainda maior a vontade de urinar.

Não era das casas de banho que tinha medo. Nem dos barulhentos secadores de cabelo (embora antigamente a assustassem um pouco). Era de outra coisa. Uma coisa difícil de evitar em qualquer casa de banho, mas sobretudo nas públicas, com as suas filas de lavatórios e recantos inesperados.

Espelhos. Alice não gostava de espelhos. Tinha medo deles desde pequena. Uma das suas recordações mais antigas era de estar a brincar a mascarar-se e escapulir-se escada acima para se ir ver no grande espelho do quarto da mãe. Pusera-se em frente dele, resplandecente no seu vestido de Elsa… e começara a gritar.

Nem todos os espelhos eram problema. Alguns eram seguros. Não sabia porquê. Não saberia explicá-lo, tal como não saberia explicar por que razão alguns eram perigosos. Os espelhos desconhecidos eram mais arriscados. Espelhos que não conhecia. Era nesses que via coisas; eram esses que podiam fazê-la cair.

Vai correr tudo bem, disse a si mesma. *Olha para baixo. Não deixes de olhar para baixo.*

Inspirou fundo e empurrou a porta. O cheiro enjoativo a ambientador e desinfectante prendeu-se-lhe à garganta e fê-la sentir-se um pouco agoniada. Não estava ali mais ninguém, o que era invulgar, mas por outro lado ainda era cedo, e toda a área de serviço estava silenciosa.

Apressou-se em direcção à sanita mais próxima, sem erguer os olhos do chão, e fechou a porta do cubículo. Baixou-se para a sanita, urinou, limpou-se, puxou o autoclismo e voltou a sair, ainda a tentar manter os olhos baixos. Agora era a parte pior. Agora tinha de chegar ao lavatório e lavar as mãos.

Quase conseguiu. Mas o dispensador de sabonete não funcionava. Carregou e carregou e então olhou para cima. Não pôde evitá-lo. Ou talvez houvesse qualquer coisa no brilho proibido que a atraía, como uma porta deixada entreaberta. Uma pessoa não conseguia impedir-se de abri-la um pouco mais para ver o que estava do outro lado.

Viu o seu reflexo. Só que não era ela. Nem era um verdadeiro reflexo. Era uma rapariga, parecida mas alguns anos mais velha. Só que ao passo que Alice tinha cabelos escuros e olhos azuis, aquela rapariga era pálida, quase albina, com cabelos brancos e olhos que pareciam berlindes de um cinzento-leitoso.

– *Alissss.*

Até a voz era pálida e insubstancial, como se fosse levada numa brisa.

– Agora não. Vai-te embora.

– *Ccccch. Ccccch agora.*

– Deixa-me em paz.

– *Preciso de tiiii.*

– Não posso.

– *Preciso que durmaaaas.*

– Não. Não estou…

Mas antes que a palavra «cansada» pudesse sair-lhe dos lábios, as pálpebras de Alice fecharam-se e ela deslizou para o chão.

Capítulo 5

Encontrei-o.

Seria na verdade possível, ao fim de tanto tempo? E, claro, Gabe estava muito consciente do que o *Samaritano não* tinha dito. Dissera «encontrei-o», não «encontrei-a». A menos que estivesse a querer poupá-lo. Mas, se era isso, para quê chamá-lo ali? Havia mais qualquer coisa naquela palavra. Sentia-o. Uma mentira por omissão. *Encontrei-o.* E?

Estudava de olhos semicerrados as placas indicadoras desconhecidas enquanto conduzia a autocaravana por estradas que lhe pareciam demasiado estreitas e sinuosas. Gabe sentia sempre uma momentânea deslocação quando saía da auto-estrada. Como se tivesse cortado um cabo de segurança. Seccionado o cordão umbilical. Saltado para o abismo sem um pára-quedas.

O pânico arranhava-lhe com garras febris o fundo da mente. Pânico de a perder. Pânico de estar a deixá-la escapar-lhe. Outra vez. Irracional, louco. Mas não conseguia evitá-lo. A auto-estrada. Era o seu único elo. O lugar onde a vira pela última vez. O lugar onde a tinha perdido.

Devemos fazer tudo pelos nossos filhos. Tudo. E ele limitara-se a ver a filha desaparecer. Deixara aquelas luzes traseiras afastarem-se. Desaparecida. Eclipsada. Revira mentalmente a cena vezes sem conta. Se tivesse feito as coisas de uma maneira diferente. Se não tivesse saído da auto-estrada. Se tivesse seguido a merda da carripana velha. Se, se.

Gloriosa retrospectiva. Mas a retrospectiva não é gloriosa. A retrospectiva é um reles aldrabão. Um apresentador de um concurso televisivo com um fato de *lamé* dourado e uma peruca ordinária a mostrar-nos com um ar de troça o que poderíamos ter ganho:

Se tivesse sido mais rápido, mais corajoso, mais empenhado. Se não fosse tão cobarde. Mas, senhoras e senhores, uma salva de palmas para ele. Foi um bom

concorrente. Mas mesmo assim um falhado. Uma merda de um falhado.

Agarrou o volante com mais força e olhou para o relógio: 2.47 h. O céu era uma manta de um negro-profundo e aveludado perfurada por minúsculas alfinetadas de luz. Faltava ainda algum tempo até que a aurora a afastasse para o lado. Em meados de Fevereiro, isso só aconteceria daí a três horas, pelo menos.

Ainda bem. Preferia a escuridão. Preferia aquela época do ano. Adorava e ao mesmo tempo detestava quando os dias começavam a ficar mais curtos, em Outubro. As longas horas do Verão eram más. Os dias de sol traziam mais pessoas à auto-estrada: carros carregados de famílias a caminho das férias. Rostos sorridentes, ansiosos, felizes. Rostos suados, a gritar, exaustos. Via Izzy em todos eles.

Uma ou duas vezes, no princípio, quase correra atrás de um par de rapariguinhas convencido de que eram ela. Em ambas as ocasiões apercebera-se, antes de fazer figura de parvo (ou de um pai zangado lhe dar um murro na cara), de que estava enganado. Fora-lhe poupada a humilhação. Mas não o desapontamento que lhe dilacerara as entranhas.

Em Outubro, as hordas de famílias tinham desaparecido; de volta à escola e ao trabalho, ao vaivém de todos os dias. Mas em vez delas houvera outros eventos. Outras celebrações. O Halloween, a Noite de Guy Fawkes. Ao longo de todo o ano, parecia, havia eventos destinados a recordar aos solitários que estavam mesmo sozinhos. Sem filhos, de olhos iluminados pelo brilho e o estralejar do fogo-de-artifício. Sem uma cara-metade por cujos ombros passar o braço e puxar para si para combater o frio do Outono.

O Natal era o pior, porque era o mais invasivo. Nas ruas, na auto-estrada, nas áreas de serviço, era possível escapar de certo modo às outras festas. Mas o Natal – o *raio* do Natal – insinuava-se por todo o lado, chegava mais cedo de ano para ano.

Até as áreas de serviço faziam tíbios esforços de decoração e erguiam árvores de Natal, com caixas vazias mal embrulhadas por baixo. As lojas enchiam-se de «produtos» de Natal para os que tinham esquecido uma prenda para a tia Edna e iam a caminho de uma reunião de família. E as canções. Eram o que o levava de verdade para lá da beira da loucura. A mesma dúzia de canções de Natal tocadas uma e outra vez, e nem sequer eram as originais, mas imitações irritantemente más. No fim do primeiro ano, tinha comprado um par de auscultadores muito

caros para poder calá-las e ouvir a sua selecção de canções, mais lamentosa, menos cheia de sentimentos alegres.

Gabe detestava o Natal. Todos os que alguma vez perderam alguém detestam o Natal. O Natal pega na nossa dor e multiplica-a por dez. Provoca a nossa perda em cada árvore iluminada e em cada Noite de Paz. Lembra-nos de que não há trégua, não há descanso. O nosso desgosto é implacável e mesmo que consigamos pô-lo de parte, como uma caixa de enfeites, volta sempre. Reaparece todos os anos, tão familiar como o fantasma apodrecido de Jacob Marley.

Quanto mais longe estava do Natal mais estável se sentia. Não feliz. Gabe nunca estava feliz. Não tinha a certeza de essa particular avenida emocional ainda lhe estar aberta. Mas tinha encontrado uma espécie de aceitação. Não a aceitação do desaparecimento de Izzy. Uma aceitação de que esta era agora a sua vida. Implacável, triste, cansativa, dura. Mas tudo bem. Era o que merecia. Até que a encontrasse. De uma maneira ou de outra.

Um sinal verde mais à frente: BARTON MARSH, 3,5 KM. Próxima à direita. Fez sinal e guinou. No *stereo*, Laurie Anderson cuspia a balada de Hansel e Gretel: «Hansel, estás mesmo a atirar-me abaixo… Gretel, consegues ser uma autêntica cabra.»

O desvio levou-o para uma estrada rural ainda mais estreita e retorcida. Não havia luzes. Só, de vez em quando, os olhos de um gato a piscarem-lhe do meio do caminho. O telemóvel fez pingue e apareceu uma mensagem de texto:

Estás perto?

Três quilómetros e meio.

Passaste por uma quinta?

Não.

Depois da quinta, procura um espaço na berma. Estaciona aí. Trilho para o bosque.

– Okay.

Trilho para o bosque.

Sentiu um arrepio no couro cabeludo. Por um instante, perguntou-se o que teria levado o *Samaritano* até ali, um lugar tão remoto. E então decidiu que na verdade não queria saber.

Voltou a concentrar-se na estrada. À sua esquerda, uma tabuleta saltou da escuridão: OLD MEADOWS FARM. E, poucos metros adiante, do lado direito, lá estava

o espaço para estacionar, o «P» quase escondido pelos ramos das árvores. Parou atrás do único outro carro que lá estava parado. Um *BMW* preto. Já com alguns anos, a chapa de matrícula parcialmente tapada pelo pó. Não o suficiente para chamar a atenção da polícia, mas o bastante para dificultar a leitura à primeira vista. As janelas de trás e o óculo traseiro eram de vidro fumado, ainda que Gabe duvidasse que fosse para conforto dos passageiros.

Desligou o motor da autocaravana que, apercebeu-se, fazia tanto barulho que era bem capaz de ser ouvido na quinta, abriu o porta-luvas e tirou de lá uma pequena lanterna. Então pegou na grossa *parka* que tinha no banco do passageiro e vestiu-a. Apeou-se e trancou as portas. O mais certo era ser desnecessário. Estava a tergiversar. A adiar o momento.

Puxou o fecho da *parka* até ao queixo. A noite estava fria. O hálito saía-lhe da boca como fumo de cigarro. Olhou em redor. À sua esquerda, uma tabuleta meio arrancada apontava para uma estreita abertura entre os grandes arbustos.

Trilho para o bosque.

Gabe não tinha a certeza de se alguma coisa de bom podia resultar de meter por um trilho que entrava num bosque, à noite, sozinho.

Acendeu a lanterna e avançou.

Capítulo 6

Oito minutos. Fran olhou para o relógio. Alice estava a demorar demasiado tempo. Mesmo tendo em conta a sua fobia das casas de banho, oito minutos continuava a ser demasiado tempo. Pegou na mala e afastou a cadeira da mesa.

Caminhou apressada pela coxia principal, quase deserta àquela hora. Passou por um empregado de limpeza de ar aborrecido, enfiado num uniforme vários tamanhos abaixo do que o seu corpanzil exigia, a varrer o chão sem qualquer empenho. Passou pela W. H. Smith e pela secção de jogos onde – àquela hora e se calhar mesmo até depois de o inferno congelar – um triste solitário continuava a carregar nos botões de uma máquina de moedas como uma espécie de *zombie* com uma fixação por fruta. Dobrou a esquina e entrou na casa de banho das senhoras.

– Alice!

Estava caída no chão, enrolada na posição fetal, a meio da fila de lavatórios. Os cabelos tapavam-lhe a cara e uma das mãos ainda agarrava frouxamente a mochila. Um pedaço de papel higiénico ficara preso debaixo da porta de um dos cubículos.

– Merda. – Ajoelhou no chão e afastou os cabelos escuros de Alice. A respiração dela era superficial mas regular. Quando Alice ia fundo, a sua respiração tornava-se tão lenta que Fran temera muitas vezes o pior. Mas naquele instante, com a cabeça dela aninhada no colo, ouvia-a tornar-se mais normal. *Vai acordar agora,* pensou. *Vá lá…*

Os olhos de Alice abriram-se devagar. Fran esperou, a vê-la pestanejar para afastar a névoa do sono. Apesar de só ter estado inconsciente alguns minutos, Alice mergulhava depressa e com força. Até às profundezas, onde nadavam os verdadeiros pesadelos. *Aqui há monstros.*

Fran sabia um pouco a respeito daqueles pesadelos.

– Estou aqui, querida. Estou aqui – murmurou, numa voz calmante.

– Peço desculpa, eu…

– Está tudo bem. *Tu* estás bem?

Alice piscou os olhos, sentou-se. Fran ajudou-a. Alice olhou em redor, desorientada.

– Casa de banho?

– Sim.

Quase sempre era. Casas de banho, provadores. Onde quer que houvesse espelhos. Fran costumava pensar que o medo que Alice tinha dos espelhos era irracional, mas nenhum medo é verdadeiramente irracional. Para a pessoa que tem medo, fazem todo o sentido. Agora percebia melhor. Havia nos espelhos qualquer coisa que desencadeava aquilo em Alice. Mas não era só isso.

O bater de saltos no outro lado da esquina. Fran voltou-se. Uma mulher com um fato amarrotado comprado nos saldos, *stilettos* de saltos gastos e demasiada maquilhagem entrou na casa de banho. Olhou de relance para Fran e Alice, passou por elas, deteve-se diante dos espelhos e franziu a testa.

Fran seguiu-lhe a direcção do olhar. Estivera tão focada em Alice que só naquele instante se apercebeu de que um dos espelhos por cima dos lavatórios estava estilhaçado. Finas lascas de vidro tinham-se espalhado pelo chão à volta.

A mulher fez um som de reprovação.

– Ele há pessoas. – Voltou a olhar para Fran e Alice. – A sua filha está bem?

Fran forçou um sorriso.

– Oh, sim. Só escorregou. Estamos óptimas.

– Certo.

A mulher fez-lhes um sorriso rápido e cansado e empurrou a porta de um dos cubículos.

O mais certo era ter ficado aliviada por não ter de ajudar. A maior parte das pessoas ficava. Fingiam que não, mas a verdade era que ninguém queria fazer o que quer que fosse pelos outros. Vivemos todos na nossa fortaleza pessoal de egoísmo.

A mulher dos saltos gastos e olhos demasiado maquilhados ia quase de certeza esquecer-se delas ainda antes de lavar as mãos, voltando a mergulhar nas dobras da sua vida, da sua rotina, dos seus problemas.

Mas, por outro lado, talvez não. Podia lembrar-se da mulher e da criança no chão da casa de banho. Podia falar daquilo a alguém; uma amiga ou uma colega de trabalho, um conhecimento *online*.

Tinham de sair dali.

– Vamos, querida. – Pôs-se de pé e ajudou Alice a levantar-se, pegando-lhe num braço. – Consegues andar?

– Estou óptima.

Alice pegou na mochila – *clique-claque* – e pendurou-a no ombro. Encaminharam-se para a porta. Alice deteve-se.

– Espera.

Voltou para trás.

– *O que foi?* – sibilou Fran.

Alice dirigiu-se aos lavatórios, a pisar pedaços de vidro. Fran lançou um olhar nervoso à porta fechada do cubículo e seguiu-a. O seu reflexo fragmentado devolveu-lhe o olhar dos restos do espelho estilhaçado. Tinha um buraco negro no centro. Era difícil reconhecer a desconhecida naquele vidro lascado. Desviou os olhos e olhou para a bacia do lavatório.

Estava um seixo junto do ralo, demasiado grande para passar por ele, apesar de Fran sentir um impulso infantil de fazer isso mesmo.

Alice pegou nele e enfiou-o na mochila, onde tinha os outros. Fran não tentou impedi-la. Não podia interferir naquele ritual, fosse ele qual fosse, de onde quer que o seixo tivesse vindo.

O primeiro aparecera cerca de um ano antes. Alice acabava de sofrer um dos seus episódios, enrolada numa bola no chão da sala. Quando acordara, ao fim de vinte minutos, Fran vira que tinha qualquer coisa na mão.

«O que é isso?», perguntara, curiosa.

«Uma pedrinha. Trouxe-a comigo.»

«De onde?»

Alice sorrira e um arrepio de medo descera pela coluna de Fran.

«Da praia.»

Desde então, sempre que tinha um episódio, Alice acordava com um seixo na mão. Fran tentara encontrar uma explicação racional. Talvez Alice andasse a apanhar os seixos noutro lugar qualquer, escondendo-os e então, graças a um

qualquer truque de prestidigitação, mostrava um quando acordava. Racional, mas mesmo assim não muito convincente.

De onde vinham então as malditas coisas?

Ouviu o autoclismo no cubículo.

– É melhor irmos – disse, apressada.

Dirigiram-se à porta. Fran olhou para trás. Havia qualquer coisa no espelho que não batia certo. O buraco no centro. Pedaços de vidro por todo o lado, mas quase nenhum na bacia do lavatório.

Teria Alice atirado o seixo contra o espelho?

Mas quando se parte um espelho o vidro cai a direito. Não explode para fora.

Isso só poderia acontecer se alguma coisa fosse atirada *através* do espelho.

Do outro lado.

Dorme. Uma rapariga pálida num quarto branco. Há sempre enfermeiras a cuidar dela. Apesar de não estar num hospital, recebe os melhores cuidados médicos vinte e quatro horas por dia. As enfermeiras são bem pagas e não se lhes pede muito além de virar a rapariga, lavá-la, certificarem-se de que está confortável. Tirando isso, as máquinas vigiam o resto.

Mesmo assim, a rotação de pessoal é elevada. A maior parte não fica mais de alguns meses. A assunção geral é de que o trabalho não é suficientemente desafiador. Precisam de mais variedade, de mais estímulo.

Mas não é verdade.

Miriam é a mais antiga, está cá desde o início. Desde antes do início. O tempo suficiente para ter criado uma ligação com a rapariga. Talvez seja por isso que ficou, apesar de tudo.

Começou há um par de anos. Foi a primeira vez. Estava na cozinha, a fazer uma chávena de chá, quando ouviu uma única nota. Tocada num piano. Não repetida. Teria ela acordado? Impossível. Mas por outro lado, os milagres aconteciam.

Subiu a escada apressada e entrou no quarto da rapariga. Estava tudo na mesma, como sempre. A rapariga dormia. As máquinas zumbiam: todas as leituras no normal. Dirigiu-se ao piano. As teclas estavam cobertas de pó. Nada as tinha perturbado.

Atribuiu-o à imaginação. Uma semana mais tarde, aconteceu outra vez. E outra. De poucas em poucas semanas, aquela única nota soava no quarto da rapariga. Nunca se sabia quando podia acontecer, de dia ou de noite.

Algumas das enfermeiras começaram a falar de fantasmas, poltergeists*, telecinesia. Miriam não dava ouvidos a tais disparates. E no entanto não*

conseguia encontrar uma explicação melhor. Por isso continuou a fazer o seu trabalho e tentou não pensar naquilo.

Naquela noite, quando a nota soou, dirigiu-se cautelosa ao quarto da rapariga. Verificou o piano, as máquinas. E então aproximou-se da cama da rapariga adormecida e examinou o rosto pálido, a massa de cabelos cor de linho. Tudo na mesma. Acariciou o braço magro e deixou a mão cair no lençol. Franziu a testa. Estavam ásperos. Mas isso não podia ser. Acabavam de ser mudados. Como podiam estar sujos?

Passou a mão pelo lençol, ergueu-a e esfregou os dedos.

Não era pó.

Era areia.

Capítulo 7

O trilho era estreito e enlameado. O bosque denso pressionava-o de ambos os lados. Não pareceu a Gabe um passeio particularmente pitoresco ou agradável, mesmo num dia de Verão, quanto mais numa gelada e negra noite de Fevereiro.

Os ramos retorcidos das árvores empurravam a periclitante vedação que o ladeava. Aqui e ali, encontravam-se por cima do carreiro, entrelaçados uns nos outros como dedos de amantes, dobrados como os de um pugilista.

Reprimiu um arrepio. Uma maldição, por vezes, ser escritor. Ou um ex-escritor, supunha. Por outro lado, alguém deixava alguma vez de ser um escritor? Como num alcoólico, a necessidade estava sempre lá.

Quando era criança sonhara escrever livros, como os seus heróis, Stephen King ou James Herbert. Mas ao crescer numa pequena e decrépita estância de veraneio sem pai e com uma mãe que gastava no *pub* a maior parte do subsídio de desemprego, depressa esquecera a ideia.

As pessoas do lugar onde vivia desconfiavam da ambição. O trabalho duro e o êxito dos outros só lhes lembravam os seus fracassos e escolhas erradas. Os que se esforçavam por sair dali não eram encorajados, eram objecto de troça: *«Estás a ficar peneirento.» «Vai à merda mais a tua licenciatura.»*

Em frente dos amigos fingia não se interessar pela escola, mas passava as noites no quarto a estudar para os exames. Tinha notas bastante decentes e, apesar de quase ter destruído os seus sonhos ainda antes de começarem na adolescência, fora-lhe dada uma segunda oportunidade. Conseguira entrar para o politécnico local e arranjar um lugar mal pago numa pequena agência de publicidade. Mesmo antes de começar, a mãe morrera. A comunidade em peso aparecera no funeral, mas ninguém contribuíra com um *penny* para ajudar. Gabe tivera de penhorar o que restava das posses dela para pagar o caixão.

Ao fim de mais três anos passados a produzir folhetos publicitários para supositórios, ofereceram-lhe um lugar numa grande agência nas Midlands. Durante uma campanha, conhecera uma desenhadora gráfica *freelance* chamada Jenny. Apaixonaram-se, casaram… e Jenny engravidara. Felizes para sempre.

Só que isso é coisa que não existe.

Costumava dizer que tinha de mentir para ganhar a vida. Ah-ah!

Ninguém sabia como andava perto da verdade.

Minto para viver. Vivo uma mentira.

À sua frente, o trilho alargava e as últimas árvores desapareciam. Gabe deu por si numa estreita margem. Uma Lua prateada e famélica flutuava numa extensão de água parada. Um lago.

Não um grande lago. Talvez dez metros de largura, quinze de comprimento. As árvores formavam uma muralha ao longo da margem oposta. Um pouco para a direita, a empinada encosta de uma colina. Um lugar isolado. Escondido. Como o trilho através do bosque, não era bonito. O ar era húmido, fétido. A margem descia numa inclinação acentuada, coberta de latas e velhos sacos de plástico. A superfície do lago tinha uma capa de algas castanhas.

E no centro, meio submerso na água suja, estava um carro.

Devia ter estado todo mergulhado, em tempos. Mas o tempo tinha sido invulgarmente seco naqueles dois últimos anos. O nível da água atingira uma baixa recorde. Pouco a pouco, o lago devia ter-se retirado, até revelar o carro. O que explicava as latas e os sacos de plástico espalhados pela margem.

Gabe desceu até à beira. A água cobriu-lhe as pontas dos ténis. O carro estava ferrugento e envolto numa massa de ervas escorregadias. No escuro, parecia quase da mesma cor que o lago. Mas conseguiu distinguir, quase invisível na janela traseira iluminada pela lanterna:

A ita se e tás com essa.

Bu ina av ri da – A ção ao de o.

Avançou mais um passo, sem querer saber da água que lhe encharcava as meias, e então uma voz disse:

– Estou enganado?

– Porra!

Rodou sobre os calcanhares. O *Samaritano* estava atrás dele. Devia ter saído de entre as árvores, ou então aparecera numa nuvem de fumo. Qualquer das coisas, pensou Gabe, era possível.

O *Samaritano* era alto. E magro. Como sempre, vestia de preto. *Jeans* pretos, um comprido casaco preto. A pele era quase tão escura. O crânio rapado brilhava à luz da Lua. Os dentes eram de um branco surpreendente. Um deles tinha incrustada uma pequena pedra iridescente, como uma pérola. Quando, certa vez, Gabe lhe perguntara o que era, ele franzira a testa.

«Trouxe-a de um lugar que visitei. Tenho-a sempre comigo.»

«Como uma recordação?»

«Sim. Para me lembrar de nunca mais lá voltar.»

O assunto estava encerrado. Gabe sabia que não devia reabri-lo.

Olhou para o *Samaritano*.

– Quase me provocaste um ataque cardíaco.

– Desculpa.

O *Samaritano* sorriu. Não parecia arrependido. Gabe não insistiu. Como não lhe perguntou o que estava ali a fazer, junto a um lago, a meio da noite.

– É o carro? – perguntou o *Samaritano*.

A maior parte dos autocolantes tinha desbotado ou caído. Metade do veículo estava mergulhado na água e a chapa de matrícula tinha desaparecido. Mas Gabe sabia.

Assentiu com a cabeça.

– É o carro.

Foi inundado por uma onda de fraqueza. Sentiu-se cambalear. Por um instante, pensou que ia vomitar. *É o carro.* Dizer aquelas palavras. Depois de tanto tempo. Não o tinha imaginado. O carro era real. Existia. Estava ali mesmo à sua frente. E se o carro era real…

– Ela não está lá dentro – disse o *Samaritano*.

A náusea acalmou. Izzy não tinha morrido naquele pântano fedorento, o seu último fôlego roubado pela água estagnada enquanto ela agatanhava as janelas, incapaz de…

Pára com isso, disse a si mesmo. *Pára com essa merda.* Passou a mão pelo cabelo, esfregou os olhos com força. Como se pudesse raspar os maus

pensamentos com as mãos. O *Samaritano* limitava-se a olhar e esperar que ele se recompusesse.

– Há mais uma coisa que precisas de ver.

Passou por Gabe e avançou água adentro. De certo modo, Gabe não teria ficado surpreendido se ele deslizasse *sobre* a superfície. Ou talvez isso fosse o outro irmão.

Chegou ao carro e olhou para Gabe.

– Eu *disse* que precisavas de ver isto.

Gabe não esperou por um segundo convite. Entrou na água atrás do *Samaritano*. Não estava tão fria como esperava, mas mesmo assim a pele arrepiou-se-lhe e a respiração prendeu-se-lhe na garganta. Cerrou os dentes e abriu caminho por entre as algas apodrecidas, a água suja a lamber-lhe as virilhas, o cheiro a encher-lhe as narinas e a dar-lhe voltas ao estômago.

Chegou ao carro. Ali o cheiro era anda pior.

– Que…?

O *Samaritano* respondeu esticando um comprido braço e carregando no fecho do porta-bagagens. A tampa abriu-se com um rangido ferrugento. Ele levantou-a até cima.

Gabe olhou para o interior.

Olhou para o *Samaritano*.

Vomitou.

Capítulo 8

Fran agarrava o volante com força. A seu lado, Alice estava amarfanhada no banco, a olhar pela janela. Tinha o *iPad* no regaço, mas não parecia inclinada a ligá-lo. De todos os modos, o acesso à internet era limitado. Tal como só tinha um telemóvel muito básico, pré-pago, para emergências. Felizmente, Alice era ainda demasiado nova para se queixar destas restrições. Na realidade, parecia muitas vezes mais feliz a ler do que a usar o *iPad* ou o telemóvel. Mas mesmo assim Fran continuava a sentir a familiar pontada de culpa.

Estava a negar tanta coisa a Alice que o acesso à internet era uma das menos importantes. E tudo ia tornar-se mais difícil à medida que ela avançasse para a adolescência. Mas Fran não tinha alternativa; era o que tinha de fazer para a manter a salvo.

Depois de terem fugido da primeira vez, Fran recorrera ao ensino domiciliário. Com isso conseguira evitar que as autoridades fossem bater-lhe à porta, fazer demasiadas perguntas, e significava que Alice não saía da sua vista. Continuava vulnerável, traumatizada. Precisava de tempo para se adaptar. Precisavam as duas.

Mas quando crescera, Fran soubera que precisava de mais normalidade, de conviver com crianças da sua idade, de modo que cedera e inscrevera-a na escola primária local.

Fora um erro. Alice era esperta mas era também muito nova, e era tão fácil esquecer uma mentira. Além disso, as pessoas falavam – à porta da escola, na sala dos professores. Uma palavra deslocada repetida a um desconhecido. Um deslize diante de um professor ou de um pai. Uma amiga de uma amiga que publicava uma fotografia nas redes sociais.

Era apenas uma questão de tempo.

Tinham fugido. Mas isso tivera um preço.

Dessa vez, Fran fora ainda mais cuidadosa. Acabara-se a escola. Uma casa sem nada que a distinguisse numa pequena cidade. Arranjara trabalho num café local e o proprietário não se importava que Alice estudasse sossegada nas traseiras. Tinham tentado, tanto quanto possível, viver abaixo do radar.

Tinham aguentado um ano.

Soubera que alguma coisa se passava logo que tinham chegado a casa na véspera à noite. Fran não acreditava de verdade num sexto sentido. Mas acreditava numa espécie de alarme primevo, inserido no ADN, que nos avisa do perigo; um perigo que nem o nosso cérebro registou de uma forma consciente.

Ficara de pé na cozinha a escutar a casa, todos os sentidos alerta. Alice já tinha subido para o quarto. Fran ouvira o som dos seus passos na escada, o ranger da cama. E depois silêncio. Nem o vago rumor da televisão na casa ao lado. A casa repousava. Os nervos de Fran fremiam.

Fora até à janela. Às seis horas de uma tarde de Fevereiro havia já pouca luz. Os candeeiros da rua mal começavam a piscar. Olhara para um lado e para o outro.

O seu cansado *Fiat Punto* estava estacionado lá fora, meio encostado ao passeio. O *Escort* azul do vizinho estava parado atrás, quase pára-choques com pára-choques. Conhecia todos os carros daquela rua, e todos os carros de quem ali ia de visita. Desse modo, podia detectar alguém desconhecido. Deslocado.

Na tarde anterior, detectara. Estacionado algumas casas mais abaixo, perto da esquina, atrás do *Toyota* amarelo dos Patel do número 14. Uma pequena carrinha branca. Inócua. O género de carrinha que as pessoas alugavam quando queriam fazer as suas mudanças; e era verdade que os Patel tinham vendido a casa há pouco tempo. Mas eram uma família de seis. Tinha quase a certeza de que uma carrinha tão pequena não poderia levar todas as suas coisas.

A carrinha não devia estar ali. Claro que provavelmente havia um monte de razões para *poder estar*. Explicações racionais, simples, normais. Mas ela descartara-as.

A carrinha não devia estar ali.

A carrinha tinha vindo por elas.

Enquanto olhava, a porta do lado do condutor abrira-se. Um homem apeara-se. Corpulento, com um boné de basebol, *sweatshirt* verde e *jeans*. Transportava um embrulho. Claro. As pessoas estavam sempre a encomendar coisas pela net.

Um motorista de entregas não despertaria suspeitas. Só que Fran nunca encomendava nada pela net por essa exacta razão.

Não tinha muito tempo. Correra escada acima e abrira o armário. Tudo o que precisava estava na pequena mochila pousada no fundo. Alugara a casa mobilada. Não tinham recordações nem *souvenirs*.

Batera à porta de Alice e entreabrira-a. Alice estava deitada na cama, a ler, as compridas pernas dobradas. Estava a crescer depressa, pensara Fran. Chegaria uma altura em que haveria perguntas; em que ela deixaria de aceitar aquele género de vida. Fran afastara do espírito este pensamento aterrador.

– Querida?

Alice erguera os olhos. Umas poucas madeixas de cabelos caíram-lhe para a cara.

– Sim?

– Temos de ir. Agora.

Fran correra para o armário, pegara na mochila e atirara-lhe uma camisola com capuz. Alice enfiara-a pela cabeça e levantara-se da cama, enfiara os pés nas falsas *Ugg*. Então hesitara, a olhar em redor. Fran reprimira o impulso de agarrá-la, obrigá-la apressar-se.

– Alice. *Vamos* – sibilara.

Alice descobrira o que procurava. O pequeno saco com os seixos, pousado na mesa-de-cabeceira. Pegara nele e pusera-o ao ombro.

Tinham saído para o patamar e descido a escada sem fazer barulho. Antes de chegar ao fundo, Fran detivera-se, o corpo pequeno e quente de Alice colado ao seu. Espreitara para o outro lado da esquina. A parte superior da porta da rua era de vidro foscado, para poder ver quem se aproximava. Prendera ao vidro, com fita gomada, uma folha de A4:

Para entregas e encomendas por favor use a porta lateral. Obrigada (um rosto sorridente).

Despreocupado. Manuscrito.

Vira uma sombra no vidro foscado, esperara que o homem lesse a nota, e então vira a sombra mover-se, para contornar a esquina da casa. *Agora.* Agarrara na mão de Alice e tinham corrido as duas para o vestíbulo. Abrira muito depressa a porta da frente. Ouvira bater à porta lateral. Desceram a correr o curto caminho de acesso. Destrancara as portas do carro com o comando remoto.

Atirara as mochilas para o banco traseiro. Alice sentara-se no do passageiro, Fran saltara para o lugar do condutor. Ligara o motor.

Já estava a acelerar quando vira o homem aparecer no caminho lateral da casa, com um ar confuso e irritado. Por um fugaz instante, perguntara-se se ele não teria vindo de verdade fazer uma entrega. Talvez só se tivesse enganado na casa. E então vira o lampejo de metal na mão dele. Não. Não estava a ser paranóica. O homem tinha ido por elas. Sabia-o.

Dez minutos mais tarde estavam na auto-estrada, as suas antigas vidas deixadas para trás, outra vez.

Depois da breve pausa na área de serviço, não tinham voltado a parar. Ao princípio tinham feito uma boa média, mas então um colossal engarrafamento na M5 obrigara-as a parar e, mesmo àquela hora tardia, tinham sido apanhadas numa infindável procissão de camiões que ocupavam ambas as faixas da M42. Agora estavam na M1, a caminho do Yorkshire.

A fazer tempo, pensou Fran, uma frase de um velho filme que lhe apareceu na cabeça. *Estou a fazer tempo.* Qual era? Então lembrou-se. *Withnail and I*, os eternos alunos preferidos. *Viemos de férias por engano.* E nós parecemos correr para salvar a vida por engano.

– Para onde vamos? – perguntou Alice.

– Não sei. Para a Escócia, talvez? Para um lugar seguro, querida. Prometo.

– Já prometeste antes.

E não devia ter prometido. E agora também não. Mas que mais podia ela dizer? Nunca mais estaremos a salvo. Nunca pararemos de fugir. Não conseguia admiti-lo, quanto mais para uma miúda que ainda nem oito anos tinha.

– Vamos ter uma bonita casa nova.

– Posso voltar à escola?

– Talvez. Veremos.

Alice não respondeu.

Estava habituada às decepções. A ser desiludida e sentir-se desconfiada. Não deveria haver sombras nos seus olhos, pensou Fran. Deveriam ser frescos e brilhantes e cheios de esperança e expectativa. Não de medo. Recordou Alice caída no chão da casa de banho, a acordar do seu sono.

– Sentes-te bem? – perguntou.

– Sim.

– Não te magoaste quando caíste, pois não?

– Não.

– Partiste o espelho.

Alice franziu a testa.

– Não me lembro.

– Lembras-te de alguma coisa?

Arriscou um rápido olhar de soslaio. Alice já não estava a franzir a testa. O seu rosto parecia outra vez calmo, sereno. Estava a pensar no sonho.

– Vi a rapariga.

A rapariga. Alice já tinha referido a rapariga mas, quando a pressionara, fechara-se em copas.

– Sabes quem ela é?

Alice abanou a cabeça.

– Falou contigo?

Um aceno afirmativo.

– O que disse?

– Disse… que tem medo.

Fran engoliu em seco. *Avança com cuidado. Não a deixes escapar-se para longe de ti.*

– Disse porquê?

Uma pausa. Dessa vez mais longa. Um carro fez-lhes sinais de luzes e ultrapassou-as pela faixa de dentro. Fran apercebeu-se de que ia a modorrar pela faixa do meio. Uma irritação para os outros condutores e uma maneira de chamar a atenção. Fez sinal e encostou à esquerda.

Alice estava a brincar com o saco de seixos, distraída. *Clique-claque, clique-claque.* O som fez Fran cerrar os dentes. Constante, insistente. *Clique-claque, clique-claque.* Quando já pensava que ela não ia responder, Alice sussurrou:

– Disse que o *Homem da Areia* vem aí.

Capítulo 9

Gabe nunca tinha visto um cadáver. Pelo menos na vida real. Quando a mãe finalmente sucumbira a uma cirrose do fígado, fora demasiado cobarde para ir ver o corpo no hospital.

Mais tarde, havia de arrepender-se de não ter ido. Teria tornado a sua morte mais definitiva, mais completa. O que acontecera fora que, passadas semanas, acordava de sonhos muito vívidos convencido de que a mãe estava viva, de que no hospital se tinham enganado. Até visitar a sepultura dela lhe parecia irreal. Não achava possível que tivesse partido para sempre. Era mais como se se tivesse afastado dele, a meio de uma conversa que ficara por terminar, sem ter dito um último adeus.

Aquele corpo estava já muito para lá de adeuses. Nem parecia bem um corpo. Era quase tudo osso, com uma fina camada de carne apodrecida. A pele estava riscada por um horroroso marmoreado verde. Aqui e além tinha-se rasgado e mostrava mais osso amarelo e uma espécie de puré cinzento impossível de identificar. O rosto, ou o que tinha em tempos sido um rosto, era apenas uma caveira, os globos oculares amarelos e desinchados, os lábios gretados num horrível esgar de escárnio sobre o que restava dos dentes amarelados.

O cérebro de Gabe voltou num relâmpago a um desenho que Izzy tinha feito na pré-primária. Era suposto representar Joy, a educadora de infância (que não era nenhuma Mona Lisa, para ser franco), mas que saíra a parecer mais um cruzamento entre o Slimer dos *Caça Fantasmas* e *Nosferatu* desenhado por alguém com tendências psicóticas.

Aquele corpo era assim. Mas pior. Muito pior. *Um bilião, um trilião, um quatrilião, um zilião de vezes pior,* como Izzy costumava dizer. E isso era antes de chegar ao cheiro. *Jesus Cristo, o cheiro.*

Gabe voltou-se e tentou vomitar mais. Só saiu bílis. Mesmo assim, foi sacudido por vários espasmos antes de conseguir recuperar algum controlo.

O *Samaritano* estava a seu lado, ao que parecia indiferente ao cheiro, à água fria – sobre a qual flutuava agora o conteúdo do estômago de Gabe – e ao cadáver apodrecido.

– Importas-te de fechar isso? – perguntou Gabe, endireitando-se. – Acho que já vi o suficiente.

O *Samaritano* fez-lhe a vontade. Fechou a tampa do porta-bagagens com um estalido abafado. Deu uma palmadinha no metal.

– Diria que aqui o teu homem está morto há cerca de um ano.

– Não mais do que isso?

– Carro antigo. O porta-bagagens não há-de ser à prova de ar ou de água. Pode ter atrasado um pouco a decomposição, mas não muito.

– Tens a certeza de que é um homem?

O *Samaritano* assentiu.

– Está nu. Não reparaste?

– Acho que aquela coisa malcheirosa da decomposição é capaz de me ter distraído.

Mas agora que o *Samaritano* falara nisso, Gabe apercebeu-se de que tinha razão. Não havia roupas. Só um corpo em putrefacção, trancado no porta-bagagens de um carro que ele vira pela última vez a afastar-se com a filha dá dentro. Engoliu em seco. Todos aqueles anos a procurar, à espera daquilo. Mas *aquilo* não era o que esperara. Merda. Que raio era o que esperava? E que raio ia fazer agora?

– Há… quer dizer, qualquer coisa que o identifique?

O *Samaritano* abanou a cabeça.

– Nem roupa. Nem carteira. Nem identificação. – Lançou a Gabe um olhar carregado de significado. – Mas ainda não verifiquei a parte da frente.

Gabe olhou para o *Samaritano*, depois de novo para o carro. A parte da frente estava quase submersa no lago. Suspirou e avançou um pouco mais. A água chegou-lhe às coxas.

– É mais fundo do que parece.

O *Samaritano* tinha razão. Mais dois passos hesitantes e estava com água pela cintura. Escorregou-lhe um pé no fundo lodoso do lago. Agitou os braços,

salpicando a cara com água suja, mas conseguiu recuperar o equilíbrio.

– Jesus Cristo!

– Estás bem?

Olhou para trás. O *Samaritano* tinha deslizado até à margem e estava de pé em terra firme, a olhar para ele com o esboço de um sorriso divertido. Tirou um cigarro electrónico do bolso e inalou-o. Parecia que quase não se molhara.

Gabe esfregou a cara com o punho do blusão.

– Sim, óptimo.

Chegou à porta do lado do passageiro. Puxou. O peso da água manteve-a fechada. Voltou a puxar. Dessa vez cedeu um pouco. Enfiou uma perna na abertura, a lutar contra a água fétida. Pegou na lanterna e apontou-a para o interior. Os bancos eram forrados a couro, bolorento e estragado pela água. Não havia nada nos bancos do condutor ou do passageiro excepto algumas algas de aspecto viscoso e uma lata de refrigerante. *Fanta*.

A Izzy não gostava de bebidas gasosas, pensou.

Conseguiu introduzir-se um pouco mais, esticou o braço e abriu o porta-luvas. Lá dentro havia apenas alguns pedaços de papel, tão ensopados em água que se desfizeram mal lhes tocou. Mas havia mais qualquer coisa: uma pasta de plástico transparente. Gabe tirou-a para fora e apontou a lanterna para o conteúdo. Uma Bíblia de bolso, um mapa dobrado e um fino bloco-notas, como um diário ou uma agenda.

Deixou a porta fechar-se. Voltou à margem com dificuldade, agarrado à pasta de plástico. Estava gelado, a tiritar. Bem, a sua metade superior estava a tiritar. A metade inferior até podia estar a dançar o tango debaixo de água, tanto quanto sabia – há já algum tempo que perdera toda a sensação da cintura para baixo.

– Pensei que não podias ficar mais branco, mas neste momento pareces transparente.

– Obrigado.

– Encontraste alguma coisa?

Gabe mostrou a pasta de plástico.

– Talvez a polícia ainda consiga encontrar algumas impressões digitais…

– Espera lá! – O *Samaritano* ergueu uma das mãos. – Quem disse alguma coisa a respeito da polícia?

Gabe ficou a olhar para ele.

– Este é o carro. O carro que me disseram que não existia. *Tenho* de chamar a polícia. São provas.

O *Samaritano* olhou para ele com uns olhos mais pretos do que o preto.

– A polícia está convencida de que a tua filha morreu. Este carro não vai mudar isso.

– Mas e se eles conseguirem encontrar o ADN da Izzy ou identificar o corpo?

O *Samaritano* rolou os olhos nas órbitas.

– Isto não é como na televisão. Fazes alguma ideia de como é difícil recolher ADN depois de todo este tempo, num carro que tem estado a nadar no lago Murk?

– Por estranho que pareça, não.

– Quase impossível. Qualquer ADN ter-se-ia degradado numa questão de dias.

Gabe queria argumentar, mas tinha a sensação de que, no respeitante àquele assunto, o *Samaritano* sabia do que estava a falar.

– E o corpo?

– Mesmo que conseguisses identificar aqui o teu homem, que terias?

Antes que Gabe pudesse responder, o *Samaritano* continuou:

– Terias um fulano morto enfiado no porta-bagagens de um carro de que tu tens andado à procura e apenas uma pessoa com um motivo para o matar.

Gabe pestanejou.

– *Eu?*

– Tu.

– Que devo então fazer?

O *Samaritano* fez um gesto de cabeça na direcção da pasta.

– Podias começar por dar uma vista de olhos ao que *tens*. A menos que estejas a pensar guardá-lo como recordação?

Gabe debateu-se, e então acocorou-se e abriu a pasta. Um pequeno fio de água escorreu do interior. O *Samaritano* apontou a lanterna para ele. Gabe tirou primeiro a Bíblia e folheou-a. As páginas estavam bolorentas e coladas umas às outras. Nenhuma inspiração divina. Pô-la de lado e pegou no bloco-notas. Se esperava encontrar uma confissão e uma morada, não teve sorte. A maior parte das folhas tinha sido arrancada. As poucas que restavam estavam em branco. Por fim, pegou no mapa. Era um antigo mapa militar, que já ninguém usava desde o século anterior. Desdobrou-o. Qualquer coisa caiu no chão.

Ficou a olhar para aquilo.

Um elástico de cabelo cor-de-rosa. Sujo, húmido, com o tecido rasgado.

Papá.

Olhou para o *Samaritano*.

– Ela estava no carro.

O *Samaritano* pousou nele um olhar firme.

– Nesse caso, remeto-te para a minha afirmação anterior.

– Qual?

– Se este é o carro e se este é o homem que levou a tua filha… quem diabo o matou a *ele*?

Capítulo 10

A jovem do outro lado do balcão de recepção do hotel não devia ter mais de vinte e cinco anos; o seu sotaque era da Europa de Leste. Foi delicada mas desinteressada, o que a Fran até dava muito jeito. Um hotel de auto-estrada não era propriamente o Ritz, mas seria limpo e anónimo. Podiam descansar e Fran podia planear a próxima jogada.

Tinham um quarto disponível, informou a recepcionista. Uma vez que não tinham feito a reserva *online*, não poderiam beneficiar da tarifa especial. Fran manifestou o nível de desapontamento adequado, tentou não parecer impaciente e disse que não fazia mal. Pagou com um cartão de crédito. Tinha vários, com nomes um tudo-nada diferentes. Nem dava para acreditar como eram fáceis de conseguir. Podia ter pago em dinheiro, mas isso só serviria para a tornar notada. Já ninguém pagava nada com dinheiro nos tempos que corriam.

A recepcionista entregou-lhe o cartão-chave

– Número 217.

Subiram as escadas e meteram pelo corredor, cuja alcatifa cheirava um pouco a mofo, até ao quarto. Fran abriu a porta e atiraram as mochilas para cima das camas. Olhou em redor. Parecia, bem, parecia igual a todos os outros quartos de hotel barato em qualquer cidade de uma ponta à outra do país. Com uma alcatifa gasta e candeeiros lascados. Havia um ligeiro cheiro a cigarros no ar, apesar do sinal de proibição de fumar colado na porta. Mas as camas eram grandes e pareciam confortáveis e Fran sentia-se *mesmo* exausta. Ao fim de oito horas na estrada, não estava capaz de conduzir mais.

Da primeira vez que tinham fugido, levara-as para norte, para Cumbria. Quando o homem as encontrara, tinha conduzido até ao extremo oposto do país, a ponta da costa. E agora? Escócia? O estrangeiro? Mas isso significava passaportes, uma coisa que não tinha.

Olhou para Alice, que estava de pé no meio do quarto, os ombros descaídos, os braços pendentes ao longo do corpo, demasiado cansada para se sentar na cama. O cansaço no seu pequeno rosto rasgou ao meio o coração de Fran. No princípio tinha sido assim. Hotéis anónimos. Sempre em fuga, sempre com medo. Nenhuma criança devia ter de viver assim. Mas, por outro lado, nenhuma criança devia sofrer uma morte sangrenta, violenta.

Sentiu a garganta apertada. Por vezes atingia-a como uma marreta. O desgosto. Uma desesperada e implacável sensação de remorso. *A culpa é toda tua.* Mas agora não podia fazer fosse o que fosse para mudar as coisas. Não podia olhar para trás. Antes cegar.

Esboçou um pálido sorriso.

– Anda. Vamos dormir. – Mordeu a língua antes de dizer mais qualquer coisa, como *Vai parecer tudo melhor depois de descansarmos,* porque seria mais uma mentira. Em vez disso, acrescentou: – Vamos tomar o pequeno-almoço a um McDonald's.

Alice conseguiu o mais débil dos sorrisos e tirou da mochila o saco com os artigos de higiene. Lavaram os dentes sob a luz dura da casa de banho, vestiram *T-shirts* e *leggings* lavadas, pousaram as mochilas ao lado das respectivas camas.

Fran verificou que as janelas estavam trancadas e puxou os grossos e pesados cortinados. Estavam no segundo piso, o que era bom. Recusava sempre quartos no piso térreo. Por fim, pôs a corrente de segurança na porta e experimentou-a umas poucas vezes.

Satisfeita com os preparativos, enfiou-se na cama. Alice estava deitada na outra, com as mantas puxadas até ao queixo, os olhos já fechados. Pousara o saco dos seixos na mesa-de-cabeceira a seu lado.

Clique-claque. O Homem da Areia *vem aí.*

Fran estremeceu, apesar do grosso edredão e do calor do quarto.

Não compreendia os estranhos episódios de sono de Alice, não obstante ter feito tudo o que pudera para pesquisar aquela condição (narcolepsia, descobrira que se chamava). Infelizmente, não havia respostas fáceis. Nenhuma explicação de causa e efeito. Uma dessas anomalias médicas que provam que a ciência não tinha todas as respostas.

E *nada* do que lera conseguia explicar os seixos. Fran esgotara o Google e dera voltas à cabeça e não encontrara nada comparável. Acabara por desistir de tentar.

Como era que Holmes dizia? «Quando eliminamos o impossível, a única resposta tem de ser o improvável.» O problema era, meu caro Holmes, que naquele caso a resposta *era* o impossível. Enfia essa no teu cachimbo de *crack* e fuma-a.

Alice agitou-se um pouco e fungou para a almofada. Num dos seus episódios, teria mergulhado no mesmo instante num sono profundo e silencioso. À noite, quando devia estar a dormir tranquila, nunca estava quieta. Voltava-se, chorava, gemia. Muitas vezes, agitava os braços e as pernas, gritava, presa de pesadelos terríveis. Quando Fran tentava confortá-la, empurrava-a para longe de si.

Doía. Mas era compreensível. A despeito de todas as coisas por que tinham passado, a despeito de tudo o que Fran fizera por ela, do laço que partilhavam, não era por Fran que Alice gritava a meio da noite. Não era Fran que queria que lhe afugentasse os pesadelos.

Era a mãe.

Capítulo 11

Rotina. Uma pessoa tornava-se uma criatura de rotinas num trabalho como o dela, pensou Katie. As mesmas horas, as mesmas mesas, as mesmas luzes fluorescentes apontadas para baixo. Não se tinha uma verdadeira noção do tempo numa área de serviço. Não havia relógios. Não havia janelas na cafetaria onde trabalhava. Um pouco como um casino ou uma qualquer espécie de instituição.

Mexia com a mente e o corpo. Katie dava por si a comer cereais à hora do jantar e a desejar um bife de madrugada. E depois havia o arranhar nos olhos e na garganta por estar sempre a respirar ar reciclado. Oh, e o *glamour* de estar sempre a cheirar comida requentada. Um cheiro que parecia incapaz de tirar das roupas, dos cabelos e das narinas.

Por vezes, quando saía no fim do turno, a piscar os olhos na ténue claridade da aurora, tinha de parar por um instante. A luz do dia, o ar fresco, o barulho. Era avassalador. Demorava todos os trinta minutos da viagem de carro até casa para se adaptar, para se recalibrar. Para aliviar a rigidez dos músculos e do cérebro; para relaxar e recuperar a sua humanidade.

Todas as acções se tornavam robóticas naquele mundo artificial em que uma pessoa funcionava como uma máquina um tudo-nada amolgada e mal mantida, a executar as suas tarefas com um dispêndio mínimo de energia, o cérebro empenhado noutro lado qualquer. Em ponto morto. A zumbir mas só meio viva.

A menos que acontecesse qualquer coisa para a acordar com uma sacudidela. Qualquer coisa invulgar, qualquer coisa fora da rotina.

O homem magro tinha voltado.

Aquilo era mais do que invulgar. Aquilo era errado. Muito errado.

Aquele homem tinha a sua rotina. Aparecia mais ou menos uma vez por semana; nunca mais de nove dias entre visitas, nunca menos de seis.

Nunca voltava na mesma noite. Nunca.

Mas ali estava ele.

Katie tinha acabado o turno e encaminhava-se para a saída, o blusão com capuz por cima do uniforme, a mochila às costas, quando o viu.

Estava sentado à mesa do costume, perto da frente, atrás da coluna, de onde podia observar as pessoas que entravam e saíam sem se deixar ver. Muitas vezes tinha o portátil aberto, mas naquela manhã estava a olhar para o que parecia ser um bloco-notas e um papel espalhados sobre a mesa à sua frente.

Katie franziu a testa. Havia qualquer coisa nele que parecia diferente. O cabelo? Não: escuro como sempre, despenteado. *As roupas.* Vestia roupas diferentes. Horas antes usara uma *sweatshirt* cinzenta e uns *jeans* pretos. Agora vestia uma camisa aos quadrados e uns *jeans* azuis. Tinha mudado de roupa. Porquê? *E por que tinha ela reparado?*

Empurrou o pensamento para o lado. Não fora só isso que mudara. Habitualmente, como ela, o homem funcionava em piloto automático. Respirava, mexia-se, executava todas as tarefas que a vida exigia (excepto, talvez, comer), mas sem viver de verdade. Essa vitalidade, essa energia, tinham-lhe sido roubadas.

Naquela manhã, era como se tivesse recuperado uma parte. Não iria ao ponto de dizer que tinha cor nas faces, mas também não parecia tanto um cadáver ambulante como de costume.

Alguma coisa acontecera, pensou Katie. Alguma coisa o obrigara a mudar de roupa, a alterar a rotina. Mal-grado desejar que ele desaparecesse de uma vez por todas, perguntou-se o que teria sido.

Aproximou-se do jovem desengonçado e de barbicha com que tinha trabalhado naquele turno (Ethan? Nathan? Ou seria Ned?). Era a única coisa que ali mudava numa base de regularidade. Os colegas. O salário não era mau, mas a porcaria dos horários, o ambiente sufocante e a necessidade de ter carro tornavam as áreas de serviço um local de trabalho menos apetecível.

Não era de certeza o que Katie se imaginara a fazer na vida. Por vezes, via a piedade no olhar dos colegas mais novos. A maior parte deles só ali estava para ajudar a pagar a universidade, a caminho de qualquer coisa melhor. Mas ela estava ali apanhada para sempre. Aquela *era* a sua vida melhor.

Recordou o que o seu orientador de carreira no secundário lhe tinha dito, com um sorriso condescendente e os cabelos colados ao crânio sardento:

És esforçada, Katie. Trabalhas no duro. És uma boa aluna. Mas sejamos realistas, nunca vais ser material para Oxford.

Sacana paternalista. Mas a verdade é que tinha razão. Porque ali estava ela, uma mãe solteira a fazer um trabalho sem futuro que dentro de dez anos era bem capaz de ser feito por um *robot*.

– Quando voltou o homem magro? – perguntou a Ethan/Nathan/Ned.

– Não sei – mal resmungou ele, decidido a partir ou desmantelar a máquina de café. Fosse o que fosse que estava a fazer, não era de certeza café. Sabia que eles recebiam treino prático, mas por vezes duvidava. Material para Oxford, pois sim.

– Deixa – suspirou, e pousou a mochila atrás do balcão. – Eu trato deste.

Gabe não tivera a intenção de voltar à mesma área de serviço tão cedo. Em circunstâncias normais, por esta altura estaria a quilómetros de distância. Mas as circunstâncias não eram normais. Nem perto disso. Nem o *seu* normal, que, pelos padrões da maior parte das pessoas, era bastante louco.

Tinha despido as roupas molhadas na caravana, pensara em tentar dormir, mas sempre que fechava os olhos a única coisa que via era o raio do corpo liquidificado a nadar no porta-bagagens do carro. E então via Izzy, no banco de trás do mesmo carro.

Quem era o homem? Que lhe tinha acontecido? Que fizera ele a Izzy?

Tinha de parar num lugar qualquer. Parar e pensar. E aquele lugar era tão bom como qualquer outro. Pediu um café simples ao jovem de ar atarantado que estava ao balcão e foi sentar-se na sua mesa do costume. A mesa não tinha sido limpa. Como muitas outras. Na realidade, o jovem atarantado parecia ser o único funcionário de serviço. Perguntou-se onde estaria a empregada loura. Talvez já tivesse acabado o turno. Não pôde impedir-se de sentir um ligeiro desapontamento.

Enfiou a mão no saco e tirou de lá as coisas que recuperara do carro, ainda dentro da pasta de plástico. Pousou-as na mesa e fez uma pausa, a sentir-se de repente furtivo. O *Samaritano* tinha-lhe dito certa vez: *Estamos todos a ser vigiados. O Homem tem olhos por todo o lado. Internet, câmaras nas ruas, nos prédios, nas estradas. Tens de agir sempre como se estivesse alguém a ver-te.*

Olhou em redor. Num canto, um casal já de idade com blusões a condizer bebericava *lattes*. O mais certo era conduzirem um *Volvo* e terem um *spaniel*, pensou. Noutra mesa, uma jovem com um fato de escritório e uns sapatos altos absolutamente impróprios para conduzir martelava o telemóvel com visível fúria. Por fim, havia um casal com um bebé a dormir numa cadeirinha. Bebiam agradecidos os seus cafés e lançavam olhares irritados a quem fizesse barulho.

Nenhum deles estava a prestar-lhe a mínima atenção.

Tirou as coisas da pasta e ficou a olhar para elas. Tentou vê-las de uma maneira objectiva. O elástico de cabelo parecia-se muito com os que Izzy usava naquela manhã. Mas a verdade era que montes de rapariguinhas usavam elásticos iguais. Não havia fios de cabelo agarrados ao elástico e, se o *Samaritano* tinha razão, era de todos os modos demasiado tarde para conseguir uma amostra útil de ADN.

Claro que podia sempre chamar a polícia, mas já sabia o que eles iam dizer: Muito bem, encontrou um carro. E depois? Ninguém negava que pudesse ter havido um carro. Mas não fora Izzy que ele vira na janela de trás. Oh, iam ser simpáticos. Pacientes, compreensivos. Até um certo ponto. Até ao ponto em que iam tratá-lo como se fosse maluco. Como antes. Já se habituara a vê-los rolar os olhos para o tecto quando entrava na esquadra. Ao tom delicado mas firme. À sugestão de falar com alguém, de procurar ajuda. Pessoas que podia contactar, números de telefone para que podia ligar.

De certo modo, tinha sido melhor quando a polícia pensava que era culpado de qualquer coisa. Pelo menos ouviam-no. Pelo menos tratavam-no como um homem adulto, não como uma figura patética digna de piedade. Isto era o pior. Ter-se tornado invisível, sem som. A assunção de que tudo o que dizia era um disparate.

Havia, aprendera Gabe, mais de uma maneira de uma pessoa se perder.

Por agora, supunha, estava por sua conta. Se fosse um daqueles detectives empedernidos, poderia acrescentar: *E é assim mesmo que eu gosto.* Mas não gostava. Deu por si a pensar outra vez na empregada loura. Não sabia muito bem porquê. Sim, era atraente, e parecia ser simpática. Mas também era esse o seu trabalho: ser simpática para os clientes, sorrir delicadamente. Afinal, nem a conhecia. Além disso, parecia ter já problemas que chegassem. De certeza não

precisava dos dele. E, exceptuando uma velha e enferrujada caravana, problemas era a única coisa que tinha para oferecer.

Desdobrou o mapa e abriu-o em cima da mesa. Havia vários lugares marcados com um X, mas não significavam nada para ele. Voltou a dobrar o mapa e pegou na Bíblia. Já lhe tinha dado uma vista de olhos, mas o toque macio e bolorento das páginas desencorajara-o de manuseá-la muito tempo. Além disso, lembrava-se dos autocolantes na janela traseira do carro.

Quando se conduz como eu, é melhor acreditar em Deus.

Os homens a sério amam Jesus.

A Bíblia parecia apropriada. Mas agora, enquanto passava as páginas ainda húmidas reparou noutra coisa. Certas passagens tinham sido sublinhadas:

> *Mas se houver morte, pagarás vida por vida, olho por olho, dente por dente.* (Êxodo 21: 23-25)
>
> *Conforme o dano que tiver feito a outro homem, assim se lhe fará a ele.* (Levítico 24: 17-21)
>
> *Assim, extirparás o mal do meio de vós. E as outras pessoas aprenderão e hão-de temer, e ninguém mais se atreverá a fazer semelhante mal no meio de vós.* (Deuteronómio 19: 18-21)
>
> *Porque Ele vinga o sangue dos seus servos; tira vingança dos seus inimigos.* (Deuteronómio 32: 43)

Os homens a sério amam Jesus, mas parecia que aquilo era estritamente Antigo Testamento. Vingança, retribuição, sangue. Gabe sentiu uma unha gelada arranhar-lhe a coluna.

Pôs a Bíblia de lado e abriu o bloco-notas. Páginas arrancadas. Páginas em branco. Porquê arrancá-las? Que estava escrito nelas?

– Americano? – perguntou uma voz.

Sobressaltou-se, ergueu os olhos. A empregada loura de sorriso simpático estava junto à mesa com um café na mão.

– Oh, sim, obrigado.

Reparou que ela usava um blusão por cima do uniforme.

– A caminho de casa?

– Ia mesmo a sair.

Pousou a chávena de café em cima da mesa e fez um sinal de cabeça na direcção do bloco-notas.

– À procura de uma mensagem escrita com tinta invisível?

Gabe olhou para ela com mais atenção.

– O quê?

– Desculpe. Estava a olhar para uma página em branco… e foi só uma graça.

Começou a afastar-se.

– Espere!

Qualquer coisa faiscou de súbito no seu cérebro. Páginas arrancadas. Devia haver qualquer coisa escrita nelas. Talvez qualquer coisa que alguém queria que mais ninguém visse.

– Tem um lápis?

– Hum, sim.

Ela procurou no bolso e tirou de lá um coto de lápis.

Gabe pegou-lhe e começou a riscar o papel. Não tinha a certeza de que resultaria. Só tinha visto fazer aquilo na televisão. Mas, enquanto olhava, as palavras começaram a aparecer, ténues no meio da mancha de grafite. Uma gravação da página anterior.

Pegou no bloco-notas e ficou a olhar para ele. Franziu a testa.

– Suponho que não significa nada para si?

A empregada encolheu os ombros.

– Lamento.

Ele assentiu, decepcionado.

– Tome o seu lápis.

– Fique com ele.

Ela afastou-se. Gabe voltou a olhar para o bloco-notas. Vários fragmentos de palavras e letras tinham-se sobreposto. Mas duas destacavam-se. A marca fantasmagórica da escrita de um homem morto.

OS OUTROS.

Capítulo 12

Hesitantes pinceladas de prata começavam a clarear o céu quando Katie saiu da área de serviço. Apesar de se sentir cansada até à medula, com dores no corpo todo, gostava daquela altura do dia. Havia uma calma nas primeiras horas da manhã. O dia a despertar, sem nada que o estragasse. Um novo começo. Uma nova oportunidade.

Tudo treta, claro. Não havia novas oportunidades. Não de verdade. Estamos todos demasiado presos aos sulcos que escavámos, incapazes de juntar a energia necessária para sair deles. A vida tal como a conhecemos. Ou como ela conhecia, pelo menos.

Naquela manhã, como em quase todas as manhãs, iria a casa de Lou, a irmã, buscar os filhos e fazer o pequeno-almoço. Então levaria Sam e Gracie à escola, e só então iria para casa dormir um pouco. Às 15.10 h, iria buscar os filhos à escola, fazer o jantar e deixá-los em casa da irmã, depois de eles se deitarem, voltaria à estrada para ir trabalhar. Como naquele filme, *O Feitiço do Tempo*. Com a diferença de que, recordou-se, tinha ao menos um par de dias de pausa antes de recomeçar a rotina.

Atravessou o parque de estacionamento e sentou-se ao volante do seu velho *Polo*. Ligou o motor e escolheu um CD. Sim, o carro era tão velho que ainda tinha leitor de CD, e ela era tão velha que ainda tinha CD.

A voz de Tom Petty brotou das colunas enquanto ela conduzia, a cantar a respeito de uma boa menina que ama a mamã. Sorte a dela. Talvez a «mamã» não fosse uma alcoólica azeda (nota mental – melhor telefonar à mamã amanhã). Aumentou o volume. *Free Fallin'*, em queda livre. Era como por vezes se sentia, em queda livre. Era o que às vezes lhe apetecia fazer: esquecer tudo, pisar o acelerador, passar a saída que a levaria a casa – à louça por lavar, aos brinquedos espalhados pelo chão, como uma pista de obstáculos de *Legos* e *Barbies*, às contas

no tapete da entrada, à seca da vida quotidiana. Conduzir até o mais longe que pudesse, até lugares onde nunca tinha estado.

Claro que nunca aconteceria. Mais depressa arrancaria o coração do peito do que deixaria os filhos. E que não a interpretassem mal – a vida não era *má*. Era até mais afortunada do que muitos outros. Tinha emprego, casa, saúde. Mas não conseguia impedir-se de desejar que houvesse mais qualquer coisa. O problema era não saber o quê. Talvez nem existisse. Uma pessoa pode passar uma vida inteira a fugir de uma vida e a correr atrás de outra. Ouro no fim do arco-íris. Erva mais verde do outro lado do prado. Mas, na maioria dos casos, o ouro era falso e a erva verde era de plástico.

Quando casara, tinha sonhado com uma família perfeita. Uma bonita casa com um grande jardim. Talvez um cão. Férias numa pequena vivenda na Cornualha. Ela e Craig veriam os filhos crescer e envelheceriam juntos.

Ah! Um sonho e tanto. Quando Sam tinha cinco anos e Gracie ainda não fizera um, Craig deixara-a para ir viver com uma representante de vendas chamada Amanda. Em vez da casa familiar tivera um apartamento moderno (tudo chãos lajeados e sofás brancos) e umas férias de casal no Dubai.

Acho que nos precipitámos, dissera-lhe Craig, com aquele seu olhar sério. O mesmo que usara quando acrescentara que queria assentar e criar uma família.

Preciso de recuperar a minha vida.

A vida dela que se lixasse. E a dos filhos. Que se lixasse o facto de quando nos comprometemos a trazer novas vidas a este mundo a nossa ficar suspensa. Não se pode voltar a pegar nela, como num casaco posto de lado, vesti-la e sair porta fora.

Mas a verdade era que Craig sempre tinha sido egoísta. Devia tê-lo percebido mais cedo mas, como de costume, caíra no papel de pacificadora, fizera concessões para impedir que o seu casamento se desfizesse. Grande parva… Tinha acontecido de todos os modos.

Agora, Sam tinha dez anos e Gracie cinco, e o melhor que podiam esperar do pai era uma ocasional ida ao parque e prendas de aniversário e de Natal inadequadas para as idades deles. Mas, pelo menos, Craig pagava-lhes uma pensão de alimentos. Isso era outra coisa. Sem esse dinheiro, o seu magro salário não daria para cobrir as necessidades básicas, quanto mais os extras de que as crianças precisavam. Como roupas e sapatos.

Não há famílias felizes. É coisa que não existe, pensou. Vendiam-nos uma mentira, a todos. Os anúncios e as séries televisivas – até o raio da *Peppa Pig*. As famílias eram apenas desconhecidos ligados uns aos outros por acidentes de nascimento e uma falsa noção do dever.

Não podemos escolher a família. Não podemos escolher se a amamos ou não. É como se tivéssemos a obrigação de. Seja o que for por que nos tenham feito passar.

Pensou na mãe, roída pelo azedume e pelo álcool, em Lou e na sua série de relações falhadas e na irmã mais velha que não via há nove anos. Desde o funeral. Que encontrara ela no fim do arco-íris?

Pisou um pouco mais o acelerador. A tabuleta a indicar a sua saída surgiu à vista: 14. Barton Marsh. Continuou como estava alguns poucos momentos mais do que o normal, e então fez sinal com o pisca-pisca para mudar de faixa e meteu pela saída.

Tom dizia que ia *Deixar este mundo por algum tempo.*

Quem dera, pensou. Mas a verdade era que aquelas palavras poderiam ser o mantra da sua vida. Quem lhe dera não ter voltado à cafetaria naquele dia. Quem lhe dera ter ido direita a casa. Quem lhe dera não ter servido o homem magro. Quem lhe dera não ter visto as palavras aparecerem no amarrotado bloco-notas, como um pesadelo antigo a reemergir das profundezas do seu subconsciente.

OS OUTROS.

Querias mais qualquer coisa, Katie, pensou com amargura. *Bem, pois aí está. Tem cuidado com aquilo que desejas.*

Quando ele lhe perguntara se aquilo significava alguma coisa para ela, conseguira abanar a cabeça, apesar de o estômago se lhe ter retorcido num nó apertado. Tinha-se afastado o mais depressa que pudera sem correr.

Era óbvio que ele não sabia o que aquelas palavras significavam. Com sorte, não viria a saber. Além disso, o problema não era dela. Não podia ajudá-lo. Nem o conhecia.

Mas conhecia-os a eles.

Capítulo 13

Gabe estava estendido na estreita cama da caravana. Os cotovelos, mesmo com os braços dobrados sobre o peito, espreitavam dos dois lados. Fechou os olhos, mas a sua mente não parava de zumbir. A Bíblia. O bloco-notas.

Os Outros.

Tentara procurar no Google, mas a única coisa que encontrara fora um filme de 2001 e uma banda de *rock* indiana. Não lhe parecia que fosse disso que andava à procura. Mas a verdade era que não *sabia* de que andava à procura. Nem sabia se as palavras tinham alguma coisa a ver com Izzy ou se eram qualquer coisa escrita à pressa, como o rabisco nas costas da mão para nos lembrar de comprar leite.

Abriu os olhos e fixou-os no tecto. Não valia a pena fingir dormir. Esse barco já partira. De todos os modos, nunca dormira bem. Nunca encontrara trégua na escuridão. O mais ligeiro murmúrio de vento, o mais pequeno rangido da casa fazia-o erguer as pálpebras. Ficava deitado durante horas, rígido como uma tábua, a olhar para as sombras, os sentidos alerta. À espera que os pesadelos começassem.

Por vezes, quando Izzy não conseguia dormir, enrolava-se a seu lado e cantava canções de embalar ou lia histórias até ambos fecharem os olhos. Nunca admitira perante Jenny que aquilo era tanto para seu conforto como da filha.

Depois de Izzy ter desaparecido, os pesadelos pioraram, retalhando as suas noites em fragmentos de terror encharcados em suor. As suas garras negras arrancavam-no da beira do oblívio e ele gritava tanto que, ao romper do dia, tinha a garganta em carne viva e os olhos raiados de vasos sanguíneos rebentados.

Gabe não acreditava de verdade no *karma*. Mas houvera momentos naqueles três últimos anos em que se interrogara. O que é isto? A maneira que o mundo

tem de manter o equilíbrio? Tirar-lhe o que de mais precioso havia na sua vida para lhe recordar que não merecia ser feliz depois do que tinha feito? Só que Izzy não estava morta. Não obstante aquilo em que todos acreditavam, ele sabia que era um erro. Um erro terrível.

O *Samaritano* tinha razão. Não podia recorrer à polícia. Ainda não. Havia outra pessoa com quem precisava de falar primeiro. Alguém que tinha evitado desafiar, uma pessoa à volta da qual andara em bicos de pés, a não querer infligir mais dor. Mas aquilo mudava tudo.

Tinha de saber de certeza. Tinha de falar com o pai de Jenny.

Levantou um braço, olhou para o relógio. A aurora insinuava-se à volta da fina persiana baixada da caravana. Seis e meia.

Ainda era cedo. Mas tinha a impressão de que Harry também não dormia muito.

Sentou-se, passou as pernas por cima da beira do estreito catre e pegou no telemóvel. Depois do funeral, a mãe de Jenny, Evelyn, mudara o número do telefone de casa para o impedir de ligar. Mas Harry tivera pena dele e dera-lhe o do seu telemóvel.

Se alguma vez precisares de falar.

Para sua surpresa, Gabe descobrira que precisava. Ainda que, de uma das vezes, não tivesse falado, só chorado.

Compôs uma mensagem de texto:

Harry, Gabe. Podemos encontrar-nos hoje?

A resposta foi quase imediata.

Às 8? Sítio do costume.

Não era uma pergunta. Com o coração pesado, Gabe teclou:

Okay.

O cemitério de Farnfield ficava a uma hora de carro, não muito longe da casa que em tempos partilhara com Jenny e Izzy no Nottinghamshire. Era um espaço tão agradável quanto um lugar daqueles podia ser. O Jardim da Recordação tinha fartura de verde e relva bem aparada. Bonitos bancos de madeira. Árvores para dar sombra e montes de arbustos com flor e perenes.

Gabe apreciava o sentimento, mas não tinha a certeza de ser ali que as pessoas recordavam os entes queridos. As recordações estavam entretecidas com as

minudências da vida de todos os dias. O aroma de um determinado perfume. Fazer a lista das compras e continuar a incluir *Marmite* porque a tua mulher adorava. Encontrar no armário uma caneca com as palavras «A Melhor Mamã do Mundo». O cheiro a comida que sai de um restaurante onde uma vez partilharam uma garrafa de vinho muitíssimo cara de que nenhum dos dois gostara de verdade. Eram essas as recordações que te apanhavam vindas de parte nenhuma, que te agarravam o coração e o apertavam até o teu peito parecer que ia rebentar. Cruas, viscerais, sem censura.

Ali, as recordações eram filtradas através de vidros cor-de-rosa. Uma pessoa escolhia as coisas que queria recordar e punha de lado as que preferia esquecer. Deixava ficar ramos de flores coloridas para disfarçar o facto de à sua volta só haver morte, de os seus entes queridos serem apenas um monte de cinzas leitosas dentro de uma feia jarra que, Gabe tinha a certeza, Jenny teria relegado para o fundo de um armário ou deixado cair «acidentalmente» se tivesse sido uma prenda.

Sorriu. Uma recordação verdadeira. Jenny era uma mulher de bom gosto e muito pouco tacto. Sabia do que gostava e do que não gostava e não tinha medo de o dizer.

Sentou-se num banco e ficou a olhar para a pequena lápide, por baixo da qual a feia jarra estava enterrada:

JENNIFER MARY MORGAN
13 DE AGOSTO DE 1981 – 11 DE ABRIL DE 2016
ESPOSA. FILHA ADORADA. MÃE DEDICADA.
NOS NOSSOS CORAÇÕES, ESPÍRITOS E RECORDAÇÕES, PARA SEMPRE.

Esposa. Fora tudo o que lhe tinham dado. Uma concessão mínima. Não estivera envolvido na escolha da lápide. Tal como fora excluído da maior parte dos preparativos para o funeral. Na altura, ficara aliviado. E, claro, na altura estava ainda sob suspeita de assassínio.

– Gabriel?

Sobressaltou-se, olhou em redor. Harry estava junto do banco. Sempre bem conservado e em forma (fora no seu tempo um médico e um cirurgião respeitado), naquele dia aparentava cada um dos seus setenta e nove anos. Os espessos cabelos brancos continuavam impecáveis, penteados para trás,

descobrindo uma cara bronzeada por regulares exposições ao sol de Inverno. As rugas da testa estavam mais cavadas. Apoiava uma das mãos numa bengala e na outra tinha flores. Dois ramos.

Inclinou-se e colocou um deles no vaso junto à lápide de Jenny. Então voltou-se. Para a outra lápide. A lápide para a qual Gabe tentava com muito cuidado não olhar desde que chegara. Porque, a despeito daquilo em que acreditava, a despeito do que tinha descoberto, olhar para ela continuava a enchê-lo de uma dor que era quase impossível de suportar. Uma vaga negra e inchada que ameaçava arrastá-lo e engoli-lo.

ISABELLA JANE MORGAN
5 DE ABRIL DE 2011 – 11 DE ABRIL DE 2016
FILHA E NETA ADORADA.
EMPRESTADA PELO PARAÍSO, VOLTOU AOS BRAÇOS DOS ANJOS.

Jenny. Izzy.

É a respeito da sua mulher… e da sua filha.

Harry sentou-se pesadamente a seu lado.

– Então, do que querias falar?

Capítulo 14

A urbanização onde Lou vivia era um apinhado quadrângulo de casas de paredes exteriores revestidas de seixos nos arredores da aldeia de Barton Marsh. Sustentáveis, acessíveis. Tradução: baratas, pequenas e feias.

Katie arranjou um espaço para estacionar o carro um pouco adiante do pequeno bloco de casas de que fazia parte a da irmã. O pequeno quadrado de relva na frente estava ao abandono. Havia um triciclo tombado de lado, ervas daninhas a crescerem por entre os raios das rodas. O caixote de lixo diante da porta da frente estava a transbordar de grandes sacos de plástico pretos. Teve de esforçar-se para não fazer uma careta de reprovação.

Adorava a irmã. Só Deus sabia o que faria se ela não pudesse ficar com Sam e Gracie. Mas detestava ter de deixar os filhos com ela. Detestava não poder ter a certeza de se Lou voltava a pô-los na cama caso acordassem à noite em vez de os deixar ficar a pé a ver televisão. Detestava o facto de a filha de Lou, Mia, parecer sempre um pouco suja e vestida à pressa, muitas vezes a vaguear de um lado para o outro só com uma camisola interior e uma fralda.

Sabia que não lhe competia a ela dizer à irmã como viver a sua vida. Sabia que, sendo a mais nova, fora duramente afectada pelo que tinha acontecido. Mas todas elas tinham. Não se podia usar aquilo como desculpa para o resto da vida. A dada altura uma pessoa tinha de crescer, assumir responsabilidades. Lou parecia não querer tentar. Tinha só vinte e sete anos e era como se já tivesse desistido da vida.

Katie subiu o curto caminho de acesso, fez uma pausa junto de uma embalagem vazia da McDonald's e de um pacote de toalhetes meio usados. Entrou no vestíbulo com a chave que Lou lhe tinha dado. Cheirava a comida requentada e a fraldas sujas.

– Olá? – chamou em voz baixa.

Nenhum som do piso de cima. Perguntou-se a que horas se teriam deitado. Acordar crianças rabugentas e cansadas quando ela estava a sentir-se rabugenta e cansada era a última coisa de que precisava.

– Sam? Gracie?

Subiu a escada com pés pesados, abriu a porta do quarto dos filhos. Sam e Gracie já estavam sentados, sonolentos, na cama que partilhavam. Mia rolou sobre si na sua cama de lona e piscou os olhos, uma chucha a pender-lhe da boca.

Sam bocejou.

– Estamos atrasados?

– Não, não, está tudo bem. Só quis vir fazer-lhes uma surpresa!

Ouviu, vindo do quarto ao lado, o resmungo da irmã:

– Pelo amor de Deus.

Esboçou um sorriso triste.

– Muito bem, toca a levantar. Vou fazer o pequeno-almoço.

Lou apareceu na cozinha quando Katie estava a distribuir torradas e pratos de cereais. Tinha conseguido abrir um espaço na mesa atulhada para Sam, Gracie e Mia poderem comer, e ligara a televisão para os manter felizes, apesar de ter havido uma breve disputa a respeito de se iam ver *A Guerra dos Clones* ou os *PJ Masks*.

– Cristo… podes baixar um pouco o som a essa coisa – bocejou Lou.

Os seus cabelos louros eram um palheiro emaranhado, e tinha manchas de maquilhagem por baixo dos olhos. Vestia um sujo roupão, mais ou menos apertado na cintura.

Katie pegou no controlo remoto e, deliberadamente, aumentou o volume. Em seguida juntou o monte de lixo que tinha apanhado do chão e foi deitá-lo no caixote. Levantou a tampa e fez uma pausa. O caixote estava cheio de latas de *Guinness*.

– O Steve esteve cá?

– Oh, sim. Só um bocadinho, ontem à noite.

Steve. O mais recente de uma longa lista de namorados inúteis que Lou parecia atrair como outras pessoas atraíam pastilhas elásticas com as solas dos sapatos. A única diferença era que os namorados de Lou não ficavam pegados tanto tempo.

Na realidade, era dar demasiado crédito a Steve chamar-lhe um namorado. A relação parecia ser intermitente. Passava semanas seguidas sem dizer nada, e então aparecia saído de parte nenhuma, quando lhe apetecia. E era muito óbvio *o que* lhe apetecia. Katie sabia que ele estava só a usar a irmã. Mas Lou recusava admiti-lo e alegava sempre as mesmas desculpas: ele trabalhava por turnos, andava muito ocupado, tinha um emprego exigente.

Katie supunha que pelo menos *tinha* um emprego, o que era mais do que se podia dizer de alguns dos desastres ambulantes com que Lou namorara, como o pai de Mia, que desaparecera mais depressa do que uma pessoa consegue dizer «pensão de alimentos» mal soubera que ela estava grávida. Mas, no fim, nada disso importava. Steve até podia ser um milionário ou um santo. A questão era que Katie tinha uma regra absoluta no acordo que fizera com a irmã: nada de namorados em casa enquanto as crianças lá estivessem.

– A que horas saiu? – perguntou.

– Ontem à noite. Tinha de levantar-se cedo para ir trabalhar.

– Certo. Então como foi para casa?

Viu Lou hesitar.

– Foi de carro, não foi?

– Não mora muito longe.

– De todas as pessoas…

– Oh, lá vamos nós.

– Lá vamos nós o quê?

– Tu… tu a julgar-me. Nunca gostas de nenhum dos meus namorados.

– Porque são todos uns idiotas.

– Sim, pois. Bem, pelo menos eu *tenho* namorados.

– Sim, pois. Bem, pelo menos eu tenho amor-próprio.

– És tão…

– Mamã, tia Lou, podem parar de *discutir*?

Gracie estava atrás delas com o seu pijama *My Little Pony*, os cabelos cheios de estática matinal, as mãos nas pequenas ancas.

– Estás sempre a dizer ao Sam que não devemos discutir.

Katie forçou um sorriso.

– Não estamos a discutir. Estamos só a…

– Conversar – disse Sam, a enfiar na boca uma colher de cereais. – É o que dizem sempre. A mim parece-me discutir.

Katie olhou para Lou. A irmã encolheu ao de leve os ombros.

– Ouvidos pequenos ouvem bocas grandes – resmungou.

Era o que o papá costumava dizer à mamã quando elas eram miúdas e ouviam qualquer coisa que não deviam. *Já te disse para estares calada… ouvidos pequenos ouvem bocas grandes.* A mãe fingia-se zangada e batia no pai com o pano da louça. *A quem estás tu a chamar* Boca Grande?

Como se tivesse apanhado a deixa, Gracie riu e apontou para Katie:

– Ah… *Boca Grande*.

Katie pôs a língua de fora e tentou não ficar irritada por os miúdos tomarem sempre o partido da tia Lou em todas as discussões.

No entanto, o momento tinha passado. Mia bateu com a colher na mesa e começou a gritar. Sam franziu a cara.

– Argh, a Mia cheira mal. Fez mer… cocó na fralda. – E então, no mesmo fôlego: – Já comi o pequeno-almoço. Posso ir jogar ao *Super Mario*?

– Não – disseram Katie e Lou, por uma vez em uníssono, e então sorriram, hesitantes, uma à outra.

– É melhor ir tratar disto – disse Lou, e dobrou-se para pegar em Mia.

Katie acenou e bebeu um gole da chávena de chá. Apesar de quase nunca beber álcool, naquele momento desejou que fosse qualquer coisa mais forte.

Um quarto de hora mais tarde, estava a acomodar Sam e Gracie no banco traseiro do *Punto*. Acenou à irmã, que tinha ficado à porta, ainda de roupão, com um cigarro na mão e Mia agarrada a uma perna.

Katie suspirou. *Para quê?*, pensou. Uma pessoa faz o melhor que pode. Tenta. Mas não pode obrigar os outros a mudar. Talvez nunca mudem. A menos que lhes aconteça qualquer coisa drástica que os arranque à sua apatia.

Ou talvez fosse esse o problema. *Tinha* acontecido uma coisa drástica. Uma coisa terrível. Uma coisa que tinha feito em pedaços a sua já frágil família.

Alguém lhes assassinara o pai.

Capítulo 15

Há muitas coisas que não consideramos quando pensamos na morte. Para começar, não consideramos que vai acontecer. Não a nós. Não às pessoas que conhecemos. Não às pessoas que amamos.

Vivemos as nossas vidas num estado de negação. Uma convicção cega de que somos diferentes, especiais. Protegidos por um campo de força místico que deflecte tudo o que é mau.

Acontecem coisas terríveis, claro, mas acontecem aos outros; àqueles a respeito dos quais lemos nos jornais. Aos rostos macilentos, devastados pelas lágrimas, que vemos na televisão.

Temos pena. Derramamos uma lágrima. Talvez até acendamos uma vela, deixemos flores, criemos um *hastag*. E depois seguimos em frente com a nossa vida. A nossa vida especial, segura, protegida.

Até um dia, um telefonema, uma frase.

É a respeito da sua mulher… e da sua filha.

E então compreendemos que é tudo ilusão. Não somos especiais. Somos como toda a gente, a caminhar por um campo de minas, a tentar fingir que o nosso mundo não pode ser feito em pedaços de um momento para o outro.

Nunca consideramos como será. Não de verdade. Porque passámos a vida a *não* o imaginar, como se fazê-lo pudesse tentar o Destino a voltar o rosto destroçado na nossa direcção e ver qualquer coisa de que goste.

Nunca consideramos que vamos ter de conduzir quilómetros com o eco daquelas palavras a ressoar-nos nos ouvidos, negações desesperadas ainda a turbilhonar na nossa cabeça. Nunca consideramos que chegaremos a casa e encontraremos não um lar mas o local de um crime. Os nossos objectos pessoais transformados em provas. Homens e mulheres de uniforme e fatos brancos a andar de um lado para o outro enquanto ficamos fechados lá fora. Nunca

consideramos que vamos ter de explicar as nossas acções a estranhos, pôr os nossos segredos a nu diante de pessoas que não conhecemos, numa situação que ainda não conseguimos compreender. Nunca consideramos que vamos precisar de um álibi ou de um advogado.

E nunca consideramos que, no meio do desgosto e do terror e da confusão, nos vai ser pedido que identifiquemos os corpos.

Os corpos. Já não pessoas, cheias de ternura e esperança e medos e sonhos. Já não seres vivos, a respirar. Já não Izzy ou Jenny ou o mano ou a mamã. Essas maravilhosas, frustrantes massas de contradições humanas desapareceram. Para sempre.

Só que ele tinha-a visto. Tinha visto Izzy.



Gabe ficara a olhar a inspectora Maddock através de uns olhos que sentia como que cheios de areia e inchados de desgosto.

– Identificá-los?

– É o procedimento-padrão, senhor Forman. Com base nas fotografias obtidas, não temos a mínima dúvida de que os corpos são os da sua mulher e da sua filha…

Fotografias, pensara ele. Há já algum tempo que não tiravam novas fotografias. É que não houvera assim tantos momentos felizes em família nos anos mais recentes. As que estavam nas paredes eram antigas. Izzy quando tinha dois ou três anos. Tinham falado de pendurar algumas novas. Tantas coisas de que tinham falado, pensara. Sempre com a ideia de que vamos ter mais um dia, mais uma semana, mais um ano. Como se o futuro fosse uma certeza. Não uma frágil promessa.

Gabe abanara a cabeça.

– Já lhe disse. Tem de haver um engano. *Vi* a minha filha. Num carro. Alguém a levou, e talvez também a minha mulher. Deviam andar lá fora, à procura delas.

– Compreendo… e temos a sua declaração, senhor Forman. É por isso que julgo ainda mais importante que nos forneça uma identificação formal.

Gabe deixara as palavras assentar. Identificação «formal». Os senhores têm de usar gravata. Se estiver de ténis, não entra. Engolira uma gargalhada histérica.

A polícia não acreditava nele. Tudo bem. Ia mostrar-lhes. Não era Izzy que estava estendida fria e imóvel num raio de uma morgue qualquer. Izzy estava

viva. Acabava de fazer cinco anos. E ele tinha-a visto. Naquela carripana enferrujada. *Apita se estás com pressa.* Dois totós louros. *Os homens a sério amam Jesus.* Um dos dentes da frente em falta.

– Muito bem, mas estão enganados. Vi a minha filha ser levada. Está viva.

A inspectora Maddock assentira, uma expressão que Gabe não conseguira identificar a perpassar-lhe pela cara.

– Depois de ter visto os corpos, tenho a certeza de que vamos ter mais perguntas para lhe fazer.

A identificação estava marcada para a tarde seguinte. Gabe sentia-se frustrado pela falta de urgência. Mas estava também exausto e num estado de choque demasiado profundo para discutir.

A casa que um par de dias antes fora palco da festa do quinto aniversário de Izzy era agora o local de um crime. Gabe não podia lá ficar. Na ausência de quaisquer amigos que pudessem acolhê-lo, alugou um quarto num Premier Inn próximo. Uma mulher robusta de blusa branca e calças pretas apareceu e apresentou-se como «Anne Gleaves, agente de ligação junto da família». Levou-o de carro até ao motel e, sem ser convidada, acompanhou-o até ao quarto. Sentaram-se a conversar durante algum tempo. Palavras vulgares, sem qualquer significado. Gabe olhou para a cara sensível e bondosa da mulher e desejou que ela saltasse pela janela. Quando a mulher lhe perguntou se havia alguém que desejasse que ela contactasse, pensou nos pais de Jenny e, relutante, disse que não. Tinha de ser ele a fazê-lo. Depois de ela sair, ligou para Harry e Evelyn, destruiu o mundo deles com uma única frase e endireitou-se na cadeira, a olhar para fotografias antigas de Izzy e Jenny no telemóvel, a chorar.

Quando a aurora recortou as finas cortinas, tomou um duche, fez a barba e vestiu as mesmas roupas do dia anterior – uma camisa e uns *jeans* pretos. Tirou do bolso uma amarrotada gravata e pô-la ao pescoço, apertando-a um pouco mais do que o necessário. Viu-se no espelho. Tirando a palidez da pele e os olhos raiados de sangue, estava quase apresentável. *Identificação formal,* pensou mais uma vez, sombrio.

Então voltou a sentar-se e esperou.

Era tudo um engano. Um terrível engano.

Harry e Evelyn telefonaram-lhe pouco antes do meio-dia. Evelyn parecia surpreendentemente calma. Nenhum vestígio da mulher histérica da noite anterior. Queriam ir com ele, disse. Para lhe dar apoio. Gabe não queria que fossem. Disse-lhes que não era necessário. Mas Evelyn insistiu: *Não podes fazer isto sozinho. O Harry conduz. Para o caso de ser demasiado para ti.*

Supunha que naquela altura, antes de as acusações e as suspeitas terem destruído a ténue relação entre eles, estavam ainda a desempenhar o papel de sogros solidários, os três unidos por um breve instante pela perda comum.

Comeste?, perguntou Evelyn quando chegaram. *Precisas de comer. Precisas de forças.* Como se a comida pudesse de alguma maneira preencher o buraco que tinha no coração e que doía tanto.

Levaram-no ao *pub* que ficava a seguir ao hotel. As luzes pareceram-lhe demasiado fortes, a decoração demasiado berrante. Gabe não tinha ideia do que estavam ali a fazer. O raspar dos talheres nos pratos punha-lhe os nervos em franja. Evelyn tagarelava a respeito de coisa nenhuma, a sua voz um tudo-nada demasiado quebradiça e alta. Gabe reparou que tinha os olhos inchados e vermelhos. De vez em quando, tirava da bolsa um frasco de gotas oculares e aplicava-as. Harry emitia uns resmungos intermitentes e enfiou na boca uma sanduíche de queijo. Gabe conseguiu uma dentada de pão do dia anterior e presunto e duas chávenas de café simples. Estava frio e amargo. Uma metáfora adequada. A vida acabava de perder o sabor.

Foi uma viagem de vinte minutos até ao hospital, situado nos arredores da cidade, perto da circular. O mesmo hospital onde Jenny tinha dado à luz Izzy. Pensara que o desgosto lhe torcera o coração até deixá-lo seco, mas naquele instante sentiu-o apertar-se de novo. Lágrimas amargas que lhe queimavam a alma e lhe punham espasmos de náusea nas entranhas. Agarrou-se ao estômago.

Evelyn apertou-lhe a mão.

– Estás bem?

Ele assentiu.

– Óptimo. Estou óptimo.

Ela enfiou a mão na bolsa, tirou de lá um pequeno frasco com comprimidos e sacudiu dois para a palma da mão. Ofereceu-lhos.

– O que são?

– Uma coisa para te ajudar com os nervos.

Aquilo explicava em parte a estranha e maníaca tagarelice. Olhou para os pequenos comprimidos cor-de-rosa e começou a abanar a cabeça. Então sentiu o estômago contorcer-se outra vez. Mudou de ideias. Pegou nos comprimidos e engoliu-os a seco. *Amargos,* voltou a pensar.

Estacionaram no parque dos visitantes, o que acresceu a sensação de irrealidade de Gabe, mas por outro lado era pouco provável que tivessem um espaço assinalado com «Reservado à Morgue», talvez com o contorno de um caixão, não era? Não haviam de querer recordar às pessoas que o hospital nem sempre é o lugar onde os seus entes queridos melhoram.

Anne Gleaves foi ter com eles à recepção. Estendeu-lhe a mão. Ele apertou-lha, mas foi como se estivesse a apertar plasticina. Talvez os comprimidos estivessem a fazer efeito. Todo ele se sentia entorpecido.

– Venham comigo, por favor.

É um chavão dizer que tudo o resto foi uma mancha indistinta. Mas foi isso mesmo. Sentiu-se como se estivesse a caminhar por um mundo feito de feltro felpudo, de contornos esbatidos. Percorreram corredores pintados de um azul-suave. Palavras abafadas assentavam-lhe como lama nos ouvidos. A única coisa que lhe parecia nítida e clara era o cheiro. Químico. Médico. Fluido de embalsamar, pensou. Para impedir que os corpos apodrecessem. O estômago deu-lhe mais uma volta.

Chegaram a uma pequena sala de espera. Calculou que devia ter um ar acolhedor. Mais tons de pastel. Sofás cinzentos. Flores brancas numa jarra. Artificiais, o tecido das pétalas desbotado e poeirento. Folhetos espalhados em cima da mesa. Sobre coisas como Perda. Serviços de Aconselhamento. A Explicação da Síndrome da Morte Súbita nas Crianças. A imagem de um rapazinho de dois ou três anos olhava para ele. Desviou o olhar.

Anne Gleaves sentou-se. Explicou o «processo». Não era nada como se via na televisão. Não havia nenhum dramático e horroroso puxar para trás de um lençol. Jenny e Izzy estariam deitadas em mesas, apenas com os rostos visíveis. Gabe podia demorar todo o tempo que precisasse, mas não podia tocar nos corpos. Quando estivesse pronto para sair, teria de assinar um formulário a confirmar que as falecidas eram a mulher e a filha. Queria um copo de água antes de entrar? Queria que alguém o acompanhasse?

Abanou a cabeça. Pôs-se de pé. Avançou para a porta.

Começou tudo a oscilar. A sua visão era distorcida por linhas ondulantes. Tentou respirar, mas a única coisa que conseguia cheirar era aquele maldito sabor químico.

– Senhor Forman? Precisa de um momento?

Abriu a boca para responder. Sentiu o estômago torcer-se e o vómito subiu-lhe à garganta. Não conseguiu detê-lo. Vomitou uma e outra vez em cima dos quadrados de alcatifa azul-suave.

– Oh Deus! – ouviu Evelyn dizer. – Nunca devíamos tê-lo deixado vir.

Queria dizer-lhe que *tinha* de vir. Tinha de fazer aquilo. Mas a sua cabeça era uma nuvem cinzenta e indistinta. Tinha os ouvidos a zumbir. Os joelhos cederam. Caiu no chão.

De muito longe, ouviu Anne Gleaves dizer:

– Vou chamar uma enfermeira. Podemos fazer isto noutro dia.

E então a voz de Harry. Surpreendentemente firme.

– Não. Tudo bem. Eu faço a identificação. É melhor assim.

É melhor assim. É melhor assim. As palavras vibravam na cabeça de Gabe.

Mais tarde, perguntara se podia voltar atrás e vê-las. Mas nesse ponto, quando o tinham deixado sair do hospital, onde o tinham posto a soro e perguntado repetidas vezes se «tinha tomado qualquer coisa», a polícia aparecera. O eixo do seu mundo oscilara mais uma vez. Já não era o marido e pai inconsolável. Deu por si numa outra sala de paredes azuis, sem nada que a distinguisse. Mas ali não havia flores nem folhetos em cima da mesa. Só um gravador, a inspectora Maddock e um outro detective de expressão sombria, e um jovem procurador, arranjado à pressa e a parecer ainda mais nervoso e impreparado do que ele.

Ficou ali sentado, com um ar impotente, enquanto os detectives interrogavam Gabe sobre as suas relações com a mulher, o seu emprego, o seu passado… e, oh, o que fora que fizera entre a hora a que saíra de casa, oito da manhã, e o momento em que fizera o telefonema da Leicester Forest East Services, por volta das seis e um quarto, visto que não estivera no local de trabalho?

Não queria responder-lhes. Não queria confirmar as suspeitas deles a seu respeito – que era o género de homem capaz de magoar ou matar alguém. Mas era fútil. Eles sabiam. Tinham-lhe rastreado o telemóvel. Acabou por vir tudo cá para fora. A maior parte, pelo menos.

Depois daquilo, as coisas entre ele e os pais de Jenny desintegraram-se depressa. Mesmo quando o libertaram sem acusação, Evelyn recusou atender os seus telefonemas. Pô-lo de parte. Soube a data do funeral através do advogado. Teve de apanhar um táxi até ao crematório porque o seu carro continuava arrestado como «prova» e Evelyn não o deixou ir no carro fúnebre.

Acabou por não aguentar até ao fim do serviço. Não conseguiu ficar ali sentado, a ouvir as palavras sem significado do pastor, a olhar para os caixões. O de Jenny era de carvalho brilhante e sem dúvida o mais caro que o dinheiro de Harry podia comprar. O de Izzy era uma versão mais pequena, pintado de cor-de-rosa e decorado com flores de cores alegres. Como se isso pudesse tornar o horror daquele minúsculo caixão mais suportável. Na realidade, tornava-o pior. Nenhum caixão devia ser tão pequeno. Nenhuma criança devia estar tão fria e imóvel. As crianças eram luz e calor e riso. Não escuridão e silêncio. Estava tudo errado, e ele não podia – *não ia* – aceitá-lo.

Levantara-se com um riso estrangulado e fugira da capela, caíra na erva molhada lá fora. Ficara ali estendido e gritara para a terra até que a rouquidão lhe roubara a voz e o fato e a camisa ficaram molhados e manchados de relva. Ninguém fora ajudá-lo. Mesmo quando os outros presentes tinham saído, ninguém se oferecera para lhe estender uma mão. Ninguém queria ter nada a ver com um homem manchado por uma acusação de assassínio.

A dada altura, ali estendido na erva molhada e lamacenta, tomara uma decisão. Podia nunca mais se levantar, podia matar-se, ou podia encontrar o carro – encontrar uma resposta de uma maneira ou de outra. Só então se permitiria fazer luto. Só então aceitaria que Izzy tinha partido para sempre, levada num caixão pintado com alegres flores sem cheiro.

Quando o Sol começara a desaparecer do céu, pusera-se de pé e afastara-se com passos trôpegos: da capela, das cinzas da sua família e da sua vida.

Uma semana mais tarde, quando estava a carregar os seus últimos pertences no porta-bagagens da autocaravana em segunda mão acabada de comprar, recebera uma mensagem de texto de Harry. Primeiro ficara surpreendido. Depois zangado. Pensara em apagá-la. Mas então qualquer coisa o detivera.

Gabe não tinha pais, nem amigos chegados. Habituara-se a manter as pessoas à distância, receoso de que, se as deixasse aproximarem-se demasiado, elas

vissem através da sua fachada. Ou pior, que um dia surgisse alguém do seu passado, lhe despisse as roupas novas de imperador e o revelasse tal como era.

Tinha colegas de trabalho, mas era curioso como uma acusação de assassínio podia afastar essas pessoas. Tinha consciência de que, se não se tivesse demitido, seria apenas uma questão de tempo até que a agência arranjasse um pretexto para o despedir.

Já nem tinha uma casa. Apesar de a equipa de limpeza ter eliminado todos os vestígios do que acontecera, continuava a conseguir ver os salpicos de sangue nas paredes. Continuava a conseguir ouvir os gritos. Todas as manhãs, quando entrava na cozinha, via Jenny, de pé, o corpo a escorrer sangue dos buracos das balas, os olhos frios e acusadores.

Por que deixaste isto acontecer? Por que não estavas aqui para nos proteger?

Uma semana depois de ter sido autorizado a voltar, ligara para uma imobiliária e pusera a casa à venda. Em seguida fizera uma pequena mala, instalara-se no Premier Inn e só voltara para recolher o correio e dar de comer ao gato. Não queria saber da casa.

As únicas coisas de que algumas vezes quisera saber em toda a sua vida tinham sido Jenny e Izzy. Agora tinham desaparecido, e esse mundo acabara. O único elo que restava era Harry.

Olhara para a mensagem e premira responder.

Desde então, tinham-se encontrado meia dúzia de vezes. Não as suficientes para se poder falar de encontros regulares. Nem sempre a pedido de Gabe. Mas sempre ali, no Jardim da Recordação.

Sentavam-se, por vezes em silêncio, que, estranhamente, nunca parecia desconfortável. Mas a maior parte das vezes falavam. A respeito de Jenny e de Izzy. A respeito de tempos mais felizes. Gabe não duvidava de que embelezados de ambas as partes. Mas não se podia negar que o facto de falarem, de deixarem as suas recordações respirar, ali ao ar livre, aliviava a dor do vazio que havia no seu interior. Só um pouco. Só durante um curto espaço de tempo. Por vezes, isso tinha de ser o suficiente.

Falavam também de outras coisas. Coisas banais, do dia-a-dia. De longe em longe, um deles falava da investigação policial. Ou da ausência dela. De como

ninguém fora levado perante a justiça pelo crime. De como a esperança de encontrar o responsável ia esmorecendo de dia para dia.

Harry sabia das viagens pela auto-estrada. Mas nunca falava disso. Tal como Gabe nunca abordava a questão da identificação. Um acordo recíproco de silêncio. Uma granada que podia estourar as frágeis pontes entre os dois.

Apesar das diferenças passadas, Gabe sempre acreditara que o pai de Jenny era um homem bom, um homem de princípios, um homem decente.

Naquele dia, pela primeira vez, perguntava-se se seria também o raio de um mentiroso.

Capítulo 16

Clique-claque. Alice abriu os olhos e piscou-os, sonolenta. Onde estava? Demorou um instante. O quarto de hotel. Na outra cama, Fran dormia. Mas alguma coisa a tinha acordado. *Clique-claque.*

Olhou para o saco na mesa-de-cabeceira. Os seixos. Conseguia senti-los, a mexerem-se devagar dentro do saco.

Estavam inquietos, pensou.

Estou a sonhar, pensou.

Clique-claque, sussurraram os seixos.

Sentou-se na cama. A escuridão artificial desorientou-a. Não fazia ideia de que horas eram. Apercebeu-se de que precisava de urinar. Talvez aquilo não fosse um sonho. Deslizou para fora da cama, com cuidado e sem fazer barulho. Não queria acordar Fran. Devia estar cansada. Todas aquelas horas a conduzir. Até onde? *Já chegámos?* Alguma vez chegariam?

Não recordava grande coisa de como tinha sido antes de começarem a fugir. Ou talvez tivesse tentado esquecer. Por vezes lembrava-se nos sonhos. Não nos sonhos em que caía. Nem tinha bem a certeza de que esses fossem sonhos. Mas nos outros. Os que se apoderavam dela mal fechava os olhos à noite. Sonhos que eram cheios de sangue e de gritos e uma senhora bonita de cabelos louros. *Mamã?* Tinha-lhe acontecido qualquer coisa. Alguém lhe tinha feito mal. E queria fazer-lhe mal também a ela. Mas Fran tinha-a salvado. Fran mantivera-a a salvo. Fran mantê-la-ia sempre a salvo. Fran amava-a. E ela amava Fran.

Só que por vezes, só por vezes, Fran assustava-a um pouco, também.

A bexiga voltou a reclamar a sua atenção. Dirigiu-se à casa de banho, acendeu a luz e empurrou a porta.

A casa de banho era pequena e brilhante. Voltou a fechar a porta para não acordar Fran e sentou-se na sanita. Limpou-se e puxou o autoclismo. Em vez de

enfrentar o espelho por cima do lavatório, inclinou-se e lavou as mãos nas torneiras da banheira.

Clique-claque. Os seixos chocalhavam mais alto, o que era estúpido uma vez que estavam no quarto. *Clique-claque.* E agora tinha a certeza de ouvir outra coisa, como o marulhar das ondas na areia. Como se o som estivesse dentro da casa de banho. Não, dentro da *sua* cabeça.

Tentou sacudi-lo, mas ele não se foi embora. *Clique-claque. Clique-claque.* Era difícil resistir à atracção. E estava a tornar-se mais forte. Devagar, ergueu os olhos. A rapariga no espelho sorriu.

– *Alissss.*

– Não posso.

– *Por favooor.*

Alice abanou a cabeça. Mas o movimento foi lento e preguiçoso. As suas pálpebras começaram a descer. A torneira da banheira deitava água que rodopiava e corria pelo ralo.

Alice entrou na banheira e deitou-se.

Capítulo 17

– Quero perguntar-lhe uma coisa.

Harry suspirou.

– Talvez eu não queira responder…

– Acha que estou louco?

Harry hesitou. Não era daquilo que estava à espera. Demorou algum tempo a responder.

– Penso que, quando acontece uma coisa terrível, todos nós lidamos com ela de maneiras diferentes. Encontramos qualquer coisa que nos ajude a enfrentá-la. – Tossiu, aclarou a garganta. – A Evelyn está a trabalhar como voluntária num refúgio para mulheres vítimas de violência doméstica.

– Palavra?

Gabe não foi capaz de disfarçar a surpresa. Tinha dificuldade em imaginar a impecável, rígida e conservadora – com «C» grande e pequeno – Evelyn a rebaixar-se ao ponto de conviver com os desesperados e desprotegidos. Mas talvez ela tivesse mudado.

– As coisas puseram-se bastante más – disse Harry. – Ela… ela tomou uns comprimidos.

Esta não o surpreendeu. Lembrava-se dos comprimidos que Evelyn lhe tinha dado antes da identificação. Através de tudo, desde que ele a conhecia, Evelyn sempre estivera no controlo. Mesmo no funeral, não chorara. Não de verdade. Oh, limpara os olhos com a ponta do lenço, fungara, usara gotas oculares. Mas choro a sério, daquele com soluços-e-ranho-a-escorrer-pelo-queixo… não. Engolira. Mantivera uma fachada de compostura. Mas há um limite para o tempo que uma pessoa pode abotoar-se dentro desse colete-de-forças químico antes de compreender que é a sua carcereira e que só há uma maneira de escapar.

– Seja como for – continuou Harry –, parece tê-la ajudado. Saber que estava a fazer qualquer coisa de positivo por outras mulheres e crianças.

– Fico contente por ela ter encontrado uma vocação.

Um ligeiro sorriso.

– Fá-la sair de casa. Por vezes pergunto-me se não será essa a verdadeira motivação. Se estar comigo, juntos, a faz lembrar-se mais.

A voz quebrou-se-lhe um pouco. Voltou a tossir. Uma tosse áspera, gutural. Gabe pensou de novo no seu súbito envelhecimento, no coxear. Perguntou-se se manteria o hábito de fumar charutos caros.

– E o Harry? – perguntou. – Como vai?

– Mantenho-me ocupado. Golfe, jardinagem. Estou a aprender tiro ao arco.

Gabe ergueu uma sobrancelha.

– Certo.

– Não sei muito bem se é uma maneira de lidar com o problema ou uma distracção. Mas faz-se o que é necessário para seguir em frente.

– Suponho que sim.

– O que estou a dizer é que compreendo que esta tua obsessão é a tua maneira de lidar com o problema. Não acho que sejas louco. Mas penso que é desesperadamente pouco saudável.

– Obrigado.

– Enquanto não aceitares que estão mortas… as duas… nunca seguirás em frente com a tua vida.

– Talvez não queira seguir.

– A escolha é tua. Mas ainda és novo. Custa-me dizê-lo, mas podias encontrar outra pessoa, ter mais filhos. É demasiado tarde para mim e para a Evelyn. Mas tu podes reconstruir a tua vida. Começar de novo.

Começar de novo. Como se a vida fosse uma embalagem de leite. Quando uma azedava, deitava-se fora e abria-se outra.

– Quero ajudar-te, Gabe – disse Harry, numa voz mais suave.

A que usava com os seus doentes, pensou Gabe, para lhes dizer que já tinha os resultados dos exames e que as notícias não eram boas.

– Eu sei. Foi por isso que lhe liguei.

Harry assentiu.

– Bem, se houver alguma coisa que eu possa fazer…

– Encontrei o carro.

Gabe tirou o telemóvel do bolso. Tinha feito algumas fotografias naquela noite. Estavam com demasiado grão, o *flash* apagara muitos dos pormenores, mas mostravam a maior parte do que ele precisava. O carro, de vários ângulos, com o porta-bagagens fechado. Os autocolantes. Harry examinou-as de olhos semicerrados e franziu a testa.

– Vê? – perguntou Gabe, incapaz de conter a ligeira nota de desespero na voz. Percebeu que precisava que Harry acreditasse nele. Precisava de ver reconhecida a sua verdade.

– Vejo um carro velho e cheio de ferrugem num lago.

Gabe aumentou a imagem no ecrã.

– Vê os autocolantes?

Harry voltou a olhar mais de perto e encolheu ao de leve os ombros.

– Talvez. Não posso ter a certeza.

– É o *mesmo* carro, Harry. O que vi naquela noite.

Harry suspirou.

– Gabe, talvez tenhas visto um carro com uma garotinha no banco de trás. Talvez este seja o mesmo carro. Mas não era a Izzy. Enganaste-te. Estava escuro, à distância. As garotinhas daquela idade podem ser muito parecidas. Era outra garotinha que se parecia com a Izzy. Não compreendes isto?

– Não. – Gabe abanou a cabeça. Tirou a pasta do bolso, puxou o elástico de cabelo e ergueu-o para que Harry visse.

– Encontrei isto. É da Izzy.

Harry olhou para o elástico e apertou os lábios.

– *Okay*. – Gabe tirou o bloco-notas, que veio junto com o mapa, e conseguiu deixar cair as duas coisas no chão. Dobrou-se para as apanhar e sacudiu a terra com gestos frenéticos.

– E isto? – Abriu o bloco-notas. – Significa alguma coisa para si? Os Outros?

– Gabe, isto já foi longe que chegue…

– *Não!* Está sempre toda a gente a dizer-me que tenho de estar enganado. Mas e o Harry? E a Evelyn? Acaba de dizer que as garotinhas desta idade são todas parecidas. E se não foi a Izzy que identificou? Se se enganou?

– Acreditas a sério que eu não reconheceria a minha neta?

– Acredita que eu não reconheceria a minha filha?

Ficaram a olhar um para o outro. Um impasse. O rosto de Harry estava calmo, mas Gabe bem via que estava muita coisa a acontecer por trás daqueles olhos. Harry não era estúpido. Nunca falava ou agia sem considerar todos os desfechos possíveis.

– Pensa por um instante no que estás a sugerir – disse. – Para que eu tivesse identificado erradamente o corpo da Izzy, teria de haver outro corpo. Outra rapariguinha morta. Quem é ela? Por que não foi comunicado qualquer desaparecimento? O que estás a dizer não faz o menor sentido, mesmo que eu me *tivesse* enganado, e não me enganei.

Gabe sentia a sua certeza vacilar. Harry era bom naquilo – parecer convincente. O seu tom de voz calmo, comedido. A sua lógica, o seu raciocínio. Confia em mim, sou médico.

– Esse elástico de cabelo, Gabe. Podia ser de *qualquer* menina.

– É da Izzy.

– Muito bem, então talvez seja da Izzy. Talvez o tenhas conservado. Talvez te tenhas convencido de que o encontraste no carro.

– *O quê?*

– Não de uma maneira consciente.

– Acha que estou a inventar tudo isto?

– Não, acho que *tu* acreditas nisso. E é esse o problema. É por isso que precisas de ajuda.

Gabe rosnou uma gargalhada.

– Ajuda. Pois.

– Tenho um amigo com quem podias falar.

– Aposto que tem. Deixe-me adivinhar… um consultório agradável, luxuoso, e uma receita já passada de pílulas da felicidade.

– Gabe…

– Não preciso de um psiquiatra. Preciso que me diga a verdade a respeito daquele dia.

Desta vez o rosto de Harry mudou. As espessas sobrancelhas franziram-se, os olhos azuis escureceram.

– Estás a acusar-me de ter mentido a respeito da identificação?

Gabe não respondeu. Tinha estado a pensar noutras explicações: Harry e Evelyn não viam a neta assim tantas vezes – mais um pomo de discórdia entre

eles e Jenny (*Vivem a duas horas de distância, não no raio da Lua*). Deviam ter passado pelo menos três meses desde a última visita. Nem tinham estado na festa de aniversário. Os miúdos cresciam depressa naquela idade. Izzy cortara o cabelo, perdera um dente.

Seria possível que, no seu desgosto, no meio da confusão daquele dia, Harry se tivesse enganado? Um engano terrível, horroroso? E agora estar demasiado assustado para o admitir? Ou haveria outra razão?

Continuava a não saber dizê-lo. Continuava a não ser capaz de acusar Harry de uma coisa tão horrível, tão impensável. Porque fazê-lo levantava tantas outras perguntas, e a primeira de todas era: Porquê? Porquê? Porquê?

– Se fosse um homem mais novo, dava-te um murro na cara pelo que disseste – murmurou Harry.

Gostaria de o fazer, pensou Gabe, mas era essa a questão. Harry já não era o homem que tinha sido. Envelhecera de uma maneira que não tinha nada a ver com a passagem do tempo. Era o que o desgosto fazia a uma pessoa. Acrescentava décadas num dia. Reconheceu a dor nos seus ossos cansados. Por vezes, sentia-se já um fantasma, embrulhado na pele de um homem que tinha em tempos vivido.

– Peço desculpa – disse.

Harry abanou a cabeça, a pugnacidade que por um fugaz instante assomara nos seus olhos de novo desaparecida.

– Não, eu é que peço desculpa. Sempre esperei que acabasses por sair desse buraco, que visses a razão. Até esperei que encontrasses o maldito carro e percebesses que estavas enganado. Mas parece que não vai acontecer.

Enfiou a mão no bolso interior do casaco e tirou de lá um sobrescrito A4 dobrado ao meio.

– A esperança é uma potente droga. Acredita em mim, já a vi fazer milagres em doentes meus. Mas há uma diferença entre esperança e ilusão. É por isso que te dou isto. A Evelyn queria que já o tivesses visto. Eu não queria magoar-te. Mas chegou o momento, Gabe.

– O que é?

– O relatório da autópsia.

Gabe sentiu um buraco abrir-se-lhe no estômago.

– Já li o relatório da autópsia. Não há lá nada que diga positivamente que o corpo é o da Izzy.

Harry suspirou.

– Idade, peso, cor do cabelo, até o dente da frente em falta.

Vamos guardá-lo debaixo da almofada, para a fada dos dentes.

– Tudo condiz. Mas tu não queres a verdade. Queres agarrar-te a um conto de fadas. – Harry pousou o sobrescrito no banco entre os dois e levantou-se devagar. – Acho que é melhor não voltarmos a encontrar-nos por uns tempos.

Gabe não respondeu. Mal se apercebeu de que Harry se afastava. Olhou para o sobrescrito como se fosse uma granada que não tivesse explodido. Claro que podia deixá-lo ali. Não olhar. Queimá-lo. Deitá-lo num contentor de lixo. Mas sabia que não o faria.

Pegou no sobrescrito e abriu a pala. No interior havia duas folhas de papel. Tirou-as para fora. Linhas de letras pretas esborrataram-se diante dos seus olhos. Termos médicos impenetráveis, mas algumas palavras destacavam-se. *Ferimentos de bala. Artéria. Perfuração. Danos nos órgãos.* Pôs os papéis de lado. Havia mais qualquer coisa dentro do sobrescrito. Voltou-o. Duas polaróides caíram no banco.

Jenny e Izzy. Só as caras, lençóis verdes puxados até ao pescoço. Fotografias da morgue.

Ouviu um barulho. Como um gemido. Um som dos mortos-vivos. Percebeu que era dele.

Como diabo conseguira Harry aquelas fotografias? Mas era médico, pensou Gabe, era natural que tivesse contactos.

Pegou na fotografia de Jenny. Tinha o rosto pálido, ceroso, estranho na morte. E no entanto Gabe sabia que era o mesmo rosto que tinha acariciado, beijado, amado, com o qual tinha sonhado. Pôs a fotografia de lado e obrigou-se a pegar na segunda.

O rosto de Izzy estava perfeito, sem uma mácula. Parecia estar a dormir. Um sono frio e eterno.

Olhou com tanta intensidade e durante tanto tempo que os olhos lhe arderam. Não havia engano possível. Izzy. A sua Izzy.

Começou a chorar. Chorou até pensar que os olhos deviam ter-lhe sido espremidos das órbitas; chorou até que o peito lhe doeu e sentiu a garganta como

se tivesse estado a gargarejar com vidro moído. Chorou como uma criança, deixou o ranho escorrer, limpou a cara e o nariz com a manga.

A Evelyn queria que visses. Chegou o momento.

– Sente-se bem, querido?

Gabe ergueu os olhos. Uma mulher idosa estava à sua frente. Cabelo branco-sujo, a pele enrugada em dobras flácidas. Tinha o corpo dobrado pela osteoporose e vestia uma gabardina bege, cheia de nódoas. Gabe detectou um bafo a urina antiga.

Empurrava um velho carrinho de bebé *Silver Cross*. Mais ferrugem do que prata, agora. Em vez de um bebé, havia um gato enrolado no interior. Um grande gato malhado, com uns olhos verdes mal-humorados. Fez lembrar a Gabe o velho e arisco gato da família, *Schrödinger*. Não que fosse esse o nome que lhe chamavam. Izzy não conseguia pronunciá-lo, de modo que o nome dele era *Soda*.

Depois de Gabe sair de casa, os vizinhos tinham tomado conta dele. Ainda bem. Nunca gostara de verdade daquele gato velho e mau. Num instante estava a ronronar, no instante seguinte as suas garras arranhavam o pedaço de pele exposta mais próximo.

– Tome, querido.

A velhota estava a estender-lhe um pacote amarrotado de *Kleenex*. Tinha as unhas negras de sujidade. O primeiro instinto de Gabe foi mandá-la embora, mas o impulso desvaneceu-se face àquele pequeno gesto de bondade.

– Obrigado – grasnou, tirando um lenço e devolvendo o pacote.

– Fique com ele – disse a velha, e afastou-se a arrastar os pés.

Gabe esfregou os olhos e assoou-se. Então pegou nas fotografias e guardou-as com cuidado na carteira.

Tivera tanto a certeza. E então tinham encontrado o carro. Mas o que provava isso, de verdade? E o corpo? Talvez fosse melhor não pensar nisso. Poderia confiar no *Samaritano*?

Talvez Harry tivesse razão. Precisava de ajuda. Se não, talvez estivesse destinado a acabar como a senhora dos *Kleenex*, a deambular por um cemitério, a cheirar a mijo e a passear um gato num carrinho de bebé.

Então qualquer coisa o espicaçou no fundo da mente. Com força.

O gato.

Não o gato no carrinho de bebé.

O gato deles. *Schrödinger*.

«*Papá, o* Soda *arranhou-me.*»

A carinha de Izzy manchada de lágrimas. Com um feio risco encarnado no queixo.

Gabe pusera-lhe *Savlon*. *Pronto, já passou.* Mas o arranhão continuava lá quando a deixara na escola.

Naquela manhã. Antes do telefonema. Antes de a sua vida ter caído da beira de um precipício.

Voltou a tirar as fotografias da carteira, os dedos a atrapalharem-se uns aos outros. Olhou para a de Izzy com mais atenção. Semicerrou os olhos, pegou-lhe desta e daquela maneira. Via as pestanas, o leve salpicar de sardas no nariz. Todos os pormenores expostos na luz implacável.

Não havia qualquer arranhão no queixo dela.

Claro que, quando somos jovens, os arranhões saram depressa. Mas não em meia dúzia de horas. Gabe não era médico, mas sabia disso. E sabia outra coisa.

Os arranhões não saram quando estamos mortos.

Capítulo 18

A chuva tamborilava nos chapéus. Um mar ondulante de preto. Enlutados reunidos no exterior da Chapel of Rest. Roupas pretas, céu cinzento. Uma imagem monocromática.

Fran via a família avançar devagar pelo caminho de saibro, a irmã a apoiar a mãe, a ajudá-la a ultrapassar não só o desgosto mas também o estupor alcoólico. Fran estava à parte, a ver de longe. Por que não estava lá com os outros?

Porque isto é um sonho. Claro.

Mas a verdade era que sempre estivera na periferia. Amava a família, mas nunca se sentira próxima da mãe e das irmãs. Talvez fosse assim com os mais velhos. Eram os primeiros a afastar-se. Só se sentira próxima do pai. E agora ele tinha desaparecido.

O grupo fúnebre entrou na capela e acomodou-se. «Grupo fúnebre.» Sempre achara que era um nome estranho para uma reunião de enlutados. «Uma tristeza» ou «um choro». Parecia mais apropriado.

O caixão estava alcandorado num plinto ao fundo da capela. Rodeado de flores. As flores pareciam demasiado coloridas contra o carvalho escuro. Deslocadas. O papá adorava o seu jardim, mas detestava cortar flores. Preferia vê-las vivas e abertas. *Flores cortadas já são flores mortas,* costumava dizer. Não quisera ramos nem coroas no seu funeral. Tinham encomendado ao florista flores envasadas, que podiam ser replantadas. E o papá não fora cremado. Fora enterrado.

Isto está errado, pensou de repente. Tudo errado. Aquilo não era o funeral dele. Aquela não era a sua família.

Avançou devagar pelo centro da capela, por entre as filas de enlutados, que tinham voltado a abrir os chapéus-de-chuva. Chovia a cântaros, e quando ergueu

os olhos o telhado da capela tinha desaparecido e tumultuosas nuvens cor de carvão corriam pelo céu.

Chegou junto do caixão aberto e olhou para o corpo pálido e imóvel da rapariguinha que estava lá dentro. Cabelos louros espalhavam-se em leque à volta do seu pequeno rosto em forma de coração. Vestia um bonito vestido cor-de-rosa que Fran não se lembrava de ter comprado. Mas também não tinha comprado o vestido, pois não? Não para o seu funeral.

As lágrimas começaram a correr-lhe pelas faces. A chuva escurecia os cabelos da rapariguinha e ensopava o seu vestido cor-de-rosa. Fran ergueu a cabeça e gritou… e a sua boca encheu-se de água, a descer-lhe pela garganta, a afogá-la…

Água. Água a correr. Fran abriu os olhos, pestanejou. Merda. Onde estava? O quarto de hotel. Como era então que continuava a ouvir água? Sentou-se e olhou num gesto automático para a cama de Alice. Vazia. *Água. Água a correr.* Olhou para a porta fechada da casa de banho, uma mancha escura a começar a alastrar por baixo da borda inferior lascada.

– Não.

Saltou da cama e correu, abriu a porta com um sacão. A banheira estava a transbordar, um pequeno mar de água a inundar o linóleo e a ensopar a alcatifa.

Alice estava estendida na banheira, a cabeça a começar a desaparecer abaixo da superfície da água. Adormecida.

Porra!

Agarrou-a pelas axilas. *Jesus Cristo, a água estava gelada.*

– Alice, Alice. Acorda!

A pele dela estava quase azul, os lábios eram uma fresta roxa gretada.

Não, não, não. Como permitira ela que aquilo acontecesse?

Pegou em toalhas, enrolou-as à volta de Alice e levou-a, a pingar, para o quarto. Deitou-a na cama, esfregou-a para a secar, com gestos suaves, a murmurar com a boca encostada aos cabelos húmidos.

– Alice, Alice, acorda.

– M… mamã.

Por uma vez, não a corrigiu.

– Estou aqui, querida. Estou aqui.

Os braços flácidos de Alice rodearam-na. Sentiu o corpo dela começar a tremer. *Um bom sinal*, pensou Fran.

– Temos de te aquecer.

Embrulhou-a num edredão. Precisava de mais toalhas. Voltou à casa de banho. A água continuava a correr. Merda. Patinhou até à banheira e fechou a torneira. Estendeu a mão para a tampa e deteve-se. Que raios…? A corrente da tampa continuava enrolada à volta da torneira. Por que fora então que a água não escoara?

Enfiou a mão na água gelada e tacteou. Havia alguma coisa a bloquear o ralo. Forcejou com os dedos e conseguiu remover o objecto. A água começou a desaparecer pelo cano, com um gorgolejo. Fran retirou o braço, coberto de pele-de-galinha, e examinou o que tinha na mão.

Uma pequena concha rosada e branca.

Dorme. Uma rapariga pálida num quarto branco.

As enfermeiras cuidam bem dela todos os dias. Mas esta manhã há mais actividade do que a habitual. Hoje é um dia especial. Hoje é dia de visita.

Miriam ajuda as mais novas enquanto levantam a rapariga e fazem a cama. Supervisiona a limpeza e certifica-se de que nem um grão de pó é deixado no quarto; nas máquinas, no teclado do piano e na concha.

Põe flores frescas em jarras, lava e seca os cabelos da rapariga e então escova-os até ficarem brilhantes. Mais tarde, fará chá e bolinhos e sentar-se-á ao lado da rapariga para esperar.

Este é o seu domínio. Sim, há enfermeiras e um médico que aparece de vez em quando. Mas é ela que aqui passa mais tempo, e fá-lo desde há mais de trinta anos, desde aquele dia horrível. Antes de a mãe da rapariga se ter tornado uma reclusa e a rapariga ter acabado assim.

Talvez se não tivesse acontecido, Miriam não tivesse ficado. Talvez tivesse seguido em frente, arranjado uma vida. Mas ambas dependiam tanto dela. Mãe e filha. Não podia abandoná-las. Sempre tivera medo do que aconteceria se o fizesse. Por isso ficara e, de muitas maneiras, aquela era agora a sua família, a sua vida. Não se arrepende. Na realidade, Miriam pensa muitas vezes que está aqui por uma razão.

Enfia a mão no bolso e tira de lá um pedaço de papel. Macio e muitas vezes dobrado. O rosto de uma criança olha para ela. ALGUÉM ME VIU? *Miriam suspira e volta a olhar para a rapariga. Depois inclina-se e dá uma pequena palmadinha na mão imóvel.*

«Em breve», murmura. «Em breve.»

Capítulo 19

Gabe conduziu. Era tudo o que podia fazer. Talvez se fosse um polícia ou um detective particular, alguém com uma «equipa» e peritos a quem recorrer, estivesse a fazer qualquer coisa mais produtiva.

Mas não era nenhuma dessas coisas. Já nem sabia *o que* era. Não tinha emprego. Não tinha casa. Já não era pai nem marido. Um condutor sem destino e lugares de passageiro vazios.

Mas agora tinha qualquer coisa. A fotografia. O arranhão. Enquanto conduzia, o seu cérebro dava voltas e mais voltas àquilo. Sondava e puxava pela memória, a tentar descobrir buracos nas suas recordações. Fora *de facto* naquela manhã que pusera o penso rápido no queixo de Izzy? Podia estar a fazer confusão com outra manhã? *Não.* Uma pessoa não se esquecia de uma coisa dessas. Uma pessoa não esquecia a última vez que vira a mulher e a filha vivas.

E aquela manhã *não* tinha sido como as outras manhãs. Não era habitual ser ele a levar Izzy à escola. Até se lembrava de ter discutido com Jenny por causa disso.

É um pouco em cima da hora. Não podes mudar a reunião para outra altura?

Não. É um cliente importante.

Mas vou chegar atrasado.

E depois? É só uma vez. E talvez pudesses sair a horas, fazer uma extravagância.

Jesus, Jenny!

Estou a falar a sério, Gabe. Falhaste a festa de anos da Izzy no fim-de-semana.

Uma festa. Tinha trabalho atrasado.

Por pouco não falhaste também o nascimento dela.

Oh, lá vamos nós.

Lá vamos nós. Sempre a trabalhar, não é? Por que será que quando telefono tu nunca lá estás? Foste ver um cliente, vais a conduzir ou tens o telemóvel desligado.

Onde estiveste na última segunda-feira, Gabe? Na agência ninguém sabia.

Céus, pensava que já tínhamos passado por tudo isto. Todas as acusações.

Não estou a acusar-te de coisa nenhuma.

Que estás então a dizer?

Uma longa pausa. Uma expressão na cara dela que quase lhe arrancara a verdade. Quase.

Estou a dizer… esta noite quero-te em casa a horas. Uma vez por semana. É tudo o que peço. Uma noite em que jantemos juntos, e tu leias uma história à tua filha antes de ela dormir e possamos fingir que somos uma família normal e feliz.

Jenny enfiara o casaco, pusera a mala ao ombro e fora despedir-se de Izzy, deixando a farpa cravada fundo.

Gabe começara a ir atrás dela e quase caíra ao tropeçar em *Schrödinger*, que lhe andava à volta dos pés a miar pelo pequeno-almoço. Gabe praguejara, empurrara o gato para o lado com um pé e pegara no telemóvel.

Fora então que Izzy aparecera na cozinha, despenteada de sono e de faces coradas.

Olá, papá.

Inclinara-se para pegar no gato…

Ai…

Sim, tinha acontecido naquela manhã. Lembrava-se do sangue vermelho e brilhante a sair da pequena ferida. De acalmar a filha com alguma impaciência. De desembrulhar o penso rápido com bonecos da Disney para tapar o arranhão. Lembrava-se de tudo.

Onde estava então o arranhão na fotografia?

Continuou a dar voltas à pergunta, lutou e debateu-se com ela, mas chegava sempre à mesma conclusão: se não havia um arranhão na fotografia, a fotografia devia ter sido tirada mais tarde. *Depois* de o arranhão sarar. *Depois* do dia em que Izzy tinha supostamente sido morta.

O que significava… que a fotografia não era real. Não podia ser.

Que estava então a dizer… que alguém montara aquele cenário? Falsificara a fotografia… para o convencer de que Izzy estava morta?

Mas porquê? E se a fotografia de Izzy era falsa, a de Jenny sê-lo-ia também?

Tinha a garganta apertada. Sentiu uma pontada de dor algures na região do coração, ou onde ele costumava estar. Já tinha pensado naquilo outras vezes.

Muitas outras vezes. Nas suas longas peregrinações de um lado para o outro na auto-estrada tinha muito pouco mais com que ocupar a mente. Por isso passara em revista todos os cenários imagináveis em que Izzy podia estar ainda viva. A maneira como podiam ter sido cometidos erros.

E obtivera sempre a mesma resposta. A mesma dolorosa e brutal verdade.

A única maneira de Izzy poder estar viva era Jenny estar morta.

Não podia haver dúvida, nem a mais pequena fracção, de que o corpo de mulher encontrado na casa era o de Jenny. Só assim a polícia poderia ter assumido que a rapariguinha era Izzy. Teria, claro, de ter a mesma idade, constituição e cor de cabelo. Mas não era assim tão difícil confundir uma criança com outra, para quem não as conhecesse.

Lembrava-se da primeira festa de Izzy na escola (ou talvez fosse mais exacto dizer que Jenny nunca o deixara esquecer), em que a filha lhe dissera que ia fazer o papel de Maria. Chegara atrasado, de modo que tivera de sentar-se ao fundo da sala, várias filas atrás de Jenny. Mas passara toda a representação a tirar fotografias com o telemóvel e a aplaudir cada deixa murmurada, como competia a um bom pai. Mais tarde, dissera a Izzy que tinha sido uma Maria brilhante.

E ela desfizera-se em lágrimas.

O que foi?, perguntara ele.

Não fiz de Maria. Era um dos pastores!

Jenny abraçara Izzy e sibilara:

Fez de Maria ontem à tarde. Revezam-se nos papéis.

A recordação ainda queimava. Mas a questão era que se ele podia confundir a filha com outra criança, com mais facilidade o faria um desconhecido. Ou a polícia. Não teriam qualquer razão para suspeitar de que a rapariguinha morta podia não ser Izzy.

É a respeito da sua mulher… e da sua filha.

E, claro, o grande óbice: Izzy tinha sido identificada pelo avô. Por Harry. Um respeitado cirurgião reformado. Mas também, quanto mais Gabe pensava nisso, um homem que escondia qualquer coisa. Qualquer coisa que estava a comê-lo por dentro.

Apertou o volante com mais força. Harry. O sacana. Todo aquele tempo. A mentir. A fingir diante de toda a gente que Izzy tinha morrido.

Mas porquê?

Gabe não tinha ilusões, sabia que a sua relação com os pais de Jenny sempre fora «tensa». Ou, para falar sem rodeios, Evelyn sempre o vira como uma coisa que podia raspar dos seus caros *Loubountin*, e Harry tolerara-o, como um cheiro vagamente desagradável. Não lhe custava muito admitir que Harry o tinha usado, o tinha enganado. E que o mais certo era Evelyn ter tirado disso um prazer perverso.

Mas mentir à polícia, arriscar a sua preciosa reputação, talvez até uma acusação? Ir para diante com a farsa do funeral, depositar todos os meses flores sobre as cinzas enterradas de outra rapariga?

Jesus Cristo! Tinha de haver uma explicação muito boa.

E quem era a outra garotinha? Era neste ponto que acabava sempre por esbarrar. Para que Izzy estivesse viva, *tinha* de ter estado outra criança em casa. Outro corpo para identificar. Para cremar. Mas se outra criança tinha sido assassinada, por que diabo ninguém comunicara o seu desaparecimento?

A polícia tinha falado com os pais da escola de Izzy. Tinham tido de o fazer, por causa da festa de aniversário de Izzy no fim-de-semana. Com tanta gente a entrar e a sair da casa, não houvera grandes possibilidades de recolher quaisquer vestígios de ADN que fossem úteis. Mas ninguém tinha dito: «Oh, a propósito, senhor agente, parece que a minha filha desapareceu.»

Tinha a cabeça a latejar. Esfregou os olhos. O apito zangado de uma buzina arrancou-o ao seu estupor. Tinha deixado a autocaravana derivar. Guinou para a esquerda, saindo do caminho de um camião que corria pela faixa da direita. *Merda. Respira, Gabe, concentra-te. Pensa.*

Duas rapariguinhas. Suficientemente parecidas para serem confundidas. Quase intermutáveis.

Não fiz de Maria. Era um dos pastores.

Por que seria que ninguém comunicara o desaparecimento da outra criança?

E de súbito percebeu. Sentiu os neurónios flamejarem-lhe no cérebro, a fazer a ligação. Tinha estado a olhar para aquilo da maneira errada. Chegar atrasado, sentar-se ao fundo da sala, fazer fotografias às cegas sem prestar verdadeira atenção.

Se outra rapariga podia ser confundida com Izzy, então Izzy podia ser confundida com ela.

Fez de Maria ontem à tarde. Revezam-se nos papéis.

E se a outra rapariga não tivesse desaparecido?
Se Izzy estivesse a representar o seu papel?

Capítulo 20

– É bom?

Alice assentiu com a cabeça enquanto enfiava na boca um *Egg McMuffin*. Estava faminta naquela manhã, pensou Fran, a sentir-se culpada. *Má mãe,* ralhou a sua voz interior, que era muito parecida com a da sua mãe. *Estás a negligenciar o básico: comida, líquidos, descanso… oh, e não a deixar afogar-se na banheira.*

Até ao momento, andara como que em bicos de pés à volta do incidente no hotel. A sua primeira prioridade fora garantir que a temperatura corporal de Alice voltava ao normal, e a respiração e o ritmo cardíaco também. Não podia ter estado muito tempo na água gelada (e, graças a Deus, abrira a torneira da água fria, não a da água quente), mas aquilo era um novo e preocupante desenvolvimento.

Bebeu um gole de café.

– Alice, podemos falar a respeito do que aconteceu na casa de banho?

Alice olhou para ela através da cortina de cabelos escuros. Fran franziu a testa ao ver as raízes. Estavam a precisar de um retoque. Pequenas coisas que não podiam deixar passar.

– Não me lembro – disse.

– De nada?

Fran esperou.

Alice suspirou, olhou para o *McMuffin* meio comido.

– Voltei a ver a rapariga.

A rapariga. Fran sentiu a sua agitação aumentar. Quem era ela? Uma espécie de amiga imaginária? Um produto da mente de Alice, do trauma? Ou de outra coisa qualquer?

– A rapariga obrigou-te a correr para a banheira, a meteres-te dentro de água? – perguntou.

– Não. Só queria mostrar-me uma coisa.

Fran cerrou os dentes, empurrou os cabelos para trás das orelhas. *Tenta manter a calma.*

– O que queria mostrar-te?

Alice mexeu na mochila que tinha no colo. *Clique-claque. Clique-claque.* O som exasperou Fran. Reprimiu o impulso de gritar-lhe *Pára de fazer essa merda.*

– Alice, podias ter-te afogado, morrido de hipotermia. Achas que a rapariga quer fazer-te mal?

Alice olhou para ela com os olhos muito abertos.

– Não. Não compreendes. Não é nada disso.

Fran pousou a chávena e agarrou o braço de Alice. A mochila caiu no chão com um baque surdo.

– Então diz-me. Quem é a rapariga? Como se chama?

Alice debateu-se. Fran agarrou-a com mais força. *Demasiada força,* disse a voz interior.

– Não sei.

– Tenta… pensa.

Alguma coisa vibrou em cima da mesa ao lado do seu cotovelo. Alice libertou o braço e esfregou as marcas encarnadas dos dedos.

– O teu telemóvel.

Fran olhou para o aparelho. Só uma pessoa tinha aquele número. E sabia que não devia usá-lo a menos que fosse importante – uma emergência. Pegou no telemóvel e leu a mensagem escrita no ecrã.

«Ele sabe.»

Capítulo 21

Dormir de dia era difícil, por muitos anos que uma pessoa passasse a trabalhar à noite. Katie tinha persianas espessas e tampões para os ouvidos, pijamas confortáveis e almofada de espuma, mas não importava. Não se consegue enganar o relógio biológico. O nosso cérebro sabe que é dia e resiste a dormir, como uma criança teimosa.

Em circunstâncias normais, um bom livro, um copo de leite – de longe em longe dois comprimidos de *Nightgol* – ajudavam-na a relaxar. Naquele dia, nem isso estava a resultar. A sua mente estava demasiado ocupada, demasiado distraída.

Não obstante o que dissera a si mesma, não conseguia deixar de pensar no homem magro. *Os Outros*.

Por que estavam aquelas palavras escritas no bloco-notas?

Deu voltas e mais voltas, bateu na almofada, livrou-se do edredão com um pontapé, voltou a puxá-lo para cima e acabou por admitir a derrota. Levantou-se da cama e desceu descalça até à cozinha.

Ligou a cafeteira eléctrica, tirou um par de bolachas digestivas da lata e abriu uma das gavetas. Procurou entre o lixo de ementas de *takeway*, chaves sobressalentes, clipes e rolos de *Sellotape* e tirou de lá um postal.

Uma vista de uma falésia sobranceira a uma praia. O Sol brilhava, o céu era de um azul-profundo, as ondas toucavam-se de branco. Por baixo da imagem, escritas numa caligrafia arredondada, via-se as palavras: *Saudações de Galmouth Bay*.

Tinham lá ido para umas férias em família, as últimas em que estiveram todos, e ficado numa pensão gerida por uma excêntrica senhora de sessenta e tal anos que tinha uma alarmante cabeleira vermelha e um *terrier* branco que gostava de morder. Tinham comido saladas de lavrador nos *pubs* locais, erguido na praia

castelos de areia tortos e até tinham tirado uma fotografia no alto daquela mesma falésia.

Não há famílias felizes, recordou-se. Lembrava-se de estar ali de pé a segurar a mão gorducha de Lou, e de ver a mamã a vacilar sobre os calcanhares, os contornos do sorriso já esbatidos pelos vários gins tónicos que bebera ao almoço, e de a irmã mais velha amuar e resmungar porque detestava que lhe tirassem fotografias.

Só o papá estivera genuinamente feliz e descontraído, o vento a agitar-lhe os cabelos cada vez mais ralos enquanto focava a velha *Kodak* e tentava convencê-las a dizer «cheiro a chulé». A única coisa sólida estável nas suas vidas. A cola que os mantinha a todos unidos.

Pelo menos era. E então, um dia, tinha-lhes sido tirada. De uma maneira súbita, brutal, violenta.

E fora ela que o encontrara.

Fazia nove anos. Numa daquelas soalheiras manhãs de Primavera que nos enganam e nos convencem de que não precisamos de um casaco e então nos enchem os braços de pele-de-galinha com um vento áspero.

Katie tinha chegado a casa dos pais para o almoço de domingo. Não era uma coisa que fizessem muitas vezes – a mamã não era a melhor das cozinheiras, mesmo quando estava sóbria –, mas Katie apreciava o facto de ao menos os pais *tentarem* reuni-las como família de tantos em tantos meses.

Das três irmãs, Katie era a que se mantivera mais próxima, a que ligava quando dizia que ia ligar e os visitava com regularidade. Supunha que tinham todas acabado por cair em papéis estereotipados. A mais nova – um pouco mimada, sempre envolvida num ou noutro drama. A mais velha – a rebelde, a que tinha a relação mais difícil com a mãe e saíra de casa logo que pudera. E a do meio. A de confiança, a pateta. Só de Katie se podia esperar que aparecesse mais cedo para ajudar a fazer o almoço, com uma garrafa de vinho e uma planta para o jardim do papá.

Naquela manhã esquecera-se de ambas, e até o sorriso fora difícil de conseguir. Sam estava com varicela e fizera-a passar a noite a pé, a aplicar loção de calamina e beijos. Craig, que nunca cuidava de Sam quando ele estava doente, optara por ficar em casa com o filho para não ter de suportar o almoço com a família dela. E

Katie ficara aliviada. As coisas não andavam muito bem entre eles e dispensava o *stress* extra das suas alfinetadas.

Tinha os nervos em franja quando se apeara do carro e caminhara até à porta da frente. Os pais viviam numa moderna moradia isolada numa urbanização que tinha sido bonita e nova quando fora construída, trinta anos antes. As casas eram quadradas e iguais, com paredes do mesmo tijolo bege, janelas de caixilhos metálicos e garagem incluída. O sonho suburbano, ou o pesadelo, dependendo do ponto de vista de cada um. Mas adequava-se aos pais. E todos os domingos de manhã – como que em obediência a uma qualquer cláusula não explícita dos subúrbios – era possível ver o papá no caminho de aceso, a lavar e a encerar o carro até deixá-lo a refulgir.

Mas não naquele domingo. A porta da garagem estava meio aberta. Via o *capot* do carro lá dentro, mas não o papá a acenar com a camurça. Olhou para o relógio. Um quarto para as onze. Supôs que podia ter já lavado carro, mas o caminho de acesso estava seco. Não havia riachos de espuma a correr até ao passeio.

Teve o pressentimento de que alguma coisa estava mal. Dirigiu-se à porta da frente e carregou no botão da campainha. Ouviu-a tilintar lá dentro. Esperou. Normalmente, a mãe estaria à porta no mesmo instante. Voltou a tocar. Nenhum sinal de movimento, nenhuma sombra a aparecer do outro lado do vidro fosco. A preocupação começou a mordiscar-lhe ao de leve o estômago.

Procurou as chaves na mala, abriu a porta e entrou.

– M-mã? P-papá? Sou eu, a Katie!

A casa estava pesada de silêncio. E havia mais qualquer coisa. Inspirou pelo nariz. Havia um cheiro. Não o cheiro habitual do enjoativo ambientador que a mãe espalhava por todo o lado antes de as visitas chegarem. Cheirava a suor, pensou, e a fumo, fumo de cigarro estagnado. Os pais nunca tinham fumado.

Entrou na sala, com o coração apertado. Era um caos. As gavetas tinham sido arrancadas do aparador, os livros atirados para o chão, os *bibelots* partidos. As portas do pátio abertas.

A mãe estava caída junto ao sofá, ainda de roupão. Tinha os cabelos louros, sempre impecavelmente arranjados, sujos de sangue. Mais sangue na cara, negra e inchada.

– Mamã.

Katie correu para ela e ajoelhou-se a seu lado. Ouvia-a respirar, mas era um som rouco e fraco.

E o papá?

– Está tudo bem. Vou chamar uma ambulância, *okay*?

Pegou no telemóvel e correu de volta ao vestíbulo. Uma corrente de ar frio roçou-lhe os braços nus. Voltou-se. A porta entre a cozinha e a garagem estava aberta de par em par. Papá? Avançou para ela, com o telemóvel entre os dedos enclavinhados, o coração a bater com força, e entrou no espaço escuro e fresco.

O carro estava arrumado como de costume, mas a porta do lado do condutor estava aberta, as chaves ainda na ignição.

O ladrão, ou ladrões, tinha tentado roubar o carro. Mas alguma coisa os impedira. Alguma coisa que os fizera entrar em pânico e fugir…

– Papá!

Estava caído sobre o porta-bagagens, quase como se estivesse a acariciá-lo. O sangue escorria pelos lados do carro, punha manchas compridas na pintura prateada. *Ele ia ficar tão zangado,* disse uma vozinha dentro dela. *Sujarem-lhe o carro todo.*

Não via o resto do corpo. Porque estava esmagado entre o carro e a parede da garagem. Com tanta violência que a tampa do porta-bagagens saltara e o vidro da janela traseira se partira.

Tinha o rosto virado para ela, os brilhantes olhos azuis, marcados nos cantos por pequenas rugas feitas pelo sol, agora vazios como berlindes. Uma expressão de surpresa congelara-se-lhe nas feições. Por as coisas terem podido chegar àquilo. Por a sua vida ir acabar ali, na fria e escura garagem, de pijama, a tentar impedir que um animal qualquer lhe levasse o carro. Por não ir levantar-se para acolher mais uma manhã de domingo. Por todos os domingos, camurças e ceras terem acabado, para sempre. Olhou para os olhos vazios do pai e começou a gritar…

O telemóvel vibrou junto do seu cotovelo, fazendo-a dar um salto e entornar café em cima da bancada. *Merda.* Atendeu. Marco, o seu gerente na cafetaria.

Estás com vontade de fazer um turno extra esta tarde?

Era óbvio que, mais uma vez, um dos Ethan, ou Nathan, não aparecera. O que menos lhe apetecia era uma tarde de trabalho extra além do turno da noite. Devia ter um par de dias de folga. E ia ter de pedir a Lou que fosse buscar os miúdos à escola. Por outro lado, o uniforme de Sam começava a ficar um bocadinho apertado, e àquela hora nunca mais ia conseguir voltar a adormecer. Na realidade, era capaz de ser melhor para ela ter qualquer coisa em que ocupar o espírito.

Teclou a resposta:

Okay.

Óptimo. Até logo.

Katie suspirou. Voltou a olhar para o postal. Tinha chegado no aniversário da morte dele. Virou-o. No verso, escrito com a letra aracnídea da irmã mais velha.

Lembra-te. Fi-lo pelo papá.
xx

De verdade?, pensou Katie. *Ou fizeste-o por ti, Fran.*

Capítulo 22

Gabe tinha conhecido o *Samaritano* num viaduto da auto-estrada às duas da manhã. Lembrava-se da hora porque acabava de olhar para o relógio. Não sabia porquê. Ia matar-se, e ninguém pode chegar atrasado ao seu suicídio.

Já antes tinha pensado em matar-se. Com muita regularidade, até, nos últimos seis meses. Regra geral por volta daquela hora. Era quando os pensamentos maus apareciam. A negra terra do meio entre a meia-noite e a alvorada. A hora a que os demónios emergiam das sombras, deslizantes, viscosos, a arrastar membranas mucosas de azeda bílis e a feder a miséria e remorso.

O pensamento de Izzy sempre o tinha detido. A ideia de encontrar o carro. A esperança, ou talvez a negação persistente, teimosa, tinha conseguido afastar os demónios. Mas eles eram persistentes. Não descansavam. Não desistiam. Em vez disso, as suas garras cravavam-se cada vez mais fundo.

A dado ponto da viagem naquela noite, o desespero tinha-o vencido. Não dormia há quase vinte e quatro horas. Os pesadelos não o deixavam. Não era capaz de enfrentar o sono. E não era capaz de enfrentar estar acordado. Meteu por uma das saídas da auto-estrada e contornou a rotunda de acesso ao viaduto que passava para o lado sul.

Parou a meio e encostou à berma. Apeou-se e dirigiu-se ao parapeito. Ficou ali, a tiritar de frio e a ver com olhos ofuscados pelas lágrimas o tráfego que corria lá em baixo. Luzes brancas, luzes encarnadas, luzes brancas, luzes encarnadas. Ao fim de algum tempo, tornava-se hipnótico.

Passou uma perna por cima do parapeito.

Algures no fundo de si sabia que aquilo era uma sacanice. Que podia não se matar só a si mesmo. Mas aquela voz vinha de muito, muito longe. A única coisa que estava de verdade a pensar era que queria acabar com aquilo. A dor, o cansaço de tentar manter-se vivo. Era demasiado duro. A vida tornara-se um

instrumento de tortura, cada minuto de cada dia cravava-se nele com os espigões de uma virgem de ferro.

Passou a outra perna por cima do parapeito. Estava agora empoleirado na estreita faixa metálica, a agarrar-se com as duas mãos. Tudo o que tinha de fazer era abri-las. Deixar que a gravidade fizesse o seu trabalho. Inspirou fundo, fechou os olhos.

– À espera de alguma coisa?

Deu um salto. Ou melhor, não deu. Sobressaltou-se, vacilou e agarrou-se com mais força para recuperar o equilíbrio.

– Porra!

– Não era minha intenção fazê-lo saltar. – O homem riu. – A menos que seja isso que quer.

Gabe voltou a cabeça. O vento agarrou-lhe e puxou-lhe os cabelos com dedos gelados. Tinha os olhos cheios de água, a visão distorcida. Pouco a pouco, conseguiu focá-la.

Atrás dele estava uma figura alta e magra. Toda de preto. Casaco, *jeans*, chapéu. Pele. Só uma fina orla de branco à volta dos olhos. Não fazia ideia de onde tinha vindo. Não ouvira outro carro aproximar-se. Num pensamento louco, perguntou-se se o homem seria um anjo, vindo para o visitar no momento da sua morte, ou talvez fosse o contrário, um demónio vindo para o arrastar para o inferno.

Riu, uma coisa louca, trémula, que lhe escorreu pelo canto da boca.

O homem continuava a olhar para ele, plácido, as mãos enfiadas nos bolsos. Dava a impressão de ser capaz de ficar ali a noite inteira.

– Alguma coisa engraçada, meu?

– Não. – Gabe abanou a cabeça. – Não. Isto é sério como a merda.

– Um homem matar-se é uma coisa séria como a merda.

– A quem o diz.

– Por que não me conta?

– Não me parece.

– Sou bom a ouvir.

– E eu sou um homem de poucas palavras.

Uma gargalhada. Do fundo da garganta.

– Mas é hábil com elas.

– Fui escritor.

– A sério? E o que escrevia?

– Mentiras, sobretudo.

– A honestidade sempre foi sobrevalorizada.

– Sobretudo na publicidade.

– Trabalhava em publicidade? Parece interessante.

Gabe sorriu.

– Não vai resultar.

– O quê?

– Tentar fazer-me falar a meu respeito. Distrair-me. Impedir-me de saltar.

– Não pode censurar um irmão por tentar.

– Não. Não, não posso.

– Vai fazê-lo?

– Vou.

– Algo que eu possa dizer para o impedir?

– Não.

– Algumas últimas palavras?

– Procurem sempre o lado bom da vida?

– A vida é uma merda, não é?

– Não o imaginei um fã dos Python.

– Oh, sou um poço de surpresas.

O homem tirou as mãos dos bolsos. Uma delas empunhava uma arma. Apontou-a a Gabe.

– Faça-o.

– Mas que porra…?

– Quer morrer, então morra. Salte.

Aproximou-se. Gabe agarrou a grade com mais força.

– Espere…

– O quê?

– Não…

Tão perto que Gabe conseguia cheirá-lo. Loção de barba cara, menta e metal. Metal de arma, pensou, tresloucado. O homem encostou-lhe a arma ao flanco.

– Salte. Ou mato-o.

– *Não!*

– Não?

– Não me mate.

O homem olhou para ele. Não havia luz naqueles olhos. O coração de Gabe martelava-lhe o peito. Começava a sentir as mãos suadas. O vento abanava-o para trás e para a frente. Não ia conseguir aguentar muito mais tempo.

O homem estendeu a outra mão.

– Desça daí.

Gabe hesitou um instante. Então agarrou a mão que lhe era oferecida e passou mais uma vez por cima do parapeito. As pernas cederam quase no mesmo instante, exauridas de força. Deslizou para baixo e ficou sentado no chão, com as costas apoiadas à balaustrada. Não conseguia parar de tremer. Enrolou os braços à volta do corpo e começou a chorar.

O homem sentou-se junto dele. Esperou que as lágrimas secassem e então disse:

– Fale.

Gabe falou – a respeito de Izzy, da noite em que a tinha visto ser levada. A respeito da sua dor, do seu tormento, de ter perdido Jenny. A respeito de passar os dias e as noites a conduzir para cima e para baixo na auto-estrada, à procura. A respeito do seu desespero. A respeito de não ver um fim para aquela tortura. E disse-lhe mais. Coisas que nunca tinha dito a ninguém, nem a Jenny. Contou tudo ao desconhecido com a arma.

Quando acabou, o homem disse:

– Dê-me o seu telemóvel.

Gabe tirou o telemóvel do bolso e entregou-lho. O homem teclou um número.

– Sempre que precisar de ajuda, ligue-me. Vou estar atento a si. E à sua menina também.

– Acredita em mim?

– Já vi montes de coisas estranhas. As coisas mais estranhas são muitas vezes verdade.

Pôs-se de pé e voltou a estender a mão. Gabe aceitou-a e permitiu que o ajudasse a levantar-se.

– Ainda não acabou – disse-lhe o homem. – Quando tiver acabado, eu digo-lhe.

Fez meia volta e afastou-se em direcção a um carro estacionado mais adiante no viaduto. Um anjo, pensou Gabe. Sim, pois. E então ocorreu-lhe uma coisa.

– Espere!

O homem parou e olhou para trás.

– Não chegou a dizer-me o seu nome.

O homem sorriu, mostrando uns dentes muito brancos, um deles com uma pequena pedra incrustada.

– Tenho muitos nomes… mas algumas pessoas chamam-me o *Samaritano*.

– Certo. Fixe.

– Pois é.

– E o que faz? Anda pelos viadutos a salvar vidas de pessoas?

O sorriso desapareceu. Gabe sentiu um súbito frio impregnar-lhe os ossos.

– Não salvo todas.



O café era pequeno, uma espécie de barracão afastado da estrada no que parecia ser um estaleiro de construção abandonado. Gabe tinha passado por lá umas quantas vezes. A estrada levava a um centro comercial nos arredores da povoação aonde ia de vez em quando comprar mantimentos.

Sempre pensara que estava fechado, talvez à espera de ser demolido. Nem tinha nome, só uma palavra, «Café», toscamente pintada na parede de madeira com tinta encarnada, que escorrera um pouco, como sangue. Havia dois carros no exterior, um deles sem rodas.

Até o cartaz pendurado do lado de dentro da porta dizia «Fechado». No entanto, quando Gabe a empurrou, depois de contornar os detritos e tijolos partidos que formavam um caminho, a porta cedeu com um rangido dorido.

A luz no interior era tão fraca que teve de esperar um instante que os olhos se adaptassem. Havia mesas dispostas em filas de ambos os lados de um pequeno espaço quadrado. Ao fundo havia uma janela de serviço e uma cozinha. As lâmpadas emitiam uma luz fraca. Viu um único outro cliente sentado a uma mesa no canto mais afastado, quase a confundir-se com as sombras.

Gabe tinha passado uma boa porção de tempo a conduzir antes de fazer a chamada, a dar voltas às coisas na cabeça, a amassá-las como se fossem massa de pão. Podia ir à polícia com a fotografia, ou eles limitar-se-iam a despachá-lo,

tomar nota das suas declarações e logo a seguir arquivá-las no destruidor de papel? Parecera-lhe já ouvir o tom calmo, condescendente.

Está a sugerir que o seu sogro falsificou uma fotografia da morgue?

Não será mais provável que esteja enganado? O gato deve ter arranhado a sua filha noutra manhã qualquer.

E então a voz do *Samaritano*: *Não é uma prova.*

Não, pensara. A prova estava nos restos putrefactos do homem no carro. Era ele quem tinha todas as respostas, mas a única coisa que estava agora a dar era gases fedorentos. O que deixava a Bíblia e o bloco-notas. *Os Outros.* Que diabo significava aquilo, se era que significava alguma coisa? Estariam as palavras que encontrara no bloco-notas ao riscar a página relacionadas, ou estava só a tentar ligar agulhas num palheiro que ele fizera?

A quem podia perguntar? Não à polícia. E de súbito um pensamento deu-lhe um murro no estômago.

Havia uma pessoa que provavelmente sabia *mais* do que a polícia a respeito de actividades criminosas, do lado negro da vida. Se alguém sabia o que aquelas duas palavras significavam, tinha de ser ele.

Gabe aproximou-se da mesa.

– Convidas-me sempre para os lugares mais chiques.

O *Samaritano* ergueu o olhar. Àquela luz baça, os seus olhos pareciam buracos vazios.

– Não digas mal da tasca. É minha.

– És o dono disto?

– Chama-lhe o meu fundo de reforma.

O *Samaritano* devia ter apanhado a expressão de dúvida de Gabe.

– É um trabalho em curso.

Gabe não pôde impedir-se de pensar se não seria mais um trabalho de lavagem de dinheiro, mas teve a sensatez de não o dizer. Nunca fazia perguntas a respeito dos negócios ou da vida do *Samaritano*. Tinha o pressentimento de que não ia gostar das respostas. E não eram necessários grandes voos de imaginação para assumir que um homem que trabalhava de noite, andava armado, passeava por bosques desertos e recusava divulgar o seu verdadeiro nome não era o *Pai Natal*.

Além disso, o *Samaritano* era seu amigo, mais ou menos. Talvez o único amigo que tinha. E quem era ele para julgar? Todos somos capazes do bom e do

mau. Muito poucos nos atrevemos a mostrar ao mundo o nosso verdadeiro rosto. Tememos que o mundo olhe para nós e grite.

– Posso beber um café?

– Se o fizeres. A cafeteira está no balcão. O instantâneo no armário à tua esquerda. Não há leite.

Gabe foi até atrás do balcão, ligou a cafeteira, encontrou duas canecas pouco limpas no lava-louça, juntou café instantâneo e água quente. Mexeu-o com uma colher cheia de manchas tirada do escorredouro e levou as canecas para a mesa.

– Estou a ver que só o melhor te satisfaz.

O *Samaritano* não sorriu.

– Querias falar a respeito de Os Outros.

Ia então ser assim, direito ao assunto. Por vezes, Gabe perguntava-se se a sua percepção de amizade seria mais unilateral do que queria admitir.

– Ouviste o nome?

– Como o ouviste *tu*?

Gabe procurou no saco e tirou de lá o bloco-notas. Mostrou ao *Samaritano* a página com as palavras marcadas.

– Encontrei-o escrito aqui. Não tinha a certeza de significarem qualquer coisa, mas…

– Queima-o.

– O quê?

– Pega no bloco, queima-o e esquece que viste essas palavras.

Gabe ficou a olhar para o *Samaritano*. Era a primeira vez que o via menos que composto. Parecia até – e a ideia era quase inacreditável – abalado. O pensamento perturbou-o.

– Por que havia de fazer uma coisa dessas?

– Porque não queres chegar nem perto dessa merda, acredita em mim.

– Fá-lo-ei se me ajudar a encontrar a Izzy.

– Tens a certeza?

– Tenho a certeza.

– Também tinhas a certeza de que querias saltar.

– Isto é diferente.

– Não, não é.

– Já te disse, sempre pensei que o Harry se tinha enganado na identificação. Agora tenho a certeza de que mentiu de propósito. E continua a mentir. É até possível que saiba quem levou a Izzy. Mas não tenho provas. Se isto está de alguma maneira ligado, se pode ajudar-me a perceber alguma coisa, preciso de saber.

Outra longa pausa. O *Samaritano* pegou na caneca de café e bebeu um pequeno gole. Suspirou.

– Já ouviste falar da *Dark Web*?

Gabe sentiu a pele arrepiar-se. Claro que tinha. Qualquer pai ou parente que tivesse perdido alguém acabava, mais tarde ou mais cedo, por ouvir falar da *Dark Web*. O vasto mundo subterrâneo da internet, que englobava tudo o que não passava pelos motores de busca convencionais. O lugar escondido por baixo do brilho da *Web* oficial.

Era com frequência usado por pessoas que pura e simplesmente não confiavam na net normal. Mas também por aqueles que queriam agir à margem da lei. Como qualquer lugar fundo e escuro, era lá que o lixo e os sedimentos assentavam. Pornografia infantil. *Sites* de pedofilia. Assassínios de crianças filmados ao vivo e a cores.

Era o sítio onde todos os pais que tinham perdido um filho temiam que ele fosse parar. Ao contrário do que a maior parte das pessoas pensava, não era assim tão difícil aceder-lhe. Bastava ter uma coisa chamada pacote Tor (uma maneira de esconder o ISP do utilizador). Mas uma vez dentro, era preciso saber o que se procurava. *Links* específicos que podiam ser apenas um conjunto aleatório de letras e algarismos. Era um pouco como procurar uma casa sem o nome da rua, o número da porta e uma chave num bairro cheio de becos sem saída e portas de aço trancadas atrás das quais esperavam sabia-se lá que horrores.

– Sim – acabou por dizer. – Já ouvi falar.

– É lá que podes encontrar Os Outros.

– Num *website*?

– Mais uma comunidade onde podes contactar pessoas como tu.

– Que espécie de pessoas como eu?

– Pessoas que perderam entes queridos.

Gabe franziu a testa. Não era daquilo que estava à espera.

– E porquê na *Dark Web*?

– Imagina que a polícia encontrou a pessoa que matou a tua mulher e raptou a tua filha. Imagina que essa pessoa se safa graças a um pormenor qualquer do processo legal. Anda por aí à solta, culpada como um raio. Que farias?

– Provavelmente quereria matá-la.

O *Samaritano* assentiu com a cabeça.

– Mas não o farias. Porque não és um assassino. De modo que te sentes furioso, impotente, indefeso. Há montes de pessoas que se sentem assim. Talvez um tipo tenha violado a tua filha, mas a polícia diga que foi consensual. Talvez um condutor tenha atropelado a tua mãe, mas tudo o que lhe acontece é ficar sem carta de condução. Talvez um médico seja negligente e o teu filho morra, mas o mal dele é apanhar uma repreensão. A vida não é justa. As pessoas vulgares nem sempre conseguem justiça.

«Agora imagina que alguém te oferece uma possibilidade de corrigir esse erro. Uma maneira de fazer essas pessoas pagar, fazê-las sofrer como tu sofres. Nunca sujas as mãos. Nunca és relacionado.

Gabe sentia a garganta seca. Bebericou o café.

– É então um lugar onde se pode alugar vigilantes, homens-de-mão?

– De certo modo. Algumas das pessoas envolvidas são profissionais. Mas é raro haver dinheiro a mudar de mãos. É mais um pagamento em género. *Quid pro quo*. Pedes um favor, ficas a dever um favor.

– Como *O Desconhecido do Expresso-Norte*?

– O quê?

– É um filme em que dois desconhecidos se encontram por acaso e aceitam cometer um assassínio um pelo outro. Ambos terão um álibi. Ninguém irá ligar um estranho aleatório ao crime.

– Mais ou menos. Só que estamos a falar de *centenas* de estranhos aleatórios. Toda a gente tem uma utilidade e toda a gente tem um preço. É assim que Os Outros funcionam. Pedes a ajuda deles, vão pedir-te alguma coisa em troca. Poderá ser uma pequena coisa. Podem nem cobrar logo o favor. Mas fá-lo-ão. E é melhor teres a certeza de que estás à altura de o pagar.

Gabe recordou mais uma vez as passagens sublinhadas na Bíblia.

«*Mas se houver morte, pagarás vida por vida, olho por olho, dente por dente.*»

– Que acontece a quem não paga?

Os olhos do *Samaritano* perfuraram-no como balas.
– É melhor fugir. Para o mais longe e o mais depressa que puder.

Capítulo 23

Fran não acreditava em voltar atrás. Mas não tinha alternativa. Tinha-se esforçado tanto, tinha tentado com tanto empenho manter as peças juntas. Pelas duas. Mas agora sentia que as orlas se esfiapavam, as costuras começavam a dar de si.

Na noite anterior tivera outra vez o sonho, o que julgava ter conseguido afogar nas lodosas profundezas da sua psique envolto em pesadas correntes de negação. Mas as correntes não eram suficientemente fortes nem pesadas o suficiente. Aqueles pensamentos negros e inchados – culpa, recriminação, remorso – teimavam em vir à superfície.

O funeral, a menina no caixão. Com o vestido errado. Mas dessa vez, quando ela se aproximara, a garotinha sentara-se e abrira os olhos.

Por que me deixaste, mamã? Por que não voltaste? Está escuro e eu tenho medo, mamã!

A garotinha estendera as mãos e Fran voltara-se e tornara a fugir, a correr pelo meio da congregação que já não era composta por enlutados vestidos de preto e sim por corvos enormes que batiam as asas e grasnavam quando ela passava.

Cruel, cruel. Cruel, cruel.

Mas não sou, queria dizer. Salvara-a. Se não tivesse fugido teriam morrido as duas. Sacrificara tudo para a salvar. E nunca permitiria que lha tirassem.

Era por isso que, apesar de todos os seus terminais nervosos lhe gritarem que era uma má decisão, estava a ir na direcção errada, tinha de fazer aquilo. Não tinha alternativa.



– Pensei que íamos para a Escócia – dissera Alice quando se meteram no carro e se dirigiram para sul, na M1.

– E íamos. Mas isto é importante, Alice. É uma coisa que preciso de fazer… para nos manter a salvo, *okay*?

Alice assentira.

– *Okay*.

O que Fran não acrescentara fora que era uma coisa que tinha de fazer sozinha. Mas, mais uma vez, não tinha alternativa. E talvez, só talvez, fosse uma boa diversão. Era a última coisa que iam esperar dela. A última pessoa que iam esperar que visitasse e de certeza a última pessoa que *queria* visitar.



Estavam naquele momento a mais de uma hora da área de serviço. Quase de volta ao sítio de onde tinham partido. O seu destino ficava a meia hora de distância. Mas era como se estivesse a voltar atrás no tempo. Tinham passado nove anos desde que partira. Desde a terrível noite que esfrangalhara a sua família. Talvez a sua família fosse frágil. A maior parte era. O sangue pode ser mais espesso do que a água, mas é uma substância inútil para manter seja o que for unido.

O pai fora a única constante, e depois de ele ter desaparecido, elas tinham ficado à deriva. Sem âncora, sem nada que as impedisse de flutuar cada vez para mais longe uma da outra. Ou, no caso da mãe, cada vez mais para o fundo de uma garrafa.

O desgosto de Fran infectara e crescera. Uma escuridão constante na orla da visão. Por vezes o sentimento era tão intenso que lhe parecia que podia estender a mão e tocar na nuvem negra que a rodeava, a latejar de dor, raiva e ressentimento. Mesmo quando tinham apanhado a pessoa responsável, não fora o suficiente. Não aliviara a dor constante lá dentro.

E então, alguém lhe oferecera uma solução.

Pouco depois, quando descobrira que estava grávida – um estúpido percalço originado pelo álcool – decidira ir embora. Nunca se considerara verdadeiramente maternal, mas a partir do momento em que soubera que tinha um minúsculo ser humano a crescer-lhe no ventre ansiara amá-lo e protegê-lo.

Não falara à família dos seus planos. Arranjara outro emprego, noutra cidade, e partira. No dia do funeral do papá. Um novo começo, pôr o que tinha feito para trás das costas. Pelo menos, fora o que dissera a si mesma. Mudara-se várias vezes desde então; fizera vários novos começos. Para sua infelicidade, a bagagem

que transportava não era das que se podem deixar na estação. Era mais como uma sombra, e ninguém consegue escapar à sua sombra.

– Não é aqui que temos de virar? Disseste que era esta saída.

– *Merda!*

Alice lançou-lhe um olhar reprovador.

– Desculpa. Tento na língua. Eu sei.

Fez sinal e guinou por entre o tráfego em direcção à saída. Raios. Estava a ficar stressada, a ficar desleixada, e ainda nem tinham chegado. Já começava a sentir a familiar pressão da ansiedade. Nem tinha pensado muito bem no que ia fazer quando *chegassem*. O que diria. Como lidaria com as coisas. Nada daquilo estava planeado.

Mas a verdade era que não se podia fazer planos para tudo. Não se podia fazer planos para um ano de chuva intensa seguido por três invernos secos, que tinham feito descer os níveis da água. Ou adivinhar que ia ser construída uma nova urbanização e os terrenos à volta drenados. E muito menos prever que *ele* ia encontrar o carro. De todas as pessoas. *Como?* Como soubera onde procurar?

Olhou para Alice. Estava voltada para a janela, com a habitual expressão perdida no olhar enquanto mexia no saco que tinha no colo. *Clique-claque. Clique-claque.* A concha da banheira tinha desaparecido, acrescentada à colecção de Alice. *De onde viriam?,* voltou a pensar. Quem era a rapariga na praia e o que queria? *O* Homem da Areia *vem aí.* Por que seria que a frase soava tão ameaçadora?

Mais uma coisa com que se preocupar. Porque, se podia proteger Alice ali, no mundo acordado, como devia protegê-la dos seus sonhos, do seu subconsciente? Aí não podia mantê-la a salvo. E isso assustava-a mais do que qualquer outra coisa.

Tentou sacudir a sensação de agitação. Concentrar-se na estrada. Na tarefa entre mãos. Estavam a chegar aos arredores da aldeia. A área onde tinha crescido. Um lugar que conhecera bem. Mas tinha mudado. Reparou num sinal a indicar uma câmara de controlo de velocidade. A última coisa de que precisava agora era ser apanhada em filme.

Aquilo era uma má ideia, voltou a pensar. Uma ideia mesmo muito má. Mas não tinha outra melhor. E de certeza não uma que fosse boa.

Passaram o sinal para Barton Marsh, geminada com… quem porra queria saber? Era um triste aglomerado de, em tempos desejáveis, moradias isoladas. Quando desejável significava uniforme e sensaborão. O verniz gastara-se muito antes de ela ter partido. Agora era um sonolento depósito de reformados que recusavam mudar para casas mais pequenas e passavam os dias a cuidar de jardins que excediam as suas forças, a implicar por causa dos lugares de estacionamento e, aos domingos, a lavar os carros. Como o papá, pensou com uma pontada de dor.

Era fácil distinguir a casa. A relva estava aparada, mas os canteiros vazios e nus. O cesto de flores pendurado do lado de fora da porta da frente estava não só morto mas praticamente mumificado. As janelas de caixilhos de alumínio estavam sujas e as cortinas de *crochet* estavam amarelecidas. No caminho de acesso estava parado um pequeno *Toyota* com uma mossa no guarda-lamas.

Fran observou tudo isto enquanto passava em frente da casa e ia estacionar do outro lado da esquina, um pouco mais acima. Teve o pressentimento de que, tal como ela, os vizinhos eram do género de reparar em carros estranhos que aparecessem de visita.

– *Okay* – disse, no que esperou ser uma voz jovial. – Vamos.

Apeou-se do carro. Alice lançou-lhe um olhar curioso, mas pegou no saco dos seixos e seguiu-a. Fran olhou em redor, à procura de qualquer coisa estranha, fora do lugar. Todas as outras casas pareciam sossegadas. Ouviu, vindo de algures, o ladrar de um cão pequeno. Mais longe, o zumbido de um cortador de relva. Os sons normais dos subúrbios. Não contribuiu em nada para afrouxar o nó apertado que tinha no estômago.

Dobraram a esquina e subiram o caminho de acesso ao número 41. Quanto mais se aproximavam mais as entranhas lhe diziam que fizesse meia volta e se fosse embora. Mas tinha um trabalho para fazer. Um problema a resolver… e não podia levar Alice consigo. Alice não sabia nada a respeito do carro ou do homem. Ou do que ela fora forçada a fazer.

Tocou à campainha. Esperaram. Alice olhava em redor com escassa curiosidade. Fran tornou a premir o botão da campainha. *Vá lá. Eu sei que estás em casa. O carro está aqui. Vá lá.*

Por fim, ouviu movimento no interior. Um lento arrastar de pés, uma praga resmungada. Ouviu o tilintar de correntes e a porta abriu-se devagar

Fran olhou para a idosa no umbral. O impecável rolo de cabelo louro, a maquilhagem cuidada, as blusas e as calças elegantes. O manter das aparências. Tudo isso tinha desaparecido.

Aquela mulher era esquelética e encurvada. Os cabelos eram de um amarelo-sujo com cinzento a aparecer nas raízes. Não usava maquilhagem e vestia um velho roupão sobre umas *leggings* amarrotadas. Fran sentiu o cheiro a vinho azedo.

Jesus! As coisas estavam muito piores do que esperara.

A mulher olhou para ela de pálpebras semicerradas.

– Sim?

Fran engoliu em seco.

– Olá, mamã.

Devagar, os olhos da mulher abriram-se numa expressão de reconhecimento.

– Francesca?

Então o seu olhar mudou para a rapariguinha de cabelos escuros que estava ao lado de Fran. Levou à garganta a mão sulcada de grossas veias

– E esta quem é?

Fran sentiu a garganta apertada.

– É a Alice. – Pegou na mão de Alice e apertou-a. Um sinal silencioso. – A sua neta.

Dorme. Uma rapariga pálida num quarto branco. Miriam está sentada no cadeirão de braços junto dela. O chá tinha arrefecido no bule e os bolinhos estavam duros.

Passado um instante, pega na mão da rapariga. Os fisioterapeutas vêm com regularidade certificar-se de que os membros e as mãos conservam a mobilidade, que os dedos não se enrolam sobre as palmas. Mas Miriam sente a rigidez das articulações. Por debaixo dos lençóis engomados, o corpo é frágil e minúsculo como o de uma criança.

A cara da rapariga está calma e lisa, como alabastro. Não há rugas de preocupação a marcar-lhe a testa nem linhas de riso nos cantos dos olhos. Há anos que não franze a testa ou ri ou chora. O mais certo é nunca mais o fazer. Alguns doentes num estado vegetativo permanente conseguem fazer expressões faciais, ruídos, abrir e fechar os olhos, mas esta rapariga não. Permanece petrificada. Encurralada num corpo que quase não envelheceu.

Miriam pensa que seria mais caridoso deixá-la ir. Mas essa é uma decisão que não lhe compete. Não enquanto houver a mais pequena possibilidade de ela ainda ali estar, algures. A rapariga que adorava cantar, que adorava ouvir os sons do mar. A rapariga de que ninguém se lembra, excepto ela. A rapariga que ninguém visita, excepto ele.

Ele nunca fugiu das suas responsabilidades para com a rapariga e a mãe. Todas as semanas, vem sentar-se ao lado da cama. Conversa com ela, lê. E, muitas vezes, ele e Miriam conversam. Apesar de tudo, ela acabou por apreciar aquelas conversas. Nenhum deles tem família ou amigos chegados. Estão ambos presos à rapariga, incapazes de a deixar. E ele nunca falhou uma visita. Nunca chegou atrasado.

Até hoje.

Miriam olha para o relógio. Ele não vem, pensa. Pela primeira vez.

Um arrepio de premonição corre-lhe pela coluna. Alguma coisa aconteceu.

Discute consigo, sem saber muito bem se está a exceder os seus limites… e então pega no telefone.

Capítulo 24

Uma vez Jenny tinha dito a Gabe que um dos seus hábitos muito irritantes (dos quais tinha, ao que parecia, muitos) era a incapacidade de aceitar um conselho. Dar ouvidos à razão. O caminho podia estar salpicado de sinais de aviso e atravessado por fiadas de arame farpado, mas ele continuaria a só acreditar que a piscina era tóxica e estava infestada de tubarões depois de lá mergulhar. De cabeça.

Tinha razão, como a respeito da maior parte das coisas. Se estivesse ali naquele momento, Gabe poderia dizer que o mais irritante dos seus hábitos (dos quais tinha alguns) era ter sempre razão em relação a ele.

Tinha saudades disso. Tinha saudades de muita coisa em Jenny. Não da mesma maneira como tinha saudades de Izzy. A dor era diferente. Não era um enorme buraco negro que tudo engolia e obliterava a luz da sua vida. Era mais como um latejar surdo.

Podia parecer duro. Mas era verdade. O brutal facto era que perder uma mulher e companheira e perder um filho eram coisas diferentes. Ter-se-ia sacrificado por Izzy, e sabia que Jenny faria o mesmo. A desagradável verdade, a que ninguém gostava de admitir, era que, chegando a isso, qualquer deles sacrificaria o outro pela filha. Jenny tê-lo-ia empurrado para a frente de um camião sem pensar duas vezes se isso significasse salvar a vida de Izzy. E isso era óptimo. Isso estava bem. Era assim que devia ser.

Não era que não se amassem. Em tempos, tinham-se amado com fúria, com loucura. Mas o amor apaixonado esmorece sempre. Tem de ser. Como tudo o mais, o amor tem de evoluir. Para sobreviver, precisa de se tornar em brasas em vez de labaredas. Mas mesmo assim é preciso cuidar dele, mantê-lo a emitir calor. Quando o deixamos demasiado ao abandono, durante demasiado tempo, o

fogo apaga-se e deixa-nos a remexer nas cinzas, à procura daquela centelha que outrora tínhamos.

Tinham ambos sido negligentes. A última réstia de calor quase desaparecera e ele sabia que tinham ambos estado a fazer um esforço infrutífero, a lançar gravetos para o lume apagado na vã esperança de o fazer reviver. Era o velho chavão: amava Jenny, mas já não estava apaixonado por ela.

Não era o rosto de Jenny que via quando acordava aos gritos a meio da noite. Era o de Izzy. Por vezes – muitas vezes – sentia-se culpado por isso. E tinha quase a certeza de que se Jenny estivesse ali naquele momento lhe diria: *Espero bem que sim.*

E também lhe diria que não pensasse no que estava a pensar.

Não te aproximes dessa merda. Esquece que ouviste falar disso.

Mas havia os sinais de aviso, o arame farpado, os tubarões…

Depois de ter deixado o *Samaritano*, voltara à Newton Green Services, sentara-se no café e tirara o portátil da bolsa. Desta vez não havia sinais da empregada de rosto bondoso. Talvez fosse melhor assim. Não queria que ela aparecesse junto ao seu ombro e visse o que estava a fazer. Tinha-se sentado de propósito num lugar diferente, escondido no canto mais afastado. Por sorte, o café estava quase vazio. Só um casal de meia-idade e um robusto jovem de cabeça rapada e um blusão fluorescente da Polícia. Polícia de trânsito, pensou Gabe, ainda que regra geral, como as meias, viessem aos pares. Talvez a outra se tivesse perdido na lavandaria.

Voltou a sua atenção para o portátil. Já antes tinha pensado em baixar um *browser* Tor, mas nunca tivera coragem para isso. Parecia-se demasiado com abrir a caixa de Pandora. Além disso, sabia muito pouco de informática. As instruções que descarregara faziam que *parecesse* simples. (Se aquilo fosse um filme, se calhar tinha batido em duas ou três teclas e obtido acesso imediato aos ficheiros da Segurança da Casa Branca.) Na realidade, passou uma boa meia hora a desautorizar e autorizar funções no portátil antes de conseguir instalar o *browser*.

Olhou para o ecrã. *Bem-vindo ao Browser Tor.*

E agora? Experimentou teclar «Os Outros» mas, como era de esperar, não obteve qualquer resultado. Não se navega da *Dark Web*, recordou-se. É preciso

saber o que se procura. Ele não sabia o que procurava. Nem sabia se estava a procurar no sítio certo ou apenas a desperdiçar tempo.

Quase conseguia ouvir Jenny resmungar, num tom de suficiência: *Eu bem te disse.*

A sentir-se frustrado, tirou da bolsa o bloco-notas e a Bíblia. O cheiro bafiento e húmido que as páginas emanavam prendeu-se-lhe na garganta, e as passagens sublinhadas pareciam troçar dele. Perguntou-se mais uma vez por que razão teria o *Homem dos Autocolantes* escolhido aquelas em particular.

E então o pensamento atingiu-o, entrou-lhe de rompante no cérebro com a força de um pequeno aríete.

Não se surfava na *Dark Web*. Muitas vezes os endereços eram apenas um *conjunto aleatório de letras e algarismos*.

E como podia uma pessoa lembrar-se de letras e algarismos aleatórios? Precisava de um sistema. Um sistema que mais ninguém compreendesse, se por acaso tropeçasse nele. Desdobrou o guardanapo. Foi até ao balcão e perguntou ao empregado se lhe emprestava uma esferográfica. O sujeito lançou-lhe um olhar desconfiado, mas entregou-lhe uma.

Gabe voltou ao seu lugar. Anotou no guardanapo as referências da Bíblia:

Êxodo 21: 23-25
Levítico 24: 17-21
Deuteronómio 19: 18-21
Deuteronómio 32: 43

Okay. Os mais óbvios. As iniciais do nome de cada livro. Teclou-as no portátil: *htpp://ELDD.onion.*

Nada.

Voltou a tentar, mas desta vez acrescentou os primeiros números: *http://ELDD21241932.onion*

Nada.

Sentiu o optimismo desvanecer-se. Talvez o *Homem dos Autocolantes* só gostasse das citações. Talvez não tivesse nada a ver com o *website*.

Mesmo assim, mais uma tentativa: *http://E21L24D19D32.onion*.

Premiu *Enter*. Apareceu uma linha azul no alto do ecrã. Correu de um lado ao outro e, quando chegou ao fim, abriu-se uma página.

OS OUTROS

«Merda.»

Ou talvez «grande merda». Não acreditara de verdade que funcionasse. Ficou a olhar para a inócua *home page*. Letras brancas num fundo negro. Um pouco como uma ardósia.

Por baixo do nome do *website*, em letras mais pequenas, uma caixa de diálogo dizia: «Introduzir *Password*».

Gabe olhou para a linha de referências. Valia a pena tentar.

2325172118213243

Premiu *Enter*. Apareceu outra página.

BEM-VINDO A OS OUTROS

Sabemos o que é dor. Sabemos o que é perda. Sabemos o que é injustiça.

Partilhamos a dor… com aqueles que o merecem.

Por baixo desta afirmação de missão havia três *links*:

Chat. Pedido. PMF

Olhou para as palavras, uma sensação desagradável a insinuar-se-lhe no estômago.

PMF

Pareceu-lhe um bom lugar para começar.

P: Por que se chamam Os Outros?

R: Todos pensamos que a tragédia só acontece aos outros. Até que nos acontece a nós. Somos pessoas como você. Pessoas a quem aconteceram coisas horríveis. Encontrámos conforto não em esquecer e perdoar. Mas em nos ajudarmos uns aos outros a encontrar justiça.

P: Que espécie de justiça?

R: Isso depende do indivíduo. Mas o nosso *ethos* é um castigo que corresponda ao crime.

P: E se eu não andar à procura de justiça?

R: Pode usar o nosso painel de mensagens para falar com outros iguais a si. No entanto, a maior parte das pessoas chega ao nosso *site* por convite. Se nos encontrou, é porque já precisa de nós.

P: Isto é um *website* para vigilantes?

R: De modo nenhum. Somos pessoas vulgares. No entanto, descobrimos que ao ligarmo-nos uns aos outros temos a possibilidade de usar os nossos talentos, conhecimentos e conexões particulares. Os Outros reúnem estes recursos para satisfazer os Pedidos que nos chegam.

P: Tenho de pagar?

R: Não há dinheiro envolvido. Desse modo os nossos serviços estão acessíveis a todos, não apenas aos que dispõem de meios financeiros. Usamos um sistema de *quid pro quo*. Pedidos e Favores.

P: Como funciona?

R: Se quiser fazer um Pedido, visite a página Pedidos. Ser-lhe-á solicitado que apresente um formulário a explicar a sua situação e o que pretende. Demoraremos 24 horas a considerar o seu Pedido. Durante esse tempo, poderá corrigir ou anular o seu pedido.

Ao fim de 24 horas, se considerarmos o seu Pedido aceitável, receberá uma confirmação de que foi activado. Uma vez activado, um Pedido não pode ser corrigido ou anulado. Não será necessária mais correspondência. Pode ter a certeza, a menos que intervenham circunstâncias excepcionais, de que todos os Pedidos são satisfeitos.

Quando o Pedido for satisfeito, será notificado. Ficará a dever-nos um Favor. Este Favor poderá ser cobrado a qualquer momento. Uma vez pago o seu Favor, não terá mais qualquer obrigação para com Os Outros.

P: E se eu não pagar o Favor?

R. Tentamos sempre certificar-nos de que o pagamento do Favor se situa no âmbito das suas capacidades e disposição. Não pagar um Favor ameaça a integridade do nosso *site*. É por isso que temos estabelecidas medidas para garantir que isso não acontece.

P: Posso pedir que alguém seja morto?

R: Se o seu pedido for aceitável, e a menos que intervenham circunstâncias excepcionais, satisfazemos todos os Pedidos.

Gabe ficou a olhar para o ecrã.

Satisfazemos todos os Pedidos.

Jesus!

Estendeu a mão para a chávena de café e bebeu um gole. Tinha a cabeça a andar à roda. Talvez o *Samaritano* tivesse razão. Não queria chegar perto daquilo. Não queria ter nada a ver com aquilo.

Por outro lado, o *Homem dos Autocolantes* fizera parte daquela coisa. E tinha levado Izzy. Tinha de haver uma ligação. A polícia acreditava que a mulher e a filha dele tinham sido mortas durante um roubo que correra mal. Mas havia inconsistências. Nada fora roubado, nem dinheiro. A pessoa que alertara a polícia para a presença de um intruso em sua casa nunca fora encontrada. E se houvesse ali mais do que parecia? E se a sua família tivesse sido um alvo deliberado?

Mas porquê? E que tinha Harry a ver com aquilo? Por que razão era tão importante para ele convencê-lo de que Izzy estava morta? Havia ainda tantas coisas que não faziam sentido.

Suspirou e esfregou os olhos. O telemóvel deu sinal de mensagem. Pegou-lhe, meio à espera de que fosse o *Samaritano* a saber dele.

Não era. Era pior.

Olhou para a mensagem e sentiu o estômago cair do alto de um precipício.

Hoje a Isabella teve saudades suas.

Capítulo 25

Fran deixou-se ficar à porta da cozinha enquanto a mãe fazia chá. Alice tinha-se instalado no sofá da sala. Em cima da mesa de café havia um copo de concentrado de laranja e um prato com biscoitos. O xarope de laranja tinha assentado no fundo do copo. Fran apostava que se desse uma dentada num dos biscoitos ia achá-lo húmido e mole. Pequenos pormenores. Como a terra à volta do tapete. As teias de aranha nos cantos da sala. A tremura das mãos da mãe.

– Devias ter telefonado – disse a mãe. – Não tive oportunidade de fazer uma limpeza, arranjar-me um pouco.

Mentira, pensou Fran. Não tinha tido oportunidade de começar a beber naquele dia e agora a visita ia obrigá-la a adiar.

– Peço desculpa. Estávamos aqui perto e lembrámo-nos de passar por cá.

– *Passar por cá?* – A mãe voltou-se, os olhos de súbito em alerta. – Não *passas por cá* há mais de nove anos. Nem sequer sabia que tinha uma neta.

Apesar dela, apesar de tudo, Fran sentiu uma pontada de culpa.

– Lamento muito.

– Lamentas? – cuspiu a mãe, furiosa. – Desapareces sem uma palavra, não telefonas nem mandas uma mensagem durante todo este tempo. Cortas-nos da tua vida. E agora reapareces, assim sem mais. Que se passa de verdade, Fran?

– É complicado.

A mãe franziu os lábios. As chávenas e os pires chocalharam quando os emparelhou.

– Se é dinheiro que queres, não tenho nenhum.

Pois não, pensou Fran. *Deves tê-lo gasto todo na bebida.* Engoliu as palavras. Em vez daquilo, disse:

– Há uma coisa que tenho de fazer. Preciso de alguém que fique com a Alice, só por uma ou duas horas.

– E não tinhas mais ninguém a quem pudesses pedir?

Fran não respondeu. De que servia mentir?

A mãe abanou a cabeça, as lágrimas a subirem-lhe aos olhos raiados de sangue.

– Sei o que pensas de mim. Mas não achas que merecia uma oportunidade de conhecer a minha neta mais velha?

Fran queria responder que ela nunca tinha feito o mais pequeno esforço para conhecer a filha mais velha. E os outros netos? De longe em longe, quando Alice estava na cama, procurava as irmãs nas redes sociais. Sabia que Katie tinha dois filhos e Lou uma menina. Estava disposta a apostar que a mãe também nunca as via. Mas não era o momento mais adequado para começar uma discussão.

Limitou-se a repetir:

– Lamento muito.

A mãe voltou-se e atravessou a cozinha. Espreitou pela porta aberta para a sala de estar, onde Alice continuava sentada, agarrada ao saco de seixos que tinha no colo. Fran reteve a respiração. Sabia que era uma hipótese remota. Se tivessem de sair, ia ter de arranjar outra maneira…

Então a mãe voltou-se, com um sorriso triste.

– Suponho que temos de fazer o melhor com aquilo que temos, não é?

Entrou na sala e foi sentar-se ao lado de Alice, que teve um pequeno sobressalto.

– Gostas de fazer *puzzles*, Alice? Acho que ainda tenho alguns por aí algures.

Alice relanceou um olhar a Fran. Fran fez um pequeno aceno de cabeça. Alice olhou para a avó e sorriu.

– Sim, gostaria muito.

Fran sentiu o coração amolecer. Pegou nas chaves do carro.

– Não demoro nada.

O céu lá fora estava pesado de gordas nuvens negras, o vento picava como agulhas. Fran pôs o aquecimento do carro no máximo.

Havia uma garagem a cerca de três quilómetros da estrada principal. Passou para lá dela e virou num desvio cinquenta metros mais à frente. Então voltou à garagem, onde comprou um *jerrycan* de gasolina, murmurando qualquer coisa no género «sou mesmo parva», ao adolescente desinteressado que estava atrás do balcão e levou-o para o carro. Esperava que fosse o suficiente. Em seguida,

conduziu até Sainsbury's. Comprou fósforos e meia dúzia de *T-shirts* baratas, que planeava rasgar em tiras. E voltou a arrancar. Olhou para o relógio. Quase quarenta minutos, até ao momento. Sentiu um aperto no estômago.

Pensar em Alice, fora da sua vista, estava a enervá-la. Tinha de fazer aquilo. Depressa. Demoraria só quinze minutos a chegar ao seu destino. Com sorte, não mais de dez minutos a fazer o que tinha de fazer, e voltar para trás. Com sorte.

Fez sinal à esquerda. Ao cabo de dez minutos, viu a quinta e o espaço de descanso à direita. Parou, abriu o porta-bagagens e tirou as coisas de que precisava. Ouviu um carro ao longe. Recuou para entre as árvores. Um *Fiesta* azul passou a acelerar. Era óbvio que o condutor não sabia que havia câmaras mais adiante na estrada. Bem feito. Com um último olhar em redor, voltou-se e meteu por entre o mato.

Os ramos das árvores estavam encharcados e pingavam grossas gotas de chuva gelada sobre a sua cabeça enquanto avançava. De vez em quando, um ramo caído batia-lhe na cara. O *jerrycan* parecia mais pesado a cada passo que dava.

O mato estava muito mais denso do que se lembrava. Quando era miúda, ela e os amigos costumavam passear por ali de bicicleta. Muito mais do que os pais imaginavam. Na altura, antes da construção da nova urbanização, podia-se chegar ao lago pelo outro lado. Pedalavam através dos campos por um velho trilho equestre. Um caminho difícil cheio de mato com largura à justa para cavalos, ou um carro, com dificuldade.

A mamã e o papá tinham-lhe dito que não fosse brincar para ali, claro. A mamã resmungava que ia ficar toda suja. O papá dizia-lhe que uma criança se tinha afogado no lago, anos antes. Fran não sabia muito bem se acreditava nele, mas não havia dúvidas de que o lago era fundo. Suficientemente fundo para cobrir carrinhos de supermercado… ou qualquer coisa maior.

Mas já não.

Quando emergiu na clareira, conteve a respiração. Jesus! O lago era pouco mais do que um charco. Uma pessoa podia fazer planos e mais planos, mas havia sempre coisas que não era possível prever. Se bem que, para dizer a verdade, afundar o carro ali nunca tivesse feito parte de um plano. Fora um acto de desespero.

Gostaria de dizer que não queria matá-lo. Mas não era verdade. A partir do momento em que tivera a faca de cozinha na mão, soubera o que tinha de fazer.

Sobrevivência. Antes, nunca se julgaria capaz de tal violência. Mas ao longo dos últimos anos fizera uma porção de coisas que nunca se julgara capaz de fazer. Ninguém sabe, até ser empurrado, quais são os seus verdadeiros limites. Até onde somos capazes de ir por aqueles que amamos. Os maiores actos de crueldade nascem do maior amor. Não era uma citação famosa? Ou talvez estivesse a inventá-la. Nos tempos que corriam, já não tinha a certeza.

Mas tinha a certeza de uma coisa: o homem que entrara em casa delas naquela noite fora para as matar, e talvez tivesse as suas razões. Boas razões. Razões que poderia usar para justificar as suas acções. Mas fora descuidado, e Fran estava pronta, à espera. O mais bizarro fora que, quando cravara a faca na carne, não lhe parecera errado, ou estranho, ou assim tão terrível. Parecera-lhe necessário. E então esfaqueara-o outra vez, e outra vez. Para ter a certeza.

Quando ele morrera, o sentido prático assumira o controlo. Enfiara-o no porta-bagagens do velho carro, fora tirar Alice da cama (graças a Deus ela não acordara no meio de tudo aquilo) e dissera-lhe que tinham de partir. Rumaram a sul, evitando estradas principais sempre que possível, e alojaram-se num hotel próximo. Fora obrigada a deixar Alice sozinha por um par de horas enquanto tratava do que era preciso tratar. Um *grande, grande* risco. Que não conseguia decidir-se a repetir. Mas vira a possibilidade de matar dois coelhos de uma cajadada. Desfazer-se do corpo *e* do maldito carro. Conhecia o local perfeito. Onde nunca nenhum dos dois seria encontrado. Ou era o que julgava.

Olhou para o carro, com o porta-bagagens a sair da água lodosa. Ao princípio, ficara espantada por ele o ter encontrado. Agora que ali estava, fazia mais sentido. Era inevitável que alguém acabasse por descobri-lo. Mesmo assim, as probabilidades de *ele* ter tropeçado na carripana continuavam a ser remotas. Muito poucas pessoas visitavam aquele lugar, ou sabiam da sua existência. Alguém devia ter-lhe dito que estava ali. Mas quem?

Uma preocupação para mais tarde. Para já, tinha de certificar-se de que mais ninguém encontrava o carro ou, ainda mais importante, o que estava lá dentro. Engoliu em seco. O mais certo era não restar grande coisa. Lembrava-se de ter despido o homem e queimado as roupas. Um súbito e nauseante encontro com a realidade. Tinha-se esforçado por arrancar a *T-shirt* e os *jeans* aos membros rígidos. A roupa interior estava um pouco suja, e isso causara-lhe um embaraço absurdo, como se tirar-lhe a roupa fosse uma profanação maior do que tirar-lhe

a vida. A visão da pele nua, lívida e glabra, pegajosa de sangue seco, quase a fizera vomitar. Conseguira controlar o estômago e revistara os bolsos. Nem carteira nem identificação. As chaves de um carro (apesar de não haver nenhum estacionado junto à casa deles), que ela atirara para o lago. Mas fora precipitada e entrara em pânico. Desesperada por afastar-se do corpo, do lago escuro, das consequências das suas acções.

Não limpara o carro. Limitara-se a enfiar umas poucas coisas no porta-luvas sem verificar se havia qualquer objecto incriminatório e que pudesse levar a ela e a Alice.

Isso tinha de ser rectificado.

Rasgou as *T-shirts*. Depois desembaraçou-se com gestos rápidos dos ténis e dos *jeans*, pegou nos trapos e na gasolina e entrou na água estagnada. Tinha de fazer aquilo depressa. Fez uma careta e cerrou os dentes. Puxou a porta traseira. A água contrariava-lhe o esforço. Conseguiu abri-la e entalou alguns trapos na junta do banco, que estava seca. Iam pegar fogo. Derramou gasolina sobre os trapos e o banco. Seria o suficiente? Não. Tinha de certificar-se de que o conteúdo do porta-bagagens também ardia. Afastou-se do carro e deu a volta até à traseira. Preparou-se e abriu a tampa.

Foi então que ouviu o chapinhar atrás de si. Voltou-se, uma fracção de segundo demasiado tarde, e qualquer coisa pesada atingiu-a na nuca. Sentiu a cabeça como que a explodir e os joelhos cederam, o *jerrycan* com gasolina escorregou-lhe da mão. Afundou-se, entontecida, na água, que de súbito lhe chegava ao peito. Debateu-se, a agitar debilmente os braços.

Uma figura erguia-se à sua frente. E logo depois o homem tinha as mãos na garganta dela e estava a empurrá-la para baixo, para a água gelada. Tentou lutar. Agarrou-lhe as mãos, mas eram demasiado fortes. Torceu-se e contorceu-se. Pontapeou e sentiu um calcanhar acertar-lhe em cheio nas virilhas. O aperto à volta do pescoço afrouxou. Conseguiu erguer a cabeça acima da superfície, engoliu uma preciosa golfada de ar.

Ele esmurrou-a na cara. Fran voltou a mergulhar, os dedos a apertar ainda com mais força. Arranhou-lhe as mãos com as unhas, mas estava a ficar sem forças. Precisava de ar. Os seus pulmões estavam à beira de explodir. Sentiu os lábios entreabrirem-se, o cérebro desesperado e em conflito. *Não abras a boca.*

Mas preciso de respirar. Aguenta. Não ia morrer naquele charco fedorento. Não podia. Alice esperava por ela e tinha de voltar porque…

Alguma coisa cedeu. Uma dor violenta no pescoço. A cabeça de súbito leve. Já não sentia os pulmões arder porque já não sentia o corpo. Os seus membros flutuavam, inúteis. Não podia lutar. Não podia impedir aquilo. A boca abriu-se-lhe, flácida. E o seu último pensamento enquanto a água entrava foi… *A Alice detesta* puzzles…

Capítulo 26

Gabe tinha tentado convencer Jenny a desistir. Sabia quase de cor o *Grande Livro de Nomes de Raparigas*. Mas ela fora peremptória: «*Quero chamar-lhe Isabella.*»

E tinham feito um acordo. Se fosse uma rapariga, escolhia ela. Se fosse um rapaz, escolhia ele. Gabe achara que aquilo era um pouco sexista, mas por outro lado também sabia que não valia a pena discutir com uma mulher grávida.

Quanto mais ele tentava persuadi-la mais Jenny fazia finca-pé. Era uma coisa que sempre adorara nela. A teimosia. A indisponibilidade para ceder só para agradar ou apaziguar outra pessoa. Mas, naquela questão, teria gostado que se mostrasse um pouco mais flexível.

A maior parte das mulheres não insiste em escolher um nome de que o marido não gosta, fizera notar.

A maior parte das mulheres não tem um marido tão cretino como tu. Que raio Isabella tem de mau, ao fim e ao cabo?

Ele não pudera responder. Não pudera explicar. E de certeza não conseguiria convencer Jenny a mudar de ideias, de modo que tentara convencer-se de que era apenas um nome. Um nome bonito. E era a Isabella *deles*. O bebé deles. Uma pessoa nova.

Claro que quando ela nascera ele esquecera no mesmo instante tudo excepto como era bonita, como era barulhenta, como tudo passara a ser incrível e esgotante a partir do momento em que aquela minúscula criatura se assenhoreara das suas vidas.

Mas mesmo assim optara por chamar-lhe Izzy.

E os pesadelos tinham voltado.

Dissera a si mesmo que era apenas o *stress* da paternidade. Dissera para consigo que era muito natural; nem sabia onde tinha a cabeça. Havia de adaptar-

se. As coisas haviam de acalmar.

Tentara não ouvir a vozinha insistente que lhe dizia que chamar Isabella à sua preciosa menina era um prenúncio de desastre. Pior do que um mau-olhado.

Pôs-se de pé, tão depressa que a chávena de café tombou e derramou borras frias no pires. Como pudera esquecer que dia era? *Dia da visita.* Como era possível não ter ouvido o sinal de lembrete do telemóvel? *Merda, merda, merda*. Juntou as suas coisas e enfiou-as na bolsa. Tinha de ir, já.

Dirigiu-se apressado para a autocaravana e tirou a chave do bolso. Franziu a testa. A porta lateral estava aberta, só uma fresta. Ter-se-ia esquecido de a fechar ou tê-la-ia alguém arrombado? Abriu a porta e entrou.

Estava um homem lá dentro. Calmamente sentado na pequena cama transformada em banco. Mais estranho ainda, Gabe reconheceu-o. Era o jovem polícia que tinha visto na cafetaria, a voar a solo.

A disparidade, a pura bizarria daquilo, deixou-o confuso por um instante.

– Desculpe, mas que…?

O homem levantou-se e deu-lhe um murro na cara. Foi tão repentino, tão inesperado, que Gabe nem teve oportunidade para erguer um braço e defender-se. A sua cabeça saltou para trás e bateu na parede da caravana. As pernas vacilaram. Antes que conseguisse endireitar-se, o homem voltou a esmurrá-lo, na garganta. Gabe arquejou, sufocado, a tentar respirar, a garganta a arder como se alguém lá tivesse despejado carvões em brasa.

O homem pegou na sacola de Gabe.

Não!, tentou ele dizer, mas só lhe saiu um *Nuuurghhhh!*

Estendeu a mão para a sacola, conseguiu agarrar a pega. O homem desferiu outro murro. Gabe esquivou-se inclinando a cabeça para um lado. Puxavam para trás e para a frente, Gabe a encontrar forças no desespero.

O homem recuou o braço e bateu-lhe com força no flanco. Uma dor quente, escaldante. Num gesto instintivo, Gabe levou as mãos ao estômago, largando a sacola. O homem agarrou-a, abriu a porta e saltou para fora. Gabe quis ir atrás dele, mas a dor impediu-o. Caiu no chão. Viu, através da porta aberta, o homem afastar-se com toda a calma.

Tentou agarrar-se à porta para se pôr de pé, falhou-a e tombou para fora da caravana, no asfalto duro. Gritou, agarrado ao flanco, de onde parecia correr

qualquer coisa quente e húmida. O homem já era apenas uma silhueta. Não podia deixá-lo ir. A sacola continha tudo. O portátil, a Bíblia, o bloco-notas, o elástico de cabelo. Tudo o que ele tinha.

Tentou arrastar-se pelo chão, mas a energia estava a esvair-se dele. Rolou até ficar deitado de costas, a tentar encher os pulmões de ar. Era demasiado espesso, carregado do cheiro a gasolina e gases de escape. O céu era demasiado brilhante. Fechou os olhos. Ouviu gritos, ao longe. Então, mais perto, uma voz:

– Oh, meu Deus… Cristo, que aconteceu?

Não podia responder. A escuridão era calmante. Como um bálsamo. Não haveria mais dor.

Mas a voz era insistente.

– Abra os olhos. Olhe para mim. Vou chamar uma ambulância, mas tem de acordar.

Abriu os olhos. Havia um rosto por cima dele. Familiar. Bonito, mas cansado. A empregada simpática.

– Acho… – Afastou a mão do flanco e ficou a olhar, divertido, para o encarnado que lhe pingava dos dedos. – Acho que fui esfaqueado.

Capítulo 27

Alice esperava. Tentava não dar a impressão de estar à espera. Ou preocupada. Ou com medo. Mas a verdade era que estava. Todas essas coisas, e mais.

Fran já devia ter voltado. Dissera que não demoraria mais de uma hora. Hora e meia, no máximo. Isso fora há mais de duas horas. Tinham esgotado os velhos (e, para ser franca, bastante usados) *puzzles* da velhota e tentado uma conversa mais do que coxa. Fran dissera-lhe o que dizer, mas mesmo assim era difícil, lembrar-se de coisas, tentar não dizer as coisas erradas, como por vezes lhe acontecia esquecer-se de chamar mamã a Fran. Fran ficava sempre muito zangada.

Além disso, havia qualquer coisa na velhota que a assustava um pouco. Sorria demasiado. Alice não gostava daquilo, e não era só por os dentes serem amarelados. E estava muito nervosa. As mãos tremiam-lhe quando tentava encaixar as peças dos *puzzles* no lugar. E também havia aquele cheiro esquisito, azedo, que vinha dela.

Os tremores estavam a deixar Alice cada vez mais enervada. A velha estava sempre a perguntar-lhe se queria mais um refrigerante ou mais alguma coisa para comer, apesar de o seu copo estar ainda meio cheio e ela já se ter forçado a engolir três daqueles biscoitos moles. Por fim, só para a calar disse que sim. Um pouco mais de sumo de laranja, por favor. Isto pareceu fazer a velhota muito feliz, de modo que aproveitou a oportunidade.

– Posso ir à casa de banho, por favor?

– Oh, claro. É lá em cima, a primeira porta à esquerda.

– Obrigada.

Pegou na bolsa, subiu a escada e chegou a um estreito patamar. A porta da casa de banho estava aberta, mas ela não precisava na verdade de lá ir; só precisava de se afastar da velhota por uns instantes. A casa de banho parecia

antiquada, de todos os modos, pintada num tom horrível de verde e com velhos tapetes no chão, gastos e sujos.

Havia outras três portas. A mais próxima estava aberta. Alice espreitou para o interior. Era o quarto da velha. Montes de móveis escuros, uma cama de casal coberta por uma colcha acolchoada. Em cima da mesa-de-cabeceira havia duas fotografias em arrebicadas molduras de prata. Alice hesitou. Não era regra geral uma criança que andasse a meter o nariz pelos cantos. Mas estar ali, naquela casa, despertara-lhe a curiosidade.

Atravessou o chão alcatifado e pegou numa das fotografias. Quatro pessoas no alto de uma falésia, à luz do Sol. Reconheceu a velhota, mais jovem e mais feliz, e Fran, a parecer muito novinha. Mais ou menos da idade que ela tinha agora. Havia outras duas rapariguinhas na fotografia. As irmãs de Fran. Nunca pensara nela como tendo uma família. Tinham sempre sido só as duas. A outra fotografia era da velhota e um homem. O homem tinha cabelos ralos, um grande sorriso e uns olhos azuis com rugas nos cantos. Parecia simpático, pensou. Bondoso.

Pousou a moldura. Ouvia, vindo da cozinha, o tilintar de copos. A mesa-de-cabeceira tinha duas pequenas gavetas. Abriu uma delas. Lenços muito bem dobrados, um boião de *Vicks* e, a espreitar de debaixo dos lenços, o que parecia ser recortes de jornal. Pegou-lhes. Lia bem, mas a letra pequena dos jornais era um pouco difícil. Mesmo assim, conseguiu ler os cabeçalhos.

HOMEM MORTO DURANTE ASSALTO GORADO A SUA CASA

HORROR NOS SUBÚRBIOS

Reconheceu a casa nas fotografias. E o homem que estava na fotografia em cima da mesa-de-cabeceira. Simpático, pensou. Mas morto.

Olhou para os recortes. Então voltou a guardá-los na gaveta e fechou-a. Saiu do quarto e começou a descer a escada. A meio caminho, deteve-se. Ouvia a velhota a falar na cozinha. Por um instante, animou-se. Fran. Tinha voltado. Espreitou por cima do corrimão. Mas a velhota estava sozinha, com um copo de qualquer coisa encarnada numa das mãos e um telefone na outra.

– Sim, está aqui. Não, não penso que a mãe vá voltar. Acho que está metida num sarilho qualquer.

Uma pausa.

– Cerca de oito anos. Podem vir depressa? Obrigada, senhor agente.

A polícia. A estúpida velha tinha chamado a polícia. Tinha de sair dali. Já. Desceu a correr o resto dos degraus e voou para a porta da frente. Fechada à chave. Merda!

Ouviu um grito nas suas costas:

– Alice!

A velha estava à porta da cozinha. Alice olhou em volta, desesperada, e viu a chave na mesa do vestíbulo. Pegou-lhe e enfiou-a na fechadura.

– Pára!

– Não. Chamou a polícia.

A velha moveu-se mais depressa do que ela esperara. Agarrou-lhe um braço.

– Ouve…

– Largue-me!

Libertou o braço com um puxão.

– Volta aqui!

Abriu a porta e saiu aos tropeções. A velha gritava nas suas costas:

– A tua mãe não vai voltar! Abandonou-te. Espera e vais ver.

Alice não esperou. As lágrimas cegavam-na. Não fazia ideia de para onde ia. Mas fez o que lhe tinham dito para fazer, para o que fora treinada a fazer.

Fugiu.

Capítulo 28

– Sete pontos. Nenhum órgão vital. Teve sorte por ter sido só um arranhão.

Gabe olhou para a jovem médica. Magra, com cabelos ruivos brilhantes e um carregado sotaque do Norte. Era difícil perceber se estava ou não a brincar.

– Hã, obrigado – murmurou.

– Claro que, se a sua amiga não o tivesse encontrado, podia ter morrido.

– De um arranhão?

– Choque e perda de sangue com a sua idade podem com frequência levar a paragem cardíaca.

– Bem, obrigado… mais uma vez.

Ela assentiu com um gesto vivo, satisfeita por ele ter percebido a magnitude da sua experiência de quase-morte.

– Preciso de ficar no hospital? – perguntou Gabe.

A médica examinou a papeleta, a debater se uma experiência de «quase-morte» justificava ocupar uma cama por uma noite.

– Vou arranjar-lhe uns antibióticos para levar para casa – disse, e afastou-se apressada.

Gabe recostou-se nas almofadas. A compaixão, pensou, como tudo o mais no SNS, tinha sido cortada até ao osso.

Tinha o flanco a latejar e sentia os pontos arrepanharem-lhe a pele. Sorte. Tinha tido sorte, recordou-se. E a verdade era que a médica tinha razão: se a empregada loura não estivesse a apear-se do carro no momento em que ele caíra da caravana, teria ficado ali estendido durante uns minutos vitais, a esvair-se em sangue. Mas ela vira-o e tapara a ferida com o lenço de pescoço e ligara para o 112. E depois falara com ele, a tentar mantê-lo consciente, até à chegada da ambulância. Chamava-se Katie, dissera-lhe. Um bonito nome.

Devia-lhe a vida. Na realidade, começava a pensar nela como uma espécie de anjo-da-guarda que lhe aparecia nos momentos de necessidade. Ou talvez fossem os analgésicos a falar.

Fechou os olhos e, dessa vez, voltou a ver o homem, a cravar-lhe uma faca no ventre, a afastar-se calmamente com a sua sacola. O polícia da cafetaria. Não podia ser uma coincidência. Ou havia ali um toque de Matrix, ou o homem andara a segui-lo, à espera de uma oportunidade. Mas porquê? A voz do *Samaritano* ecoou-lhe na cabeça.

Esquece que viste essas palavras… não chegues perto dessa merda.

Poderia aquilo estar relacionado com Os Outros? Teria tropeçado sem saber em qualquer coisa importante? Qualquer coisa pela qual valesse a pena atacá-lo? O seu antigo portátil não poderia ser o motivo, mas o *website*? Ou seria o que estava contido no bloco-notas e na Bíblia? Os códigos?

Parecia um tudo-nada rebuscado, mas a verdade era que as últimas vinte e quatro horas tinham sido um mergulho na vertical na toca do coelho. O carro, Harry, as fotografias. Não era a sua rotina habitual de todos os dias. E a pior parte – além de quase ter sido morto – era já não ter nenhuma das coisas que encontrara. O mapa, o bloco-notas, o elástico de cabelo, a Bíblia. Tudo isso desaparecera.

– Senhor Forman?

Abriu os olhos ao ouvir a voz brusca da médica. Não estava sozinha. Havia outra mulher com ela, junto à cama. Quarenta e muitos, *petite,* com cabelos louros curtos e uma expressão de cansaço no rosto. Um rosto que dizia: *A sério? Espera que eu acredite nisso?*

Gabe conhecia aquela expressão até bem de mais. Sentira-a dirigida a si inúmeras vezes durante a investigação ao assassínio da sua família.

Se não fossem os pontos e as drogas, tinha a certeza de que sentiria o estômago afundar-se.

– Gabriel – disse a inspectora Maddock. – Em que se meteu desta vez?

Capítulo 29

Kate limpava mesas, recolhia canecas vazias, enchia outras, sorria, recebia dinheiro e dava o troco. Pelo menos, era o que o seu corpo fazia. A sua mente estava alhures. Divagava em círculos, mas voltava sempre a uma coisa: a visão do homem magro caído no chão, o sangue encarnado-escuro a escorrer-lhe do flanco. O pânico nos olhos. *Déjà vu.* Fazia-lhe lembrar o pai. Demasiado. Com a diferença de que aquele homem estava vivo. Por enquanto.

Quando as pessoas falam de morrer, falam com frequência de paz e aceitação. Não fora o que tinha visto nos olhos mortos do pai. Fora terror, choque, a incapacidade de acreditar que a vida, essa coisa que damos por garantida, que julgamos, iludindo-nos, ser constante e fixa, pode ser-nos tirada, assim sem mais.

Tentamos não pensar na morte. E se pensamos, vemo-la como uma coisa distante e abstracta. Nunca esperamos que nos embosque na nossa garagem numa noite de fim de Primavera. Tal como nos convencemos de que a tragédia nunca baterá à nossa porta porque somos de algum modo especiais e imunes. O pior que pode acontecer só acontece aos outros.

Limpou vigorosamente uma marca pegajosa numa das mesas e então desistiu e pôs-lhe uma ementa em cima. Não parava de perguntar-se como estaria o homem magro. *Gabe.* Ele tinha-lhe dito o nome enquanto esperavam pela ambulância. Supunha que podia ligar para o hospital. Só para ter a certeza de que estava bem. Olhou para o relógio. Faltava só meia hora para acabar o turno. A lufa-lufa da tarde tinha acalmado. Ethan (tinha *quase* a certeza de que era Ethan) estava ocupado ao balcão, a falar com uma cliente bonita.

Enfiou o pano no bolso e dirigiu-se à sala do pessoal. Entrou e tirou o telemóvel do cacifo. Hospitais, pensou. Supunha que o mais próximo seria o Newton General. Googlou o número e ligou.

– Boa tarde, Newton General Hospital.

– Oh, boa tarde. Estou a ligar para saber de um paciente que deu entrada esta tarde. Foi apunhalado.

– Nome?

– Gabe.

– Apelido?

– Oh! – Não sabia o apelido. – Peço desculpa, não sei.

– Receio que não possamos dar informação sobre um paciente sem mais dados.

– Só queria saber se está bem.

Uma pausa.

– Julgo que não deram entrada quaisquer casos mortais.

– Certo. Óptimo. Obrigada.

Desligou a chamada e mordeu o lábio. Não tinha qualquer outra maneira de contactá-lo. Nem apelido. Nem número de telefone. Não… espera. *Tinha* o número de telefone. No folheto de «Desaparecida» que ele lhe dera há séculos. Com a fotografia da filha. ALGUÉM ME VIU? Tinha a certeza de que ainda o tinha algures; parecera-lhe mal deitá-lo fora. Só precisava de voltar a encontrá-lo. Bem, não *precisava*. Podia deixar as coisas por ali. Ele não estava morto. Na verdade, era tudo o que queria saber.

Mas não conseguia livrar-se de uma irritante sensação de desassossego. A preocupação roía-lhe o estômago por dentro. Não acreditava em premonições, nem em nenhum desses disparates. Na manhã em que chegara a casa dos pais para encontrar o pai esmagado contra a parede, não tivera nem um poucochinho que fosse de pressentimento, nem um arrepio, nem uma nuvem a correr pelo céu azul. Nada. Naquele momento, porém, não conseguia afastar a sensação de que alguma coisa má ia acontecer ou já estava a acontecer. Uma semente de inquietação fora plantada e ela sentia-a crescer, lançar raízes.

Ligou para a irmã.

– Sim?

– Olá, Lou. Só queria saber se está tudo bem.

– Porquê?

– Porque sim. Não sei.

Um fundo suspiro.

– Os miúdos estão óptimos. Estão a ver o *Scooby Doo*. Estou a fazer palitos de peixe e batatas fritas para o lanche, como disseste.

– Certo. Óptimo. Obrigada. Até logo.

Desligou e então cedeu à paranóia e ligou para a mãe. Tocou durante tanto tempo que pensou que a chamada iria para o atendedor automático. Talvez a mãe ainda estivesse na cama. Ou talvez já estivesse bêbeda. Ouviu um clique e depois a voz da mãe, irritada:

– Onde estás tu? Liguei-te há horas.

Franziu a testa.

– Mamã? Sou eu, a Katie.

– Katie?

– Quem pensou que seria?

Uma pausa.

– Ela está aí? Foi por isso que ligaste?

– Quem está onde? Estou no trabalho. Está bem?

– Não, claro que não estou. Ela pensa que pode aparecer aqui ao fim destes anos todos… – A mãe interrompeu-se. – Espera. A polícia chegou. Já não era sem tempo.

– A polícia? Porquê?

– Chamei-os quando ela não voltou.

– *Quem,* mamã?

– A tua *irmã*. A Fran. Tenho de ir.

Um abrupto clique e a mãe desligou. Katie ficou a olhar para o telefone.

Fran? Fran tinha voltado? Não. Não era possível. E de certeza a última pessoa que iria visitar seria a mãe. As duas sempre tinham tido um relacionamento espinhoso, mesmo antes de o papá morrer. Depois, nenhuma delas sentira necessidade de manter uma aparência de civilidade. A verdade era que não admirava que Fran tivesse querido ir-se embora, cortar os laços de uma vez por todas. Partira para sempre no dia do funeral do papá.

Mas não antes de lhe dizer. O que tinha feito.

Katie tentou ser racional. Nem sempre se podia confiar no que a mãe dizia quando estava embriagada. Tornava-se paranóica, agressiva. Já tinha chamado a polícia noutras ocasiões, convencida de que os vizinhos a espiavam, que estava alguém a tentar entrar em casa, ou que havia um homem a observá-la. Dera

sempre em nada. Mas daquela vez não lhe parecera *assim* tão bêbeda. Parecera nervosa, tensa. E por que havia de inventar uma história a respeito de Fran?

Katie guardou o telemóvel na bolsa. Não podia esperar pelo fim do turno. Tinha de saber o que estava a acontecer. *Já.* Vestiu o camisolão com capuz, pegou na bolsa e saiu apressada da sala do pessoal.

A fila estava a crescer. A rapariga bonita tinha agora a companhia de um jovem bem-parecido.

– Onde estiveste? – ralhou Ethan.

– Desculpa. Tenho de ir. Emergência familiar.

– *Agora?* Vais deixar-me sozinho?

– É só uma hora. Tu dás conta do recado.

– Deviam pagar-me mais.

– Oh, penso que os trocos que roubas do pote das gorjetas quando julgas que não está ninguém a ver são bónus suficiente.

Katie fez-lhe um sorriso doce e saiu da cafetaria, a tentar ignorar a sensação de que, fosse pelo que fosse, já era demasiado tarde.

Capítulo 30

«Fale-me da última vez que viu a sua filha, senhor Forman.»

«Já lhe disse… foi num carro velho que seguia para norte na M1 entre as saídas 19 e 21.»

«Ambos sabemos que isso não é possível, senhor Forman.»

«Saberemos?»

«Ligou para sua casa às 18 h 13 m. Afirma ter visto a sua filha cerca de dez minutos antes disso, e no entanto sabemos que a essa hora a sua mulher e a sua filha já estavam mortas.»

«Não.» Ele sacudira a cabeça. O esforço fazia-a latejar. Uma dor de cabeça constante que o torturava desde há dias. Pressão. Toda aquela pressão a acumular-se. Por que seria que não o ouviam? Tinham percebido tudo mal. Tudo mal.

«Senhor Forman. Sabemos que isto é difícil.»

«Não, não sabem. Insistem em dizer-me que a minha mulher e a minha filha estão mortas, mas eu vi-a. A minha menina está por aí. Houve um engano.»

«Não há engano nenhum, senhor Forman. Muito bem, pode dizer-me onde esteve entre as quatro e as seis da tarde no dia 11 de Abril?»

Silêncio.

«Não foi trabalhar nesse dia. Onde esteve, então? Podemos rastrear o seu telemóvel, de modo que mais vale dizer-nos. Onde estava quando a sua mulher e a sua filha foram assassinadas?»

A inspectora Maddock olhava para ele com a sua expressão pálida, avaliadora. Não era uma mulher feia, mas havia qualquer coisa na cor insípida dos olhos, no cabelo platinado e na pele pálida que lhe dava um ar gelado. *Como um anjo de pedra*, pensou ele. Sem arestas arredondadas, sem calor. Podia recorrer ao chavão

de que a culpa era do trabalho que fazia, mas Gabe suspeitava que a frieza dela tinha mais a ver com a personalidade do que com a profissão. Apostava que até cumprimentava a mãe com um seco aperto de mão.

– Pois é – disse ela. – Tinha esperado que pegasse naquela sua caravana, embarcado num *ferry* e partido para um lugar qualquer onde faça sol e esteja calor.

– Desistido, quer dizer?

– Seguido em frente.

– Sigo em frente, todos os dias.

Ela mirou-o da cabeça aos pés.

– E o que tem isso feito por si, Gabriel?

Gabe mudou de posição.

– Julgava que uma facada fosse coisa pouca para si. Ou será que a despromoveram dos Homicídios?

– Ná. Mas há pessoas que gosto de acompanhar. Quando o seu nome apareceu no sistema, o assunto foi levado à minha atenção e resolvi fazer uma visita pessoal.

– Ena. Obrigado.

– Não tem de quê. – Pegou num bloco-notas. – O que foi então que aconteceu, ao certo?

Gabe estendeu a mão para o copo de água em cima da mesa-de-cabeceira e bebeu um gole. De repente, tinha a garganta seca.

– Fui atacado.

– Na sua caravana?

– Sim.

– E o assaltante fugiu com a sua sacola, onde tinha o seu portátil, certo?

– Certo.

– É capaz de descrever o assaltante?

– Meio da casa dos vinte. Baixo, entroncado. Vestia um uniforme da polícia.

– Está a dizer que um *agente da polícia* o esfaqueou?

– Não. Estou a dizer que *vestia* um *uniforme* da polícia.

– Não tem ar de ter sido o típico ladrão oportunista.

– Tenho a certeza de que não é.

– Que quer dizer com isso?

– Vi-o na cafetaria, antes do ataque.

Mais notas rabiscadas.

– Muito bem, posso perguntar ao pessoal. Talvez se lembrem dele.

– E as câmaras de vigilância?

– Vamos procurar por esse lado, mas se isto foi planeado, é provável que o seu assaltante saiba como evitar ser apanhado pelas câmaras. – Um olhar mais penetrante. – Acha que era você o alvo? Porquê?

Gabe devolveu-lhe o olhar. Por causa do que ele tinha descoberto. Porque se aproximara demasiado da verdade. De Izzy. E tinha a certeza de que se o dissesse a inspectora Maddock fecharia o bloco-notas e sairia dali para fora. Por outro lado, que tinha ele a perder?

– Encontrei uma coisa. Uma prova de que a Izzy está viva.

– Que prova?

– O carro.

– Encontrou o carro? Onde?

– Tinha sido empurrado para um lago.

– Nesse caso por que não contactou a polícia?

– Nunca acreditaram em mim.

– Não é verdade. Acreditámos que havia um carro. Até temos testemunhas que viram um veículo correspondente à sua descrição a ser conduzido de uma forma errática pela M1 naquela tarde.

– Por que foi então que o condutor não se apresentou?

– Talvez estivesse embriagado. Talvez não tivesse pago o imposto, ou não tivesse seguro. Pode ser pelas mais variadas razões. Mas a questão é: não pode ter sido a Izzy que viu. Era outra garotinha parecida com ela.

– Nesse caso, por que se viu livre do carro?

– Quem sabe? Talvez fosse roubado?

Gabe sentiu a frustração crescer, como das outras vezes. Uma sensação de impotência, como uma criança a tentar dizer a um adulto que as fadas existem de verdade.

– Havia coisas no carro. Um elástico de cabelo igual ao da Izzy. Uma Bíblia com umas estranhas passagens sublinhadas. E um bloco-notas. Tinha qualquer coisa escrito. «Os Outros».

O olhar dela tornou-se ainda mais atento.

– Os Outros?

– Já ouviu esse nome?

Maddock continuou a olhar para ele, avaliadora.

– Essas coisas – disse devagar. – Assumo que estavam na sacola que foi roubada?

– Sim.

– Estou a ver.

– Não, não está. Foi por isso que fui atacado. Queriam destruir as provas.

Um fundo suspiro, com um ligeiro toque de menta e um toque mais forte de cepticismo.

– O que foi? – desafiou-a Gabe. – Acha que estou a inventar isto tudo? Que me esfaqueei?

Ela não respondeu, e de repente Gabe teve a certeza de que era *isso mesmo* que estava a pensar.

Voltou a deixar cair a cabeça na almofada.

– Pelo amor de Deus.

– *Okay* – disse ela. – Diga-me onde está o carro, para que eu possa ao menos mandar alguém para o rebocar para fora do lago.

Ele hesitou. Se lhe dissesse onde estava o carro, iam encontrar o corpo e iam perguntar-lhe por que fora que não referira mais cedo aquele pequeno pormenor de um cadáver em decomposição.

– Não me lembro.

– Não se lembra?

– Não. Não ao certo.

– Encontra por milagre o carro de que tem andado à procura há três anos e não se lembra ao certo onde?

Gabe não respondeu. Dessa vez o bloco-notas fechou-se. A inspectora abanou a cabeça.

– Repouse, senhor Forman. Ficamos por aqui.

Não. Estava perto. Tão perto de conseguir que ela acreditasse. Mas não tinha mais nada, excepto… as fotografias. Estavam na sua carteira, não na sacola do portátil. Ainda tinha as fotografias.

– *Espere!*

O casaco estava pendurado no espaldar de uma das cadeiras de plástico. Rodou as pernas para fora da cama e esticou-se para lhe pegar, a fazer uma careta por causa da repentina pontada de dor no flanco.

– Há mais uma coisa. Tenho isto.

Procurou na carteira, tirou as fotografias e espetou-as na direcção dela. Maddock fez um ligeiro movimento de recuo.

– Onde as arranjou?

Gabe hesitou. Apesar de ter a certeza de que Harry era um filho-da-mãe mentiroso, não queria entregá-lo à polícia. Ainda não.

– Não posso dizer-lhe.

Ela apertou os lábios.

– Parece haver uma porção de coisas que não pode dizer-me.

– Ouça… alguém me enviou as fotografias. Suponho que a intenção era convencer-me de que a Jenny e a Izzy estão mortas, mas foi o contrário. Por causa do arranhão.

Ela examinou as fotografias, de olhos semicerrados.

– Não vejo nenhum arranhão.

– Exacto. Naquela manhã, o nosso gato arranhou a Izzy. Mas não há nenhum arranhão nessa fotografia.

– O gato deve tê-la arranhado noutra manhã qualquer. Está a fazer confusão.

– Não, não estou. Só estou farto de que me chamem mentiroso.

– Ninguém está a chamar-lhe mentiroso. Não obstante o que julga, não sou sua inimiga.

– Pensou que eu era um assassino.

– Para dizer a verdade, nunca acreditei nisso. Não dava. Conduzir até casa, assassinar a sua mulher e a sua filha, limpar-se, voltar para trás pela auto-estrada e telefonar da estação de serviço, evitando por milagre todas as câmaras de tráfego? Não era exequível. E depois houve a chamada anónima.

Gabe também tinha pensado nisso. A chamada a comunicar um assalto na sua casa, momentos antes dos assassínios. Não fora um vizinho. A polícia decidira que tinha sido alguém que ia a passar. Mas nesse caso por que não se identificara?

– E eu a pensar que tinha sido a minha cara honesta – disse.

– Nunca confie numa cara honesta. – Uma pausa. – Claro que, se nos tivesse dito logo no início onde na verdade esteve, teria tornado o nosso trabalho muito mais fácil.

– E também me julgou por isso?

– Foi julgado pelo tribunal e condenado.

– Por favor, não pode investigar as fotografias, verificar com o médico-legista, ou isso? Quer dizer, o Harry foi o único que identificou os corpos. É só a palavra dele.

– E acha que ele mentiu?

– Talvez. Talvez estivesse… enganado.

– E está a sugerir que o seu sogro se enganou ao identificar os corpos da sua mulher e da sua filha.

– Não, só o de Izzy.

– Tem noção de como isso soa a loucura?

– Sim. Absolutamente.

Maddock voltou a pegar nas fotografias. Voltou a examinar a de Izzy. Ele esperou, com o coração a bater. Por fim, a inspectora voltou-se para ele.

– *Okay*. Vou mandar alguém olhar para estas fotografias. Mas primeiro… onde está o carro?

– Não…

– Não me venha com tretas.

Gabe debateu-se. Podia mentir. Dizer que tropeçara nele por acaso. Que não tinha aberto o porta-bagagens.

– Barton Marsh, pela saída 14. Há um espaço para estacionamento a seguir a uma quinta. Siga o trilho até lá chegar.

Ela anotou as indicações.

– Suponho que não está interessado em dizer-me como o encontrou?

– Não.

– Muito bem.

Guardou o bloco-notas no bolso e começou a fazer o mesmo com as fotografias.

– Espere.

– O que foi?

Ele hesitou.

– Essas fotografias. São tudo o que tenho. A única prova.
– E acha que eu sou o género de polícia que perde provas?
– Não, mas…
O «mas» ficou a pairar, carregado de acusação.
– Vai ter de confiar em alguém, a dada altura.
Ele voltou a hesitar, e acabou por assentir.
– Está bem.
Ela guardou as fotografias no bolso.
– Obrigada. Agora, se eu fizer isto por si, pode fazer uma coisa por mim?
– O quê?
– Pense no que lhe disse há pouco. *Siestas*. Beber margaritas ao pôr do Sol.
– Vou pensar nisso.
– Óptimo. Toda a gente merece uma segunda oportunidade.
– Até eu.
– Sobretudo você.

Capítulo 31

Estava um carro da polícia parado em frente da porta da mãe.

Katie estacionou atrás, puxou o travão de mão e apeou-se. Sentia-se como se tivesse o coração e os pulmões a lutar por espaço dentro do peito. Não podia evitá-lo. A visão de um carro da polícia em frente da casa deles. Demasiadas memórias.

Por muito difícil que a mãe fosse, por muito estranho que fosse o relacionamento entre as duas, continuava a preocupar-se com ela, continuava a gostar dela. Só quando perdemos um pai nos apercebemos da magnitude da presença deles nas nossas vidas. Tantas vezes, depois da morte do papá, pegara no telefone para lhe ligar e se detivera a meio da marcação, a lembrar-se de que ele já não lhe responderia do outro lado com um alegre «Olá, querida!». Não era uma ausência temporária. Ele tinha partido. Para sempre. A compreensão deste facto atingiu-a como uma rajada de vento.

Isto não é o mesmo, tentou dizer a si mesma enquanto subia o caminho de acesso. Não é o mesmo. No entanto, a sensação de desassossego que tivera na cafetaria tinha decuplicado. Premiu o botão da campainha. Segundos mais tarde a porta abriu-se.

A mãe estava à sua frente. Parecia mais magra, encovada e velha do que nunca. Olhou para Katie com uma expressão desconfiada.

– Que estás aqui a fazer? Ela ligou-te? Viste-a?

– Mamã. Calma. Estava preocupada consigo, de modo que larguei o emprego e vim directa para cá.

A mãe lançou-lhe um olhar zangado e voltou-lhe as costas.

– É melhor entrares – disse, e afastou-se pelo corredor.

A tentar conter a irritação que lhe mordia os nervos já em franja, Katie seguiu-a até à pequena cozinha pintada de bege. Um jovem agente da polícia, de cara

vermelha e cabelos cor de areia, estava sentado à mesa com um ar embaraçado e uma caneca de chá à frente. Do outro lado da mesa havia uma garrafa de vinho tinto e um copo cheio.

Só uma coisinha para me acalmar os nervos, dissera-lhe quase de certeza a mãe. Katie já tinha ouvido aquela desculpa. Aliás, tinha-as ouvido todas.

– Esta é a Katie, uma das minhas outras filhas – disse a mãe enquanto se deixava cair na outra cadeira e bebia um gole de vinho. O agente da polícia pôs-se de pé e estendeu a mão.

– Agente Manford.

Katie apertou-lha.

– Pode dizer-me o que se passa?

– Isso é o que estávamos a tentar ver.

Katie teve vontade de dizer que a única coisa que a mãe estava a tentar ver era o fundo da maldita garrafa, mas mordeu a língua.

– A minha mãe chamou-o?

– Sim, a senhora Wilson quer comunicar o desaparecimento de uma pessoa.

Katie franziu a testa.

– Quem desapareceu?

– A sua irmã Francesca…

– A minha irmã saiu de casa há anos.

– Esteve cá – disse a mãe. – Hoje.

Katie olhou para ela.

– Tem a certeza?

– Claro que tenho a certeza. Apareceu de repente, sabe-se lá de onde, e voltou a sair.

Katie tentou digerir isto. Fran. De volta. Ao fim de tanto tempo.

– Tem a certeza de que era a Fran?

– Conheço a minha filha.

– Mas agora foi-se embora?

– Sim.

– Bem, continuo a achar que não pode dá-la como desaparecida se ela saiu de sua livre vontade…

– Não quero comunicar o desaparecimento *dela*. Quero lá saber se nunca mais voltar a vê-la. Sempre foi um problema. Tu não te lembras, eras muito nova…

– *Mamã* – interrompeu-a Katie. – Se não quer comunicar o desaparecimento da Fran, por que chamou a polícia?

– Por causa da garotinha.

– Que garotinha?

– A Alice. Ela deixou-a aqui.

– Quem é a Alice?

– A filha da Fran. A minha neta mais velha.

Neta? Katie abriu a boca, voltou a fechá-la. Ia dizer que Fran não tinha nenhuma filha, mas que sabia ela? Não via a irmã há quase dez anos. Até podia ter uma ninhada. Sobrinhos e sobrinhas que nunca conhecera.

– E onde está agora a garotinha?

– *Desaparecida.* É o que tenho estado a tentar dizer-te. Fugiu. Anda por aí sozinha… – A cara da mãe suavizou-se, e por um fugaz instante Katie quase conseguiu ver a mãe que tinha sido. – Temos de encontrá-la. Antes que aconteça alguma desgraça.

Capítulo 32

Estava a escurecer, o céu coberto de pesadas nuvens escuras, quando Gabe saiu – hesitante, a sentir-se dorido e zonzo – do hospital. Levava no bolso analgésicos e um folheto que lhe explicava o que fazer no caso de a ferida começar a sangrar, ficasse inflamada ou a deitar pus amarelo. Para sua surpresa, não era um: «Vai em frente e não ligues.»

Tinha chamado um táxi para o levar à área de serviço onde deixara a caravana. Uma mensagem de texto acabava de avisá-lo de que ia a caminho. Ficou de pé, a tiritar, à porta do hospital, a espreitar para todos os carros que passavam.

Meia dúzia de fumadores de roupão e chinelos tinham-se juntado, um deles a puxar um suporte IV. Algumas pessoas poderiam perguntar-se até que ponto estaria doente alguém capaz de estar ao frio no exterior só para conseguir a sua dose de nicotina. Mas Gabe compreendia.

Todos temos os nossos vícios. Coisas a que damos mais valor do que à vida. Coisas que sabemos que provavelmente vão acabar por matar-nos. De certa maneira, simplificam-nos a vida. Sabemos o que vai dar cabo de nós. Não estamos de olhos tapados. Como Bill Hicks dizia: «Vocês, as pessoas que morrem de coisa nenhuma, é que são o problema.»

Ouviu uma buzina. Ergueu os olhos. Um *Toyota* branco com o logótipo da Ace Cabs colado às três pancadas na porta tinha parado na área de recolha. Dirigiu-se para lá, a arrastar os pés. O condutor era um asiático careca com uma pequena barbicha.

– Para Gabriel? – perguntou Gabe.

– Sim.

Subiu para o carro, com uma pequena careta.

– Newton Green Services, sim?

– Sim. Obrigado.

Acomodou-se no banco e procurou o cinto de segurança.

– Teve um acidente?

– Desculpe?

– Muitas pessoas que recolhemos aqui tiveram acidentes na auto-estrada. É o que fica mais perto, não é?

– Suponho que sim.

– Que aconteceu?

– Só uma batida.

– Sim? Aqui há dias tivemos um velhote que tinha tido um ataque de coração ao volante…

Gabe recostou-se no assento e desligou. Estava cheio de frio e cansado; ossos quebradiços envoltos numa pele fininha. Dava-lhe a impressão de que se passassem por uma lomba se dissolveria em pó. Continuava a perguntar-se se teria feito bem ao falar à inspectora do carro, ao partilhar as fotografias. Receava que o *Samaritano* não ficasse muito feliz. Mas, por outro lado, aquilo não tinha nada a ver com ele. Bocejou. Doeu-lhe. A auto-estrada passava numa mancha de escuridão e luz.

– Onde quer que o deixe?

O táxi entrou no parque da área de serviço. Gabe devia ter dormitado por alguns minutos. O condutor pareceu não se ter apercebido, ou querido saber. Gabe piscou os olhos.

– Hum, pode ir até ao fundo e parar ao lado da caravana *VW*?

– *Okay*.

O táxi rolou até ao sítio onde a caravana continuava estacionada. Gabe teve um momento de pânico. Onde estavam as chaves? Apalpou os bolsos e encontrou-as no de cima, do lado direito, onde nunca as punha.

– Obrigado. Quanto é?

– Dezoito quarenta.

Tinha tido o mesmo susto com a carteira, e então encontrara-a no outro bolso, onde costumava pôr as chaves. Tirou dela uma nota de vinte amarrotada e estendeu-a ao taxista.

– Ficamos nos vinte.

Se calhar não podia dar-se ao luxo de ser tão generoso, mas estava demasiado exausto para querer saber.

– Obrigado, parceiro.

Gabe apeou-se, agarrado ao flanco. Olhou em redor, a sentir-se nervoso. Quando o táxi se afastou, uma parte dele quis gritar ao motorista que voltasse. Que não o deixasse ali sozinho. Uma estupidez, sabia. O parque de estacionamento estava movimentado. Carros chegavam e partiam. Pessoas entravam e saíam do edifício cheio de luzes. Uma mulher magra com um grande labrador castanho andava às voltas numa estreita faixa de relva, a cantar:

– Chichis e cocós. Vá lá, *Bourbon*. Chichis e cocós.

O normal numa área de serviço. Só que já nada lhe parecia normal. Parecia-lhe tudo mais escuro, mais duro, mais suspeito. Nunca antes tinha pensado no perigo de dormir na caravana. Ouvira falar de pessoas assaltadas e roubadas, mas sempre pensara que, sendo um homem com um metro e noventa de altura, estava a salvo. O sacana que lhe espetara uma faca na barriga recordara-lhe que também ele era vulnerável.

– Cão bonito, *Bourbon*!

O cão estava a cagar. A mulher parecia encantada para lá do razoável, e não ia de certeza atacá-lo com um saco cheio de caca. Só precisava de dormir um pouco. Estava cansado e inquieto. E não se tratara de um ataque aleatório, lembrou a si mesmo. O homem já tinha o que queria. Não lhe parecia que fosse voltar.

Abriu a porta da caravana, subiu para o interior e quase imitou o cão quando uma voz disse:

– Tens de fazer alguma coisa em relação a estas fechaduras, meu.

O *Samaritano* bebericou o café amargo que Gabe tinha aquecido no pequeno fogão.

– Como entraste aqui?

– Já te disse… precisas de fechaduras melhores.

– Pregaste-me um susto do caraças.

O *Samaritano* encolheu os ombros.

E então Gabe lembrou-se de outra coisa.

– Como sabias onde me encontrar?

– Tenho os meus métodos.

A quem o dizes, pensou Gabe.

– Ouvi dizer que um idiota qualquer se tinha deixado esfaquear na Newton Green Services. Branco, quarenta e poucos.

– E assumiste que era eu?

– Alguém ia querer matar-te um destes dias. E depois? Que aconteceu?

Gabe contou-lhe.

– Acho que queria as coisas que encontrámos no carro.

O *Samaritano* escutava-o, as compridas pernas cruzadas, o rosto impassível. Quando Gabe acabou, ficou calado durante muito tempo.

– Muito bem – acabou por dizer. – Vamos fazer o seguinte.

– Vamos?

– Queres a minha ajuda ou não?

Gabe sentia muitas vezes que ao aceitar a ajuda do *Samaritano* estava a fazer uma porção de pequenos acordos com o diabo. Mas que alternativa tinha?

Suspirou.

– *Okay*.

– Vais deixar a caravana aqui e instalar-te num hotel.

– Porquê?

– Porque, nesta caravana, és um alvo fácil.

– Mas o homem levou o que queria.

– E tu viste-lhe bem a cara.

– Achas que vai voltar?

O *Samaritano* olhou para ele com a sua expressão insondável.

– Eu voltava.

– Está bem.

– Podes levar o meu carro.

– Tens a certeza?

– É por pouco tempo. Mantém a cabeça baixa e espera notícias minhas.

– E tu?

– Vou ficar aqui. Se o teu homem voltar, estarei à espera dele e teremos uma pequena conversa. Compreendeste?

Gabe assentiu devagar.

– Está bem.

– Não te preocupes. Ele não volta a incomodar-te.

O *Samaritano* recostou-se para trás e sorriu. A estranha pedra brilhante incrustada no dente faiscou. Gabe não conseguiu conter um estremecimento.

Descobrira que era melhor não pensar no que havia para lá daquele sorriso. Tal como tentava não conjecturar a respeito de quem aquele homem era na verdade, da razão por que queria ajudá-lo e o que poderia um dia pedir-lhe em troca.

«*Algumas pessoas chamam-me o* Samaritano.»

Mas por vezes Gabe perguntava-se o que lhe chamariam as outras.

Capítulo 33

Alice estava sentada num balouço do decrépito parque infantil, a empurrar-se devagar para trás e para a frente. Começava a escurecer. As crianças mais novas e os respectivos pais tinham partido, a caminho de casa para jantar, banho e cama. Restava um grupo de adolescentes, a girar demasiado depressa no pequeno carrossel.

Alice manteve a cabeça baixa, a balouçar em silêncio. Ninguém dava muita atenção a uma criança num parque infantil, e ela parecia ter idade suficiente para voltar para casa sozinha. Era o que Fran sempre lhe tinha dito. Esconde-te à vista de todos. Vai para parques infantis ou jardins perto de uma escola. Perto de outras famílias e pais. Para um sítio onde as pessoas estejam à espera de ver crianças, no meio de outras crianças. Se alguém te perguntar onde está a tua mamã, aponta para alguém à distância ou diz que já aí vem. Não saias de lá e espera que eu ligue.

Espera que eu ligue.

Era a outra coisa que Fran costumava sempre dizer-lhe. Se alguma coisa correr mal, se eu não responder à tua mensagem, espera que eu ligue. Não ligues para mim. É demasiado arriscado.

Tinha tentado. Tinha esperado e esperado. O telemóvel no seu colo continuava escuro e silencioso. E então violara a regra. Precisava de ouvir a voz de Fran. Mas a voz que ouviu era automatizada, a dizer-lhe que o número não estava disponível.

Balouçava-se para a frente e para trás, sem parar. O balouço gemia como um animal com dores. Ainda havia tempo, dizia para consigo. Ainda havia tempo. Mesmo quando o céu começou a cuspir uns salpicos e o frio lhe entorpeceu os dedos. Ainda havia tempo. Espera.

Porque não queria pensar no fim da espera. No que aconteceria se parasse. No que isso significava. Na última coisa que Fran lhe tinha dito.

Se eu não ligar, é porque qualquer coisa má aconteceu. Posso estar ferida. Ou morta. Portanto, não ligas para mim. Ligas para este número. E fazes o que planeámos. Está bem?

Lembrava-se de ter feito que sim com a cabeça, a pensar que estava a concordar com uma coisa que nunca ia acontecer. Apesar do que já tinha acontecido. Apesar da coisa muito má de que não deviam nunca falar. A coisa muito má de que ela fingia que não se lembrava. Mas às vezes lembrava-se. Pedaços. Lembrava-se do homem. E do sangue. E da mãe – a sua verdadeira mãe.

Sentira-se segura com Fran. Amava-a, de certa maneira. Não tinha mais ninguém. Mas agora Fran tinha desaparecido e ela estava mais assustada do que alguma vez estivera.

Olhou para o telefone. *Só mais um bocadinho*, disse para consigo. *Só mais um bocadinho.*

Capítulo 34

Katie detestava chegar atrasada para ir buscar os filhos. Sempre lhes prometera que nunca os ia desapontar. Que ia estar sempre disponível para eles.

Já antes de o hábito da bebida ter evoluído para dependência, tinham sido demasiadas as ocasiões em que a mãe chegara de olhos turvados aos portões da escola, a culpar o trânsito ou uma consulta. Katie nunca esquecera a sensação de nervosismo na boca do estômago, a vergonha de ela e Lou serem as últimas que restavam, a ver cheias de inveja as outras crianças serem levadas para casa pelas mamãs, mamãs cujos carros não deviam tilintar com o som de garrafas no porta-bagagens quando dobravam uma esquina.

Katie podia não ter conseguido fazer grande coisa na vida. Mas uma coisa de que *se orgulhava* era de ser uma boa mãe. Sim, tinha cometido erros. Todos os pais cometiam. Mas pusera sempre os filhos em primeiro lugar. Sempre se esforçara ao máximo por lhes dar uma infância feliz e *segura*. Por não deixar que a história se repetisse.

E agora a mãe tinha-o feito uma vez mais, perturbara-lhe a vida, perturbara a vida dos seus filhos. Premiu o botão da campainha da porta de Lou. Ouvia a habitual balbúrdia lá dentro; Mia a chorar, Sam a gritar «A mamã chegou!», Gracie a cantar uma cantiga qualquer do CBeebies.

A porta abriu-se.

– Não estava a contar que demorasses tanto – disse Lou, e afastou-se para a deixar entrar.

– Desculpa. Surgiu uma coisa que tive de tratar.

– A mamã?

Katie hesitou, e então disse:

– Na verdade, a Fran.

Lou ficou a olhar para ela.

– A Fran?

Katie contou-lhe o mais resumidamente que pôde o que tinha acontecido em casa da mãe.

As sobrancelhas de Lou arquearam-se ainda mais.

– A Fran tem uma *filha*?

– Bem, foi o que a mamã disse.

– Não posso crer que nunca nos tenha dito nada. A verdade é que nem percebi por que se foi embora. Quer dizer, todas adorávamos o papá. Não acredito que ela o amasse mais.

– Talvez tivesse as suas razões.

– Talvez.

Katie massajou as têmporas. Sentia uma dor de cabeça começar a insinuar-se.

– Esperemos que apareça e que a polícia encontre a garotinha.

Se houver uma garotinha, pensou.

– Seja como for, é melhor eu levar o Sam e a Gracie para casa.

Entraram na sala e cozinha em plano aberto. Sam estava absorto no seu *iPad*, Gracie e Mia viam o *Gigglebiz*.

– Olá a todos – gorjeou Katie com toda a jovialidade de que foi capaz. – São horas de dizer adeus à tia Lou.

– Vou buscar as coisas deles – disse Lou, e voltou ao vestíbulo.

A irmã estava a ser inusitadamente organizada, pensou Katie. E reparou que também tinha escovado os cabelos e aplicado um pouco de maquilhagem. Perguntou-se porquê. E então viu o colete pendurado no espaldar de uma das cadeiras da cozinha.

Lou reapareceu, a carregar as mochilas e os blusões de Sam e Gracie.

– Quem é ele? – perguntou Katie.

– Desculpa, quem?

Lou era uma péssima mentirosa. Seguiu a direcção do olhar da irmã e os seus ombros descaíram, o rosto adoptou a habitual expressão amuada.

– Hoje não devia ir buscar os teus filhos. Já tinha feito planos. Não podia cancelá-los assim sem mais. Estava a fazer-te um favor.

Katie abriu a boca para argumentar mas sabia que, daquela vez, não tinha razão.

– Devias ter-me dito. Gosto de saber.

– Saber o quê?

Voltaram-se. Steve estava à porta, sem camisa, a pele brilhante da água do duche. Era musculoso e entroncado, com uma cabeça rapada e tatuagens ao longo de um braço. Como sempre, os seus modos eram à primeira vista agradáveis, mas havia qualquer coisa nele de que Katie não gostava. Ou talvez fosse por saber o género de falhados que Lou invariavelmente escolhia e esperar sempre o pior da parte deles.

– Olá, Steve – disse, num tom neutro.

– Tudo bem, Katie? – Sorriu, e Katie teve a certeza de que estava a desfrutar o embaraço dela por vê-lo seminu. Estendeu uma camisa a Lou. – És capaz de ser uma querida e meter isto na máquina de lavar, com o colete?

– Nenhum problema.

Lou pegou na camisa e tirou o colete do espaldar da cadeira. Um colete reflector de alta visibilidade, da polícia.

– Estás a sair de turno? – perguntou Katie.

– Sim. Tenho andado a fazer horas extraordinárias. Mas agora tenho dois dias de folga, para compensar. Estendeu a mão e acariciou o traseiro de Lou. – Que tenciono gastar da melhor maneira.

Katie fez-lhe um sorriso tenso.

– Óptimo. Bem, é melhor ir andando. Sam, Gracie, vamos. Temos de ir para casa. Está a fazer-se tarde.

Enfiou-os no carro, a distraí-los com perguntas a respeito de como tinha sido o dia, dos amigos, das aulas, do que tinham comido ao almoço, todas acolhidas de um modo geral com as mesmas respostas: «Bom.» «*Okay*.» «Não me lembro.» «Esqueci-me.» «Podemos ver televisão quando chegarmos a casa?» «Tenho fome. Trouxeste doces?»

Foi só quando já iam a meio caminho que Gracie perguntou:

– Por que chegaste atrasada, mamã?

Katie sorriu-lhe pelo retrovisor.

– Foi só por causa do trânsito, querida.

Uma vez em casa, instalou os dois na sala e foi fazer-lhes qualquer coisa para comer antes de irem para a cama. Enquanto deitava leite nas canecas e dispunha biscoitos numa bandeja, voltou a pensar na mãe.

«Ela esteve cá. Hoje.»

Okay, não seria a primeira vez que a mãe inventava um drama e fazia uma fita alimentada pelo álcool e a paranóia. Mas havia qualquer coisa no episódio daquela tarde que a intrigava. Parecera tão segura. Apesar de tudo aquilo ser tão implausível. Por que iria Fran voltar ao cabo de tanto tempo? Tinha de verdade uma filha? Era óbvio o que o jovem agente que respondera à chamada tinha pensado.

– Vou lançar um alerta – dissera, enquanto ela o acompanhava até à porta. – Ver se alguém recebeu algum relatório a respeito de uma garotinha a deambular sozinha por aí. Antes prevenir que remediar, não é?

Antes prevenir que remediar. Katie percebera a implicação. Acho que a sua mãe é maluca, mas vou fazer umas perguntas para ficar de consciência tranquila.

Assentira com a cabeça.

– Compreendo. Obrigado.

– E se souber da sua irmã, seria possível avisar-nos?

– Com certeza.

Vira-o meter-se no carro e afastar-se. Ouvira, vindo da cozinha, o tilintar da garrafa de vinho.

A verdade era que não podia censurá-lo. Uma parte dela gostaria muito de descartar toda aquela história como um produto da alcoolizada imaginação da mãe. Mas, fosse pelo que fosse, não era capaz. E isso suscitava perguntas:

Se Fran tinha voltado, por que razão procurara a mãe? Nunca tinham sido chegadas. E se tinha uma filha, por que diabo a abandonara e desaparecera? E onde *estava* a garotinha?

Acabou de arranjar os biscoitos na bandeja e voltou à sala. Gracie estava de olhos colados à *Pepa Pig* e Sam esparramado pelo sofá a ver *O Homem Aranha* no *iPad*. Deteve-se por um instante à porta, apaziguada pela visão dos filhos, felizes e seguros no seu casulo.

O telemóvel tocou. Voltou para trás, pousou a bandeja em cima da mesa da cozinha e atendeu.

– Sim?

Nenhuma resposta, mas ouvia uma respiração.

– Estou?

– É a Katie?

Uma voz de menina, hesitante, nervosa.

– Sim. Quem fala?

Mais uma pausa.

– Chamo-me Alice. A Fran disse-me para lhe ligar se alguma vez tivesse problemas.

Alice.

– Onde está a Fran? – perguntou Katie.

– Não sei. Por favor, pode ajudar-me?

Katie hesitou. Espreitou para Sam e Gracie. Aconchegados e seguros na sua acolhedora casa. Não podia deixá-los ali, sozinhos. Então pensou: e se fossem *eles* que estivessem perdidos, sozinhos e assustados, no escuro? Havia de querer que alguém os ajudasse.

Temos de encontrá-la. Antes que aconteça alguma desgraça.

– *Okay*. Diz-me onde estás.

Capítulo 35

Um corredor de hotel. Gabe caminhava ao longo dele, a olhar para as portas com números. Tudo aquilo lhe parecia tão estranho e desconhecido como uma nave espacial extraterrestre. Olhou para o cartão que segurava entre os dedos: 421. Estudou as indicações nas paredes. Direita, depois esquerda, outra vez esquerda, e deu por si diante de uma porta que tinha o número a condizer.

Por um instante, não soube o que fazer com o pedaço de plástico. Então lembrou-se. Passou-o pela ranhura junto à maçaneta da porta. Ouviu uma espécie de besouro. Empurrou a porta e entrou.

Procurou um interruptor e accionou-o. Nada aconteceu. Voltou a tentar, a sentir-se confuso. Mais uma vez, lembrou-se. O cartão. Tinha de enfiar o cartão noutra ranhura junto à porta. Fê-lo, e o quarto encheu-se de luz.

Olhou em redor. A maior parte das pessoas acharia talvez aquele quarto pequeno, básico. A ele, parecia-lhe enorme. Há muito tempo que não dormia num quarto como deve ser. Um quarto com uma cama de casal, uma secretária, uma casa de banho. O contraste atingiu-o como uma marretada. Passara tanto tempo a existir na sua pequena caravana que esquecera o que era viver como uma pessoa normal. O espaço parecia-lhe extravagante. Tal como o preço. Tinha uma reserva de poupanças da venda da casa, e as suas despesas eram mínimas. Mas não podia permitir-se ficar ali mais do que um par de noites.

Pousou o saco em cima da cama e tirou os analgésicos. Foi à casa de banho e encheu de água um copo de plástico, para os empurrar. Evitou olhar para o espelho. Nunca olhava para espelhos e sabia o que aquele ia mostrar-lhe. Um homem pálido e magro, com cabelos a ficarem grisalhos e demasiadas rugas para a idade. Um rosto talhado com esperanças perdidas e dor.

Falamos da vida como se fosse algum elixir mágico, pensou. E no entanto a vida é o nosso lento rastejar ao longo do caminho que conduz à morte. Por mais

desvios que façamos, acabamos todos a encaminhar-nos na mesma direcção. A única diferença é quanto tempo demora a viagem. Levou a mão à ferida no flanco. Naquela noite, quase tinha metido pela faixa mais rápida.

Fechou a porta da casa de banho e voltou ao quarto. Sentou-se na cama, de repente perdido. Que fazer? Folheou distraído a pasta que lhe mostrava os serviços disponíveis. Televisão, *wi-fi* gratuito, bar/restaurante e qualquer coisa pegajosa entre as últimas páginas. Apressou-se a pousá-la.

Precisou de várias tentativas para espremer da televisão meia dúzia de canais pouco nítidos. Desistiu e começou a andar às voltas pelo quarto. Espreitou para dentro do armário. Uns poucos cabides presos ao varão e duas ou três almofadas extra. Abriu as gavetas de ambos os lados da cama. Vazias, com excepção de uma pequena Bíblia. Ficou a olhar para ela, a pensar na outra Bíblia. Nas passagens sublinhadas. *Olho por olho. Os Outros.* Fechou a gaveta com força.

Devia estar exausto. E uma cama de casal era um luxo raro. Mas já passara para lá da exaustão. Sentia-se alerta, eléctrico.

Pensou nos serviços do hotel. *Bar/restaurante.* Se calhar não era suposto beber, depois da perda de sangue e dos analgésicos. Mas estava encalhado num hotel desconhecido, sem objectivo, sem comida e sem nada melhor que fazer.

Pegou no cartão-chave, no telemóvel, e desceu até ao bar.

Pediu um copo de vinho tinto e levou-o para uma mesa sossegada, num canto. Das colunas de som algures por cima dele, Neil Diamond tecia louvores a uma «doce Caroline». Isto foi depois de Phil Collins ter opinado que ela era «uma amante fácil», a seguir a Lionel Richie dizer «Olá». Tinha quase a certeza de que algures ao longo da linha Robbie Williams havia de declarar o seu amor por *Angels*. O que era de algum modo irónico numa *playlist* forjada no inferno. Música de bar, pensou Gabe – música para pessoas demasiado bêbedas para se irem embora.

Provou o vinho. Pareceu-lhe um pouco azedo. Não sabia se isso reflectia a qualidade da garrafa ou o facto de não beber vinho há muito tempo. Ele e Jenny abriam sempre uma garrafa – por vezes duas – à noite. Sentavam-se ao balcão dos pequenos-almoços e conversavam a respeito dos respectivos dias por cima da beira dos copos. Pelo menos, era o que costumavam fazer, em tempos. Mais

tarde, ele acabava a beber sozinho com o jantar requentado depois de Izzy ter ido para a cama e Jenny se ter retirado para o sofá com um livro.

E no entanto, quem lhe dera que Jenny estivesse ali. O pensamento entrou-lhe na cabeça vindo de parte nenhuma, como um gato vadio. E depois de se ter instalado, recusou mover-se. Recordou os braços dela a rodeá-lo, o cheiro citrino dos seus cabelos. O seu hálito quente na cara enquanto lhe dizia que ia ficar tudo bem.

Tinha passado muito tempo desde a última vez que alguém o confortara. Ou lhe tocara. Não pensava muito nisso. Mas, por vezes, dava-lhe para aí. Ansiava voltar a fazer parte de um casal. Ter um corpo feminino a seu lado à noite. Partilhar sorrisos secretos, beijos, graças. Ainda que, durante muito tempo, a comunicação entre ele e Jenny tivesse sido mais do género silêncios de pedra. Até disso tinha saudades.

Não *precisamos* de outra pessoa para tornar a nossa vida completa. Mas a vida, como um *puzzle* a que faltem peças, é difícil de completar sozinho. E aqui acabou a filosofia alcoólica por aquela noite. O telemóvel começou a tocar.

– Estou?

– Gabriel?

Uma voz de mulher. Mais ninguém lhe chamava Gabriel.

– Inspectora Maddock?

– Pode falar? É uma má altura?

– Sim. Quer dizer, não, posso falar.

– Onde está?

– Num hotel.

– Não na caravana?

– Esta noite não.

– *Okay*. Que hotel?

– Hã, Hollyday Inn, na saída 18. No bar.

– *Okay*. Estou aí dentro de meia hora.

– Porquê? Quer dizer, não esperava ter notícias suas tão cedo.

– Houve um desenvolvimento.

– Que espécie de desenvolvimento?

– Digo-lhe quando aí chegar.

– Não pode dizer-me pelo telefone.

– Não. – Uma pausa. – Precisa de ver isto.

Capítulo 36

Katie parou o carro perto do parque. Sentia-se nervosa e culpada. Nunca tinha deixado Sam e Gracie sozinhos em casa. Cristo, podiam denunciá-la à polícia. Trancara a porta, mas deixara uma chave a Sam. Na sua voz mais séria, dissera-lhe que não abrisse a porta fosse a quem fosse excepto a ela. Ia demorar meia hora, no máximo.

Ele rolara os olhos para o tecto.

– Não sou um idiota.

– Eu sei. És muito adulto, e é por isso que estou a confiar em ti.

– Aonde vais, mamã? – perguntara Gracie, parada à porta da sala.

– Tenho de ir ter com uma menina que precisa de ajuda.

– Porquê?

– É tua prima, e está perdida, e tenho de trazê-la cá para casa.

– Temos outra prima? Como se chama?

– Alice. Ora bem, vou fazer chocolate quente quando voltar. *Okay*?

– Ié! Chocolate quente!

O parque ficava a apenas dez minutos de carro. Katie conhecia-o bem. Brincara ali quando era criança e até lá levara Sam e Gracie uma ou duas vezes. Mas naquela tarde parecia mais pequeno e decrépito do que se lembrava. A rua parecia mais estreita e sombria; vários candeeiros de iluminação pública estavam partidos.

Mas a rapariguinha fora esperta. A escola ficava um pouco mais acima na rua e os pais costumavam ir para ali com os filhos e deixá-los descomprimir antes de os levarem para casa. Claro que, às sete e meia, já todas as outras crianças tinham partido, de regresso a casas confortáveis e aquecidas com famílias que as amavam. Pelo menos, era o que Katie gostava de pensar. Talvez não fosse verdade. Talvez algumas regressassem a casas onde os pais discutiam e atiravam

coisas, ou casas onde o papá estava ocupado e a mamã não queria saber e elas tinham de desenvencilhar-se sozinhas. Era fácil imaginar que os outros tinham o conto de fadas, mas a verdade era que as reluzentes portas da frente, cestos com flores e relvados bem aparados não contavam a história toda.

Trancou o carro e olhou em redor. Não viu ninguém. Até as pequenas moradias que ladeavam a rua pareciam silenciosas e desertas, só pequeníssimas frestas de luz brilhavam através das cortinas fechadas. Estremeceu.

Que estás tu aqui a fazer, Katie? Devias estar em casa com os teus filhos. A polícia que trate disto.

Correu para cima o fecho do blusão e enxotou estes pensamentos. Fosse o que fosse que estava a acontecer, havia uma garotinha a precisar de ajuda, e se alguma vez um dos seus filhos estivesse sozinho e assustado, esperava que alguém o ajudasse. Era uma coisa que o pai estava sempre a dizer-lhes: *Se não tu, então quem?*

Entrou no parque e seguiu um caminho que passava ao lado de um pequeno lago. O parque infantil ficava à esquerda. Parecia deserto. Pegou no telemóvel e procurou a última chamada recebida. Premiu ligar. Ouviu, ao longe, o toque de outro telemóvel. Esperou, e então uma pequena figura emergiu das sombras por baixo do escorrega.

– Alice?

A rapariga hesitou, insegura. Era muito magra, vestida com uns *jeans*, umas *Ugg* e um camisolão escuro com capuz. Segurava numa das mãos uma pequena mochila cor-de-rosa decorada com flores roxas. O coração de Katie encolheu-se. Parecia tão novinha, tão vulnerável.

– É a Katie?

Katie assentiu.

– Sim, sou a tua… – hesitou. «Tia» soava estranho quando acabavam de conhecer-se. – Sou irmã da tua mamã.

A rapariguinha baixou os olhos, o seu rosto ficou ainda mais mergulhado na sombra.

– A Fran… A mamã disse-me que se acontecesse alguma coisa devia telefonar-lhe. Que faria o que fosse preciso.

– Onde está a tua mamã, Alice?

– Não… não sei.

– Está metida nalgum sarilho?

Alice assentiu, e então deu um salto ao ouvir um restolhar entre os arbustos à sua direita. Katie também saltou, a sondar a penumbra de olhos semicerrados. O nervosismo da rapariguinha era contagioso. Devia ter sido uma ave, ou o vento. Mesmo assim, Katie apercebeu-se de que não queria continuar ali no parque deserto.

– Anda – disse. – Está a fazer-se tarde.

Alice saiu do parque infantil devagar, a segurar a mochila à sua frente como um escudo, os pequenos ombros inclinados. Deteve-se a curta distância de Katie. Quando estão assustadas, pensou Katie, as crianças enrolam-se como ouriços-cacheiros, numa apertada bola eriçada de espinhos. Mas a dada altura, sobretudo quando estão cansadas e com fome, têm de se desenrolar.

– Comeste alguma coisa?

Alice abanou a cabeça.

– Gostas de torradas com queijo?

Um hesitante aceno de cabeça.

– Os meus filhos também.

– Tem filhos?

– Tenho, pois. O Sam tem dez anos e a Gracie cinco. Gostam de torradas com queijo e molho inglês. E tu?

– Gosto de queijo… mas não de molho inglês.

– *Okay*, só queijo, então.

Katie viu os espinhos retraírem-se pouco a pouco, os ombros de Alice relaxarem. Estendeu a mão. Ao cabo de uma momentânea hesitação, Alice pegou-lhe.

– Vamos para casa.

Alice manteve-se silenciosa durante todo o trajecto, com o saco no colo. O saco fizera um estranho som chocalhante quando ela se sentara, como se contivesse pedras ou qualquer coisa assim. Katie ficou curiosa, mas não disse nada. As perguntas podiam esperar. Para já, a rapariguinha precisava de comida, descanso e uma cama quente.

Katie voltou a olhar para Alice quando virou para a rua onde morava. Tinha baixado o capuz, expondo o rosto pálido e de ossos finos. Compridos cabelos

escuros pendiam lisos de ambos os lados, mas Katie não pôde deixar de reparar que as raízes eram mais claras. Quase louras. Pintado? *Por que havia alguém de pintar o cabelo de uma criança?*

Como se sentisse o peso do seu olhar, Alice voltou-se para ela.

– O que é?

– Nada – disse Katie, num tom alegre. – Chegámos.

– Esta é a sua casa?

– É – disse Katie, de súbito consciente de como a casa parecia pequena e afectada, com o cesto de flores pendurado ao lado da porta e as plantas envasadas.

– É bonita – disse Alice. – Como uma casa a sério.

A melancolia na voz dela voltou a apertar o coração de Katie. Que diabo andava a irmã a fazer? Em que sarilho se teria metido? Não se podia dizer que tivesse sido muito próxima de Fran, mesmo antes de ela partir. Fran sempre fora uma pessoa tensa, impulsiva, argumentativa. Mais parecida com a mamã, na realidade. Mas não conseguia acreditar que tivesse abandonado a filha de qualquer maneira, a menos que tivesse uma razão muito boa, ou a menos que… tivesse acontecido alguma desgraça.

– Muito bem. – Puxou o travão de mão. – Vamos lá dar-te de comer.

Percorreram o curto caminho até à porta da frente. Katie inseriu a chave na fechadura e abriu-a.

– Já chegámos! – gritou, enquanto levava Alice para a cozinha.

Sam e Gracie saltaram da sala, a curiosidade a levar a melhor sobre a televisão e o *iPad*.

– Estes dois são o Sam e a Gracie – apresentou-os Katie. – E esta é a Alice, a vossa prima.

– Não sabíamos que tínhamos outra prima – disse Sam.

– Na Austrália? – perguntou Gracie. – O Jonas e a família mudaram-se para a Austrália, e isso fica muito longe.

Katie sorriu a Alice.

– O Jonas foi colega de turma da Gracie no ano passado – explicou.

– Na Austrália há aranhas do tamanho de pratos de sopa – disse Sam. – Mas essas não fazem mal. As pequeninas é que podem matar-nos.

– Sa-am – avisou Katie, mas Alice sorriu.

– As de costas-vermelhas – disse. – Vivem debaixo das beiras das retretes.

– Iaque! – exclamou Gracie.

Sam sorriu, a olhar para Alice com um novo respeito.

– Gostas do Homem Aranha?

Alice encolheu os ombros.

– Prefiro a Mulher Maravilha.

– Eu gosto da Peppa Pig – informou Gracie.

– A Peppa Pig é para meninas – declarou Sam, altivo. – O Homem Aranha é para rapazes.

– Tanto meninas como rapazes podem gostar dos dois – disse Alice.

Sam pensou naquilo.

– S'ponho. Queres ver o meu jogo do Homem Aranha?

– *Okay*.

– É boa ideia – disse Katie. – E se fossem todos para a outra sala enquanto eu arranjo qualquer coisa para a Alice comer. Já são mais que horas de ir para a cama e ela não lanchou. Alice, podes deixar o saco e a camisola no vestíbulo…

– Não… obrigada.

– Desculpa?

– Quero… gostava de ter o saco comigo – disse Alice, e apertou-o contra o peito num gesto protector.

– O que tens aí dentro? – perguntou Gracie.

– Só… pedrinhas. Colecciono-as.

– Eu colecciono cartões *Lego* – disse Sam.

– *O-kay* – disse Katie devagar. A mochila florida era uma espécie de manta de segurança. – Tudo bem. Só a camisola, então. Sam, podes mostrar à Alice?

Sam guiou Alice até ao vestíbulo, com Gracie atrás. Katie tirou do armário pão fatiado e queijo, a tentar ignorar a sensação de inquietação que lhe apertava o estômago. A sensação que estava a dizer-lhe que havia ali qualquer coisa que estava muito errada. Alice estava assustada e nervosa. Mas não *o suficiente*. Não parecia surpreendida pelo repentino desaparecimento da mãe. Nem perguntara quando ia ela voltar.

Disse que se acontecesse alguma coisa ligasse para si.

Porquê? Que estava Fran à espera que acontecesse? Para quê pintar o cabelo da criança? E havia mais uma coisa: ao telefone, Alice tinha dito «Fran» em vez de

«mamã», e no parque também, antes de se corrigir.

Katie espreitou para a sala, onde Gracie tagarelava muito excitada. As crianças eram muito mais receptivas, pensou. À mudança, a outras pessoas. E era isso mesmo que as tornava tão vulneráveis. Claro que Alice era apenas uma criança, mas havia nela qualquer coisa que a enervava. Uma sensação de que a presença dela ali era um risco para todos eles.

Esperava ter tomado a decisão certa naquela noite.

Esperava não ter convidado um cuco para o ninho dos filhos.

Capítulo 37

Maddock entrou no bar, uma mala suspensa do ombro, a falar ao telefone. Não ergueu os olhos quando se sentou à mesa de Gabe. Ele esperou. Lembrava-se daqueles jogos de poder dos interrogatórios da polícia. A intenção: fazê-lo suar, perguntar-se o que teriam contra ele, perguntar-se se, mesmo sabendo que estava inocente, teriam conseguido encontrar *qualquer coisa* para o incriminar.

Ao cabo de alguns segundos, a inspectora pendurou a mala no espaldar da cadeira, pousou o telemóvel e enfrentou o olhar dele do outro lado da mesa. Não sorriu. Mas a verdade era que nunca sorria.

– Obrigada por aceitar falar comigo.

Como se ele tivesse podido escolher.

– Tudo bem.

– Está com um ar de merda.

– Ser esfaqueado faz isso a uma pessoa.

– Certo.

– Por que veio aqui, além de manifestar a sua simpatia, claro?

– Esta não é uma visita estritamente oficial.

– Oh!

– Portanto, vou perguntar-lhe mais uma vez… oficiosamente… onde arranjou estas fotografias.

Gabe olhou para ela.

– Porquê? Descobriu alguma coisa?

– Onde arranjou as fotografias, Gabriel?

Ele recostou-se na cadeira e cruzou os braços. Tinha o flanco a latejar.

Ela olhou-o nos olhos.

– *Okay*. Sabe em que consiste o meu dia normal? Miúdos a esfaquearem outros miúdos por usarem os ténis errados na rua errada. Donas de casa,

algumas das quais já visitámos várias vezes, que não apresentam queixa até já ser demasiado tarde porque estamos a lidar com um homicídio. Drogados, alcoólicos, pessoas com problemas de saúde mental que deviam estar numa instituição onde pudessem ser tratadas como deve ser em vez de andarem a deambular pelas ruas até que se esquecem de tomar a medicação, arrancam o escalpe a alguém com um machete e são postas numa cela.

– Parece divertido.

– É uma festa. Mas então, de longe em longe, aparece um caso que nos faz recordar por que quisemos vir para a Polícia. Um que nos toca a sério. Um que fica a agitar-se no fundo da nossa mente e não nos deixa dormir à noite.

– Como o meu.

– Eu queria de verdade encontrar a pessoa responsável. Sempre, desde o início, senti que havia qualquer coisa que não batia certo. Nunca acreditei que tivesse sido um roubo.

– Foi por isso que pensou que eu tinha qualquer coisa a ver com o assunto.

– Nove vezes em cada dez, é alguém que a vítima conhece. Mas nunca gostei daquele telefonema anónimo. Sempre me perguntei se haveria um cúmplice. Talvez um cúmplice que tivesse perdido a coragem.

Gabe tentou controlar a familiar sensação de fúria, apertou os dentes para não dizer qualquer coisa de que viesse a arrepender-se.

– Esta conversa vai chegar a algum lado?

– Sim. Tenho um amigo que trabalha no gabinete do médico-legista. Fica-me a caminho de casa, de modo que passei por lá e pedi para ver os processos da sua mulher e da sua filha, incluindo as fotografias da autópsia.

Enfiou a mão na mala e tirou de lá uma grossa pasta de plástico. Colocou-a na mesa e pousou a mão em cima.

– Antes de continuarmos, e nesta qualidade *oficiosa*, quero fazer-lhe mais algumas perguntas.

– *Okay*.

– Quantas fotografias da sua filha diria que tinham em casa?

– Talvez meia dúzia, mas as que estavam nas paredes eram mais antigas. Estávamos a planear pôr outras novas… eles mudam tão depressa… mas…

Não acabou a frase. Nunca tinham chegado a fazê-lo porque não parecia urgente, importante.

– Tem algumas fotografias mais recentes da Izzy?

– Sim. No telemóvel.

– Posso ver a mais recente?

Gabe pegou no telemóvel e procurou a fotografia. O coração rasgava-se-lhe um pouco sempre que o fazia. Era Izzy no parque local. Estava a comer um gelado e a sorrir para a máquina, a franzir um pouco os olhos.

Não saíam muitas vezes sozinhos, só ele e Izzy. Mas Jenny apanhara uma enorme constipação e ele oferecera-se para levar a filha a passear para que ela pudesse descansar um pouco. Estava um dia quente para a estação, com céu azul e um Sol dourado. Izzy ficara excitada e faladora.

Papá, empurra-me no balouço. Papá, olha eu no escorrega. Papá, olha como salto alto no trampolim.

Depois, tinham dado pão aos patos e tinham-se sentado na esplanada do pequeno café, com Izzy a comer o pegajoso gelado de laranja que deixara nódoas pingadas no seu vestido cor-de-rosa. Fora uma daquelas pequenas bolsas de perfeição. Umas poucas preciosas horas em que tudo no mundo estivera alinhado. E ele percebera que estava feliz.

E então acabara-se. Prometera a Izzy que voltariam a fazê-lo. E, claro, nunca tinham feito. Porque coisas – coisas sem importância, inconsequentes – se tinham metido pelo meio.

– Onde foi esta tirada? – perguntou Maddock.

– Hum, há uma data.

Mostrou-lha no telemóvel.

Ela examinou-a, de olhos semicerrados.

– Portanto, ainda vários meses antes dos assassínios.

– Sim. A Jenny andava muito ocupada. Andávamos os dois. – Franziu a testa. Quando fora que tinham deixado de documentar todos os momentos da vida de Izzy? Quando fora que se tinham tornado uma família tão fragmentada?

– A que usaram nos jornais era uma fotografia da escola?

– Sim, do ano anterior.

Maddock tamborilou com os dedos no tampo da mesa.

– Foi o seu sogro que fez a identificação formal. Quem tomou essa decisão?

– Ninguém, na verdade. Era suposto ser eu a fazê-lo, mas senti-me mal, desmaiei…

– Quer dizer que não voltou a ver a sua filha depois de ela ter morrido?

– Não.

Ela mordeu o lábio. E então decidiu-se.

– Muito bem. Estas são as fotografias que me deu.

Abriu a pasta de plástico e pôs as fotografias de Jenny e de Izzy em cima da mesa, a curta distância uma da outra.

Deu-lhe um momento para as ver.

– Esta – Maddock tirou outra fotografia da pasta e pousou-a ao lado da de Jenny – é a fotografia da sua mulher que trouxe do gabinete do médico-legista.

Gabe olhou para a fotografia. Era idêntica à que Harry lhe tinha dado. Não sentiu o coração afundar-se. Já estava à espera daquilo. Por vezes, uma pessoa sabe sem saber porquê. Jenny estava morta. Sentia o vazio que ela tinha deixado.

Assentiu.

– *Okay*. São iguais.

Maddock tirou mais uma fotografia da pasta.

– Esta é a segunda fotografia que trouxe do gabinete do médico-legista.

Gabe ficou tenso. Resumia-se tudo àquilo.

– Está é a garotinha que foi encontrada morta em sua casa. A garotinha que o seu sogro identificou como sendo a sua filha.

Pousou a fotografia na mesa, ao lado da de Izzy.

O mundo dele pareceu expandir-se, contrair-se e estilhaçar-se ao mesmo tempo. O rosto da garotinha era pálido, com ossos delicados e cabelos louros puxados para trás a partir de uma testa alta. Parecia tão semelhante, familiar, até, mas…

– Não é a Izzy.

– Não. Também aprofundei um pouco mais a leitura do relatório do médico-legista.

Suspirou e mostrou-lhe um documento digitalizado no telemóvel. Uma frase destacava-se a encarnado:

Ausência do dente de leite da frente. Sugere trauma.

Gabe olhou para ela.

– Trauma?

– O dente foi arrancado por uma pancada. Foi encontrado no local do crime.

O significado daquilo fez Gabe abrir muito os olhos.

– A Izzy já tinha perdido o dente de leite. Eu disse-lho, no meu depoimento.

Ela assentiu.

– Compreendo como a confusão pode ter surgido, mas mesmo assim alguém devia ter pegado nisso. – Fez uma pausa. – *Eu* devia ter pegado nisso, porra!

Um sorriso alastrou pela cara de Gabe. Não pôde evitá-lo. Queria rir. Gritar. Pôr-se aos saltos. Sempre soubera durante todo aquele tempo, mas não *soubera*. Não tinha sido provado. Agora ali estavam. Provas.

– Peço desculpa – começou a dizer. – Eu sei que é errado. Outra criança, outra menina foi morta, mas…

– Eu compreendo. Não é a *sua* menina. Não peça desculpa. Devia ser eu a pedir-lhe desculpa. Tinha razão. A sua filha não morreu naquela noite. É até possível que ainda esteja viva. – Inclinou-se para a frente. – É por isso que, se tem alguma informação que possa ajudar-nos a encontrá-la, preciso que a partilhe comigo.

Hesitou. Não devia a Harry coisa nenhuma, mas porra. Harry continuava a dever-lhe a *ele* uma explicação. Queria olhá-lo nos olhos e chamar-lhe mentiroso.

– Não. Nada.

– *Okay*. – Dito num tom que indicava que não acreditava nele. – Há mais uma coisa que deve saber. Encontrámos o carro.

Gabe esperou, a tentar parecer menos culpado do que se sentia.

– Certo.

– Havia um corpo… no porta-bagagens. Já lá estava há algum tempo.

Ele esforçou-se ao máximo por parecer surpreendido.

– Oh, meu Deus!

– Sim. Mas não é tudo.

– Não?

– Encontrámos outra vítima perto do carro. Uma mulher.

Dessa vez, a expressão de surpresa foi genuína.

– *Uma mulher?*

– Ainda não sabemos quem é. Nem temos a certeza de que venha a recuperar a consciência.

– Está viva?

Ela lançou-lhe um olhar estranho.

– Se se pode chamar-lhe isso.

O cérebro dele estava a tentar processar a nova informação. Uma mulher. Mas quem seria?

– Gabriel, mais alguém sabia do carro?

O Samaritano. *Trabalho nocturno.*

Abanou a cabeça.

– Penso que não.

– Mas não tem a certeza.

– Não.

– E não espreitou para dentro do porta-bagagens quando encontrou o carro.

– Não.

– Óptimo. Mantenha essa história.

– *História?* Pensa que eu tive alguma coisa a ver com isso?

– Não, não penso. Mas prepare-se para responder a uma porção de perguntas. Vai estar outra vez sob os holofotes, *okay*?

– *Okay*.

– E arranje um bom advogado.

Capítulo 38

Para sua surpresa, as crianças foram para a cama com um mínimo de contestação, até Sam, que gostava de esticar a rotina do deitar para lá do ponto de ruptura. Ficarem a pé mais uma hora do que de costume e a excitação inesperada da noite devia tê-los cansado. Para dizer a verdade, Alice parecera capaz de cair de cara em cima das torradas com queijo. Bocejava entre cada dentada e tinha meias-luas escuras por baixo dos olhos azuis. Katie perguntara-se quando fora a última vez que dormira ou comera como deve ser.

Tinha encontrado um velho pijama de Sam para ela vestir e descobrira um colchão de encher no armário do desvão da escada, soterrado por camadas de caixas de tralha diversa. Pusera-o no quarto de Gracie, que estava encantada por ter pela primeira vez companhia para dormir. Quando, quarenta minutos mais tarde, Katie foi espreitar às portas, estavam os três profundamente adormecidos: Gracie enrolara-se de lado, com um braço à volta da Peppa Pig e o outro pousado na manta; Sam na habitual forma de estrela-do-mar, os braços e as pernas espalhados pela cama.

Só Alice não parecia relaxada, mesmo a dormir. Tinha os joelhos dobrados com força contra o peito e, em vez de um fofo boneco, continuava agarrada à sua estranha e chocalhante mochila, como se fosse um escudo contra monstros invisíveis.

Katie observou-a por um instante e então fechou a porta do quarto e desceu descalça até à cozinha. Pensou em fazer uma chávena de chá, mas mudou de ideias e dirigiu-se ao frigorífico. Tirou de lá uma garrafa de vinho branco três quartos cheia.

Não era grande bebedora. O seu horário de trabalho tornava-o quase impossível, para começar, a menos que apanhasse o hábito de beber de manhã. Mas, além disso, quando se tem um alcoólico na família, um copo de vinho

fresco perde grande parte do seu apelo, à mistura com as recordações de vozes exaltadas, louça partida, lágrimas e gritos.

Apesar disso, naquele momento, sentiu que precisava de qualquer coisa para acalmar a sensação de nervosismo que lhe dava voltas no estômago. Encheu um copo grande e provou um gole. O sabor um tudo-nada acre fê-la franzir a cara. Sentou-se ao balcão dos pequenos-almoços e pegou no telefone.

Não quisera pressionar demasiado Alice naquela noite a respeito do que tinha acontecido e onde estava Fran. Era óbvio que a pobre criança estava exausta e traumatizada. Mas pedira-lhe o número da mãe. Alice aquiescera, ainda que com relutância. Era um número diferente do que Katie tinha no seu telemóvel, mas o resultado foi o mesmo. As chamadas iam directas para uma mensagem automatizada: «O número para o qual pretende ligar não está disponível.»

Que se passa, Fran? Por que voltaste e onde estás agora?

Fosse qual fosse a razão, devia ter sido desesperada para deixar a filha com a avó. Por que não a tinha procurado em vez de à mãe? Mas Katie sabia a resposta para esta pergunta. Porque ela tentaria convencê-la a desistir do que quer que fosse que estava a fazer. Dir-lhe-ia que fosse à polícia.

Era esse o seu papel. A boazinha, a fiável. Aquela que todos tinham como garantido. Nunca Fran a procuraria em busca de ajuda. Mas usá-la-ia numa emergência. Como último recurso. A boa e fiável Katie. A que apanhava sempre os cacos, mesmo que eles lhe retalhassem os dedos.

Enterrou a cabeça nas mãos. Estava cansada. O peso da responsabilidade e dos acontecimentos do dia estava a fazer-se sentir. No dia seguinte convenceria Alice de que tinham de ir à polícia. Mas, por outro lado, que significaria isso para Alice? Assistentes sociais. Instituições. Queria de verdade abandoná-la nas mãos do sistema estatal? Era uma criança. Uma criança confusa e perdida. E ela era sua tia. Era família, tinha o dever de cuidar dela. Era o que as mães faziam. *Cristo, que embrulhada.*

Pôs-se de pé e despejou o resto do vinho no lava-louça. Não estava a ajudar. Nunca ajudava. *Os problemas flutuam,* pensou. Voltou ao vestíbulo com passos cansados e quase voou quando bateu com um pé em qualquer coisa que estava junto à escada.

Merda.

Era uma das caixas do armário. Devia tê-la deixado ali depois de ter tirado o colchão de encher. Massajou o pé. Precisava mesmo de se livrar de algumas daquelas caixas. A casa era demasiado pequena e as caixas estavam cheias de lixo. Fotografias antigas, cartões, folhetos. Mas sempre tivera dificuldade em deitar fora fosse o que fosse. Sabia com que facilidade as coisas podiam perder-se. A vida, a família, o amor. Era tudo tão frágil. Talvez fosse por isso que se agarrava àquelas fotografias desbotadas e rabiscos em pedaços de papel amarrotados.

Dobrou-se para afastar a caixa para um lado, e qualquer coisa esvoaçou da parte de cima. Um desenho de Gracie. Uma estranha família-palito com cabelos de cores bizarras, membros distorcidos e uma enorme casa gótica atrás, com nuvens de trovoada, arco-íris, aranhas e tudo o mais. Parte encantador, parte um pesadelo à Tim Burton.

Sorriu e preparava-se para voltar a pôr o desenho na caixa quando se apercebeu de que tinha sido traçado no verso de outra coisa qualquer. Voltou o papel. Uma cara de menina sorriu-lhe.

ALGUÉM ME VIU?

O folheto. Tencionara procurá-lo, mas com tudo o mais que tinha acontecido esquecera-o. Sentiu-se um pouco culpada por ter deixado Gracie fazer garatujas no verso. Mas pelo menos tinha o número. Telefonaria no dia seguinte e ficaria a saber como estava o homem magro – Gabe. Ao fim e ao cabo, não tinha mais ninguém que quisesse saber dele.

Podia por vezes amaldiçoar a família, mas ao menos tinha uma família: os seus preciosos filhos. Não conseguia imaginar a dor de perder tudo – a companheira, a única filha – de uma maneira tão terrível.

Olhou para a fotografia de Izzy. Uma bonita menina. Cabelos louros. Olhos azuis. Um grande sorriso desdentado. Bonita, e de alguma maneira *familiar*. Qualquer coisa nos olhos, no sorriso. Katie teve de súbito a fortíssima sensação de que já a tinha visto. Claro, já tinha visto o *folheto*. Talvez fosse isso. Mas mesmo assim, havia mais qualquer coisa, qualquer coisa…

A escada rangeu nas suas costas. Voltou-se. Alice estava no último degrau, os compridos cabelos a emolduarem-lhe o rosto, os olhos muito abertos e assombrados, um filme de horror japonês com um pijama da Marvel.

– Alice… assustaste-me.

– Desculpe.

– Não, não faz mal. – Kate enfiou o pedaço de papel no bolso do camisolão e tentou forçar um sorriso. – Que se passa? Não consegues dormir?

– Preciso de falar consigo.

– *Okay*, anda, vamos para a cozinha. Queres mais leite?

– Não, obrigada.

Alice sentou-se à mesa. Continuava agarrada à mochila. Que chocalhou, agitada. Por qualquer razão – estúpida, Katie sabia –, qualquer coisa naquele som fê-la cerrar os dentes. *Clique-claque. Clique-claque.*

– Estás preocupada com a tua mãe? – perguntou.

Um pequeno aceno de cabeça.

– Bem, escuta, amanhã vamos à polícia…

– *Não!*

O grito de Alice foi de angústia.

– Mas eles podem ajudar.

– Não. – Alice abanou a cabeça. – Não pode dizer-lhes.

Katie olhou para ela, a sentir-se impotente.

– A Fran disse que eles me levariam. Que ficaria em perigo.

– Alice, por que por vezes dizes «Fran» e não «mamã»?

– É… – Fez um ar culpado, apanhada numa mentira. – Porque ela não é a minha verdadeira mãe.

E lá estava. Por qualquer motivo, Katie sentira que havia algo de errado – de muito errado – em tudo aquilo.

– Onde está a tua verdadeira mamã?

– Morreu.

– Tenho muita pena. Foste adoptada?

– Não.

– Nesse caso como está a Fran a cuidar de ti?

Alice mordeu o lábio. Katie teve a impressão de que tinha passado muito tempo desde a última vez que fora obrigada a extricar a verdade, como arrancar uma lasca de vidro de uma ferida.

– Aconteceu uma coisa má. A mamã morreu. A Emily também. A Fran salvou-me.

Katie estava mais confusa do que nunca.

– Quem é a Emily?

– Era a menina da Fran.

– Espera. A Fran tinha uma filha que *morreu*?

Um aceno de cabeça.

– Foi por isso que a Fran teve de esconder-me. Não podia perder-me também a mim.

Cristo! Katie tentou processar aquilo. A filha de Fran estava *morta*? Nesse caso, quem era aquela rapariguinha? Onde estava a família dela? Tinha um pai? E esse pai sabia onde ela estava, ou andava por aí algures, a procurá-la?

E foi então que se fez luz, a compreensão a atingi-la com a força de um martelo-pilão.

A sensação de familiaridade. Os olhos, o sorriso.

Aconteceu uma coisa má. A mamã morreu.

A respiração pareceu prender-se-lhe no peito. Jesus Cristo! Seria possível?

Tirou o folheto do bolso.

ALGUÉM ME VIU?

Olhou para a fotografia, e então de novo para Alice. Claro, estava mais velha, tinham-lhe pintado os cabelos e o dente definitivo crescera.

Mas não havia dúvida possível.

– O que é isso? – perguntou Alice.

Katie estendeu a mão para pegar na dela.

– Querida, acho… que és tu.

Capítulo 39

Izzy adorava os filmes do *Toy Story*. Gabe achava-os muitíssimo tristes. O fim da infância. O medo de tornar-se velho e indesejado. A compreensão de que a vida continua sem nós.

Dera por si a reflectir sobre estas coisas poucos meses antes do quarto aniversário de Izzy. Jenny encarregara-o de se livrar de alguns dos velhos brinquedos da filha antes de a casa ser cheia com outros novos.

É isso ou comprar uma casa maior.

Ambos sabiam que isso não estava nas cartas, dada a nunca abordada fragilidade do relacionamento entre os dois. E Jenny tinha razão. A casa estava a transbordar de plástico cor-de-rosa. Tinha encontrado *Buzz* debaixo de uma montanha de aquisições mais recentes na caixa de brinquedos de Izzy. Ficara a olhar para o seu rasgado sorriso de plástico: para a infinidade mais além, ou para a loja de beneficência? Pusera-o de lado – *não era capaz, pronto, não era capaz* – e começara a juntar outros brinquedos mais antigos: imitações baratas de *Barbies*, um carrinho de bebé, brinquedos fofinhos com orelhas de cachorrinho já dobradas e outras novidades de plástico compradas para o Natal ou para os anos e desde sempre ignoradas. Dividira-as em dois sacos de plástico. Um para a loja de beneficência. Outro para o lixo. Quando acabara, era demasiado tarde para levar qualquer deles aos respectivos destinos, de modo que os deixara na garagem… e esquecera-os sem mais tardança.

Izzy não dera pela falta dos brinquedos. Tinha fartura de novos pedaços de plástico para Gabe passar horas a montar e dias a tropeçar. Então, umas poucas semanas mais tarde, o tempo tornara-se surpreendentemente quente. Gabe fora à garagem buscar o cortador de relva. Izzy entrara a correr e a sua expressão ensombrecera.

– Por que estão os meus brinquedos todos aqui, papá? Vais deitá-los fora?

– Bem, há séculos que não brincas com eles.

– Mas quero brincar com eles *agora*.

Pusera-se a remexer nos sacos, com gestos determinados. Gabe contivera a irritação.

– Izzy… tens montes de maravilhosos brinquedos novos. Não tens espaço para todos. Vou levar alguns dos teus brinquedos antigos para a loja de beneficência. Sabes, como no *Toy Story*, quando o Andy dá os seus brinquedos velhos à menina.

– E os outros?

Ele hesitara.

– Bem, vão ter de ir para o lixo.

Os olhos dela tinham-se escancarado de horror.

– Mas vão queimá-los.

Trampa. Por que fora ele falar no *Toy Story*?

– Izzy, estão partidos, faltam-lhes peças…

– Mas não podemos deixar que os queimem só porque estão partidos. O Woody estava partido e foi arranjado.

Gabe suspirara.

– Izzy, há coisas que não podem ser arranjadas.

– Porquê? Por que não podemos salvá-los todos?

E então desfizera-se em lágrimas. Uma daquelas súbitas e violentas tempestades de emoção que se formam e surgem do nada. Ele ajoelhara e abraçara-a, a sentir as lágrimas quentes dela ensoparem-lhe a *T-shirt*.

Sentira a dor da filha. *Por que não podemos salvá-los todos?* Porque não podemos. Porque a vida não é justa. Porque temos de escolher e, por vezes, as escolhas são difíceis. Por vezes, nem podemos escolher. Nem todas as coisas ou todas as pessoas podem ser arranjadas com um pedaço de fio e um pouco de cola e nem todos acabaremos os nossos dias a apanhar sol no alpendre dianteiro.

Não dissera nada disto. Limpara os olhos de Izzy e dissera:

– Vamos comer um gelado?

Depois de aquilo ter acontecido, algures no meio daquele enorme abismo de escuridão e dor, Gabe tinha-se visto na obrigação de despejar o quarto de Izzy. Não conseguira fazê-lo. Andara de um lado para o outro como uma criança

desnorteada, incapaz de dar as coisas dela, incapaz de separar-se de um único gancho de cabelo. Acabara por chamar uma empresa de mudanças e fora tudo – todos os seus brinquedos, roupas e mobília – levado para um armazém.

Ali. Olhou para a fila anónima de portas de garagem fechadas, iluminadas pelas luzes de segurança. Número 327. Não voltava àquele lugar, uma urbanização industrial nos arredores de Nottingham, há quase dois anos. Pensara várias vezes em despejar o depósito, oferecer o conteúdo a quem o quisesse, cancelar o débito directo. Mas a imagem do rosto de Izzy naquela tarde travava-o sempre.

Vais deitá-los fora?

Se o fizesse, seria o princípio do fim. Seria como deixá-la ir, afastar de si aquela bóia de esperança que o mantivera à tona naqueles últimos três anos. Seria admitir que ela não ia voltar. O fim.

Dirigiu-se ao teclado electrónico ao lado da porta e introduziu o código. O dia de anos de Izzy. Recuou um passo enquanto a porta rolava e as luzes automáticas se acendiam.

Preparou-se, mas mesmo assim a dor atingiu-o com força suficiente para lhe provocar um estremecimento. Estava tudo ali. A vida de Izzy. A mobília de quarto, os brinquedos, os desenhos, a casa de bonecas, a bicicleta. Tudo muito bem arrumado naquele escuro e frio espaço de armazenamento, a incongruência das cores brilhantes em contraste com o cinzento dos blocos de cimento mais gritante do que nunca. Os brinquedos precisavam de quem brincasse com eles, pensou. Nisso Woody tinha razão.

Avançou, tocou na cabeceira da cama, na *scooter* cor-de-rosa da *Barbie*, como se aquelas coisas pudessem partilhar com ele as suas recordações. Descobrira que tinha cada vez mais dificuldade em evocar a imagem de Izzy a brincar ou a dormir. Estava a desvanecer-se, a recuar para o passado. E ele não podia chamá-la nem correr atrás dela porque estava enraizado no presente e não se pode andar para trás, só para a frente.

– Gabe?

Voltou-se. Harry estava à porta, a luz a transformar-lhe os cabelos brancos numa auréola. Apoiava-se à bengala e parecia mais magro e mais vergado do que nunca.

Gabe esboçou um débil sorriso.

– Entre… faça de conta que está em casa.

Viu Harry dar um inseguro passo em frente. Então premiu um interruptor na parede. A porta automática desceu devagar, isolando-os ali dentro.

– Que… – Harry estava a olhar para ele de olhos franzidos. – Que diabo se passa, Gabe? Que lugar é este?

– É tudo o que me resta dela.

Viu Harry pestanejar e olhar em redor. Observou cada um dos seus pequenos movimentos: o subir e descer da maçã-de-adão, o quase invisível latejar por cima do olho esquerdo, o tremor da mão.

– Disseste que era urgente. Que havia uma coisa que eu precisava de ver.

Gabe assentiu.

– É verdade. Queria que visse isto. Queria que compreendesse que nunca vou perder a esperança. Que guardei tudo isto porque queria estar pronto para a minha menina quando ela voltasse.

– E foi para isto que me arrastaste até aqui a estas horas da noite? Pelo amor de Deus! – Harry suspirou, mas soou forçado. – Não sei que mais possa fazer para te ajudar, Gabe.

– Pode dizer-me a verdade.

– Já disse.

– Não. Mentiu. Desde o início. Desde o dia em que identificou erradamente o corpo da minha filha. Aqueles comprimidos que a Evelyn me deu fizeram o seu trabalho, não foi? Ou foi qualquer coisa que me deitaram no café antes de sairmos do hotel? Gotas para os olhos, talvez. Quer dizer, era um risco, mas vocês conseguiram. Só preciso de saber porquê.

O rosto de Harry recuperou um pouco da calma superioridade habitual.

– Tenho pena de ti. A sério. Mas desta vez passaste-te de todo. – Abanou a cabeça. – Abre essa porta, ou eu chamo a polícia.

– Faça isso. Penso que a polícia gostaria de falar consigo… a respeito da razão porque falsificou uma fotografia da morgue e mentiu na identificação de uma criança morta. Eles *sabem*, Harry. Mas eu queria falar consigo primeiro.

Harry hesitou, a mão coberta de manchas hepáticas que segurava o telemóvel suspensa a meio do gesto. Gabe esperou, a perguntar-se se ele ia tentar safar-se daquela com uma bravata. E então Harry deixou descair os ombros, numa aceitação de derrota. Sentou-se na beira da cama de Izzy.

Não parecia só velho, parecia doente, pensou Gabe, e de repente conseguiu imaginá-lo daí a poucos anos, a sentar-se numa cama de hospital de uma maneira muito parecida, com tubos a saírem-lhe dos braços e as pernas escanzeladas e brancas a espreitarem por baixo da bata fina. Em tempos senhor daquele domínio, agora à mercê de médicos que brincavam com bonecos quando ele esgrimia bisturis. A morte pode ser indiscriminada, mas o tempo é impiedoso.

– Sempre pensei que falsificar a fotografia era ir demasiado longe – disse Harry. – Mas conservei-a, por precaução. Quando me disseste que tinhas encontrado o carro, não tive alternativa. Tinha de usá-la para te convencer a desistir.

– Quase resultou – disse Gabe.

– Pois, quase.

– Foi o gato.

– Desculpa?

– Naquela manhã o gato tinha arranhado a Izzy no queixo. Pus-lhe um penso rápido. Na fotografia não havia arranhão. Tinha de ter sido tirada mais tarde.

Harry abanou a cabeça.

– Talvez seja melhor assim. Não imaginas como tem sido difícil para mim guardar este segredo durante tanto tempo.

– *Difícil para si?* – Gabe olhou para ele, incrédulo. – Tentou convencer-me de que a minha filha estava morta. Deixou-me torturar-me, a procurá-la. Deixou outra criança ser enterrada na sepultura dela. Como… como pôde fazer uma coisa destas?

– «A consciência faz de todos nós cobardes.» – A expressão de Harry tornou-se mais dura. – Quando temos filhos, fazemos seja o que for por eles. *Seja o que for.* A Jenny era a nossa única filha… o nosso mundo. A Izzy era o nosso universo.

– Devia ser por isso que iam visitar-nos tantas vezes.

– A Evelyn nunca gostou de ti.

– Estou chocado.

– E isso causava atritos entre ela e a Jenny. Quando a verdade veio ao de cima… todos aqueles segredos que *tu* tinhas estado a esconder, Gabe… percebi que a Evelyn tinha razão. Não merecias a Jenny, nem a Izzy.

Gabe cerrou os punhos.

– Isso não tem nada a ver com isto.

– Tens a *certeza*?

– Eu… – balbuciou.

Harry fez-lhe um sorriso simpático.

– Nunca te perguntaste? Porquê eu? Porquê a minha família? Por que aconteceu isto?

Claro que tinha. Tinha-se perguntado se aquilo era o que merecia. *Karma*, *kismet*, destino.

Ou outra coisa qualquer.

Partilhamos a dor… com aqueles que o merecem.

Tinha a boca seca.

– Não foi um ataque aleatório, pois não?

Harry olhou para Gabe como se ele fosse um miúdo de compreensão lenta que tivesse enfim conseguido somar dois e dois. Abanou a cabeça.

– Não, foi por causa *do que tu fizeste*. A *ela*. À outra rapariguinha. A rapariguinha cujo nome deste à tua filha, como se fosse uma espécie de brincadeira doentia.

Gabe ficou a olhar para ele. O medo subiu-lhe à garganta.

«Isabella.»

Dorme. Uma rapariga pálida num quarto branco. Não ouve as máquinas que fazem bip *e zumbem à sua volta. Não sente o toque da mão de Miriam nem dá conta de a enfermeira sair do quarto. A rapariga pálida não ouve, não vê e não sente seja o que for.*

Mas sonha.

Caminha por uma praia. O beijo do Sol doura-lhe a pele de alabastro e os cabelos cor de linho ficam quase brancos. Agora a orbe amarelada está a pôr-se, a fundir-se lentamente no mar. Há uma ligeira brisa que põe rugas refulgentes na água e lhe dá cristas de espuma.

Isabella adora a praia. Mas não devia estar aqui. Devia estar na sua aula de violino. Todas as quartas-feiras depois do jantar. Às segundas é canto e às sextas piano. A mãe diz-lhe que tem um talento especial para a música; está a ajudá-la a desenvolver todo o seu potencial. Mas por vezes parece a Isabella que a mãe está a espremer a alegria de todas as coisas que ela ama, como um limão num espremedor.

Pelo menos, as aulas de violino são fora de casa. Na pequena casa do professor, à beira-mar. Toca melhor lá. A única razão por que a mãe concordou. Miriam, a governanta, vai lá deixá-la e volta para a buscar no fim da lição. Sim, têm uma governanta. E uma empregada para fazer as limpezas e um jardineiro. Isabella sabe que é privilegiada.

O pai ganhou muito dinheiro e quando morreu, era ela um bebé, deixou-o à mãe. Vivem numa grande casa com hectares de jardins e a mãe gosta de pensar que dá à sua única filha tudo o que ela poderia alguma vez desejar, excepto, claro, a única coisa que uma rapariga de catorze anos na verdade deseja: liberdade.

Isabella compreende por que razão a mãe se preocupa com ela. O pai morreu de repente. A mãe tem medo de que também ela lhe seja tirada. Por isso tenta erguer

muros à volta da filha. Para a manter a salvo. Muros bonitos, mas isso não impede que sejam uma prisão.

Por isso, por vezes, Isabella procura pequenos momentos de fuga, como aquele.

O senhor Webster, o professor de violino, vai estar três semanas fora, de férias. E ela não disse nada à mãe. Depois da escola, permitiu a Miriam deixá-la na pequena casa, como sempre. E em seguida veio para a praia.

Isabella nunca se sente sozinha na praia. Mesmo quando o Verão chega ao fim, aqui há sempre vida. Pessoas a passear cães, famílias que juntam as suas coisas para voltar a casa, casais que deambulam de mãos dadas. E a praia. Viva com o lamber das ondas, os inquietos seixos e os gritos impacientes das gaivotas.

Embora a praia seja quase toda de seixos, há uma faixa de areia mesmo à beira da água. Isabella gosta de descalçar os sapatos e as meias e passear ao longo dessa faixa, a deixar as pequenas ondas lamberem-lhe os pés, a sentir a areia meter-se-lhe entre os dedos.

Não pode levar uma toalha, de modo que vai sentar-se na beira do passeio marítimo para os deixar secar. Por vezes rabisca algumas notas musicais no bloco que tem no estojo do violino, melodias inspiradas pela natureza. Por fim, caminhará ao longo da praia para apanhar seixos e conchas bonitos. Tem de ter o cuidado de os esconder quando chegar a casa, para que a mãe não descubra onde esteve.

Às sete da tarde, Isabella sabe que o seu tempo está a chegar ao fim. Olha para cima. De onde está, consegue entrever a sua casa, alcandorada no alto da falésia, ao longe. Sabe que a mãe estará sentada, sozinha, na imensa sala, à sua espera. Suspira e, devagar, volta a subir a praia, a saborear os seus últimos instantes de liberdade. As gaivotas gritam despedidas. As ondas sussurram adeuses. Ccccch. Cccsch. Ccccch. Vê uma coisa de um branco-brilhante no meio dos seixos castanhos. Uma concha. Agacha-se e pega nela.

É uma bonita concha rosada e branca. É raro encontrar uma destas tão grande e intacta. Isabella certifica-se de que está vazia. Satisfeita, enfia-a no bolso do blusão com capuz. Olha para o relógio. Dez para as sete. Tem de se apressar.

Sobe meio a correr os degraus até ao passeio. Há carros estacionados de ambos os lados. Os últimos visitantes do dia, talvez a saborear um café ou fish and chips *num dos pequenos cafés alinhados do outro lado da estrada.*

Tira a concha do bolso, incapaz de impedir-se de admirá-la uma última vez. Lembra-se de uma coisa que Miriam disse: «Se encostares uma concha ao ouvido, poderás sempre ouvir o mar.»

Miriam é cheia de pequenos ditos como este. Por vezes consegue ser um pouco severa, mas Isabella sabe que há nela uma outra faceta. Quando era pequena, Miriam levava-a para a cozinha e fazia queques pequeninos e grandes e fofos pães-de-ló. Quando a mãe estava demasiado cansada, era Miriam quem jogava às escondidas com ela nos jardins e lhe lia histórias nas tardes chuvosas. Agora está mais velha, e por vezes Miriam empresta-lhe os retorcidos thrillers *que tem no seu quarto (em vez das obras mais literárias que a mãe prefere que ela leia). É um segredo entre as duas.*

Isabella sorri. Leva a concha ao ouvido e começa a atravessar a rua. O mar ruge dentro da sua cabeça.

Talvez seja por isso que não ouve o rugido do motor do carro.

Capítulo 40

1996

Aconteceu tudo tão depressa. É o que as pessoas dizem sempre, não é? *Oh, meu Deus, aconteceu tudo tão depressa.* Mas não foi. Não para ele. Lembrava-se de cada angustiante segundo, de cada som, de cada pequeno pormenor. Os últimos momentos dela indelevelmente marcados na sua memória, em vidro e osso e sangue.

Nem era suposto ir a conduzir. O carro não era dele. Mas estava mais sóbrio do que o resto do bando: Mitch, Jase e Kev. Chamar-lhes «amigos» seria um pouco forçado. Na realidade, eram apenas miúdos com os quais tinha crescido. Viviam na mesma urbanização, frequentavam a mesma escola. Juntos pela circunstância e pelo código postal.

Naquela noite em particular, estavam esparramados num banco numa mancha de erva rala atrás do Spar local. Dale, o gerente, sabia que ainda não tinham feito dezoito anos, mas não tinha escrúpulos em vender-lhes bebidas baratas. Naquele ponto, a rua afastava-se do passeio marítimo e da fila de barracas de *fish and chips*, salas de jogos electrónicos, cafés decrépitos e lojas de *souvenirs* pirosos. Mal se conseguia avistar o mar e o pontão.

Fumaram e beberam cidra, e apesar de saber que devia ir para casa começar o trabalho de fim de período, Gabe sentia-se agradavelmente zonzo. E com fome.

Como que a ecoar-lhe o pensamento, Jase disse de repente:

– Porra, estou cheio de fome.

– Também eu – disse Kev, a arrastar as palavras.

Mitch agitou as chaves do carro.

– Vamos até ao pontão comer umas batatas e ver se há algumas miúdas de jeito nos jogos.

Eram menos de dois quilómetros da urbanização ao passeio marítimo. Podia-se ir a pé, mas Mitch tinha um velho *Fiesta* que levava para todo o lado. Era o único do grupo que tinha carro. O tio comprara-o barato a um sujeito que conhecera num *pub* e Mitch equipara-o com um sistema de *stereo*, luzes de néon e todo o género de merdas que gritavam «Manda-me parar!» a qualquer carro da polícia que passasse.

– Vamos.

Mitch saltou do encosto do banco e estatelou-se de cara no chão. Jase e Kev riram como hienas bêbedas. Mitch rolou sobre si e limpou o queixo. Olhou para o sangue nos dedos e riu também.

– Pá, estou mesmo fodido.

– Talvez devêssemos ir a pé – disse Gabe. Estava a sentir a excitação esmorecer.

– Porra para isto – cuspiu Kev.

Mitch sentou-se e pareceu considerar a hipótese. Por um instante, Gabe pensou que ia concordar, e se Mitch concordasse os outros iriam atrás, como ovelhas pedradas.

Em vez disso, Mitch atirou-lhe as chaves. Gabe conseguiu apanhá-las.

– Não tenho carta.

– E depois? Sabes conduzir, não sabes?

Sabia. Mitch tinha-lhe ensinado o básico.

– Ganda Gabe, ganda Gabe! – cantou Kev.

Jase limitou-se a sorrir como um pateta.

Gabe queria dizer que não. O efeito da erva e do álcool começava a dissipar-se, mas ainda estava acima do limite. No entanto, se não conduzisse, Mitch sentar-se-ia ao volante, e Mitch estava em muito pior estado do que ele.

O problema não é teu. Deixa isto. Vai para casa.

Mas não podia. Porque dizer que não era só a respeito de conduzir um carro. Se se afastasse agora, seria o momento em que o Ganda Gabe ia desapontá-los. O momento em que o Ganda Gabe ia passar a ser um *maricas de merda*. O momento em que o Ganda Gabe ia deixar de ser um deles.

Pegou nas chaves, dirigiu-se ao carro e sentou-se ao volante. Jase e Kev instalaram-se no banco traseiro. Mitch contornou aos tombos a frente do carro e deixou-se cair no banco do passageiro. Quando Gabe ligou o motor, Mitch

estendeu a mão e ligou o *stereo* que ele tinha instalado, com fios a serpentear por todo o lado. O som dos Prodigy jorrou das colunas, fazendo estremecer todo o automóvel.

– *Yes*, porra! – gritou Kev.

Gabe tirou o *Fiesta* do parque de estacionamento do Spar e entrou na estrada. Moveu a alavanca das mudanças, forçando desajeitadamente uma terceira.

– Pá, pareces a minha avó a guiar – troçou Jase.

Gabe franziu o sobrolho, a corar. E se calhar, pensou, andar aos solavancos a trinta dava mais nas vistas do que acelerar. Pisou o acelerador, engatou a quarta e chegou aos sessenta, aos setenta, aos oitenta, enquanto desciam a sinuosa estrada da falésia. Não obstante o medo inicial, a sensação era boa.

Avançou ao longo do passeio marítimo, as luzes brilhantes do pontão a aproximarem-se. À sua esquerda, o Sol mergulhava no mar, afogando o céu em cor-de-rosa e laranja. À sua direita, filas de pensões baratas «cama e pequeno-almoço»; uma mancha de luzes de feira, candeeiros de néon e plástico. Os Prodigy gritavam que eram incendiários. Carregou um pouco mais no acelerador quando o coro entrou.

E ela estava ali.

Num instante a rua estava deserta; no instante seguinte a rapariga estava no meio dela.

Cabelos louros, quase brancos, pele pálida. Não tinha mais de catorze anos. Com um simples vestido de Verão amarelo e sandálias. Voltou-se. Os seus olhos azuis abriram-se muito, a sua boca fez um pequeno «Oh!» de surpresa, como que chocada pela subitaneidade e finalidade do encontro.

Gabe viu tudo isto, embora o momento não possa ter durado mais do que algumas fracções de segundo. E então ela desapareceu, voou pelos ares, por cima do pára-brisas, como se uma grande rajada de vento a tivesse apanhado e levado consigo. O impacte projectou-o para a frente, o cinto de segurança puxou-o para trás, a cravar-se-lhe fundo no peito e no ombro, a atirar-lhe a cabeça contra o encosto.

Ouviu o guinchar dos travões, apesar de não se lembrar de os ter accionado, sentiu o volante lutar contra o aperto das suas mãos quando o carro guinou, derrapou e acabou por deter-se com um estremecimento.

Atropelei-a. Matei-a. Atropelei-a. Matei-a. Oh, porra, porra, porra…

Teve uma vaga consciência de gritos e berros, das portas do carro a abrirem-se, de Kev e Jase saírem a cambalear. Sentiu alguém – Mitch – agarrar-lhe o braço. Continuou dobrado para a frente, petrificado sobre o volante, o coração a tentar escapar-lhe do peito dorido, a respiração a sair-lhe em pequenos, estranhos, arquejos. Mitch voltou-se e fugiu, atravessou a estrada, desapareceu nas ruas laterais.

Gabe ergueu os olhos para o retrovisor. A rapariga estava caída na estrada, vários metros atrás do carro. Imóvel, o corpo contorcido de uma maneira bizarra. Ouviu gritos. As pessoas saíam a correr dos bares e cafés, atraídas pelo guinchar dos travões, pela agitação. Um homem corpulento, que reconheceu como sendo o dono da loja de gelados, tinha pegado num grande telemóvel e gritava a pedir uma ambulância.

De momento, ninguém olhava para ele. Todos os olhos horrorizados estavam na rapariga.

Vá. Foge.

Olhou para o pontão. Podia fazê-lo. Ainda podia escapar. Arrancou as mãos do volante e meio caiu, meio cambaleou para fora do carro. Deu um passo em frente… e então voltou-se e coxeou até à rapariga.

Estava caída na estrada com todo o corpo em ângulos impossíveis. Tinha os olhos semiabertos, mas a cara era uma máscara de sangue e uma mancha escura alastrava debaixo dos cabelos quase brancos. Segurava numa das mãos uma concha partida.

Caiu de joelhos junto dela. Sentia o cheiro a borracha, a sal e a outra coisa mais escura, mais cruel. Estendeu a mão para a da rapariga. As unhas tinham sido quebradas e arrancadas, os nós dos dedos estavam em carne viva.

Os olhos dela rolaram na direcção dele.

– Vem uma ambulância a caminho – disse Gabe, sem saber de verdade se vinha ou não. – Vai correr tudo bem.

Embora fosse já óbvio que não ia. Os ângulos pouco naturais dos membros. O sangue que borbulhava nos cantos da boca. As lágrimas queimaram-lhe os olhos.

– Lamento tanto.

Os lábios dela moveram-se. Gabe aproximou a cara. O hálito da rapariga era quente e metálico.

– Essscuta.

Exalou a palavra com uma fina poalha de sangue. E, embora fosse impossível porque devia estar com dores horríveis e talvez a morrer, pareceu que estava a tentar sorrir:

– Ouço o mar.

Capítulo 41

– Foi um acidente.

– Estavas bêbedo.

– Tinha dezassete anos. Cometi um erro. Paguei o preço.

– Uma sentença suspensa, uma multa – troçou Harry.

– Foi um acidente. Ela apareceu mesmo à minha frente. Além disso, sabe que não era isso que queria dizer.

– Talvez não tenha sido o suficiente.

Gabe abanou a cabeça.

– Foi há mais de vinte anos. Porquê? Depois de tanto tempo?

– Não sei.

– O que *sabe*?

– Só o que a mulher me disse.

– Que mulher?

– A mulher que tem a Izzy.

Não conseguiu impedir-se. Apesar do doloroso puxão dos pontos no flanco, saltou da cadeira e agarrou Harry pelas lapelas e empurrou-o contra a parede de cimento.

– Como se chama essa mulher? Onde está ela? Onde está a minha filha?

Harry era quase tão alto como Gabe e Gabe não era nenhum Hércules, mas sentiu a fragilidade do homem quando o levantou. Os músculos flácidos por baixo das roupas elegantes. O leve cheiro azedo do medo por baixo da loção de barba cara. Sentiu uma pequena pontada de culpa. Mas muito pequena.

– Não sei o nome dela. Não sei onde está a Izzy.

– Mentiroso.

– É a verdade.

– A Izzy corre perigo?

– Não. Não é nada disso.

– Então o *que é*? Diga-me!

O rosto de Harry empalideceu. Começou a ofegar. Gabe largou-o. Voltou a cair sentado na cama. Com um suspiro que soou como uma roca partida, disse:

– Depois de teres ligado naquela noite… a Evelyn ficou histérica. Convenci-a a tomar uns comprimidos, para a ajudar a dormir. Eu pouco dormi. Acordei cedo e desci as escadas. Havia um sobrescrito castanho no tapete. Sem carimbo dos correios, mas com qualquer coisa volumosa lá dentro. Abri-o e encontrei um telemóvel e uma nota: «A sua neta está viva. Leve este telefone e vá até ao parque. Espere no banco junto ao recreio. Não contacte a polícia.»

– E fez o que a nota dizia?

– Pensava que acabava de perder a minha filha *e* a minha neta. Agora estava alguém a oferecer-me esperança, por muito louco que parecesse. – Voltou para Gabe os olhos avermelhados. – Que outra coisa podia fazer?

Gabe engoliu em seco.

– Continue.

– De modo que sim, fui ao parque. Sabes qual é?

Gabe sabia. Tinham lá levado Izzy nas suas esporádicas visitas «à vovó e ao vovô».

– Sentei-me no banco e esperei. Não estava lá há muito tempo quando o telemóvel começou a tocar. Atendi. Uma voz de mulher disse: «Olhe para os balouços.» Olhei. E ela estava lá… a *Izzy*… com uma mulher, no parque infantil. A mulher disse-me que se quisesse voltar a ver a Izzy, tinha de fazer o que ela dissesse. Voltaria a telefonar-me dentro de uma hora com instruções.

– E deixou-as ir embora?

– Não ia conseguir persegui-las. Com quase oitenta anos? E estava em choque. A Izzy estava viva. Era impossível, um milagre.

– O que foi então que *fez*?

– Fui para casa e contei à Evelyn. Pensei que ela ia dizer que tinha enlouquecido ou exigir que chamasse a polícia, mas não o fez. Pegou-me na mão e disse: «Tens de fazer tudo o que ela disser. Tudo o que for preciso para recuperar a nossa neta.»

– Como drogar-me, impedir-me de ver o corpo, mentir na identificação?

– A mulher disse-nos que a única maneira de proteger a Izzy era conseguir que todos acreditassem que tinha morrido.

Gabe olhou para ele. Qualquer coisa encaixou no lugar com uma pancada nauseante.

– Era a filha *dela*, não era? A rapariguinha que morreu? A rapariguinha que identificou?

Harry assentiu, o rosto flácido.

– Por que diabo não foi ela à polícia?!

– Não podia. Disse que tinha cometido um erro. Que se tinha envolvido em qualquer coisa para lá do seu controlo. Tinha tentado salvar a Jenny e a Izzy, e isso tinha-lhe custado a vida da filha.

Gabe tentou imaginar até que ponto uma pessoa tinha de estar aterrorizada para abandonar o corpo de uma filha, para deixá-la ser enterrada na sepultura de outra criança. Aterrorizada… ou psicopata.

– Como o encontrou essa mulher?

– Presumo que a Izzy deve ter-lhe dito onde morávamos.

Talvez porque a mulher dissera a Izzy que ia levá-la para junto da família, pensou Gabe. Tentou conter a raiva.

– Que mais disse a mulher?

– Que o que acontecera tinha sido vingança por uma coisa terrível que tu tinhas feito. Disse que as pessoas responsáveis nunca pariam se soubessem que a Izzy continuava viva. Porque pagavam sempre as suas dívidas.

– Disse quem eram «eles»?

– Chamou-lhes «Os Outros».

Gabe sentiu o gelo descer-lhe pela coluna.

– E acreditaram nela?

– Não sei muito bem no que acreditámos. Só queríamos a nossa neta de volta. A mulher prometeu que se fizéssemos aquilo quando fosse seguro nos levaria a Izzy, que poderíamos levá-la para um lado qualquer. Só nós os três.

– Só vocês os *três*?

– Era o que a Jenny teria querido.

– Como diabo sabe o que a Jenny teria querido?

– Sei que queria o divórcio. Disse-o à Evelyn.

Gabe ficou a olhar para ele, aturdido. Divórcio. A palavra tinha pairado no ar entre os dois algumas vezes, quase dita mas nunca expressa, por medo que, caso se materializasse, pudesse tornar-se realidade.

Sabia que tinham chegado perto. Estava a tornar-se cada vez mais difícil esconder de Jenny as segundas-feiras em falta. A agência para que trabalhava era flexível em termos de horários. Era uma indústria criativa e ninguém levantava objecções ao facto de ele trabalhar à distância um par de dias por semana. Mas mesmo assim houvera ocasiões em que Jenny o apanhara em falta quando, ao ligar para o escritório, lhe tinham dito que ele estava a trabalhar em casa.

– Estás a ter um caso? – perguntara-lhe sem rodeios uma noite. Ele negara, furiosamente, fervorosamente e, *graças a Deus*, ela vira a verdade nos seus olhos. Mas Jenny sabia que ele estava a mentir a respeito de *qualquer coisa*. No fim, não fizera diferença que não fosse um caso. Fora a falta de franqueza dele, a falta de confiança que introduzira uma cunha intransponível entre os dois.

Mas Gabe não fazia ideia de que Jenny o tinha dito a Evelyn. A mulher que uma vez descrevera como «*mais ou menos tão maternal como a Maléfica*».

Abanou a cabeça.

– A mim nunca me disse nada.

– Queria afastar-se de ti – rosnou Harry. – Se o tivesse feito mais cedo, talvez ainda estivesse viva.

Gabe queria argumentar, negá-lo. Mas não podia. Era verdade. Se ela o tivesse deixado. Se o tivesse odiado mais.

– Nesse caso por que não está agora a Izzy consigo?

Harry apertou os lábios.

– Deixe-me adivinhar – disse Gabe, em tom azedo. – Nunca foi suficientemente seguro. Seria sempre na próxima semana, no próximo mês, no próximo ano.

– A culpa foi *tua*. Não desistias. Não paravas de procurar, de agitar as coisas, de procurar o maldito carro. Estragaste tudo.

– Por que diabo não foram à polícia?

– Estávamos assustados. Pensámos que, se o fizéssemos, nunca mais voltávamos a ver a Izzy.

– Como sabe que a Izzy ainda está viva? Essa mulher… essa mulher *sem nome*… pode ter estado a mentir-lhes durante todo este tempo.

Harry hesitou. Os seus olhos saltitaram em redor, como que à procura de um lugar seguro onde pousar.

– De três em três meses recebíamos uma fotografia ou um vídeo. Sabíamos que a Izzy estava a salvo, que tinha quem tratasse dela.

– Tem o telefone? O que ela lhe deu?

– Tenho.

– Mostre-mo.

– As mensagens estavam encriptadas. Só ficavam acessíveis durante vinte e quatro horas antes de serem apagadas.

– Então ligue para essa mulher. Diga-lhe que precisam de se encontrar.

– Não vai resultar.

– Invente uma história. Convença-a. É bom a mentir.

– Tentei ligar-lhe depois de receber a tua chamada. Não atendeu.

– Tente outra vez.

– Não compreendes. O número não está acessível. Mesmo que quisesse ajudar-te, não podia. Ela desapareceu.

Desapareceu. Com Izzy. Gabe quis esmurrar a parede, de frustração. E então recordou as palavras da inspectora Maddock:

Encontrámos o carro. Encontrámos outra vítima perto do carro. Uma mulher.

– Harry, quando eu lhe disse que tinha encontrado o carro, contou à mulher?

Harry teve a decência de parecer embaraçado.

– Sim.

– Cristo!

Harry olhou para ele, surpreendido.

– O que foi?

– Havia um corpo no porta-bagagens do carro, já muito decomposto. Estava lá há bastante tempo. Hoje, quando a polícia tirou o carro do lago, encontraram uma mulher ali perto, quase morta.

Gabe viu a compreensão nos olhos aquosos de Harry.

– Achas que é a mulher que levou a Izzy?

– Penso que, depois de lhe ter dito que eu tinha encontrado o carro, ela voltou lá, talvez para destruir as provas.

– Mas, se é ela, então…?

– Onde diabo está a minha filha?

Capítulo 42

Enquanto o *Titanic* se afundava, a orquestra continuou a tocar. Toda a gente tinha ouvido essa história. Mas, muitas vezes, Katie perguntava-se porquê. Negação, dever, ou apenas a necessidade de concentrar-se em qualquer coisa familiar quando estava tudo perdido? Quando o pior tinha acontecido.

Naquela manhã sentia-se um pouco como se estivesse a tocar no *Titanic*. Ou a tocar harpa enquanto Roma ardia. A fazer todas as coisas normais quando nada era normal.

Deitou os *cornflakes* e o leite nas tigelas, barrou as torradas com manteiga e serviu copos de sumo de laranja. Fez uma chávena de chá e instalou Sam e Gracie na sala a ver televisão e procurou no tambor da máquina de secar casacos e meias da escola perdidos. Tudo isto enquanto tentava ignorar a voz dentro da sua cabeça que não parava de gritar: *Icebergue! Icebergue!*

ALGUÉM ME VIU? *Acho que és tu.*

Alice (não estava preparada para responder pelo nome de Izzy) ainda estava na cama. Já passava bem das onze da noite quando Katie, exausta, a deitara.

A rapariguinha absorvera a revelação com calma. O que era preocupante. Não obstante todos os esforços de Katie para lhe arrancar mais qualquer coisa, Alice afirmava não se lembrar de nada da noite em que a mãe morrera. Só que fora uma coisa má. Fran tinha-a salvado. Repetia isto como um mantra, como se o tivesse aprendido de cor. Mas Katie não tinha assim tanto a certeza.

Era verdade que a maior parte das crianças, quando chegam aos oito ou nove anos, esquecem os acontecimentos dos seus primeiros anos. *Amnésia infantil.* Qualquer coisa a ver com a rapidez com que o cérebro está a crescer e a definir novos caminhos neuronais.

Mas, se tinha razão e Alice era quem ela pensava que era, acabava de fazer cinco quando a mãe fora assassinada. Idade suficiente para evocar *algumas*

recordações, mesmo que o cérebro tivesse feito o seu trabalho de lavagem para a proteger do trauma.

As recordações não se evaporavam como água a ferver. Eram mais como chaves perdidas. Uma pessoa podia guardá-las num sítio qualquer por uma questão de segurança ou atirá-las para o fundo de um poço porque nunca mais queria voltar a abrir aquela porta em particular, mas elas continuavam lá, algures. Só era preciso arranjar uma maneira de as recuperar.

Mas então Katie pensara melhor. Gabe podia ainda estar no hospital. E Alice precisava de descansar; precisava de tempo para deixar tudo aquilo assentar. Se Gabe insistisse em vê-la de imediato (como de certeza faria), podia ser demasiado. Para ambos. Além disso, queria ter a *certeza*. Não queria alimentar as esperanças do pobre homem só para depois voltar a esmagá-las.

Depois de deitar Alice, passara várias horas na internet à procura de informações sobre os crimes. Três anos antes (portanto, a idade da rapariguinha batia certo). Na altura, aparecera em todos os noticiários e jornais. Nunca ninguém fora detido e parecia não haver um motivo, sobretudo depois de Gabe ter sido absolvido. Não houvera roubo. Nem sinais de entrada forçada. Como se o assassino tivesse sido convidado a entrar.

E talvez tivesse, pensou Katie. *Ao fim e ao cabo, quem se sentiria ameaçado por uma mulher com uma criança?*

Sentiu um frio insinuar-se e enrolar-se-lhe à volta do coração. Que estava ela a sugerir? Que Fran estivera de alguma maneira envolvida. Mas… e a filha *dela*? Se Alice dizia a verdade, também tinha sido morta. Katie recusava acreditar que Fran deixasse a filha ser magoada. Qual era então a alternativa? Fora um acaso Fran estar no lugar errado no momento errado? Ou havia uma resposta algures no meio? Tinha sido uma cúmplice? Arrastada para uma situação que se descontrolara? Em que a única opção que restava era salvar uma criança e fugir? Mas de quem?

Voltou a pensar no postal.

Fi-lo pelo papá.

Katie pegou na sua caneca de chá e bebeu um gole. Como seria de esperar, estava frio. Por vezes parecia-lhe que toda a sua vida podia ser medida em canecas de chá não bebidas. Preparava-se para a despejar no lava-louça e fazer

outra quando a campainha da porta da frente tocou. Deu um salto. Céus, tinha os nervos em franja naquela manhã.

Foi até ao vestíbulo. Através do vidro da parte superior da porta viu o que lhe pareceu ser um colete fluorescente da polícia.

Fran. Tê-la-iam encontrado?

Abriu a porta.

– Tudo bem, Katie?

Precisou de um momento. Só se encontrara com o namorado da irmã meia dúzia de vezes e, embora soubesse o que ele fazia, nunca o tinha visto de uniforme.

– Steve? Que estás aqui a fazer?

– Não te arranquei da cama, pois não?

Sorriu. Katie sentiu o impulso de apertar um pouco mais o roupão à volta do corpo.

– Não. Estava a fazer o pequeno-almoço.

– Certo. Posso entrar?

Ela hesitou. Gracie e Sam continuavam na sala a ver televisão. Alice dormia lá em cima. Mas se descesse…

– É importante.

Ela assentiu, relutante.

– *Okay*.

Levou-o para a cozinha, enquanto um pensamento se agitava no fundo da sua mente. Como sabia ele a morada? Bom, *era* um agente da polícia. Mas havia mais qualquer coisa, qualquer coisa que a incomodava.

Fechou a porta da cozinha e voltou-se para ele, a forçar um sorriso.

– Então, podes dizer-me do que se trata?

Ele olhou em redor.

– Não vais oferecer-me uma chávena de chá?

Ela reprimiu o instinto natural de ser delicada.

– Tenho de levar os miúdos à escola. Disseste que era importante.

O rosto dele ensombreceu no mesmo instante. Katie pensou em Lou. Nas más escolhas que fazia. Que um uniforme não era um indicador de carácter.

– É a respeito da tua irmã Fran.

Ela ficou rígida.

– Que sabes tu a respeito da minha irmã?

– Sei que se meteu em sarilhos e que te vai meter em sarilhos a ti também.

– Há nove anos que não vejo a minha irmã.

– Onde está a rapariga, Katie?

Uma descarga de medo sacudiu-a. Como diabo sabia ele de Alice? O que era aquilo?

– Desculpa?

– Se estás a escondê-la, estás a obstruir a justiça.

Ela tentou manter a voz firme.

– Pensei que estavas no Trânsito, não nas Pessoas Desaparecidas!

– Sei que ela está aqui. Vai buscá-la e ficamos todos amigos.

De repente, Katie lembrou-se do que estava a incomodá-la. No dia anterior Steve dissera que tinha dois dias de folga. E no entanto ali estava, de uniforme.

Icebergue. Icebergue.

– Estás de serviço?

Ele suspirou e levantou as mãos.

– Tens razão, isto não é um assunto da polícia. Chama-lhe cobrança de dívidas. A tua irmã deve e chegou a altura de pagar.

– Gostaria que te fosses embora, por favor.

– Óptimo – disse ele, e deu-lhe um murro na cara.

O nariz dela explodiu com um estalido arrepiante. Katie tentou gritar, mas tinha a garganta cheia de sangue. Gorgolejou e cambaleou para trás. Ele agarrou-a antes que caísse no chão e empurrou-a contra o lava-louça.

– Nada de pessoal. Só a fazer uma horinha extra.

Katie forçou as palavras a sair.

– Parra… quem?

– Oh, acho que sabes.

Sussurrou-lhe o nome aos ouvidos, os lábios a roçarem-lhe a pele. O terror apertou as entranhas de Katie.

– Que… tem… Lou?

Um risinho de escárnio.

– A pega da tua irmã? Foi serviço, não prazer. Só para a manter debaixo de olho.

Fechou as mãos à volta da garganta dela e apertou. Katie tentou gritar, engolir ar, mas o nariz era uma massa informe e sangrenta, tinha a garganta já meio afogada. Ouvia vindo da sala, muito fraco, o tema de *Scoobie Do*. *Oh Deus, e se as crianças entram na cozinha?* E se ele lhes faz mal?

Tentou chegar-lhe à cara, arranhá-la com as unhas. Ele apertou com mais força. Ela esperneou e contorceu-se, a tentar afastá-lo de si, mas ele era demasiado forte.

Apertou a cara contra a dela.

– Preferia que tivesses sido tu. Se tivesse mais tempo, podíamos tornar isto muito mais divertido.

Pelo canto do olho, Katie viu um lampejo de movimento. A porta abriu-se. Alice entrou na cozinha. *Não,* pensou Katie. *Não te aproximes. Vai-te embora. Foge. Pega no Sam e na Gracie e foge.*

Mas Alice não fugiu. Avançou e ergueu qualquer coisa acima da cabeça. Houve um som chocalhante, uma pancada, e a pressão na garganta de Katie desapareceu. Abriu muito a boca para respirar. Steve cambaleou para um lado, a tropeçar na mesa e nas cadeiras.

Antes que pudesse recompor-se, Alice ergueu a mochila e voltou a bater. Atingiu a nuca com um estalo muito satisfatório. Dessa vez Steve caiu no chão e ficou quieto.

Cristo. Alice acabava de atacar um agente da polícia.

Um agente da polícia que estava a tentar matar-te.

Se não estivesse apavorada, e com tantas dores, Katie teria rido da pura loucura de tudo aquilo. Inspirou mais duas rouquejantes golfadas de ar. Alice estava de pé, ainda a agarrar a mochila, como que a debater a possibilidade de voltar a usá-la. Katie forçou as pernas trémulas a caminharem até ela e passou os braços à volta dos seus magros ombros.

– O que tens aí dentro? – grasnou. – Pedras?

Alice abanou a cabeça.

– Seixos.

Claro.

– Mamã? Que aconteceu?

Voltou-se. Sam estava à porta da cozinha, com Gracie. Olhavam para ela horrorizados. Gracie começou a chorar.

– Mamã! A tua cara.

Gracie correu para eles e abraçou-os.

– Está tudo bem, está tudo bem.

– Por que está o tio Steve no chão?

Katie olhou para Steve por cima do ombro. A pancada tinha-o deixado inconsciente, mas não viu sangue. Por um lado, talvez fosse bom. Assassinar um agente da polícia era outra história. Por outro lado, ele ia acabar por acordar.

Podíamos tornar isto muito mais divertido.

– Depois explico. Neste momento, quero que vão calçar os sapatos e vestir os casacos. Temos de ir embora. *Já.*

Capítulo 43

– Quero que visites a Isabella.

E assim começou a sua verdadeira pena.

No julgamento, a idade e a ausência de antecedentes tinham contado a seu favor. As testemunhas confirmaram que a rapariga tinha aparecido de repente, mesmo em frente do carro. Nunca poderia ter parado a tempo. Ao passo que os outros tinham fugido do local, ele ficara, a segurar a mão da rapariga e a falar com ela até a ambulância chegar. No meio do choque e da confusão, as pessoas nem se tinham apercebido de que era ele o condutor. No entanto, vinha provavelmente em excesso de velocidade, tinha álcool no sangue e, apesar de a rapariga estar viva, se assim se podia dizer, o advogado dissera-lhe que havia muito poucas probabilidades de evitar uma pena de prisão…

Se não tivesse sido a carta.

Charlotte Harris, a mãe da rapariga – que sabia agora chamar-se Isabella – tinha escrito ao juiz. Gabe nunca conhecera o conteúdo da carta, mas viria a descobrir mais tarde que Charlotte era uma pessoa influente. Pedira clemência.

E pedira para o conhecer.

Sentaram-se na enorme sala de estar. Varandas com grandes portas francesas davam para as falésias de calcário. Belos relvados estendiam-se, como uma espessa alcatifa verde, até uma piscina. À volta deles, refulgiam porcelanas, mármores e vidros.

Bonito. E no entanto… Gabe tinha dificuldade em imaginar uma adolescente, com toda a sua desajeitada vivacidade, dor e desarrumação, a viver ali. O vasto espaço parecia vazio. Perguntou-se se alguma vez tivera vida.

Charlotte Harris deitou água em copos de cristal. Como a casa, era polida e composta; cabelos louro-claros, imaculado vestido bege, pérolas faiscantes.

– As visitas decorrerão todas as segundas-feiras, às duas da tarde. Durante uma hora exacta. Onde quer que estejas, seja o que for que estiveres a fazer.

– Por… porquê às segundas-feiras?

Charlotte olhou para ele com uma expressão gelada.

– A Isabella nasceu às duas da tarde de uma segunda-feira. – Deixou este pensamento assentar no espírito dele antes de continuar. – Não te desviarás do dia nem da hora. Continuarás a visitar a Isabella sem falta até ao dia em que ela recuperar.

Gabe ficou a olhar para ela. Isabella estava num persistente estado vegetativo. Ninguém sabia quando, ou se, recuperaria a consciência, quanto mais a saúde.

– Mas e se… – engoliu em seco – ela não recuperar?

Charlotte sorriu e Gabe sentiu o ódio dela emanar de todos os poros.

– Nesse caso visitá-la-ás sem falta até ao dia em que um dos dois morra. Compreendeste?

Ele compreendeu.

Todas as segundas-feiras Gabe sentava-se ao lado da cama de Isabella enquanto as máquinas que a rodeavam faziam *bip* e zumbiam. Falava com ela, lia para ela; por vezes, pegava-lhe na mão fria e suave.

Isabella dormia. Uma rapariga pálida num quarto branco.

Visitou-a enquanto estudava no politécnico da cidade, escolhido por ficar a pouca distância do hospital.

Visitou-a depois de ter acabado o curso, trabalhando à noite num *pub* e fazendo trabalho *freelance* para uma agência de publicidade local para ter os dias livres. Quando a agência lhe ofereceu um lugar fixo como *copyrighter*, negociou um corte no seu já magro salário em troca das tardes de segunda-feira, mentindo a respeito de ter de visitar a mãe moribunda no hospital, apesar de nessa altura a mãe já ter morrido.

Visitou-a quando a mãe dela a mudou do hospital para um anexo construído com esse propósito na casa da falésia, apanhando dois autocarros e fazendo quase dois quilómetros a pé para lá chegar.

Visitou-a depois de ter sido convidado por uma agência de topo longe de Nottingham, insistindo em trabalhar à distância dois dias por semana para poder fazer as quatro horas de carro até ao Sussex e voltar.

Visitou-a depois de ter conhecido Jenny. O impulso de lhe contar, de partilhar tudo com a mulher que amava, era avassalador, mas não podia. Não suportaria ver o desapontamento nos olhos dela.

Visitou-a quando devia estar de férias com a mulher e a filha, inventando desculpas cada vez mais elaboradas para evitar uma semana inteira de férias. Tinha marcado voos antecipados para casa, perdendo deliberadamente comboios, fingira intoxicações alimentares e até inventara velhos amigos a cujo funeral não podia faltar. Tudo para cumprir a sua promessa.

Visitou-a quando Jenny estava em trabalho de parto.

Visitou-a no primeiro Natal de Izzy e no seu terceiro aniversário.

Visitou-a quando a mulher estava a ser assassinada e a filha raptada – uma coisa cuja horrenda ironia só viria a registar mais tarde.

Visitou-a depois, abrindo caminho por entre as multidões de jornalistas e fotógrafos à porta da sua casa, a persegui-lo com acusações e histórias a respeito do seu primeiro crime.

Homem interrogado em relação com o assassínio de mãe e filha deixou rapariga em coma.

Pai cuja família foi chacinada visita adolescente que deixou por morta.

A primeira vítima.

Oh, sim, Gabe compreendia.

Compreendia que Charlotte o tinha feito mais prisioneiro do que se estivesse atrás de grades. Acorrentado a Isabella pelo resto da vida.

– É por isso que nada disto faz sentido. A Charlotte queria que eu pagasse, mas não assim.

Voltou-se para o *Samaritano*. Estavam ambos no viaduto por cima da auto-estrada, os veículos estacionados a curta distância. O polícia não voltara à caravana na noite anterior. Gabe achara que, quando lho dissera, o *Samaritano* parecera um pouco desapontado.

– Destruíste a vida da filha dela. Parece-me uma razão bastante boa para querer destruir a tua.

O vento atirava-lhes gotas frias de chuva contra a cara. Gabe fechou o blusão até ao queixo. O *Samaritano* estava apoiado à balaustrada, com o casaco e a *T-shirt* pretos do costume, aparentemente alheio ao mau tempo. Lá em baixo, o

tráfego do início da manhã corria rápido. Como um rio, nunca parava, não por completo. Sempre mais carros. Sempre mais jornadas.

– Não é a Charlotte que está por trás disto – disse Gabe, num tom firme. – Não contactou Os Outros.

– Por que estás tão certo disso?

– Para começar, a Charlotte detestava a tecnologia. A Miriam disse-me uma vez que nem tinha telemóvel. Não fazia ideia do que fosse o Google, quanto mais a *Dark Web*.

– Talvez tenha arranjado alguém para a ajudar?

Gabe abanou a cabeça.

– Não, era praticamente uma reclusa. Sem família. Sem amigos.

– As pessoas podem surpreender-te – disse o *Samaritano*. – E quase nunca de uma maneira boa. E a Charlotte Harris parece-me uma boa peça.

– Oh, era.

Charlotte Harris era uma concha polida cheia de veneno. E Gabe não duvidava de que teria tido muito prazer no seu tormento por ter perdido a mulher e a filha.

Mas nunca tivera essa oportunidade.

O *Samaritano* lançou-lhe um olhar.

– *Era?*

Gabe esboçou um sorriso.

– A Charlotte Harris está morta. Morreu um ano antes de a Izzy nascer.

Capítulo 44

Sentaram-se a uma pegajosa mesa da cafetaria da área de serviço. O lugar cheirava a comida requentada e a luz fluorescente dava a toda a gente uma lividez de *zombie*. Uma jovem atendia os clientes atrás do balcão. Katie estava meio à espera de ver uma versão paralela de si andar de um lado para o outro a recolher chávenas.

Encontravam-se algumas saídas a sul de Newton Green. Katie não se atrevia a voltar ao seu local de trabalho. Para começar, Steve sabia onde era. Podia ir à procura dela. Em tempos talvez isto tivesse parecido paranóia. Mas já não.

A cafetaria estava cerca de um terço cheia, as outras mesas ocupadas por uma mistura de viajantes: um par de jovens operários, a comer sanduíches de presunto e atentos aos telemóveis; um grupo de reformados a beber chá e a conversar; uma jovem mãe com uma criança numa cadeira alta.

Os clientes entravam e saíam com mais regularidade do que num café de rua. Um fluxo constante de desconhecidos. Era com isso que ela estava a contar. Um lugar seguro, anónimo, concorrido. Onde tivesse tempo para pensar. Para recalibrar.

Comprara livros de actividades e canetas de pintar na loja, além de ibuprofeno e pensos rápidos para o nariz inchado. Em seguida fora buscar batidos de leite e bolos de chocolate e instalara as crianças numa mesa sossegada num canto. Por enquanto, pareciam aceitar a situação. Era uma coisa que as crianças faziam. Eram capazes de se adaptar, de se deixar ir com o momento. Claro que tinham feito perguntas, a que Katie se esforçara por responder o melhor possível.

Por que fugimos? Que aconteceu ao tio Steve? Ele não é polícia? Vamos para a prisão?

Dissera-lhes que Steve era um homem mau, apesar de se vestir como um polícia. Tinham de fugir até que o polícia bom resolvesse as coisas.

– Como o Exterminador? – perguntara Sam. – Fingia ser polícia, mas não era. E também fingiu ser a mãe do John Connor, e espetou um pico no olho do pai dele.

– Uma coisa no género – respondera Katie, e então dissera-lhe que não falasse de picos espetados nos olhos em frente da irmã, e perguntara-se em casa de que amigo tinha ele visto *O Exterminador 2*.

Enquanto eles comiam o bolo e chupavam os batidos de leite, enviou uma mensagem de texto à escola a dizer que Sam e Gracie estavam doentes e não iriam às aulas. E em seguida enviou uma mensagem a Louise.

Estás bem?
Não. O Steve rompeu comigo ontem à noite.
Óptimo.
Obrigada.
O Steve é perigoso. Esta manhã foi a minha casa e atacou-me.
Estás a brincar?
Não.
PQP?
Estás em casa?
Na da Lucy.
Lucy era a amiga mais antiga de Lou. Sensata, maternal, o oposto total da irmã.
Katie sentiu uma onda de alívio invadi-la.
Podes ficar aí esta noite?
Suponho.
O Steve não sabe onde a Lucy mora?
Não.
Se ele ligar, não atendas. Não lhe digas onde estás.
Estás a assustar-me.
Óptimo. Prometes que não falas com ele?
Prometo.

Katie só podia esperar que Lou cumprisse a promessa. Bebericou o café. Alice estava a ajudar Gracie a colorir um trio de princesas Disney. Sam desenhava super-heróis enquanto pegava num pedaço de bolo de chocolate, mas quase nenhumas migalhas lhe chegaram à boca.

A despeito do que lhes tinha dito, não sabia se podia ligar para o polícia «bom». E se não acreditassem nela? Fosse no que fosse em que se tivesse metido, Steve continuava a ser um deles. Mais depressa aceitariam a palavra dele do que a dela.

Não podia ir para casa. Não podia ligar à mãe. Apercebeu-se de que não tinha na verdade mais ninguém para quem se voltar. Nem amigos, nem conhecidos. Estava sempre tão ocupada a trabalhar, a cuidar dos filhos, a tentar sobreviver, que não lhe sobrava tempo para criar relações.

Além disso, não tinha sido feita para emergências. Era uma criatura de rotinas. Não tinha um protocolo de pânico. Fran sim. Fran sempre fora a rebelde. A que contornava os problemas. Determinada, impulsiva. Fora ela quem se dera pior com a mãe, talvez por serem tão parecidas. Ambas sempre seguras de ter razão; rápidas na fúria, lentas no perdão. Katie ainda se lembrava das furiosas discussões, das portas batidas e dos gritos, o papá a tentar fazer de pacificador entre a filha preferida e a mulher.

Mas também se lembrava de Fran a defender a mãe quando ela bebia demasiado. E quando alguns rapazes mais velhos uma vez se juntaram para a atormentar a caminho de casa, Fran aparecera com um *stick* de hóquei e atacara-os com tal ferocidade que ela tivera de suplicar-lhe que parasse.

Onde estás tu, Fran? Que diabo farias tu para te livrares desta trapalhada?

– Ma-ã?

Ergueu os olhos. Sam estava a agitar-se na cadeira.

– Preciso de ir à casa de banho.

– *Okay*. – Katie olhou para Alice e para Gracie. – Consegues ir sozinho?

Ele rolou os olhos nas órbitas.

– Claro. Tenho dez anos.

– Está bem, não demores. E não fales com des…

– Desconhecidos. Eu sei – disse Sam, e desceu da cadeira.

Katie ficou no mesmo instante ansiosa. As casas de banho eram ao fundo do corredor. Mas e se alguém o agarrasse? De súbito, tudo e todos à sua volta lhe pareceram suspeitos, cheios de ameaças. Outras pessoas, pensou. Estavam por todo o lado. E nunca se sabia quais eram as perigosas.

Apercebeu-se de que Alice estava a olhar para ela com atenção.

– Vamos fugir outra vez? – perguntou.

– O quê? Não. Estamos só a planear o que vamos fazer a seguir.

– Era o que a Fran costumava dizer.

– Certo. Que mais costumava a Fran dizer?

– Que só precisávamos de nos afastar o suficiente, e estaríamos a salvo.

– E estavam?

– Durante algum tempo. – Alice olhou para Gracie, que continuava ocupada com Rapunzel, Jasmine e Belle. Baixou a voz: – Então apareceu um homem mau.

Katie sentiu que ficava tensa.

– Quando foi isso?

– Há muito tempo. A Fran pensa que eu estava a dormir, mas acordei. Foi a nossa casa à noite. Discutiram e a Fran livrou-se dele.

– Que queres dizer com isso?

A voz de Alice reduziu-se a um sussurro.

– Desci a escada sem fazer barulho e vi-a metê-lo na mala do carro. O velho, que ela tinha fechado na garagem.

Katie engoliu em seco.

– E então o que aconteceu?

– Voltei para a cama e fingi que estava a dormir. A Fran foi ao meu quarto e disse que tínhamos de ir. Fomos no carro até um hotel, muito longe. A Fran saiu por um tempo. No dia seguinte, o carro tinha desaparecido.

Katie pensou nos rapazes e no *stick* de hóquei. Em até onde Fran estava disposta a ir para proteger aqueles que amava.

Mas ela não era Fran. *Então, que ia Katie fazer?*

E então soube. A verdade era que não tinha alternativa.

– Não fugimos mais. – Estendeu a mão e agarrou a de Alice. – Vamos resolver esta trapalhada.

Pegou no telefone.

Capítulo 45

Há muito tempo que não fazia aquele trajecto. Com todos os quilómetros que tinha percorrido, com todas as viagens para cima e para baixo na auto-estrada, aquele era o único caminho que não conseguira forçar-se a fazer.

O caminho de regresso a casa.

Woodbridge, Nottinghamshire.

Ele e Jenny tinham comprado o vasto vicariato vitoriano num leilão, sem ver. Quando receberam as chaves, apercebera-se de que não só tinham pago muito mais do que o valor daquilo que era uma ruína mantida de pé pelo caruncho e caganitas de ratazana, como o magro orçamento de que dispunham para renovações nem cobria o custo de substituir o telhado.

Jenny quisera pedir ajuda aos pais. Gabe dissera que não. O dinheiro de Harry e Evelyn sempre fora um pomo de discórdia entre os dois. Harry pagara o casamento, uma coisa extravagante que na altura deixara Gabe a sentir-se desconfortável. Mas pensara que Jenny era a única filha e que era tradição. Mas não queria que aceitar dinheiro deles se tornasse um hábito. Para Jenny, era demasiado fácil. Estava habituada a que lhe dessem tudo o que pedia. Gabe não queria ser um caso de caridade. Trabalhara muito para não dever nada a ninguém.

Acabara por ser a primeira discussão dos dois, e arrastara-se por semanas. No fim, só para pôr cobro às hostilidades, cedera, na condição de pagarem até ao último *penny*.

Tinham demorado vários anos a transformar a casa em qualquer coisa não só habitável, mas bela. Um trabalho de amor, e Gabe ficara muito orgulhoso do que tinham conseguido. Das horas que tinham passado juntos cobertos de estuque e de tinta. Aconchegados diante de uma lareira a sério enquanto nevava lá fora e

folhas de plástico formavam janelas improvisadas. A casa que ele e Jenny tinham construído.

Era uma casa de sonho, pelo menos para ele. Tijolo vermelho coberto por uma brilhante manta de hera, janelas de guilhotina, um longo caminho de acesso ensaibrado e jardins que a rodeavam por três lados. Quando Jenny engravidou, a vida pareceu perfeita.

Tinham posto um trampolim e um balouço nas traseiras, para Izzy. No Verão, enchiam uma piscina desmontável e, com a ajuda do escorrega, o pátio das traseiras tornava-se um parque aquático.

Uma casa para a família. Uma casa onde Gabe esperara que envelhecessem juntos, onde veriam Izzy crescer, onde talvez até pudessem receber netos.

E *tinham* sido felizes lá. De um modo geral. Tentara tanto acreditar nisso. Afastar a sensação de que a casa acabara por representar tudo o que era diferente entre ele e Jenny: o berço, os desejos, as esperanças para o futuro.

Para Gabe, era o pináculo das suas realizações. Para Jenny, era o género de casa onde tinha crescido, o género de casa que ele por vezes sentia – sem razão – que ela *esperava*.

Jenny era uma pessoa bondosa, uma mãe extraordinária, uma santa por o aturar, mas ele não conseguia libertar-se do sentimento de que nunca seria suficientemente bom para ela. Seria sempre o rapaz das urbanizações que tivera sorte. Um dia, a sorte ia acabar-se-lhe.

E não se enganava.

A casa que construíra para a sua família bem podia ter sido feita de palha. Houvera sempre um grande lobo mau escondido nas sombras, à espera de deitá-la abaixo com um sopro.

A casa não mudara muito. O caminho de acesso tinha sido pavimentado, estavam dois *Range Rovers* parados no exterior. O jardim, onde Izzy adorava correr e brincar, fora remodelado, com um *deck* de madeira novo e um *jacuzzi* de água quente.

Vendera-a a um casal na casa dos quarenta, sem filhos. Gabe não compreendia para que precisavam duas pessoas de uma casa com cinco quartos e jardins. Mas a verdade era que todos os eventuais compradores com famílias tinham recuado

ao saber o que ali acontecera. Como se a sombria história da casa pudesse reflectir-se neles. Como se a tragédia fosse contagiosa.

Olhou para a sua antiga casa. Quando a polícia chegara naquela tarde, o portão eléctrico da frente e a porta do pátio das traseiras estavam abertos. Jenny fechava *sempre* o portão da frente. Eram ambos preocupados com as questões de segurança, Jenny por ter crescido junto de pais que queriam salvaguardar a sua riqueza, Gabe por ter crescido num lugar onde as pessoas roubavam até a cola da prótese dentária do avô do vizinho, de modo que cada um protegia o pouco que tinha.

Agora perguntava-se se alguém se certificara de que aqueles portões estavam abertos. Tinha sido esse o papel da mulher? Levar Jenny a baixar a guarda, deixar os portões abertos para deixar o verdadeiro assassino entrar? Mas alguma coisa correra mal. Jenny morrera, a filha da mulher morrera, e ela fugira, com Izzy.

A polícia tinha falado com toda a gente na escola de Izzy, com outras mães, colegas de trabalho. Toda a gente que ela conhecia. Ou, pelo menos, toda a gente que pensavam que ela conhecia.

Será possível a sua mulher ter deixado entrar o assassino?

Tinha combinado encontrar-se com alguém?

Sabe os nomes dos amigos dela?

E, claro, ele não sabia. Só se apercebera de até que ponto a mulher se tornara uma desconhecida depois de ela partir. Não conhecia os amigos dela, as suas rotinas. Partilhavam uma casa, uma cama, mas, a dada altura, tinham deixado de partilhar as suas vidas. Quando fora que isso acontecera? Talvez fosse por isso que a palavra «divórcio» nunca chegara a ser dita. Não precisavam de a dizer. Já estavam a retirar, a pôr fim ao casamento de uma maneira furtiva, a afastarem-se tão devagar que nenhum deles reparara que o outro estava a desaparecer.

O telemóvel tocou. Tirou-o do bolso.

– Estou.

– Gabriel, é a inspectora Maddock.

– Sim?

Esperou.

– Só para o informar… o seu sogro apresentou-se na esquadra, está a ser interrogado neste momento. – Uma pausa. – Também queria dizer-lhe que

reexaminámos o sangue e as amostras forenses recolhidas do corpo da rapariga que encontrámos em sua casa.

Sangue e amostras forenses. Que palavras tão frias, clínicas. Engoliu em seco. *Não era a Izzy,* recordou-se. Mas tinha sido a filha de outra pessoa qualquer. A menina de outra pessoa qualquer. E, como Izzy, provavelmente ria ao ver o *Peppa Pig*, escrevia cartas ao Pai Natal e deitava-se agarrada a um brinquedo preferido para afastar os sonhos maus. Esperava que estivesse a dormir um sono profundo e descansado. Esperava, apesar de nunca ter sido muito dado a essas coisas de Deus e da religião, que estivesse num lugar seguro e aconchegado.

– Gabriel?

– Estou aqui – grasnou ele através de um nó duro e quente na garganta.

– Confirma que não era a sua filha, Gabriel.

– *Okay*.

Devia estar contente, devia sentir-se justificado. Mas não sentia. Izzy continuava perdida e, mesmo na morte, a outra rapariguinha estava a ser uma vez mais descartada e abandonada.

– Há mais uma coisa – disse Maddock. – A mulher que encontrámos…

– Já sabem quem é?

Uma pausa mais longa.

– É por isso que estou a ligar. – O silêncio ecoou ao longo da ligação. – Acabo de falar com o hospital. Não chegou a recuperar a consciência. Morreu há quinze minutos.

Ele deixou aquilo assentar.

– E o homem no porta-bagagens?

– A equipa forense está a trabalhar, mas por enquanto não tiveram sorte.

– Quer dizer que não há maneira de saber o que aconteceu à Izzy?

– Talvez haja. O nome Michael Wilson diz-lhe alguma coisa?

– Não. Porquê?

– Foi morto numa tentativa de roubo que correu mal, há nove anos. Quando pesquisámos as bases de dados à procura de correspondências familiares com as amostras recolhidas do corpo da rapariga, o nome dele apareceu.

– É o pai?

– Mais provavelmente avô. E os nossos registos mostram que Michael Wilson tinha três filhas.

Gabe tentou processar o significado disto.

– Estamos agora a comparar o ADN dele com o da mulher não identificada – continuou Maddock. – Tenho quase a certeza de que vamos encontrar uma equivalência.

A mãe e o avô da rapariga. Ambos mortos. Mas…

– Disse *três* filhas. E as outras duas?

– Confie em mim, Gabriel. Estamos a seguir todas as pistas.

– Não suficientemente depressa.

– Se a Izzy anda por aí…

– *Se?* A Izzy anda por aí, e vocês têm de encontrá-la.

– Estamos a fazer tudo o que podemos.

– Certo… além de seguirem todas as pistas. Também estão a ser aprendidas lições pelo caminho?

– Gabriel…

– Não preciso de banalidades nem de chavões. Preciso da polícia na rua, a procurá-la.

– Não temos recursos ilimitados.

– Acha que ela está morta, não acha?

– Não. Não foi isso que eu disse.

– Não precisou de dizer.

– Estamos a fazer o melhor que podemos. *Eu* estou a fazer o melhor que posso. Há mais alguma coisa que possa dizer-nos e que possa ajudar?

Ele hesitou.

Até ao dia em que um dos dois morra. Compreendeste?

– Não. Nada.

– Certo. Nesse caso, deixe-nos fazer o nosso trabalho.

Gabe desligou, a resistir com dificuldade ao impulso de atirar o telemóvel pela janela. Tão perto. Pensou. Tão perto de descobrir todas as respostas. E todavia tão longe. Tinha pedaços da história. Fragmentos. Mas só uma pessoa conhecia a verdade, e essa pessoa não estava a falar com ninguém. E se a mulher tinha estado, como Harry dissera, a cuidar de Izzy durante todo aquele tempo, quem estava a fazê-lo agora? *Quem tinha a sua filha?*

Seria capaz de enfrentar mais anos à espera de saber? Pior do que isso: seria capaz de enfrentar saber? Seria capaz de enfrentar a esmagadora inevitabilidade

daquela chamada quando a polícia lhe dissesse que a tinham encontrado, que tinham encontrado o corpo de Izzy?

Procurou a fotografia de Izzy no telemóvel. ALGUÉM ME VIU? Sim, meu amor, pensou. Estou sempre a ver-te. Em todos os sonhos. Em todos os pesadelos. Mas há tanta coisa que não vi. Nunca vi nascer esses primeiros dentes definitivos. Nunca vi os teus cabelos tornarem-se mais escuros e mais espessos. Nunca te vi aprender a nadar ou deixar de dizer «amalelo» em vez de «amarelo». Estás a desvanecer-te, a desaparecer das minhas recordações. Porque as recordações só têm a força das pessoas que se lhes agarram. E eu estou cansado. Não sei se vou conseguir agarrar-me a elas por muito mais tempo.

Deixou as lágrimas correrem-lhe dos olhos. Caíram no ecrã do telemóvel, esborratando a imagem, até que mal conseguia ver Izzy. *Vai uma, vão duas, vão três. Vendido!*

E então o telemóvel zumbiu a anunciar uma mensagem de texto.

Dorme. Uma rapariga pálida num quarto branco. À sua volta, as máquinas zumbem e ronronam e uma luz de alarme pisca, vermelha. A janela abre-se com estrondo e a concha jaz no chão, partida em pedaços cortantes. O ar ressoa com o acorde dissonante das teclas do piano.

Foi isto que alertou Miriam primeiro, ainda antes do alarme no pager. *Corre para o quarto e contempla a cena. O coração martela-lhe o peito, as pernas tremem-lhe por ter subido as escadas a correr vinda da cozinha. Olha em redor para a confusão, para a concha caída, para a janela aberta. Que diabo se passa?*

Então, como sempre, o sentido prático assume o comando. Aproxima-se da rapariga, verifica o pulso, o ritmo cardíaco, os fluidos. Reinicia as máquinas, prime botões, faz ajustamentos. As máquinas retomam o seu zumbido regular.

Deixa escapar um pequeno suspiro de alívio. Começa a ficar demasiado velha para aquilo, pensa. É tempo de se reformar. Mas não pode. Tem uma responsabilidade. Mas por vezes sente-se tão cansada. O fardo de tudo aquilo é demasiado pesado.

Volta a tocar no macio pedaço de papel que tem no bolso. Foi ele que lho deu quando começou a procurar a filha. Conserva-o para lhe recordar o muito que ele também perdeu. Por vezes, dá por si a olhar para o papel e a perguntar-se se será verdade – se a filha dele estará na realidade por aí algures, tal como olha para Isabella e se pergunta se ela está ali, algures. Duas rapariguinhas. Ambas perdidas. Só que, enquanto houver alguém a procurar-nos, não estamos verdadeiramente perdidos. Só ainda não fomos encontrados.

Afasta um fio de cabelo do rosto da rapariga. Parece húmido? Transpiração? Mas Isabella não transpira. E há um cheiro. A água do mar, parece-lhe. O cabelo de Isabella cheira a água do mar. Deve ser da janela aberta.

Vai fechá-la. Lá fora, o céu está escuro e ameaçador. Uma trovoada a formar-se no horizonte. Miriam estremece. Não é dada a voos de fantasia, mas sabe quando alguma coisa está errada. Sente-o no ar.

Volta-se. Um movimento nas sombras junto à porta capta-lhe a atenção. Uma figura emerge. Miriam dá um salto. O coração bate-lhe contra os ossos quebradiços do peito.

«Quem é você?», gagueja. «Que quer?»

Ele sorri. Os seus dentes brilham.

«Tenho muitos nomes.»

Ergue uma arma. Miriam agarra o crucifixo que tem ao pescoço.

«Mas algumas pessoas chamam-me o Homem da Areia.»

Capítulo 46

Um engarrafamento de trânsito. Logo naquela altura. Gabe teria rido da ironia se não tivesse vontade de chorar e gritar e enfiar o punho pelo pára-brisas.

A fila de carros à sua frente gaguejou e parou. Viu o velocímetro arrastar-se até aos cinquenta, engatou a quarta mas teve de pisar o travão logo a seguir.

Bateu no volante. Mais uma vez, a sorte parecia conspirar contra ele. Para impedi-lo de chegar até ela. *Déjà vu.* Sempre demasiado tarde. Sempre fora do alcance.

Encontrei a sua filha. Venha ter comigo à cafetaria. Saída 12.

Claro que a mensagem podia ser uma brincadeira cruel. Uma partida. Mas porquê?

Um sonho nunca é mais frágil do que quando está quase a tornar-se realidade. O mais pequeno movimento em falso e pode desintegrar-se em pó. Sentia-se como um homem a caminhar na direcção de uma miragem por uma corda esticada entre as margens de um rio cheio de crocodilos. A arriscar tudo por qualquer coisa que podia desfazer-se em névoa.

Ouviu sirenes e uma ambulância passou a toda a velocidade pela faixa de emergência. Devia ter havido um acidente mais à frente. A viagem rotineira de alguém de súbito cortada por um momentâneo lapso de atenção, uma mudança de faixa falhada, um atraso de uma fracção de segundo a pisar o travão.

As filas de carros avançaram mais alguns metros. Gabe sentiu a frustração subir mais um furo. Viu um sinal à frente. A próxima saída. Oitocentos metros. Não era um desvio rápido, mas seria melhor do que continuar na auto-estrada? Tamborilou com os dedos. Conseguiria atravessar as faixas a tempo, ou era melhor esperar?

O mesmo dilema que enfrentara três anos antes. Não podia permitir-se tomar outra vez a decisão errada. A saída aproximava-se depressa. Alguns carros já

estavam a virar. Estava a deixar para demasiado tarde.

Debateu-se, e então bateu no indicador de mudança de direcção e guinou para a faixa de dentro, à frente de um camião, que tocou a buzina e lhe fez furiosos sinais de luzes. Ignorou-o. O desvio de saída estava a acabar. Rodou o volante para a esquerda, sentiu as rodas da autocaravana passarem por cimas das riscas brancas de advertência, e estava fora.

Esperava não chegar demasiado tarde, dessa vez.

Capítulo 47

Onde estava ele? Os livros de actividades tinham sido postos de lado; havia migalhas de bolo e chávenas vazias espalhadas pela mesa. Katie dera o telemóvel a Sam e a Gracie para eles brincarem, para evitar as queixas do tédio, mas sentia que começavam a ficar irrequietos. Alice estava sentada, a parecer embrenhada numa grelha de palavras, mas Katie notara que não tinha escrito uma única letra nos últimos dez minutos.

Voltou a olhar para o relógio. Uma hora desde que enviara a mensagem. O telemóvel dissera-lhe que tinha sido recebida. Ele não respondera nem tentara ligar, não que ela tivesse atendido. Havia conversas que tinham de ser tidas em pessoa. Talvez ele não a tivesse lido. Talvez tivesse pensado que era uma partida de muito mau gosto. Talvez não viesse.

Que fazer? Quanto tempo devia esperar?

Voltou a olhar em redor. Ficou tensa. Dois homens com os coletes fluorescentes da polícia dirigiam-se ao balcão. Teriam parado para um café ou estariam ali numa missão mais oficial?

Deu um salto quando Alice lhe agarrou o braço.

– Eu sei – sussurrou.

Os dois polícias pareciam estar a falar com a rapariga atrás do balcão. Enquanto Katie olhava, um deles voltou-se e passou os olhos pela cafetaria. Estava à procura de alguém. *Deles?* Tinha escolhido uma mesa atrás de outro casal e em parte escondida por uma coluna, mas se os agentes da polícia começassem a andar de um lado para o outro, se estivessem à procura de uma mulher em fuga com três crianças, o pequeno grupo que formavam – de camisolões, calças de pijama e botas – destacava-se como o nariz numa cara.

Fez um sinal a Alice e então disse:

– Sam, Gracie, vistam os casacos.

– Porquê? Para onde vamos?

– *Vamos,* não perguntes mais nada.

Sam e Gracie enfiaram os braços nas mangas. Os agentes da polícia ainda estavam ao balcão. Katie levou um dedo aos lábios e todos eles empurraram as cadeiras para trás e puseram-se de pé.

Os polícias voltaram-se. Katie imobilizou-se… e então viu os dois grandes copos de café para levar. Sentiu o coração esvaziar-se de alívio. Os agentes sorriram, acenaram à rapariga atrás do balcão e saíram da cafetaria.

– Tudo bem – disse Katie. – Falso alarme.

Voltou-se para Alice. Mas Alice não estava a olhar para ela.

Estava a olhar para outra figura que avançava devagar na direcção deles. Uma figura alta, magra, de cabelos escuros despenteados e uma cara cansada. Caminhava um pouco de lado e agarrava o flanco, como se lhe doesse. Os seus olhos perscrutavam a cafetaria e então, como que atraídos por uma força magnética, pousaram em Alice.

Choque. Incredulidade. O homem deteve-se, levou uma mão à cara, voltou a deixá-la cair e deu um hesitante passo em frente.

Abriu a boca, mas não saiu qualquer som. Parecia estar à procura de uma palavra, um nome que não usava há muito, muito tempo. Katie desejou com muita força que o encontrasse.

Mas Alice chegou lá primeiro.

– Papá?

Capítulo 48

Todo aquele tempo. Todos aqueles anos. Todos os momentos em que ousara permitir-se imaginar aquilo.

E, por uma fracção de segundo, pensou que era tudo um grande engano.

O cabelo era mais escuro e mais comprido do que se lembrava. Era muito mais alta. E mais magra. Os membros outrora rechonchudos tinham-se alongado e adelgaçado. As faces tinham perdido o arredondado e os olhos mudado. Via neles cansaço e dor. Não conseguia equacionar aquela rapariga escanzelada, vestida com um camisolão demasiado grande, calças de pijama e *Ugg*, com a criança loura e de faces coradas que fora sua filha.

E então ela falou:

– *Papá?*

As lágrimas correram. Como se uma represa se tivesse rompido. Correu em frente e abraçou a filha, a ignorar o doloroso repuxar dos pontos. Ela ficou tensa por um instante e então deixou-se cair contra ele, o magro corpo surpreendentemente pesado.

Gabe apertou-a contra si o mais que se atreveu, receoso de esmagá-la com a força das suas emoções. Três anos. Três anos a procurar um fantasma e ela fora-lhe devolvida. A sua filha. Nos seus braços. Real, substancial. Viva.

– Izzy. – Enterrou a cara nos cabelos dela, a aspirá-los. – Procurei-te durante todo este tempo. Tive tantas saudades de ti…

ALGUÉM ME VIU? E agora ele estava a vê-la, e não a largava, com medo de que desaparecesse outra vez, se desvanecesse no ar.

– Gabe? – disse outra voz, muito baixo.

Relutante, Gabe olhou por cima da cabeça de Alice. E nessa altura percebeu que era a empregada. *Katie.* Quase não a reconheceu. Tinha os olhos negros e o nariz ensanguentado e inchado. Parecia ter sofrido um acidente. Havia duas

outras crianças com ela, vestidas com camisolões por cima dos pijamas. Como se tivessem saído de casa à pressa. Que estava ela ali a fazer? Como encontrara Izzy?

– Sei que tem muitas perguntas para fazer… – começou ela a dizer, a voz nasalada pelo nariz magoado.

– Que aconteceu à sua cara?

– Foi o tio Steve – interveio a garotinha. – Era o namorado da tia Lou, mas era um homem mau. Magoou a mamã.

– É por isso que não podemos ir para casa – acrescentou o rapaz. – Porque ele pode voltar. Estamos a fugir.

Gabe olhou para o rapaz. Teve a sensação de que o seu cérebro tinha entrado em queda livre. Os pensamentos soltos aos trambolhões dentro da cabeça.

– Não compreendo nada disto.

– Eu sei – disse Katie. – E prometo que lhe direi tudo. *Mais tarde*. Neste momento, temos de levar as crianças para um lugar seguro, aonde ninguém vá procurar-nos.

Ele abanou a cabeça.

– Neste momento, temos de ir à polícia.

– Não! – gritou Izzy, e afastou-se dele.

– Izzy…

– O homem mau vai voltar. Vai encontrar-nos. – A voz dela adquiriu uma nota de pânico. – Não!

– *Okay*, *okay* – disse Gabe, a acalmar a filha. – Não faremos nada que não queiras fazer. – Voltou a puxá-la para si. – Sou o teu papá. A partir de agora vou cuidar de ti. Proteger-te-ei do homem mau.

Olhou para Katie.

Um lugar seguro.

Pensou um pouco. E então deu por si a dizer:

– Conheço um lugar.

Capítulo 49

Gabe conduziu para sul. Izzy sentava-se a seu lado, com uma pequena mochila no colo. Agarrava-a com uma força possessiva, e ele perguntou-se o que estaria lá dentro para ser tão precioso. Katie dormitava no banco de trás com os filhos, o cansaço e o movimento da caravana a embalá-los.

Qual seria a ligação de Katie a tudo aquilo? Uma empregada numa área de serviço? Não podia ter tropeçado de repente na filha dele. Como fora então que a encontrara? Estaria de alguma maneira envolvida. Parecia muito improvável. Por outro lado, poderia ser uma coincidência o facto de ela trabalhar num sítio onde ele costumava parar para beber café? Sempre a sorrir, sempre por perto? Podia confiar nela? Mas a verdade era que lhe tinha salvado a vida. E não era ela que estava a dar o salto de fé ao permitir que um desconhecido a levasse, e aos filhos, sabia Deus para onde?

Segredos, pensou. Não são as grandes mentiras e sim as pequenas, as meias verdades – são essas as que se vão amontoando, umas por cima das outras, um fedorento monte de enganos. E quando aquilo rebentava, a pessoa ficava de verdade na merda.

Obrigou-se a concentrar-se na estrada. Tinham deixado a auto-estrada alguns quilómetros mais atrás. O dia estava húmido e escuro, a névoa a descer das colinas. Quando saíram dos subúrbios e meteram pelas estradas secundárias, parecia quase noite, só o faiscar ocasional dos olhos de um gato ou as luzes de uma quinta a indicarem-lhes o caminho.

Gabe não precisava deles. Conhecia bem aquelas estradas. Mais alguns quilómetros e estariam a dirigir-se para a costa.

– Para onde vamos? – perguntou Izzy.

– Para um sítio onde o homem mau não nos encontrará – disse-lhe.

Ela mordeu o lábio e apertou a mochila com mais força. Qualquer coisa lá dentro chocalhou e estalou.

– A Fran costumava dizer isso. Prometia… mas estava enganada.

– Quem é a Fran?

– Era… tomava conta de mim.

A mulher, pensou ele. *A mulher que a levou.*

– Era boa para ti?

– Sim. Quase sempre.

– Quase sempre? Alguma vez te fez mal?

– Não… por vezes zangava-se, e ficava triste.

– Gostavas dela?

– Acho que sim.

Gabe engoliu um amargo resto de raiva.

– Bem, espero nunca quebrar uma promessa que te faça. Mas farei tudo o que estiver ao meu alcance para cuidar de ti e fazer-te feliz. *Okay*?

Sentiu os olhos dela sondarem-no, à procura da verdade.

– *Okay*.

– Mas vou continuar a obrigar-te a fazer os trabalhos de casa… e nada de namorados enquanto não tiveres pelo menos trinta.

Os lábios dela moveram-se uns milímetros. Perto, tão perto de um sorriso.

– *Okay*.

E então bocejou e fechou os olhos.

Ele observou-a por um instante, a beber a visão, e depois estendeu a mão para o telemóvel, no seu suporte no *tablier*. Bateu no ecrã e chamou um contacto, alguém com que não era há muito tempo obrigado a falar. Tocou em ligar.

Mais uma hora e viu os escuros e familiares contornos das Downs começarem a erguer-se à frente deles. Em breve as sinuosas estradas rurais que serpenteavam pela paisagem do Sussex começariam a subir, as florestas e túneis de árvores a ficarem para trás quando iniciassem a subida em direcção às falésias.

Uma parte muito bonita do país. Uma parte muito rica do país. Montes de «refugiados» de Londres tinham-se mudado para ali depois de terem decidido que já estavam fartos das – e tinham ganhado o suficiente com – suas vidas citadinas, investindo em casas de quinta remodeladas com hectares de terreno

que tentavam impedir os caminhantes de atravessar, iludidos com a ideia de que estavam a viver um estilo de vida rural porque tinham um *Range Rover* e usavam as suas botas *Hunter* para ir a Wairose (porque, claro, pagavam a alguém para passear os seus *labradoodles* pelos campos enlameados).

No entanto, era também uma zona com muitas povoações costeiras empobrecidas, com elevadas taxas de desemprego e crime. Onde havia sempre uma corrente subterrânea de violência e persistente ressentimento – contra os londrinos ricos e os amigos das árvores esquerdistas de Brighton e, em particular, contra os imigrantes que se tinham instalado nos bairros camarários, como aquele onde ele tinha crescido.

Mas não era para lá que se dirigiam.

Saíram da estrada costeira para um pequeno caminho privado, e a casa surgiu à vista. Só os pisos superiores visíveis por cima dos altos muros que a rodeavam. Vista à distância, com o nevoeiro, parecia cinzenta, como uma espécie de castelo de pedra empoleirado no alto da falésia. De perto, era caiada de um branco-brilhante, como um farol. Do outro lado dos portões de ferro forjado estendia-se um comprido caminho de acesso ensaibrado e hectares de relvados, e quase todos os quartos tinham vista para o mar.

O nome da propriedade era Seashells.

Gabe parou em frente dos imponentes portões de ferro. Katie tinha acordado e espreitava pela janela.

– O que é isto? Um hotel?

– Não!

– Quem vive aqui?

– Vivia uma mulher chamada Charlotte Harris, com a filha.

– E já não vive?

– A filha foi atropelada por um condutor embriagado quando tinha catorze anos. Ficou num persistente estado vegetativo. É tratada por enfermeiras particulares numa ala especial da casa.

– Oh, meu Deus!

Ele esperou um segundo e disse.

– O condutor bêbedo era eu. Venho visitá-la todas as semanas. Há mais de vinte anos.

Apeou-se do carro e avançou para os portões, para deixar a informação assentar, para dar a Katie tempo para juntar as peças. Instantes depois, ouviu-a apear-se da caravana e juntar-se-lhe.

– E a mãe dela vai deixar-nos ficar aqui?

– Não. – Gabe introduziu o código no teclado ao lado do portão. – A Charlotte Harris morreu.

– Então quem é agora o proprietário de tudo isto?

Gabe premiu o botão e os portões começaram a abrir-se.

– Eu.

Capítulo 50

Uma oferta nunca é só uma oferta. Por vezes é um pedido de desculpa, por vezes uma expressão de amor. Por vezes é uma maneira de exercer pressão ou uma subtil manifestação de chantagem emocional. Por vezes é uma maneira de atenuar a culpa. Por vezes é uma maneira de parecermos benevolentes. Por vezes é uma ostentação de poder ou dinheiro.

E por vezes é uma armadilha.

Quando o solicitador de Charlotte Harris lhe pedira uma reunião «tão breve quanto lhe seja conveniente» naquela cinzenta segunda-feira de Novembro, Gabe não soubera o que esperar; nem sabia que Charlotte estava doente.

Nunca a via nas suas visitas a Isabella. Não a via há anos. Charlotte, que sempre fora uma mulher reservada, tornara-se uma reclusa total. Miriam, a governanta e chefe das enfermeiras, confidenciara-lhe que só saía do quarto para se sentar junto de Isabella. Não se aventurava nos jardins. Ambas cativas, cada uma à sua maneira, pensara Gabe.

Mas com a morte de Charlotte, que aconteceria a Isabella? Quem cuidaria dela, pagaria ao pessoal, garantiria que os cuidados não eram interrompidos?

O solicitador dissera-lhe.

Gabe ficara a olhar para o homenzinho bem vestido, com a sua careca reluzente e pequenos olhos redondos, e sentira que o queixo lhe caía.

– Toda a propriedade?

– Exacto.

– Não compreendo.

O senhor Barrage fizera um sorriso seco. Parecia a caricatura de um solicitador, pensara Gabe. Só lhe faltava um chapéu de coco e um guarda-chuva.

– A senhora Harris não tinha outra família além da filha, Isabella, que não se encontra em condições de gerir os seus negócios. A senhora Harris queria que a

casa e a propriedade ficassem a cargo de alguém que compreendesse a situação da filha e garantisse que ela continuava a receber cuidados do mais alto nível. É uma das condições do testamento. A propriedade não pode ser vendida, mas o senhor e a sua família podem lá viver. Pode fazer com ela o que quiser, até certo ponto.

Gabe tentara processar aquilo. Charlotte Harris era rica. Mas cuidar de Isabella devia custar centenas de milhar de libras por ano. E o dinheiro teria de ser mantido a salvo para garantir que os cuidados não eram interrompidos. Supunha que sempre pensara que quando Charlotte morresse as suas visitas cessariam, ou pelo menos seriam menos frequentes. A sua sentença poderia ser levantada. Mas devia ter sabido que ela tomaria medidas. Só não esperara *aquilo*.

– E se eu não aceitar?

– O dinheiro continuará num fundo fiduciário em nome de Isabella e a propriedade será administrada pelo executor testamentário.

O senhor Barrage sorrira a Gabe. O executor testamentário. O executor testamentário era *ele*. Aceitara fazê-lo anos antes. Dizer não a Charlotte Harris não era na verdade uma opção. Mas tratava-se de uma simples formalidade, dissera ela. Papelada. Nem pensara muito naquilo. Agora compreendia. *Snap*. As portas da jaula tinham-se fechado.

– E se eu sentisse que o melhor para Isabella era descontinuar os cuidados?

– Nesse caso teria de ir a tribunal justificar essa linha de acção. O que seria muito dispendioso. E eu chamaria a sua atenção para a cláusula 11.5 do testamento, que proíbe o uso dos meios que a herança lhe proporciona para financiar «qualquer acção que possa levar à cessação dos cuidados que Isabella recebe ou encurtar-lhe a vida». Estaria por sua conta.

Claro. Charlotte pensara de verdade em tudo.

– E depois há as pessoas que dependem de si, senhor Forman. O pessoal de Seashells. São uma responsabilidade sua. Tem de garantir que conservam os seus postos de trabalho e são devidamente recompensados.

O solicitador tirara os pequenos óculos redondos e fizera aquilo que Gabe assumira ser um sorriso caloroso. Mal passava de gelado.

Em todo o caso, tinha razão a respeito do pessoal. Eram boas pessoas. Sobretudo Miriam. Cuidara dela durante a maior parte da sua vida, primeiro como governanta e depois, usando as suas competências como enfermeira,

supervisionando os cuidados de que passara a necessitar em consequência do acidente. Merecia aquilo muito mais do que ele.

– E a Miriam? Trabalhou para a Charlotte durante anos. A herança não deveria ser dela?

– A menina Warton está contemplada no testamento.

– Devia ficar com a casa. Quero dar-lhe a casa.

– Receio que não possa fazê-lo.

– Mas disse que posso fazer com a casa o que quiser.

– Até certo ponto. – O solicitador pegara no testamento e voltara a pôr os óculos. Gabe tivera a sensação de que estava a adorar fazer aquilo.

– «Seashells não poderá ser vendida ou dada como oferta a qualquer outra pessoa ou pessoas. Fazê-lo tornará nulo o testamento e a propriedade reverterá para o executor testamentário.

«Só serão permissíveis excepções nas seguintes circunstâncias: i/ A morte do beneficiário. Nesse caso, Seashells passará para o seu parente mais próximo. ii/ Incapacidade, por doença grave ou quaisquer outras circunstâncias que impeçam o beneficiário de cumprir de maneira adequada os seus deveres nos termos do testamento. Nesse caso, Seashells passará para o seu parente mais próximo. iii/ Se o beneficiário não tiver parentes próximos ou se o seu parente mais próximo morrer ou estiver incapacitado por doença grave ou quaisquer outras circunstâncias que o impeçam de cumprir de maneira adequada os seus deveres nos termos do testamento, a casa e a propriedade passarão para um fundo fiduciário administrado por um gestor legalmente nomeado.»

Tinha-o encurralado. Mesmo morta, Charlotte Harris não ia deixá-lo escapar. A casa era magnífica, valia milhões, mas Gabe tê-la-ia visto com prazer desmoronar-se e cair da falésia nos rochedos lá em baixo.

Ela soubera-o. Soubera que a maior dádiva que poderia fazer-lhe seria nunca mais ter de ver aquele lugar. As suas divisões ecoantes, o seu cheiro estéril. Não era uma casa. Não era um hospital. Era uma morgue. Só que ninguém estava disposto a admitir que a doente tinha morrido. Que só restava a concha física. Isabella existia. Não vivia.

E fora ele o causador daquilo tudo. Fora ele que a pusera ali. Era por isso que não podia dizer não ao testamento; era por isso que não podia recusá-lo ou

contestá-lo. Nunca poderia deixar Isabella. Nunca poderia abandoná-la. Era responsável por ela. Charlotte soubera também disso.

Mas havia mais uma coisa. Uma coisa que Charlotte não sabia. Jenny estava grávida. De três meses. Um dia, Isabella ia morrer. Só por milagre nenhuma infecção a levara ainda. Um dia, ele e Jenny teriam deixado de existir. Quaisquer que fossem os seus sentimentos em relação à casa, seria uma maravilhosa herança para o filho deles. Podia recusar uma coisa dessas?

Inclinara a cabeça.

– Muito bem. Mas tenho uma condição. Todos os cuidados do dia-a-dia ficarão a cargo da Miriam, que receberá de imediato um aumento de cinquenta por cento de salário e poderá viver na casa enquanto quiser, sem pagar seja o que for. Pagarei a manutenção e todas as contas, mas não viverei lá.

O senhor Barrage quase encolhera os ombros. Mas não exactamente. Os solicitadores não encolhiam os ombros, não tinham dias em que vestiam roupas informais nem mascavam pastilha elástica.

– Como queira, senhor Forman. Só preciso que assine aqui e aqui.

O senhor Barrage estendera-lhe uma caneta. Gabe hesitara. E depois pegara na caneta e rabiscara uma assinatura.

Nunca um homem se tornara milionário com um coração tão pesado.



– Estás com péssimo aspecto – dissera Jenny quando ele chegara a casa, mais tarde. Entregara-lhe um grande copo de vinho. – Que se passa?

Gabe olhara para ela. Para os seus límpidos olhos verdes, para os seus cabelos louros e ondulados, para a barriga um tudo-nada arredondada por baixo da *T-shirt* larga. O bebé deles. O pensamento ainda lhe cortava a respiração.

Devia dizer-lhe. *Tinha* de lhe dizer. Não podia esconder da mulher uma coisa daquela dimensão.

Mas contar-lhe uma parte significaria contar tudo. E ele conhecia a mulher com quem tinha casado. Quando acabasse de chamar-lhe um cretino e um mentiroso e uma merda de um idiota, ia querer ver a casa. Insistiria. E uma vez que pusesse os olhos em Seashells, seria o fim. Ia querer viver lá. Por fim, a casa dos seus sonhos.

Imaginava os olhos dela a iluminarem-se. Quase conseguia ouvi-la decidir entusiasmada que divisão seria o quarto do bebé e qual seria o quarto dos

brinquedos, onde poriam o trampolim e a área de recreio – e uma piscina infinita tiraria na verdade o maior partido possível dos poentes. Oh, meu Deus, e talvez houvesse terreno suficiente do outro lado da casa para fazer um picadeiro, para um pónei?

O resto seguir-se-ia. Seria melhor mudar Isabella para umas instalações separadas, no jardim. Aquilo era uma casa, não um hospital. E Miriam podia arranjar outro sítio para viver, não podia? Podiam ajudá-la. Ao fim e ao cabo, Charlotte deixara-lhe a casa a *ele*. Não queria o melhor para a família? Jenny era impiedosa, mas era prática, pragmática, e, em última análise, o fardo da culpa não recairia sobre os seus ombros.

Não podia permitir que tal acontecesse. Por isso conservara o documento enfiado no bolso. Mais um segredo. Pesado como um tijolo. E, como os tijolos, os segredos acabam sempre por arrastar-nos para baixo e afogar-nos.

Aceitara o vinho e sorrira a Jenny.

– Nada. Só trabalho.

Capítulo 51

Brilhavam luzes fracas na ala sul de Seashells. Gabe evitou a entrada principal e conduziu o pequeno grupo até ao lado oposto da casa. As crianças olhavam para cima de olhos muito abertos.

– Isto é tudo seu? – perguntou Sam.

– Sim.

– Parece a Wayne Manor – disse, maravilhado.

– Ou o castelo da Ariel – acrescentou Gracie.

– Não tem as chaves da porta da frente? – perguntou Katie.

– Não quero incomodar a Miriam… se ela estiver na casa principal, e é na ala sul que a filha da Charlotte… – Gabe hesitou. Não queria dizer «é mantida»? Mas que podia ele dizer? «Tratada»? «Cuidada»? – dorme – terminou. – Vamos entrar pela cozinha familiar.

– Há mais do que uma?

– A ala sul é auto-suficiente. Alojamentos para as enfermeiras de turno, cozinha, casas de banho. A Charlotte mandou construir o anexo quando trouxe a filha do hospital para casa, mas ninguém diria que é uma adição posterior à casa.

– Não posso crer que o hospital a deixou levar a filha para casa. Quer dizer, li a respeito de casos em tribunal em que os pais foram impedidos de o fazer.

Gabe inseriu a chave na porta lateral e abriu-a.

– O hospital não podia fazer mais nada por ela. E o dinheiro permite-nos fazer muita coisa que a maior parte das pessoas não pode fazer.

Entraram e Gabe acendeu as luzes. Ouviu Katie deixar escapar um pequeno arquejo.

A cozinha era imensa. Refulgentes electrodomésticos cromados, bancadas de granito polido e um chão de azulejos que reflectia as luzes do tecto. O frigorífico

era de estilo americano e enorme. No meio da cozinha erguia-se uma ilha que era, bem, do tamanho das cozinhas da maior parte das pessoas.

– A cozinha original estava a ficar um pouco antiquada – explicou Gabe. – A Miriam pediu para instalar uma nova.

Katie olhou em redor.

– A Miriam tem gostos caros.

– Trabalha no duro. Esta é a sua casa.

– Espere! Não vive aqui?

– Não – disse ele, conciso, e atirou as chaves para cima do tampo da enorme ilha.

– Nunca?

– Não.

– Há quanto tempo é sua?

– Nove anos.

Atravessou a cozinha até uma porta que dava para um curto corredor e depois para um grande vestíbulo oval, para o qual abriam as portas da sala de estar e da sala de jantar. Uma escadaria em curva conduzia ao segundo piso, onde ficavam o quarto principal e os três quartos de hóspedes.

Miriam devia estar a trabalhar no outro lado da casa ou a dormir se não estivesse de serviço naquela noite, caso em que estaria nos alojamentos das enfermeiras, perto de Isabella. Não queria acordá-la ou assustá-la, e muito menos que chamasse a polícia convencida de que havia assaltantes em casa. Pegou no telemóvel e teclou uma rápida mensagem:

Miriam, vim só dormir em casa esta noite. Gabe xx.

Claro que ela ia quase de certeza perceber que alguma coisa se passava. Ele só tinha passado por Seashells uma vez, e isso fora um par de semanas depois de Jenny e Izzy.

Andara a conduzir sem objectivo de um lado para o outro, sem vontade de voltar à casa que nunca mais voltaria a parecer-lhe um lar, sem saber para onde ir, e acabara ali. Miriam encontrara-o a chorar junto ao leito de Isabella e levara-o para a casa principal, obrigara-o a comer qualquer coisa e preparara uma cama. Não fizera perguntas, apesar de dever ter visto as notícias. Limitara-se a cuidar

dele. Gabe supunha que era esse o seu trabalho. Mas quer tivesse sido um gesto ditado pelo dever ou pela compaixão, aceitara-o agradecido.

Olhou para o pequeno e desalinhado grupo: a sua filha há muito perdida, uma empregada de cafetaria que mal conhecia e os dois filhos, a pensar que naquele momento um pouco do sentido prático de Miriam viria muito a calhar. Que era suposto fazer com eles?

Sentiu alguém tocar-lhe no braço. Katie.

– Foi uma longa viagem. Estamos todos exaustos e com fome. E se eu preparasse qualquer coisa para comer e conversássemos depois de as crianças estarem na cama?

– Certo. *Okay*.

Claro. Apercebeu-se de que passara muito tempo desde que tivera de pensar nas necessidades de quem quer que fosse excepto as suas. Perdera o treino de ser um pai. Ou um parceiro. A sensação quente dos dedos de Katie persistiu depois de ela se ter afastado em direcção ao frigorífico.

Katie abriu as portas, espreitou para o interior e franziu o nariz.

– Um monte de refeições pré-cozinhadas, mas não muito mais.

Começou a abrir os armários. Gabe juntou-se-lhe e encontrou várias embalagens de feijão cozido. Katie sorriu e brandiu um pão.

– Vamos fazer um festim.

Comeram sentados à volta do balcão dos pequenos-almoços. Gabe ligou o televisor de ecrã plano na parede e a CITV soou como uma espécie de som de fundo, de uma maneira que era ao mesmo tempo irritante e imensamente reconfortante. Era curioso, as coisas de que uma pessoa se esquecia que tinha saudades, pensou. Como o som de um canal de televisão infantil, ou tropeçar em sapatos de criança, ou a total falta de tacto e subtileza que elas tinham.

– Então o teu nome verdadeiro é Izzy? – perguntou Sam.

Izzy assentiu.

Sam voltou-se para Gabe.

– E tu és o verdadeiro papá dela?

– Sou.

– O nosso papá deixou-nos para ir viver com a estúpida da Amanda – disse Gracie.

– Certo.

– Cheira muito a perfume – acrescentou Sam.

– E não me empurra nos balouços porque tem medo de partir uma unha – disse Gracie. – E então faz assim.

Contorceram ambos os rostos em estranhas caretas.

Izzy riu. Gabe sentiu uma coisa estranha acontecer. Uma sensação de calor no estômago. Uma vontade de rir com ela. Foi estranho, mas agradável, pensou. *É esta a sensação da felicidade.* Passara tanto tempo que a esquecera.

Deu por si a olhar mais uma vez para Izzy. Estava viva. Aquilo era real. Durante a viagem até ali, sentira-se como se estivesse a rebentar de perguntas. Como? Onde? Porquê? Mas naquele momento não queria saber das respostas. Não queria saber de como aquilo tinha acontecido. Só queria saborear estar ali sentado, a comer torradas e feijão cozido com a filha. Uma coisa em que a maior parte dos pais não pensaria duas vezes, mas um momento de banalíssima vida normal que pensara nunca mais voltar a experimentar.

Depois de os pratos terem sido rapados ao ponto de parecerem limpos, Gabe encontrou noutro armário um pacote de biscoitos tamanho familiar. Conseguiram manter o verniz de normalidade enquanto os mastigavam, falando disto e daquilo. Ajudava, pensou Gabe, o facto de as crianças terem uma janela de atenção mais estreita e muito mais adaptabilidade a novas situações. Aceitavam as coisas tal como eram. Sam estava mais fascinado com a casa do que com a maneira como ali tinham chegado. Queria saber se era muito grande, quantos quartos tinha, se tinha piscina e se havia um mordomo.

Depois de esgotar os *Custard Creams* e os *Jammi Dodgers*, Gracie começou a bocejar. Sem que tivessem dado por isso, eram quase sete da tarde.

– Acho que são horas da caminha – disse Katie, num tom significativo. Olhou para Gabe. – É melhor decidirmos onde vão as crianças dormir. Quer dizer, é óbvio que não faltam quartos.

Gabe pensou um pouco.

– Bem, o quarto principal deve estar preparado. Os outros não sei.

– Não quero dormir sozinha – disse Gracie no mesmo instante.

– Eu também não – acrescentou Sam.

Izzy não disse nada, mas pareceu encolher-se um pouco mais perto do pai.

– Muito bem, então…

– O Sam, a Gracie e a Izzy podiam partilhar o quarto principal – sugeriu Katie. – Assumo que tem uma cama de casal, de modo que um deles pode dormir de cabeça para os pés.

– Certo. Boa ideia.

– E nós… Quero dizer…

– Hum, bem, há mais dois quartos duplos. Suponho que consigo encontrar alguma roupa de cama.

– Óptimo.

– Estou cansada, mamã – disse Gracie, e voltou a bocejar.

– *Okay*, querida. Vamos lá levar-te para cima. – Katie sorriu. – Ei, pelo menos já estás de pijama.

Gabe levou-os até ao *hall*. A vastidão continuava a surpreendê-lo. Viu Katie e as crianças olharem em redor, espantadas. Imaginando-o através dos olhos deles, parecia também tão desnecessário. Quem precisava de tanto espaço, de tantos quartos? Uma casa pequena podia transbordar de amor, e no entanto aquela casa, não obstante as fofas alcatifas e o papel de seda que forrava as paredes, parecia despida de alegria.

Subiram em fila a escadaria encurvada. Há muito que Gabe não ia àquela parte da casa, e pareceu-lhe mais desconhecida do que nunca. Deteve-se no patamar. Qual era o quarto principal? À direita, pensou.

– É aqui – disse.

– Uma pessoa podia perder-se nesta casa – disse Katie, mas por qualquer razão a frase soou mais como uma crítica do que como um elogio. Gabe sentiu uma estranha necessidade de defender Charlotte.

– Penso que o marido da Charlotte a comprou para ser uma casa de família, mas então morreu, a Charlotte não voltou a casar, não teve mais filhos, e depois… houve o acidente.

A culpa fora dele. A culpa fora toda dele.

Abriu a porta do quarto.

– Aqui.

– Uau – murmurou Sam.

O quarto, como tudo o mais, era enorme. A cama de quatro postes tinha espaço à vontade para quatro adultos, quanto mais três crianças. Sam e Gracie

atiraram-se para cima dela, a longa viagem, o cansaço, a estranheza daquela casa desconhecida no mesmo instante esquecidos.

Uma grande janela de sacada ocupava a maior parte de uma das paredes. As cortinas estavam abertas. De dia, oferecia uma vista que se estendia sobre o mar. Naquela noite, só se distinguia a escura massa de água, a subir e a descer sem descanso. No céu, o vento fazia passar rápidas nuvens pela frente de uma Lua semicircular.

Izzy aproximou-se da janela. Apesar dos vidros duplos, ouvia-se o sopro do vento e o rugido distante das ondas.

Diante das grandes vidraças, parecia assustadoramente pequena e frágil. Gabe sentiu o impulso de agarrá-la, de afastá-la da trovoada que se formava lá fora.

Em vez disso, foi pôr-se a seu lado. Os seus sombrios reflexos devolveram-lhes o olhar, fantasmas a pairar no ar.

– Num dia claro consegue-se ver quilómetros e quilómetros mar dentro – disse-lhe.

Izzy ergueu a mão e tocou no vidro.

– A praia fica lá em baixo.

– Sim.

– Eu já cá tinha estado.

Gabe franziu a testa.

– Não…

E então lembrou-se. Jenny estava doente. Ele dissera-lhe que levaria Izzy para o escritório, mas era uma segunda-feira, de modo que tinham ido ali. Izzy não podia ter mais de oito ou nove meses.

– Uma vez – disse. – Mas eras um bebé.

Ela retirou a mão e apertou a mochila contra o peito. A mochila chocalhou e estalou, e Gabe apercebeu-se do que era que aquele som lhe lembrava. Seixos. Mas por que carregaria Izzy consigo um saco cheio de seixos? E então lembrou-se de outra coisa, uma coisa em que não pensava há anos.

Quando Izzy tinha cerca de dois anos, costumava ter aqueles estranhos episódios de sono. Claro que as crianças daquela idade dormitavam com frequência, mas ela adormecia de repente, em qualquer lugar, num instante desperta e a tagarelar, no seguinte apagada. Gabe tivera a certeza de que aquilo acabaria por passar com a idade (tal como o seu estranho medo de espelhos),

mas Jenny insistia em que não era normal. Então, um dia, quando Izzy tinha quase três anos, chegara a casa do trabalho e encontrara Jenny histérica.

«*Ela voltou a fazê-lo. Adormeceu de repente e, quando acordou, tinha isto na mão.*»

«*O que é?*»

«*Um seixo?*»

«*Oh. Aonde foi ela buscá-lo?*»

«*A questão é essa. Não sei. E se o tivesse metido na boca e sufocado?*»

Ele tentara ser solidário, mas estava cansado e distraído e talvez tivesse feito Jenny sentir que estava a ter uma reacção exagerada. Os miúdos apanham coisas do chão, certo? E não tinha voltado a acontecer, pelo menos que Jenny o tivesse mencionado.

Naquele momento, porém, duvidava. *Seixos.* A praia. E então um outro pensamento introduziu-se-lhe à força na cabeça – a estranha pedra brilhante no dente do *Samaritano*. Um vento gelado pareceu infiltrar-se pela janela e passar por ele.

– Ela queria que viéssemos.

Gabe baixou os olhos para a filha.

– O quê? Quem?

Mas Izzy já estava a recuar, a afastar-se da janela, a abanar a cabeça, se a ele ou se a qualquer coisa que via no vidro, Gabe não sabia.

– Não. Agora não.

Com quem estava ela a falar?

Então deu um salto quando Katie bateu as palmas.

– Muito bem. Vamos lá meter estes meninos na cama.

As crianças enfiaram-se na cama com inusitada docilidade. O quarto cheirava um pouco a bafio, mas a cama era larga e confortável e o efeito sonolento de almofadas macias e lençóis lavados e engomados acalmou-as quase no mesmo instante.

Katie beijou Sam e Gracie na cabeça.

– Boa noite. Durmam bem.

Gabe hesitou um instante e então sentou-se ao lado de Izzy no outro lado da cama. Inclinou-se e beijou-a na testa. A pele dela era incrivelmente suave. Os

seus cabelos cheiravam um pouco a champô. Aspirou o aroma dela. Era tão familiar e ao mesmo tempo tão estranho. Em tempos, o corpo pequeno e flexível de Izzy parecera quase uma parte do seu. Agora, era tudo novo para ele. Tinha de reaprender tudo aquilo, ter uma filha, ser pai. Reaprender e, dessa vez, fazer *melhor*.

– Dorme bem, filha.

– Papá?

– Diz.

Izzy ergueu para ele os olhos sonolentos.

– Não te vais embora, pois não?

– Não. Não vou a parte nenhuma.

– Nunca mais?

Nunca mais. Quem lhe dera que existisse uma coisa assim, um lugar assim, pensou.

Afastou alguns fios de cabelo que caíam para a testa de Izzy.

– Nunca mais.

Levantou-se e dirigiu-se à porta.

– Vou deixar a luz do corredor acesa – sussurrou Katie, mas a única resposta foi um trio de respirações pesadas.

Encostou a porta. Gabe olhou para a figura adormecida da filha através da fresta. Não queria deixá-la. Não queria voltar a perdê-la de vista. *Nunca mais.*

Mas naquele momento havia coisas que precisava de saber. Voltou-se para Katie.

– Vamos?

Capítulo 52

Os elaborados ponteiros do relógio dourado por cima da lareira indicavam sete e vinte. Com os pesados cortinados verde-esmeralda fechados, Katie já não poderia dizer se era manhã ou tarde. As últimas vinte e quatro horas eram como um sonho terrível, surreal.

Sentou-se na sala enquanto Gabe preparava bebidas na cozinha. Envolveu-se nos braços para parar de tremer. A sala era magnífica. Mas fria. E ela não sabia muito bem se isso tinha alguma coisa a ver com o tamanho ou com o aquecimento. Toda a casa era desprovida de calor. Mas não era só isso. Havia mais qualquer coisa. Qualquer coisa que não «batia certo» naquele lugar. Como uma exposição selada. Um lugar que não era abençoado por fantasmas porque nunca fora cheio de vida.

Não obstante a elegância da divisão, havia pormenores incongruentes. O televisor de ecrã plano na parede ao lado da lareira, dois grandes cadeirões reclináveis de couro castanho-claro e um lume de gás na lareira, onde presumia que em tempos houvera um lume a sério. Ainda que, naquela noite, estivesse grata pela preferência dada ao conforto em relação à estética.

Gabe dissera que Miriam, a enfermeira-chefe, vivia ali. Supunha que a tinha tornado mais habitável mas, mesmo assim, parecia-lhe que a casa gritava por alguém que a amasse como deve ser, que a apreciasse, que a reanimasse.

E então pensou na rapariga que jazia deitada na ala sul. Aquela casa não era um verdadeiro lar. Era um mausoléu vivo. E Gabe era o seu conservador. Perguntava-se por que razão ele não a vendia, mas talvez não pudesse. Talvez se sentisse obrigado pelo dever a cuidar da rapariga que quase matara.

Reler *online* os noticiários da altura tinha-lhe refrescado a memória. Na noite em que a mulher e a filha tinham sido assassinadas, Gabe estivera a visitar a rapariga que deixara em coma anos antes num acidente de viação.

A mesmíssima coisa que lhe dera um álibi, que provara a sua inocência nos crimes, fora a que os jornais tinham usado para o crucificar. Prego atrás de ferrugento prego. Atropelamento e fuga, tinham-lhe chamado, só que Gabe não fugira. Ficara com a rapariga, entregara-se à polícia e não deixara de a visitar todas as semanas desde então. Mas essa parte fora deixada de fora. Já era quase um assassino. Era um condutor embriagado. Deixara a rapariga em morte cerebral. A implicação, que nada tinha de subtil, era que, de algum modo, fora ele que atraíra aquela tragédia sobre si. Era justiça. *Karma*.

Lembrou-se de ter tido pena dele, na altura. Um erro da juventude desenterrado e usado para o destruir. E então pensou no pai. No jovem que o tinha matado. Em como isso destruíra a sua família.

Olho por olho.

– Brande?

Gabe voltou à sala com dois grandes copos de líquido ambarino. Bem servidos. Katie nunca tinha bebido brande, mas ouvira dizer que era bom para amortecer o choque. Bebeu um gole. *Jesus Cristo!* Se aquilo era amortecer… Teve a sensação de ter queimado os terminais nervosos da garganta. E a julgar pela maneira como Gabe se engasgou, parecia que também não era grande bebedor. Mas então ele bebeu um segundo gole, maior do que o primeiro, e Katie calculou que, como ela, estava a precisar.

Gabe sentou-se no sofá fronteiro e inclinaram-se os dois para a frente, de copos na mão, uma grande mesa de café de carvalho entre os dois, sem saberem muito bem se eram aliados ou adversários.

E ele disse:

– Obrigado.

Não era o que ela estava à espera.

– Como quer que isso tenha acontecido, devolveu-me a minha filha. Houve alturas em que até *eu* duvidei que continuasse viva. Em que pensava que, talvez, todos tivessem razão e eu tivesse enlouquecido. É impossível dizer-lhe o que este dia significa para mim. – Fez uma pausa e bebeu mais um gole. – Mas se teve alguma coisa a ver com o desaparecimento da Izzy, entregá-la-ei à polícia sem pensar duas vezes.

– Não tive – respondeu ela, num tom firme. – A primeira vez que soube alguma coisa a respeito disto foi ontem à noite. Nem tinha a certeza de que a Izzy

fosse a sua filha. Dizia chamar-se Alice.

– *Alice?* – O rosto dele ensombreceu. – Suponho que foi o nome que a tal mulher… *Fran*… lhe deu.

Ela olhou para o fundo do copo.

– Gostaria que tivesse presente que, pense o que pensar da mulher que levou a Izzy, ela tomou conta da sua filha e a manteve a salvo todo este tempo.

Ele ladrou uma dura gargalhada.

– Ela *raptou* a minha filha. Quis fazer-me acreditar que estava morta. Por que diabo está a defendê-la?

Katie bebeu mais um pouco de brande e fez uma careta.

– É minha irmã.

– *Sua irmã?* – Qualquer coisa mudou na cara dele. – Claro. – Abanou a cabeça. – Sou mesmo uma merda de um idiota.

– Escute, há nove anos que não sabia nada da minha irmã. Então, ontem à noite, recebi um telefonema. De uma rapariga que eu julgava ser filha da Fran… a pedir-me ajuda.

– Assim sem mais nem quê?

– Sim.

– E acreditou nela?

– Fosse o que fosse que se estava a passar, era uma criança, assustada e sozinha. Fui buscá-la e levei-a para casa.

– O que lhe disse ela?

– Muito pouco, ao princípio. Disse-me que se chamava Alice e que a Fran lhe tinha dito para ligar para mim se tivesse algum problema. – Engoliu em seco. – Mas, desde o início, houve coisas que não batiam certo. Esquecia-se de chamar «mamã» à Fran e reparei que tinha os cabelos pintados. Não percebi muito bem por que havia alguém de pintar o cabelo a uma criança de oito anos.

– Sete – disse Gabe.

– Desculpe?

– Só faz anos em Abril. Faltam dois meses. Tem sete anos.

Katie sentiu-se corar.

– Peço desculpa.

– Continue – disse ele, conciso.

Ela bebeu outro gole de brande. Começava a habituar-se à sensação de queimadura.

– Mais tarde, ela admitiu que a Fran não era a sua verdadeira mãe. Disse que a sua verdadeira mãe tinha morrido. Fran tinha-a salvado e protegido. Mas agora desapareceu.

– Por que não chamou a polícia?

– Ia fazê-lo, esta manhã…

– E?

– Aconteceu isto. – Apontou para a cara. – Apareceu um homem em nossa casa. Andava à procura da Izzy. Penso que me teria matado, mas a Izzy deixou-o inconsciente com o seu saco de seixos. Salvou-me a vida.

A sombra de um sorriso encurvou os cantos dos lábios de Gabe.

– Grande filha.

Katie sentiu um momentâneo afrouxar da tensão, da desconfiança, entre os dois. Então ele franziu a testa.

– Por que não chamou a polícia nessa altura?

– Porque o homem que me atacou era um agente da polícia.

Viu os olhos dele abrirem-se muito ao fazer-se luz.

– O homem que me esfaqueou vestia um uniforme da polícia. Novo, entroncado…

– De cabeça rapada?

Ele assentiu e ela sentiu um arrepio. Durante todo aquele tempo. Steve *tinha estado* a usar a sua irmã. Só que não da maneira que ela pensara.

– Parece ser ele.

– Por que havia um agente da polícia de envolver-se numa coisa destas?

Ela encolheu os ombros.

– Toda a gente tem um preço. – Recordou a expressão nos olhos de Steve. *O gozo.* – Algumas são mais baratas do que outras.

Deu a impressão de que ele ia dizer qualquer coisa em resposta a isto, mas limitou-se a abanar a cabeça.

– Foi por isso que fugiu?

– E então liguei para si.

Ele assentiu, pensativo.

– Mas continuo a não compreender. Como percebeu que a «Alice» era a Izzy? Onde conseguiu o meu número de telefone?

Katie enfiou a mão no bolso e tirou de lá o amarrotado folheto. Estendeu-lho.

– Guardei-o.

– E reconheceu a Izzy por esta fotografia? Não é um grande salto?

Katie hesitou. Quanto dizer? Quanto admitir? Pousou com cuidado o copo de brande na grande mesa de café.

– A minha irmã não é uma pessoa má. Acredito que o que fez foi pela Izzy, para a proteger…

– Como sabe? Há nove anos que não a vê. Ou isso é mentira?

– Não!

– Quer dizer, pensando bem nisso, é tudo muito conveniente. Por acaso, trabalha numa área de serviço onde eu costumo parar para beber café. E acontece que a sua *irmã* é a pessoa que raptou a minha filha. Quais são as probabilidades?

Katie fulminou-o com o olhar.

– Acredita mesmo que desperdicei anos da minha vida a trabalhar numa merda de uma cafetaria só para que você pudesse aparecer uma vez por semana e ignorar-me? Sim, grande plano. Nas últimas vinte e quatro horas fui atacada na minha casa, obrigada a pegar nos meus filhos e fugir. Não sei se alguma vez sentirei que é seguro voltar. Não faço ideia de se a minha irmã está viva ou morta. Como acha que isso me faz sentir? Nunca pedi nada disto.

Sentiu as lágrimas queimarem-lhe os olhos e lutou furiosamente por escondê-las. Não ia chorar na frente dele.

Gabe olhou para ela, com uma expressão estranha nos olhos. Depois suspirou e recostou-se no sofá, a raiva a desvanecer-se.

– Se a sua irmã não é uma pessoa má, que estava a fazer em minha casa naquela tarde? Por que pegou na Izzy e fugiu? Por que abandonou o corpo da filha? Que espécie de mãe faz uma coisa dessas?

– Não sei. Só consigo pensar que estava aterrorizada. Deve ter visto o assassino. Talvez tenha abandonado a filha para salvar a sua.

– Por que não chamou a polícia?

– Talvez não pudesse. Talvez se tivesse envolvido em qualquer coisa a que não podia fugir.

– Mas *o quê*? Em que poderia ter-se envolvido que conduzisse a isto?

Katie vacilou. Era agora ou nunca. Pegou na bolsa. A mão tremia-lhe. Tirou de lá um cartão-de-visita amarrotado e pousou-o em cima da mesa.

OS OUTROS.

Gabe ficou a olhar para o cartão e em seguida ergueu os olhos para ela.

– O que sabe a respeito de Os Outros?

– E você, o que sabe?

– Justiça privada. *Quid pro quo.* Olho por olho…

– Pedidos e Favores – terminou ela, numa voz amarga. – A minha irmã devia um Favor aos Outros.

– Porquê? O que lhes pediu para fazer?

– Matar a pessoa que assassinou o nosso pai.

Capítulo 53

Nove anos antes

Desaparecido, pensou Katie, a olhar para o cartão, … *mas não esquecido*. Mas mesmo assim desaparecido. Para sempre. *Desaparecido.*

A palavra parecia ter-se-lhe alojado no cérebro.

Não conseguia passar além dela.

– Não precisa de decidir já as palavras – disse-lhe a senhora do outro lado do balcão, num tom bondoso. – Pode voltar cá mais tarde.

Mas ela não podia. Já houvera desacordo suficiente a propósito das flores/plantas. Tinha de despachar aquilo. E era uma estupidez, vendo bem. O papá não ia ler o cartão. Não estava a escrever aquilo para ele. Mas continuava a sentir o fardo, a responsabilidade, de escolher as palavras certas. De evitar os chavões, as banalidades.

Mas que podia ela dizer? Não era o funeral de um pai que tivesse morrido enquanto dormia. Não sofrera de uma longa doença de que a morte fosse uma misericordiosa libertação. Quais eram as palavras certas quando um pai adorado tinha sido assassinado de uma forma sádica e cruel?

A florista continuava a olhar para ela.

Era baixinha, com cabelos brancos apanhados num carrapito e uns óculos de lentes grossas através das quais espreitava como uma toupeira míope. Uma toupeira míope vestida com um vestido azul, um velho casaco de malha e uns confortáveis sapatos pretos.

– É sempre mais difícil nestas circunstâncias.

Katie olhou para ela com mais atenção.

– Que sabe a senhora a respeito das circunstâncias?

– Peço desculpa. Não era minha intenção intrometer-me mas, bem, li as notícias e… lamento muito.

Katie tossicou.

– Obrigada. É só que…

– Continua zangada.

Ergueu vivamente os olhos, preparada para retorquir que o assunto não era da sua conta. Mas então apercebeu-se de que a florista tinha razão. Era isso mesmo. Era difícil escrever palavras de saudade estando ainda tão furiosa por ter de fazer tudo aquilo. Quando o que na verdade queria era gritar e praguejar e ralhar com o Deus que deixara aquela coisa acontecer.

E aquela era a primeira pessoa que o reconhecia.

Assentiu.

– Sim. Estou.

A florista sorriu. Não foi bem um sorriso de compaixão. Katie não sabia muito bem o que era. Só mais tarde lhe ocorreu que era de satisfação – como se ela tivesse dado a resposta correcta.

– Quer um café?

– Hum, sim, obrigada.

A mulher fez-lhe sinal para contornar o balcão. Nas traseiras da loja havia uma pequena *kitchenette* e um par de cadeiras confortáveis. Katie sentou-se enquanto a mulher fervia a água.

– Sabe, muitas pessoas pensam que o desgosto tem a ver com aceitação. Mas nem sempre é assim.

– Que é então suposto eu fazer?

– Quais são os seus verdadeiros sentimentos em relação ao homem que assassinou o seu pai?

Katie inspirou, com tanta força que lhe causou uma dor física, como uma costela partida.

– Odeio-o. Sei que não devo dizer isto. Sei que devo tentar perdoar. Era um miúdo, tinha só dezoito anos. Com um passado de miséria, sempre a entrar e a sair de instituições. Percebo isso. Mas assassinou o meu pai. Esmagou-o contra a parede e deixou-o morrer. Ainda podia tê-lo salvado. Uma chamada. Um sinal de remorso. Em vez disso, foi a uma festa. Enquanto o meu pai sangrava até à morte, ele snifava cocaína e embebedava-se.

Parou para respirar. Era a primeira vez que o dizia, que o deitava cá para fora. E a uma desconhecida.

A florista aproximou-se com duas canecas de café.

– Pelo menos apanharam o culpado.

– Vale o que vale, mas o nosso advogado disse-nos que nos preparássemos para uma alegação de homicídio involuntário e uma sentença leve por causa da idade. Talvez só dois ou três anos. O meu pai está morto para sempre e ele apanha dois ou três anos. Não parece justo.

– O que pareceria?

A pergunta apanhou-a de surpresa. E a resposta ainda mais:

– Que ele morresse, com dores e sozinho, como o meu pai. – Abanou a cabeça. – Deus. É uma coisa horrível de dizer, não é?

– Não, é uma coisa honesta. Tome.

A mulher estendia-lhe um cartão.

Katie olhou para ele. Era preto, com duas palavras escritas a branco.

OS OUTROS.

Por baixo das palavras, duas pessoas-palito desenhadas a branco davam as mãos.

– O que é isto?

– Um *website* onde pode contactar outras pessoas que passaram pelo mesmo que passou; que talvez possam ajudá-la.

– Certo… obrigada. Hei-de dar uma vista de olhos.

Não fazia a mais pequena tenção de dar uma vista de olhos. O mais certo era tratar-se de mais um *site* de cristãos cheios de consolações para dar. E aquilo era uma tentativa de espalhar a palavra do Senhor.

– Não o encontrará na *Web* normal.

Katie franziu a testa.

– Então?

– Já ouviu falar da *Dark Web*?

Katie ficou a olhar para a velha florista de óculos. A *Dark Web*. Seria uma brincadeira? Uma coisa do género Apanhados?

Franziu a testa.

– Pensava que isso era ilegal.

– Nem sempre. Por vezes é só para pessoas que querem mais privacidade.

Katie voltou o cartão. No verso estava escrita uma sequência de letras e algarismos.

– É o endereço *Web* e a *password*. Se quiser visitar – disse a mulher.

– Então é só uma *chatroom*?

– Não só. Se está a falar a sério a respeito de encontrar justiça para o seu pai, eles oferecem outros serviços.

Outros serviços.

A conversa estava a tornar-se surreal. De súbito, a pequena divisão pareceu claustrofóbica, o cheiro das flores enjoativo, o café amargo. Por que fora que confessara tudo a uma desconhecida? *Desgosto,* pensou. Estava a fazer-lhe coisas à mente. Precisava de sair dali.

– Bem, obrigada… pela conversa e pelo café, mas tenho mesmo de ir.

– Que escrevemos então no cartão?

– Só… «Vamos ter saudades tuas, papá.»

Apressou-se a sair da loja e deixou-se levar pelo rio de transeuntes do meio-dia, a encher os pulmões de ar. Caminhou com passos rápidos pelo passeio, em direcção ao parque de estacionamento. Tencionava atirar o cartão para um caixote de lixo, mas não havia nenhum à vista, ou talvez estivesse escondido pelas pessoas.

O certo é que, quando chegou a casa, ainda o tinha na bolsa. Pegou nele com a intenção, tinha a certeza, de o largar no contentor de reciclagem. Mas deve ter-se distraído, porque o cartão acabou por ir parar à pequena mesa do vestíbulo.

Tão ocupada andou com as crianças e o trabalho que o pedaço de cartolina ficou ali, junto da publicidade por abrir, durante vários dias. Tinha-o quase esquecido quando Fran apareceu para finalizar os preparativos do funeral.

A irmã não aparecia muitas vezes. Sempre se mantivera afastada do resto da família. Para ser franca, Katie não se importava por aí além. Achava a irmã mais velha um caso bicudo, da mesma maneira que a mamã conseguia ser um caso bicudo. Espinhosa, muitas vezes agressiva. Difícil de amar. O que fazia parecer que era a pessoa que tinha o problema, quando na realidade era mais uma questão de Fran levantar obstáculos ao afecto. Katie não sabia muito bem porquê e, ao fim de tanto tempo, não sabia se tinha energia para passar por cima deles.

Naquela tarde particular Fran entrou apressada, a dizer que não podia demorar muito. E os seus olhos pousaram no cartão negro em cima da mesa.

– O que é isto?

Nada. Lixo. Ia agora mesmo deitá-lo fora.

Era o que devia ter dito.

Mas não disse. Sentiu a necessidade de partilhar aquilo. Talvez por ser uma coisa a respeito da qual ela e a irmã podiam ter uma verdadeira conversa.

Disse:

– É uma história estranhíssima…

O funeral foi uma semana mais tarde. Era talvez o melhor que podia dizer a respeito. A mãe conseguira manter-se suficientemente sóbria para não fazer figuras tristes durante o serviço, embora Katie tivesse sido obrigada a segurar-lhe o cotovelo um par de vezes para a ajudar a manter-se direita.

Não havia ninguém para fazer o mesmo por ela porque Craig estava em casa a cuidar de Sam. Mais uma vez. Apesar de terem concordado que não podiam levar um bebé aos berros para um funeral, Craig não fizera grande esforço para convencer os pais a ficarem com o neto para que pudesse apoiar a mulher. Katie tentava convencer-se de que ele estava só a tentar ser um bom pai, e quase conseguiu.

O vigário fez um discurso em que falou muito do pai em vida, como Katie e as irmãs tinham pedido, mas omitiu as brutais e cruéis circunstâncias da sua morte. Também falou de aceitação e perdão, mas sempre que olhava para as plantas dispostas à volta do caixão, e que levaria para casa e poria no jardim que ele adorara, Katie pensava na toupeira míope – *outros serviços* – e fazia um esforço para evitar um estremecimento.

Estar ali de pé à beira da sepultura fora surreal, como se estivesse num filme a fazer o papel de filha enlutada. Não obstante o som muito real de Lou a chorar e a fungar a seu lado, a cara vermelha cheia de ranho e dor, parecia impossível que aquilo estivesse mesmo a acontecer. Não podia ser o papá *dela*, naquele duro caixão de madeira a ser descido devagar para a cova. Aquilo não era o fim dele. Não era assim que as coisas deviam ser. Era inconcebível que não voltasse a ver o seu sorriso nem a sentir a ternura da sua mão. *Desaparecido,* pensou. Para sempre. As lágrimas rolaram-lhe pelas faces e Katie sentiu uma mão pegar na sua. Fran.

Katie tinha reservado um pequeno *pub* local para a reunião da família e amigos. Estava apinhado de gente. O pai sempre fora popular, e ela sabia que ficaria feliz ao ver tantas pessoas. A sala zumbia de conversas e, longe da sombria solenidade da igreja, sentiu um pouco do pesado desgosto não levantar, mas dissipar-se. Aquilo era o papá, pensou. Não a fria e cinzenta igreja e o duro caixão de madeira. Aquilo. Ali. Pessoas. Amigos. Risos.

Encarregara Lou de manter um olho na mãe, mas era um esforço vão. As pessoas insistiam em pagar uma bebida à inconsolável viúva e ela já estava bastante bêbeda. De certo modo, Katie invejava-a. Quem lhe dera poder despejar os copos de gim e render-se ao oblívio. Mas não podia. Alguém tinha de andar de um lado para o outro, aceitar as condolências, agradecer às pessoas por terem ido, conversar com o vigário, certificar-se de que havia sanduíches suficientes. Os funerais pareciam deixar as pessoas esfomeadas.

Por fim, com a cara a doer de tanto forçar sorrisos, conseguiu afastar-se e encontrar um canto sossegado, onde ficou de pé a bebericar vinho branco morno e a mordiscar um pedaço de pão. Fran emergiu de entre a multidão e foi pôr-se a seu lado.

– Visitei o tal *website* – disse, com a habitual ausência de preâmbulos.

– O quê? Porquê?

Fran mostrou-lhe o cartão.

– Levei isto emprestado. Estava curiosa.

Katie recuperou o cartão com uma mão que tremia. Nem dera pela falta dele.

– E?

– Fi-lo.

– Fizeste o quê? – Katie ficou a olhar para ela, a sentir um nó formar-se-lhe no estômago. – Fran, o que fizeste?

A irmã olhou para a janela. Katie apercebeu-se de que um táxi tinha estacionado em frente da porta. Franziu a testa.

– Chamaste um táxi? Pensei que ia dar-te boleia.

– Tenho de ir para casa fazer as malas.

O nó apertou-se mais.

– Fazer as malas? Aonde vais?

O telefonema chegou uma semana mais tarde. Katie estava na cozinha a tentar acalmar um intratável Sam quando o telemóvel tocou. Pegou-lhe e entalou-o entre o ouvido e o ombro.

– Estou?

– Katie?

– Sim?

Sam berrou. Ela tentou enfiar-lhe a chucha na boca.

– Fala Alan Frant.

O agente de ligação com a família.

– Oh, olá, Alan.

Sam cuspiu a chucha para o chão.

– Houve um desenvolvimento no caso do seu pai.

– Que espécie de desenvolvimento?

Dobrou-se desajeitadamente, a segurar Sam, e resgatou a chucha do chão.

– O Jayden Carter foi encontrado morto.

Ficou petrificada. *Jayden Carter.* O adolescente que lhe assassinara o pai.

– Que aconteceu?

– Não sei se…

Sam contorceu-se nos braços de Katie, que enfiou por um instante a chucha na boca antes de voltar a espetá-la na dele. Dessa vez, Sam aceitou-a.

– Diga-me.

– Tinha os pulsos e a garganta cortados com uma navalha.

– Oh Deus!

A cozinha girou. Katie sentiu-se como se a saliva lhe tivesse sido sugada da boca, até à última gota.

– Sim. Muito desagradável.

– Mas… foi suicídio?

Queria que ele dissesse que sim. *Por favor, diz que sim.*

– Vai haver uma investigação aprofundada. O Jayden estava sob custódia e, bem, há algumas inconsistências. Mas, no que respeita ao caso do seu pai, o Ministério Público não pode acusar um morto.

Inconsistências. Outros serviços.

– Não… – murmurou. – Compreendo.

– Lamento muito.

– Sim. Obrigada. Adeus.

Pousou o telefone. O estômago deu-lhe uma volta. Foi para a sala e depositou Sam no parque.

Que ele morresse, com dores e sozinho, como o meu pai.

Oh, Jesus Cristo! Correu para o lava-louça da cozinha, mas não vomitou. Molhou a cara com água fria e tentou normalizar a respiração.

Fi-lo.

Coincidência. Tinha de ser uma coincidência. De certeza. Estava a deixar a imaginação levar a melhor. E no entanto…

Pegou no telemóvel e marcou o número de Fran. Tinha tentado ligar-lhe várias vezes depois do funeral, mas a chamada fora sempre para o *voicemail*. Daquela vez, uma voz automatizada disse-lhe:

O número para que ligou está desligado.

Tentou outra vez, só para ter a certeza, mas obteve a mesma resposta. Merda. Muito bem. O que fazer? E então soube. Pegou em Sam, instalou-o na cadeirinha e saiu de casa.

Atrás do balcão da florista estava uma mulher jovem, de cabelo louro cortado curto. Fez um sorriso simpático ao ver Katie entrar.

– Posso ajudá-la?

– Hum, sim. Estive aqui há dias e havia uma senhora de mais idade a atender.

O sorriso simpático desapareceu.

– A Martha?

– Acho que não fixei o nome. Vai voltar a estar de serviço?

A jovem abanou a cabeça.

– Não. É por isso que estou aqui. Telefonou ontem a dizer que não voltava. Devia dar uma semana de aviso, e deixou-nos de verdade pendurados.

Katie ficou a olhar para ela, a sentir o mundo desintegrar-se debaixo dos seus pés.

– Suponho que não tem nenhum contacto?

– Mesmo que pudesse dar-lhos, não a ajudaria. – A jovem baixou a voz. – São todos falsos. O meu patrão está furioso, se quer que lhe diga.

Falsos. Katie saiu da loja aturdida. *Respira*, ordenou. *Mantém a calma. Pensa racionalmente. O mais certo é tudo isto ser uma estranha e horrível coincidência.*

Não uma conspiração. A vida real. Precisava de sentar-se, beber um café, pôr tudo aquilo em perspectiva.

Arranjou lugar num café local, pediu um *cappuccino* e deu a Sam um sumo de laranja e uma banana. Depois tirou o cartão da bolsa.

OS OUTROS.

Fran, que fizeste tu?

Que importa isso? O assassino do papá está morto. Justiça. Rasga o cartão. Esquece. Segue em frente com a tua vida.

– *Cappuccino?*

Ergueu os olhos para a empregada.

– Oh, sim, obrigada.

A empregada pousou a chávena a transbordar em cima da mesa. Katie sorriu-lhe e esperou que ela se afastasse para pegar no telemóvel.

Esquece. Segue em frente com a tua vida.

Abriu o Safari e googlou: Como aceder à *Dark Web*.

Fosse o que fosse que Fran tinha feito, tinha de o ver por si mesma.

Capítulo 54

Só havia um problema com o ódio, pensou Gabe. E não era comer-nos por dentro e destruir-nos. Isso era treta. O ódio podia impulsionar-nos através dos piores momentos. Desgosto, desespero, terror. O amor e o perdão podiam aquecer-nos, mas o ódio podia levar o nosso foguetão até à Lua.

Não, o problema era que, com o tempo, o ódio acabava por consumir-se. E agora, quando o queria de verdade, quando precisava dele contra a mulher que levara a sua filha, descobria que o depósito estava seco. Vazio.

Lançou a Katie um olhar cansado.

– Era isso que a sua irmã estava lá a fazer. A pagar o seu Favor.

Katie assentiu.

– Penso que sim.

– Por que não se limitou a recusar?

– Viu o *website*. Pensa de verdade que recusar é uma opção?

Ele teria gostado de dizer que sim. Era apenas um *website*. Às tantas gerido por um par de miúdos com acne, um complexo de inferioridade e um monte de ressentimento contra o mundo. E então uma pontada de dor no flanco recordou-lhe os oito pontos que lhe mantinham junta a carne rasgada. A queimadura da faca. A expressão nos olhos do homem.

O não cumprimento de um Favor ameaça a integridade do site.

Ela tinha razão, pensou. E a irmã tinha uma filha. Uma filha que talvez fosse capaz de fazer tudo para proteger. Só que não fora assim que resultara.

– Suponho que ela pensou, antes a minha família do que a dela? – disse, numa voz amarga.

Katie apertou os lábios.

– Não acredito que a Fran se tivesse envolvido se soubesse o que ia acontecer.

– Mas *envolveu-se*, quanto mais não fosse ao levar a Jen a baixar a guarda para que o assassino pudesse entrar. Continua a ter sido cúmplice na morte da minha mulher.

– Eu sei.

Levou a bebida aos lábios e fez uma careta quando o copo lhe tocou no nariz magoado. Gabe sentiu a raiva esvair-se. A culpa não era dela.

– Que merda de trapalhada.

– É verdade.

– Quem é essa gente?

– Qualquer um, todos. É óbvio que há alguém a puxar os cordelinhos, mas na sua maioria são pessoas vulgares à procura de uma maneira de aliviar o seu desgosto e a sua dor. É disso que o *website* se aproveita. E uma vez apanhado na rede, não há como fugir.

– O que se diz a respeito de seis graus de separação? Estamos todos ligados de uma maneira qualquer?

– Exacto. Toda a gente tem uma utilidade. Por pequena que seja. Talvez a florista que me deu o cartão estivesse só a pagar um Favor.

– Um esquema de pirâmide de homicídio – murmurou ele. – Dá ideia de que fez a sua pesquisa.

– Depois de descobrir o que aconteceu ao Jayden, passei muito tempo no *website*. A tentar que tudo aquilo fizesse algum sentido. Pensei em passar os pormenores à polícia, mas…

– Mas o quê?

– Tive medo. Se eles conseguiram chegar a um preso sob custódia…

Não precisou de acabar.

– Por isso empurrei o assunto para o fundo da minha mente, determinada a não voltar a pensar nele, a concentrar-me na minha família, nos vivos. Era o que o meu pai teria querido.

– Foi uma pena a sua irmã não ter pensado o mesmo.

– Não a culpe. Eu também estava furiosa por causa do meu pai. Se não tivesse falado com aquela mulher, nada disto teria acontecido.

– Isso são só palavras.

– Mas sentidas.

– A maior parte de nós, nos nossos momentos mais negros, já desejou a morte de alguém.

– A diferença é que Os Outros satisfazem esses desejos.

Como uma porra de uma fada-madrinha psicopata. Gabe olhou para Katie.

– Amanhã de manhã temos de ir à polícia. Temos de contar-lhes tudo o que sabe.

Ela assentiu. Estava pálida e com um ar cansado, o hematoma à volta dos olhos mais escuro, apesar de o inchaço do nariz ter diminuído um pouco. E ele estava a preparar-se para tornar-lhe a noite ainda pior.

– Há mais uma coisa. A polícia encontrou o carro em que a Izzy foi levada.

Ela pareceu sentar-se mais direita.

– E?

Gabe pensou no corpo em decomposição. Tinha a certeza de que Fran fora a responsável. Mas falar disso só iria complicar as coisas, e aquele não era o momento para dizer a Katie que a irmã era uma assassina.

– Encontraram também uma mulher. Gravemente ferida. Receio que tenha morrido no hospital, esta manhã.

Katie inspirou por entre os dentes.

– Já a identificaram?

– Ainda não.

– Certo. Estou a ver.

– Quer dizer, pode não ser a Fran, mas…

– Quais são as probabilidades?

– Lamento.

– Não. – Ela pigarreou e abanou a cabeça. – Acho que, no meu coração, sabia que estava morta.

– Certo. Bem. – Inclinou o copo mas, para sua surpresa, estava vazio. – Suponho que temos todas as cartas em cima da mesa.

– Nem todas. Há uma coisa que não explicou.

– O quê?

– Quem o odiava tanto que queria assassinar a sua família?

Capítulo 55

Izzy estava imóvel na cama, a respirar lenta e regularmente, os olhos fechados. Mas não estava a dormir.

Pairava sobre o sono da maneira como um mocho poderia pairar sobre os campos enegrecidos pela noite lá em baixo, deixando-se descer de vez em quando até rasar a rumorejante erva para logo voltar a subir antes de se instalar.

No outro lado da cama, Gracie tinha a cara enterrada na almofada e Sam espraiava-se de pernas e braços abertos, meio dentro, meio fora das mantas. Ouvia, lá em baixo, Katie e o pai (era tão estranho usar aquela palavra) a andarem de um lado para o outro, a conversar.

O pai parecia bonzinho. Só se lembrava de pedaços dele, do antes. Fran dissera-lhe que era muito perigoso para ela ver o pai, que ele não poderia mantê-la a salvo. Mas Izzy não tinha muito a certeza de que isso fosse verdade. Reconhecera-o no mesmo instante, e a sensação que ele lhe dera, ao abraçá-la, tinha sido de conforto, calor e protecção. Havia montes de coisas que Fran lhe tinha dito de que começava a duvidar.

Até a respeito daquele dia. O dia em que acontecera. O dia em que o horror chegara.

Tinha amado Fran, à sua maneira. Sabia que tentava ser bondosa, e sabia que gostava dela, que teria feito tudo para a proteger. Mas havia nela uma dureza. Mesmo quando a abraçava, o seu corpo era afiado e ossudo, como se tivesse conseguido dotar-se de uma armadura contra o mundo, por dentro e por fora.

E agora Fran tinha desaparecido. Izzy sabia, de uma maneira que não seria capaz de explicar, que estava morta. Não ter ninguém por perto, saber que estavam noutro lugar, era uma maneira de estar longe. Mas aquela era uma sensação diferente. Como se houvesse uma espécie de espaço, um buraco no mundo onde Fran estivera. *Morta.* Izzy deixou a palavra assentar. Como a mãe.

Como Emily. Algumas pessoas pensavam que «morto» significava ir para o céu. Fran tinha-lhe dito que tudo isso eram mentiras. «Morto» significava nunca mais voltar.

O vento soprava lá fora e Izzy estendeu a mão para o saco de seixos que pousara na mesa-de-cabeceira. Apertou-o contra o peito. Lá dentro, os seixos mexeram-se e chocalharam. Estavam inquietos. *Conhecem este lugar,* pensou. E, estranhamente, ela também. A sensação tinha vindo a tornar-se cada vez mais forte. E então, quando olhara pela janela e vira a praia, compreendera.

A rapariga no espelho. Estava ali.

Era por isso que Izzy não conseguia dormir. Sentia a presença dela, ouvia a sua voz, a sussurrar-lhe do outro lado da porta.

Preciso de ti.

Claro que não tinha de ir. Podia ficar na cama e fingir que estava a dormir. Mas a compulsão era tão forte. Quase como um puxão físico.

Por favooor.

A rapariga precisava dela.

E ela precisava da rapariga.

Sentou-se e passou as pernas para fora da cama. Gracie mexeu-se e voltou-se para o outro lado, a murmurar qualquer coisa, mas os seus olhos continuaram fechados. Izzy afastou as mantas e avançou em bicos de pés pela alcatifa.

Chegou à porta do quarto e abriu-a com cuidado. A casa de banho ficava à esquerda, mais adiante no longo patamar. Avançou no escuro, as luzes do *hall* a proporcionar uma débil iluminação. Supôs que não faria grande diferença se alguém a visse. Pensariam que ia à casa de banho.

Chegou à porta e deslizou para o interior. Fechou-a atrás de si. Não a trancou. Fran tinha-lhe dito para nunca o fazer, não fosse cair e ela não conseguir chegar-lhe.

Como tudo o mais naquela casa estranha mas familiar, a casa de banho era enorme. Mas fria. Pintada de branco e verde-escuro. Uma grande banheira com pés de garra ocupava o centro de um chão de azulejos axadrezado. Havia um lavatório e um chuveiro que pareciam mais recentes. No peitoril da janela havia tigelas com seixos e conchas.

Izzy inspirou fundo e aproximou-se do lavatório. Olhou para a bacia e contou: «*Um, dois, três.*»

E então olhou para cima. Para o espelho.

A rapariga pálida devolveu-lhe o olhar. Atrás dela, o mar agitava-se. O vento puxava-lhe os cabelos brancos para aqui e para ali. A rapariga sorriu. Então levou uma das mãos aos lábios.

Chhhhhh.

Capítulo 56

Gabe caminhava sem ruído pelos silenciosos corredores. Demasiado silenciosos. Demasiado quietos. Como Isabella, a casa existia num estado de animação suspensa. Nem viva nem morta. Num limbo perpétuo.

Chegou à porta da ala sul. Uma porta corta-fogo dupla, com um teclado para entrar. Introduziu o código e a porta abriu-se com um zumbido.

Sempre que entrava naquela ala da casa, invadia-o uma pesada melancolia. Por vezes perguntava-se se seria aquilo que sentiam os condenados à morte ao percorrerem a «última milha», o caminho até ao local da execução. Uma longa e lenta caminhada em direcção a um destino inevitável. Não obstante as tentativas de aligeiramento de dar àquele lugar um ar caseiro, não havia maneira de fugir à sensação de institucionalidade, ao cheiro a químicos e a estagnação do ar.

Deu por si, mais uma vez, a desejar ter força suficiente para deixar Isabella partir. Mas não tinha. Receava demasiado as consequências e não queria assumir a responsabilidade pela vida dela. Que direito tinha ele de determinar como e quando essa vida devia cessar? Logo ele?

Passou pela cozinha, pela despensa, por uma pequena casa de banho. Havia ali dois quartos, onde as enfermeiras dormiam, mas as portas estavam abertas e os quartos vazios. No segundo piso havia mais um quarto, uma casa de banho e o quarto principal, onde Isabella dormia. Subiu as escadas, devagar, com uma pausa em cada degrau, consciente de que estava só a adiar o inevitável.

Por fim, chegou ao quarto. Hesitou. À espera de qualquer coisa – fosse o que fosse – que o impedisse de entrar – o toque do telemóvel, o tecto a desabar, a terra a abrir-se debaixo dos seus pés. Mas não houve nada, excepto a severa quietude da casa.

Empurrou a porta e entrou.

A rapariga pálida estava sentada à beira da água. Izzy hesitou por um momento antes de ir sentar-se a seu lado.

O mar estava agitado, turbulento. Ondas castanhas e zangadas erguiam-se em pequenas montanhas antes de se lançarem sobre a margem. O vento puxava pelo cabelo das raparigas. Um claro. Um escuro. Mas Izzy não sentia o frio. Não sentia fosse o que fosse quando estava ali.

Ficaram sentadas em silêncio durante algum tempo. Então a rapariga pálida disse:

– Ele está perto.

– O Homem da Areia*?*

A rapariga assentiu.

– Quem é ele?

– Morte. Salvação. Um homem. A chegada do fim. Veio aqui uma vez. Há muito tempo. Levou um pedaço da praia consigo. E agora estou sempre a senti-lo, como uma nota discordante, a soar cada vez mais alto.

– É uma pessoa má?

A rapariga voltou-se. Izzy apercebeu-se de que era a primeira vez que se sentavam tão perto. A rapariga era muito mais velha do que ela pensara. Na realidade, não era uma rapariga mas, de alguma maneira, ainda infantil.

– Sabes o que os espelhos fazem?

– Reflectem?

– Invertem tudo. Não há bom nem mau. Isso depende de que lado do espelho estás.

Izzy pensou em Fran. Como a amava mas também como por vezes a assustava.

– Suponho que tens razão.

– A Miriam costumava contar-me duas histórias a respeito do Homem da Areia. *Numa, espalha areia sobre os olhos das crianças para as fazer dormir e dá-lhes sonhos maravilhosos. Noutra, rouba-lhes os olhos. Dois lados do espelho. O dador de sonhos. O ladrão de olhos.*

– Isso é horrível.

– É como este lugar – continuou a rapariga. – Aqui estou a salvo da escuridão, mas quanto mais tempo fico maior é o perigo de me perder.

Izzy olhou para o mar, enrugado de preto e prata. O céu pairava por cima, cheio de fúria acumulada.

– Não compreendo.

– Lembras-te da primeira vez que me viste?

Izzy tentou. Sondou a mente, semicerrou os olhos.

– Nem por isso. É como se sempre tivesse vindo até aqui.

– Eras um bebé. Mas criámos uma ligação. Mantiveste-me presa aqui. À vida. E isso tornou a minha existência suportável. Mas não é o suficiente. Já não é o suficiente.

– Porquê? Que acontecerá se ficares?

– De que achas tu que a praia é feita?

Izzy olhou em redor. A praia era sobretudo seixos, que davam lugar a areia perto da linha da maré.

– Seixos? Areia?

A rapariga pálida ergueu a mão. O vento soprou através dos seus dedos e as pontas começaram a desfazer-se devagar, carne a dissolver-se em pequenos grãos que voltavam à praia.

– É o que este lugar acaba por nos fazer.

Izzy olhava para ela, horrorizada.

– Que posso fazer?

– Ajuda-me a ir-me embora. Com uma amiga, penso que não terei tanto medo. És minha amiga?

Izzy olhou para os olhos da rapariga pálida. Por um instante, não pareceram amistosos. Pareceram… outra coisa.

Hesitou. E então disse:

– Sim, claro.

A rapariga estendeu a mão mutilada.

– Então vem comigo.

Capítulo 57

Dormia. Uma rapariga pálida num quarto branco. As máquinas rodeavam-na. Guardiãs mecânicas, prendiam a rapariga adormecida à terra dos vivos, impediam-na de derivar para longe numa maré eterna e negra.

Os *bips* regulares que emitem e o som laborioso da sua respiração eram as únicas canções de embalar de Isabella. Gabe sabia que, antes do acidente, ela adorava música. Adorava cantar. Adorava tocar.

Continuava a parecer aquela rapariguinha. Talvez fosse por isso que continuava a pensar nela assim, não obstante saber que era agora uma mulher de trinta e sete anos. O tempo decorrido não deixara a sua marca no rosto dela. Nem desgosto nem alegria. Nem excitação nem dor. Continuava liso e intocado pela passagem dos anos. Pela experiência de viver.

Um pequeno piano tinha sido colocado num canto do quarto. A tampa estava levantada, mas o teclado estava coberto por uma fina camada de pó. Em cima do piano costumava haver uma concha nacarada cujo interior sedoso e rosado fazia lembrar as delicadas curvas de uma orelha.

Mas não naquele dia. Naquele dia não havia concha.

E Isabella não estava sozinha.

Estava uma figura sentada ao lado da cama.

Os cabelos grisalhos eram curtos. Vestia um simples uniforme azul de enfermeira e usava um crucifixo ao pescoço. Tinha a cabeça inclinada, como se estivesse a rezar. As máquinas emitiam *bips* e zumbiam.

– Olá, Miriam – disse Gabe.

Ela ergueu a cabeça devagar.

– Gabe. É uma surpresa.

Mas não parecia surpreendida. Parecia resignada e um pouco cansada.

Gabe deteve-se aos pés da cama.

– Precisava de um lugar onde ficar, por pouco tempo.

– Bem, claro, esta é a tua casa.

– E tua.

– Obrigada.

Gabe contornou a cama e sentou-se na outra cadeira.

– Como está a Isabella?

Uma pergunta sem sentido, porque a resposta era sempre a mesma.

– Tão bem quanto é possível. Mantemo-la limpa e confortável… e por vezes eu rezo.

Gabe assentiu enquanto ela tocava no crucifixo que tinha ao pescoço.

– É por isso que estás aqui? Reparei que não havia mais nenhuma enfermeira.

– Muitas vezes, sou só eu. Sou perfeitamente capaz.

– Claro que sim. Escuta, Miriam, pensei que devias saber que houve uma alteração nas circunstâncias.

– Oh?

– Encontrei a Izzy.

– A tua filha?

Os olhos dela abriram-se. Apertou o crucifixo com mais força.

– Sim.

– Está viva?

– Sim.

– Oh, meu Deus. Bem, isso é maravilhoso. Mas como?

– É uma longa história. – Gabe fez uma pausa. – Envolve um grupo de pessoas chamado Os Outros.

Ela franziu a testa e abanou ao de leve a cabeça.

– Acho que nunca ouvi esse nome.

– Afirmam oferecer justiça àqueles que perderam um ente querido e que não a obtiveram nos tribunais. O género de justiça olho-por-olho dente-por-dente. – Mais uma pausa. – Alguém lhes pediu para assassinar a minha mulher e a minha filha como vingança pelo que fiz à Isabella.

Miriam olhou para ele.

– Desculpa, mas isso parece-me um pouco rebuscado. Quem faria uma coisa dessas?

– Alguém que estava cheio de fúria, amargurado, esmagado pelo desgosto?

– Estás a falar da Charlotte?

– Pensei que sim, ao princípio… mas não, não me parece que seja o estilo dela. Já me tinha onde queria. Além disso, quando a Charlotte morreu a Izzy ainda nem tinha nascido.

– Então quem?

– Há quanto tempo trabalhas aqui?

– Há mais de trinta anos.

– Cuidaste da Isabella durante todo este tempo. Sem questionar, com uma devoção total. Deves gostar muito dela.

– É verdade, gosto.

Gabe assentiu com a cabeça. Sentia-se como se o coração fosse rebentar-lhe de desgosto.

– Nesse caso, por favor, diz-me que foi por isso que o fizeste. Pela Isabella. Não só pelo dinheiro.

Capítulo 58

Katie acordou em sobressalto, catapultada dos seus sonhos por… o quê? Pestanejou, os olhos a adaptarem-se à fraca iluminação. Demorou um momento a lembrar-se de onde estava. E depois voltou tudo em catadupa. A sala de estar, na enorme casa. Devia ter adormecido no sofá. Que horas eram? Olhou para o relógio: 22 h 15 m. Não se podia dizer que fosse tarde, mas tinha sido um longo dia.

Gabe dissera-lhe que ia à outra ala ver Isabella. Ela decidira ficar e acabar o seu brande antes de ir para a cama. O copo continuava, meio bebido, em cima da mesa de café.

Sentou-se direita e ficou a ouvir a casa assentar. Qualquer coisa a tinha acordado. Um ligeiro ruído, uma pancada? Esforçou o ouvido. Qualquer mãe acaba por ficar sintonizada para os barulhos nocturnos dos filhos. Sabe quando estão a dormir tranquilos e sabe, por instinto, quando qualquer coisa está errada.

Qualquer coisa estava errada.

Voltou a ouvi-lo. O ranger de uma tábua do soalho. Leve, furtivo. Alguém a deslocar-se. Não era Gabe. Os seus passos eram mais pesados. Era uma criança

Pôs-se de pé, saiu da sala sem fazer ruído e começou a subir a enorme escadaria. O quarto principal ficava à esquerda, a casa de banho ao fundo do patamar. Viu uma estreita fresta de luz amarelada por baixo da porta. Talvez fosse isso. Talvez uma das crianças tivesse precisado de ir à casa de banho. Mesmo assim, qualquer coisa – o instinto – dizia-lhe que era melhor verificar. Caminhou ao longo do patamar, os dedos a roçarem a parede no escuro até encontrar um interruptor. Accionou-o e o patamar encheu-se de uma pálida luz amarela.

Chegou à porta da casa de banho e bateu ao de leve.

– Está aí alguém?

Silêncio. Nenhuma resposta. Nem o som de água a correr.

Tornou a bater. E então empurrou a porta. Não estava fechada à chave e abriu-se. Entrou. A casa de banho estava deserta. Mas o espelho por cima do lavatório apresentava uma longa e recortada racha e o lavatório estava manchado de sangue vermelho-vivo.

Merda.

Correu pelo corredor até ao quarto principal, o medo a apertar-lhe o coração. Viu Sam no mesmo instante, deitado aos pés da cama, uma perna a sair de entre as mantas. Mais acima havia uma cabeça coberta de caracóis louros. Katie atravessou o quarto, chegou junto da cama e, devagar, puxou as mantas para trás. Ao lado de Gracie, havia apenas uma ligeira cova na almofada.

Izzy tinha desaparecido.

Capítulo 59

– Estás enganado.

– Esperava muito estar. E admito que demorei bastante tempo a perceber. Talvez porque não queria. O testamento era à prova de água. Mesmo que me acontecesse qualquer coisa, ou à minha família, a propriedade iria para um fundo. – Fez uma pausa. – Liguei ao solicitador quando vinha para cá e perguntei-lhe quem eram os gestores do fundo. Foi então que todas as peças encaixaram. Há só um. Tu, Miriam.

Miriam olhou para ele, a avaliá-lo. Os seus dedos largaram o crucifixo.

– Dediquei a minha vida a cuidar da Isabella. Sacrifiquei muito. Quando a Charlotte morreu, tive a esperança de ver uma recompensa pela minha dedicação, por todos aqueles anos. Em vez disso, a Charlotte deu tudo ao homem responsável por quase lhe ter morto filha.

«Deixou-me os cristais. – Fez um risinho de troça. – Os *cristais*. Como *pode isso ser justo*?

– Eu ter-te-ia dado tudo se pudesse. Foi por isso que te deixei viver aqui, na casa.

– E para que me serve esta casa, a mim, uma mulher de sessenta e cinco anos com osteoporose? Quero reformar-me. Não quero ficar fechada nesta casa morta. Mas estou aqui encurralada. Enquanto tu viveres. Enquanto ela viver. E se eu viver, que receberei? Uma pensão do Estado e um pequeno apartamento cheio de correntes de ar algures?

– Eu ter-me-ia certificado de que ficavas bem.

– Merecia mais. E a Isabella merecia justiça.

– Então contactaste Os Outros. Como os descobriste?

– Uma enfermeira que trabalhou aqui por uns tempos. Por vezes conversávamos. No dia em que se foi embora, deu-me um cartão. «Talvez

possam ajudá-la», disse. «Mas não os encontrará na *Web* normal.» Admito, não fazia a mínima ideia do que estava ela a dizer. Mas fiquei curiosa. Fiz umas pesquisas… – Voltou a tocar no crucifixo. – E encontrei a resposta para as minhas preces.

Gabe cerrou os punhos.

– Naquela tarde de segunda-feira eu *devia* ir directo para casa e encontrar os corpos da minha mulher e da minha filha. Seria o principal suspeito dos assassínios, sobretudo com o meu passado. Se eu fosse para a prisão e a minha família estivesse morta, iria tudo para ti.

– É o que mereço. O que me é devido.

– A Isabella teria de sofrer uma trágica recaída mas, sem mim por perto, seria fácil. – Fez uma pausa. – Mesmo assim, não podias ter a certeza de que eu seria condenado.

– Mesmo que não fosses, eu conheço-te, Gabe. És fraco. Não serias capaz de viver sem a tua mulher e a tua filha. Seria apenas uma questão de tempo até que te matasses.

– Só que não me matei. Porque vi o carro. Porque sabia que a Izzy estava viva.

O rosto dela ensombreceu.

– *Sabias*? – perguntou ele.

– Fui informada de que qualquer coisa correra mal. Que havia uma possibilidade de a Izzy continuar viva. Mas garantiram-me que Os Outros a encontrariam e satisfariam o meu Pedido.

– E tu tinhas de ter a certeza de que estava morta, não era? Não podias correr o risco de ela reaparecer e reclamar a sua herança. Tínhamos de estar todos mortos para receberes o que te era devido. – Levantou-se. De súbito, a sua presença causava-lhe náuseas. – Vou chamar a polícia. Quero-te fora deste quarto e longe da Isabella.

Ela assentiu.

– Presumo que tens estado a gravar esta conversa no teu telemóvel?

– Claro.

Miriam tirou qualquer coisa do bolso do uniforme. Gabe demorou um instante a perceber o que era, tão incongruente o objecto parecia naquela mão sulcada de grossas veias.

– Jesus!

Miriam baixou os olhos para a arma, como se o seu aparecimento a tivesse surpreendido também a ela.

– Tive um visitante, hoje à tarde. Disse-me que se chamava *Homem da Areia* e deu-me isto.

– Miriam, por favor, pousa essa arma.

– E deu-me a escolher. Acabar com isto pacificamente, fazer o que é certo, ou sofrer muito às suas mãos. – Ergueu a arma. – Tem só uma bala, estás a ver?

Encostou o cano ao lado da cabeça.

– Miriam, não.

– Mas julgou-me mal.

Voltou a arma e apontou-a para Gabe.

– Não compreendeu que não tenho medo dele. E eu *receberei* o que me é devido.

– Miriam…

Ela pôs o dedo no gatilho. E então uma voz gritou:

– *Não!*

Capítulo 60

Izzy estava à porta, vestida só com a *T-shirt* e as cuecas. Tinha os cabelos eriçados pela estática, os olhos muito abertos e vidrados, as mãos manchadas de sangue.

– Izzy – disse Gabe, desesperado. – Volta para a cama. Já.

Mas ela não o ouviu, pareceu nem o ver.

– A tua filha. – Miriam sorriu. – Que simpático.

Rodou a arma.

– *Não!* Mata-me a mim. Deixa-a em paz. – Gabe voltou-se e agarrou os ombros da filha. – Izzy! – suplicou. – Acorda!! Sai daqui.

LARGA-ME.

Gabe sentiu o choque subir-lhe pelos braços. As suas mãos foram atiradas para trás, repelidas por uma corrente invisível. E agora sentia-a à sua volta. Energia. A pulsar e a crepitar. Os pêlos do corpo eriçaram-se; a pressão aumentava atrás das suas têmporas.

– Pára com isso! – gritou Miriam. – Seja o que for que estás a fazer, pára!

Izzy olhou para a enfermeira, sem pestanejar. A arma estremeceu na mão de Miriam e depois saltou de entre os seus dedos e voou até ao outro lado do quarto. Miriam gritou e agarrou os dedos como se os tivesse queimado.

Izzy passou por ela em direcção à cama. Tinha agora os olhos fixos na rapariga adormecida. Pareciam de um azul mais intenso do que Gabe se lembrava de alguma vez ter visto. E de súbito teve mais medo do que alguma vez tivera em toda a sua vida. Izzy chegou à cama.

– És tu – murmurou.

Não, pensou Gabe.

Izzy pegou na mão da rapariga adormecida.

– Não!

Isabella abriu os olhos.

As janelas explodiram para fora com estrépito. Gabe foi atirado para trás, contra a parede mais afastada, a força da pancada a expulsar-lhe o ar dos pulmões. Um vento furioso agatanhou os cortinados, atirou candeeiros para o outro lado do quarto, puxou as roupas da cama. Gotas de água salgada fizeram-lhe arder os olhos. A tampa do piano subia e descia com estrondo, as teclas a gritarem numa selvagem dissonância.

Miriam tentava levantar-se da cadeira. O vento fez-lhe a vontade. Pegou nela e manteve-a no ar, os pés calçados de chinelas pretas suspensos e a agitarem-se, antes de voltar a empurrá-la para baixo com tanta força que a cadeira deslizou até meio do quarto. Miriam caiu com um grito, de súbito interrompido.

As duas raparigas davam-se as mãos em silêncio enquanto a tempestade rugia à volta delas.

Gabe lutou por forçar as palavras a sair.

– *Izzy!*

Mas ela não o ouvia. Estava noutro lugar qualquer, a olhar para um ponto além dele, além daquele quarto, além de tudo.

– *Izzy!!*

E então, em desespero:

– *Isabella!*

O vento pareceu acalmar. Isabella voltou a cabeça na almofada. Pela primeira vez desde o acidente, ele olhou-a nos olhos. E viu tudo de novo. O começo. O fim. A incessante existência entre os dois. A praia.

– Perdoa-me! – gritou. – Lamento tanto, tanto. Mas por favor, deixa a Izzy ir. Não posso perdê-la.

Isabella voltou para ele os olhos cinzentos e insondáveis.

E então fechou-os… e largou a mão de Izzy.

O vento cessou no mesmo instante. A tampa do piano fechou-se com uma pancada.

Izzy caiu enrodilhada no chão.

Gabe atravessou o quarto a cambalear e tomou a filha nos braços. Ainda respirava. *Obrigado, Deus.*

– Gabe?

Voltou-se. Katie estava à porta. Piscou os olhos.

– Que faz aqui?

– Acordei. A Izzy tinha desaparecido. Estava a tentar empurrar a porta quando ela se abriu sozinha.

Olhou em redor, e só então abarcou toda a cena. Levou uma das mãos à garganta.

– Oh Deus!

Gabe seguiu-lhe a direcção do olhar. Miriam estava tombada na cadeira junto à cama, ainda a agarrar o crucifixo. Tinha o pescoço dobrado num estranho ângulo e os olhos baços e vazios.

Gabe voltou-se para Isabella. Parecia, mais uma vez, estar a dormir. Mas reparou que o ligeiro subir e descer do peito tinha cessado, e a máquina ao lado da cama emitia um único *bip* contínuo e agudo. Uma nota final.

Partiu. Não, corrigiu-se. *Foi libertada.*

Abraçou Izzy com mais força.

– Adeus, Isabella – murmurou. – Viagens felizes.

Capítulo 61

Bebia café simples, com muito açúcar. Raramente comia. De longe em longe, soprava uma nuvem de vapor de um *vape*, apesar do letreiro que dizia: PROIBIDO FUMAR OU VAPEAR. Claro que ninguém ia chamar-lhe a atenção. Ele era o dono.

Vestia de preto: casacão, *T-shirt* e *jeans*. E a cor da pele era quase tão escura como a roupa. Era alto, mas não de forma exagerada. Era musculoso, mas não ostensivamente. Tinha a cabeça rapada. Sentado, imóvel, no canto, era pouco mais do que uma sombra. Uma sombra a que a maior parte dos clientes lançava um olhar e optava por ir sentar-se o mais longe possível. Nada a ver com racismo ou preconceito. Era mais uma sensação de mal-estar. A sensação de que se olhassem para aquele homem durante demasiado tempo poderiam ver qualquer coisa que nunca seriam capazes de apagar.

Gabe atravessou o escuro café e sentou-se em frente do *Samaritano*.

– Continuo a ter dificuldade em acreditar que geres um café.

O *Samaritano* sorriu.

– Sou um homem de muitos talentos.

– *Nisso* acredito.

– Pareces quase humano, para variar. A paternidade fica-te bem.

Gabe sorriu. Não pôde evitá-lo. A palavra «pai» tinha aquele efeito. Pensou em Izzy. Só tinham passado uns poucos meses, mas já se sentiam mais à vontade um com o outro. Ela chamava-o quando sonhos maus a acordavam à noite. «Papá» soava cada vez mais natural na sua boca. Já não olhava para ele com uma muito ligeira expressão de desconfiança. Tinham ainda algum caminho a percorrer antes de voltarem a conhecer-se. Mas ele estava muito grato por terem essa oportunidade.

Antes, tomara a paternidade como um dado adquirido. Estava demasiado ocupado, demasiado amarrado à sua vida e ao seu compromisso para com

Isabella para dedicar tempo suficiente à filha. Não acreditava que «as coisas acontecem por uma razão». As pessoas tentavam fazer que a tragédia fizesse sentido, quando a essência da tragédia é não fazer sentido. As coisas más não aconteciam com um propósito mais vasto. Apenas aconteciam. No entanto, sentia que lhe tinha sido dada uma segunda oportunidade. Uma oportunidade de não voltar a cometer os mesmos erros.

A filha ainda guardava mistérios. Tinham falado um pouco a respeito da sua narcolepsia, ou «as quedas», como ela lhe chamava. Parecia ter regressado no dia em que o «homem mau» aparecera – o dia em que a mãe tinha sido assassinada. E piorara durante o tempo que passara com Fran. Mas Gabe não sabia explicar o que ela lhe dissera a respeito da praia, ou dos seixos. Parecia uma coisa louca, impossível. Mas tinha visto o que acontecera naquele quarto, com Isabella. Também não sabia explicar nada daquilo. Por isso, de momento, limitava-se a aceitar. Ainda que, depois daquela noite, parecesse estar a melhorar. Devagar.

Izzy falava com uma psicóloga uma vez por semana. Pouco a pouco, iam conseguindo extrair uma parte da história; o tempo que estivera em fuga com Fran. Mas os pormenores do dia em que Jenny morrera eram mais difíceis de recuperar. Izzy trancara-os no mais fundo da sua mente. A psicóloga avisara Gabe e a polícia da possibilidade de nunca conseguirem libertar essas recordações. Mas não fazia mal, pensava Gabe. Por muito frustrante que isso por vezes fosse, havia coisas que mais valia deixar em paz.

A inspectora Maddock achava que já tinham uma versão razoavelmente completa dos acontecimentos. Ficaram a saber que Fran e a filha, Emily, se tinham mudado pouco antes para a cidade onde a família de Gabe vivia. Emily tinha frequentado a mesma escola que Izzy. Fran devia ter conhecido Jenny por acaso, como costuma acontecer com as mães à porta das escolas. Era até possível que Gabe a tivesse visto uma ou duas vezes. Talvez até tivesse confundido a filha dela com Izzy quando as duas corriam para o portão à hora da saída. Ao que parecia, as duas raparigas eram «quase idênticas».

A dada altura, pensava Maddock, Fran fora contactada pelos Outros para pagar o seu Favor. Parecia provável que esse Favor consistisse em ir até casa de Gabe, convencer Jenny a deixá-la entrar e certificar-se de que o portão da frente ficava aberto para dar acesso ao assassino. Este aspecto era importante,

compreendia ele agora, porque para que fosse implicado no assassínio da família não podia haver sinais de entrada forçada.

Mas Fran nunca tivera a intenção de cumprir o plano, pelo menos até ao fim. Maddock dissera-lhe que, nos dias anteriores ao assassínio de Jenny, Fran avisara a senhoria de que ia deixar a casa alugada, comprara dois bilhetes de comboio e reservara uma pequena vivenda de férias no Devon. Tirara Emily da escola pelo resto da semana, com a desculpa de que ia visitar a avó doente. E comprara dois telemóveis baratos sem compromisso de tarifa.

No dia do assassínio, fizera um telefonema anónimo para a polícia antes de chegar a casa de Gabe, a comunicar um assalto naquela morada. Devia ter esperado que a polícia chegasse a tempo de evitar o que estava destinado a acontecer. Desapareceria então com a filha, para um lugar onde Os Outros não a encontrassem.

Mas não fora dada prioridade à chamada e a polícia chegara demasiado tarde. Fran fugira com Izzy no carro do assassino.

Ainda não se sabia quem era o homem encontrado no porta-bagagens. Mas pelo que Izzy dissera, parecia que Os Outros deviam tê-las encontrado a dada altura. Fran matara o homem e afundara o carro e o corpo no lago.

Gabe continuava a não perceber por que razão tinha levado a filha a casa dele naquele dia. Talvez não tivesse ninguém que ficasse com ela. Não sabia como fora que Emily acabara morta ou por que motivo Fran não fora à polícia logo depois dos assassínios. *Como pôde abandonar o corpo da filha?* Essa peça do *puzzle* continuava em falta. Mas sabia que, num dado momento, houvera duas rapariguinhas na sua casa. Então aparecera um assassino. Só uma das rapariguinhas sobrevivera. Izzy. E ele tinha-a visto. Na auto-estrada. No carro à sua frente.

A polícia tinha a confissão de Miriam, gravada no telemóvel. Também Harry fizera um depoimento, mas não enfrentaria qualquer acusação. Não fora considerado de interesse público. Gabe tinha de concordar. Mas isso não significava que fosse deixar Harry e Evelyn ver a neta. Pelo menos por enquanto.

As análises de ADN tinham confirmado que Emily era filha de Fran. As suas cinzas tinham sido trasladadas para uma campa ao lado da da mãe. Por fim juntas.

Katie pedira-lhe que fosse ao funeral de Fran. Ele começara por recusar, mas depois mudara de ideias. Ela tinha tentado salvar Jenny e Izzy, recordara a si mesmo. E mantivera Izzy a salvo. Tinha de agradecer-lhe por isso.

A mãe de Katie não estivera presente, mas a irmã mais nova sim. Soluçara estrepitosamente para um sem-fim de lenços de papel. Katie chorara, mais discreta, ao lado dele. Gabe sentira-se embaraçado, sem saber muito bem o que fazer. Então, talvez um momento antes que fosse demasiado tarde, passara-lhe um braço pelos ombros. Sentira-a ficar tensa, e depois apoiar-se contra ele. E era assim que devia ser.

A polícia continuava a tentar encontrar o rasto de Os Outros, mas era uma tarefa sem esperança. O *website* fora retirado, embora estivesse de certeza ainda activo, com um URL diferente, algures na *Dark Web*. Só que invisível para a Lei.

Steve, o ex-namorado de Louise, tinha sido preso, mas até ao momento recusara falar. Duas acusações de assassínio na forma tentada continuavam, era óbvio, a ser preferíveis ao que Os Outros deviam ter-lhe reservado. Maddock dissera a Gabe que estava também sob investigação por intimidação de testemunhas e falsificação de provas em vários outros casos.

Parecia pouco provável que viessem alguma vez a encontrar o responsável pelo assassínio de Fran. Fosse quem fosse, era um profissional. Tão profissional que a polícia estava convencida de que não quisera que Fran morresse logo. Tinha querido que sofresse.



– Então – disse o *Samaritano*. – Desististe da vida de viajante?

– Acho que sim.

– Isso é bom. O monte de caca daquela tua caravana era uma vergonha. O melhor é levá-la para a sucata. Esmagá-la.

Gabe sorriu, mas não conseguiu impedir-se de dizer:

– Ainda há umas quantas pontas soltas.

– A vida é assim. Nada é certinho, como nos filmes.

– Sim. Mas há uma coisa que não me sai da cabeça. Uma coisa que continua a incomodar-me.

– Sim?

– Quem sabia que a Fran ia estar no lago naquele dia, àquela hora?

– Talvez andasse alguém a vigiá-la?

– É o que a polícia pensa. Encontraram restos de fita adesiva e ramos partidos numa árvore. Pensam que alguém pode ter montado um posto de vigilância.

– Então aí tens a tua resposta.

– Só que *nós* éramos os únicos a saber que o carro e o corpo estavam lá.

– Estou a ver a tua ideia.

– Fez-me pensar numa coisa que a Katie me disse, a respeito do rapaz que lhe matou o pai. Jayden. Ao que parece, foi institucionalizado muito novo. A mãe tinha morrido e o pai era um criminoso.

– O chavão do costume – disse o *Samaritano*. – Pai ausente. O miúdo não tem orientação. Junta-se a quem não devia. A história repete-se. Por vezes, o pai só sabe que tem um filho quando ele já é crescido. Quando sabe, o miúdo toma-o como exemplo. É difícil pôr um filho no caminho certo quando se passou tanto tempo a percorrer o errado. Mas talvez uma pessoa tente. Talvez faça tudo o que pode para encaminhá-lo na direcção certa. Então ele comete um erro…

Gabe olhou para ele.

– Consegui desenterrar uma fotografia do pai. É muito antiga. O sujeito desapareceu do radar há anos.

Enfiou a mão no bolso. Antes que pudesse tirá-la meio para fora, uns dedos fecharam-se à volta do seu pulso como garras de ferro.

– Não o faças.

Os olhos do *Samaritano* estavam cravados nos dele. Gabe sentiu os ossos do pulso deslocarem-se e a mão ficar flácida. De súbito, desejou ter combinado encontrar-se com o *Samaritano* noutro lugar que não fosse o seu café. Ali, se o homem quisesse matá-lo, matá-lo-ia, e ninguém veria nada ou diria uma palavra.

– *Okay* – murmurou.

O *Samaritano* largou-lhe o braço, que caiu como um peso morto em cima da mesa.

– Vou dizer-te isto uma vez, e só uma vez. Compreendes?

Gabe assentiu.

– Tens razão. Era o meu rapaz. E tinha só dezoito anos quando aquela cabra o mandou matar. Não era um mau miúdo. Sei que o que fez foi errado. Mas também tinha muito de bom lá dentro.

– Matou um homem e foi a uma festa.

– E tu atropelaste uma rapariga quando estavas bêbedo e deixaste-a em morte cerebral. E no entanto estás aqui. Tu, com o teu privilégio de branco, tens uma segunda oportunidade.

– Não me conheces.

– Oh, sei que eras pobre. Mas ser pobre e branco não é o mesmo que ser pobre e preto, e não tentes dizer-me que é. O lixo branco que quase mata uma rapariga a conduzir bêbedo apanha pena suspensa. Um miúdo preto, acusado de homicídio, tira uma carta e vai direito para a prisão. Bum.

Gabe ficou silencioso.

– O Jayden teve remorsos. Disse-mo. Queria pedir desculpa, mudar de vida. Como tu fizeste. Mas nunca teve a oportunidade. Porque uma cabra, cega pela vingança, o mandou matar. Sabes o que lhe fizeram? Não se limitaram a cortar-lhe a garganta. Primeiro bateram-lhe. Pulverizaram-lhe todos os órgãos do corpo. Morreu devagar, sozinho. Tinha só dezoito anos.

– Como descobriste? – perguntou Gabe.

– Demorou algum tempo, mas eu tenho os meus métodos. Comecei a procurá-la, a seguir-lhe o rasto. E encontrei-a. Descobri-a numa pequena aldeia nas Midlands. Observei-a e planeei o que ia fazer-lhe.

– Ela tinha uma filha.

– E *eu* tinha um filho. – Cravou em Gabe um olhar furioso. – Mas então ela desapareceu, nunca mais voltou. Perdi-a outra vez.

– Mas somaste dois e dois. Sabias que ela tinha estado envolvida no que aconteceu à Jenny e à Izzy. Foi por isso que me encontraste, que te fizeste meu amigo. Não andavas à minha procura, andavas à procura da Fran, e pensaste que eu podia ajudar-te a encontrá-la.

O *Samaritano* encolheu os ombros.

– Foi fácil encontrar-te, meu. Andar pelas áreas de serviço, com os teus folhetos. Fiz o que tinha de fazer. Fiz-te um favor.

– Como?

– Se a Fran estivesse viva, achas que não voltava para levar a Izzy? Querias mesmo uma coisa dessas?

Gabe não foi capaz de responder.

O *Samaritano* assentiu.

– Pois. Foi o que me pareceu.

Gabe soubera-o. Temera-o. Mas saber que se tem razão não torna a coisa mais fácil de engolir.

– Há mais uma coisa – disse.

– O quê?

– A Miriam. Alguém deve ter percebido tudo e chegou até ela antes de mim. Deu-lhe uma arma. Disse-lhe para se matar.

– Parece-me um bom conselho.

– Disse que lhe chamavam o *Homem da Areia*.

– Um nome fixe.

– Sim, é. Na ponte disseste que tinhas muitos nomes. Esse é um deles?

O *Samaritano* recostou-se na cadeira e olhou para Gabe em silêncio por um momento. Quando voltou a falar, a sua voz foi baixa e grave:

– Sabes, eu também estive naquela ponte. Depois de o Jayden ter morrido. Só que a minha ponte foi uma garrafa de uísque e um monte de comprimidos. Esperei que a escuridão me levasse. Mas ela não me levou. Não até ao fim. Dei por mim numa praia. Mas não uma praia como as que há na Terra. Era noutro lugar qualquer. Estava frio. E o mar era negro e zangado, como se as ondas pudessem estender as mãos, agarrar-me e arrastar-me para o fundo… Não podia ficar ali. Fugi, gatinhei praia acima. Acordei no hospital. Tinha vomitado por mim abaixo, tinha cagado nas calças. E tinha *isto* na mão.

Tocou no dente e Gabe sentiu as entranhas transformarem-se-lhe em gelo.

– Um seixo.

– Sim. Uma merda estranha. Como se tivesse caminhado por um pesadelo e trazido comigo um *souvenir*. Mandei-o partir e incrustar um pedaço no dente. Para me recordar.

– O quê?

– O que nos espera. Às pessoas como eu.

– Foi assim que arranjaste o nome?

O *Samaritano* abanou a cabeça.

– Isso não faria sentido, meu. Seixos, areia. – A sua voz endureceu. – Arranjei o nome porque ponho pessoas a dormir.

Gabe sentiu um arrepio gelado percorrer-lhe o corpo.

– Acabaste com as perguntas?

Assentiu.

– Sim. Vou andando. Tenho de ir buscar a Izzy à escola.

O *Samaritano* estendeu uma grande mão.

– Gostei de voltar a ver-te, meu. Mantém-te a salvo e cuida dessa tua miúda.

Gabe hesitou e depois apertou-lhe a mão. O *Samaritano* esperou que ele fizesse meia volta e começasse a afastar-se antes de dizer:

– Sabes, se queres de verdade atar todas as tais pontas soltas, há uma coisa que esqueceste.

Gabe suspirou. Voltou para trás.

– Que coisa é essa?

– O carro?

– Que tem o carro?

– Ias a conduzir de regresso a casa naquela noite, certo?

– Sim.

– E o carro que levava a Izzy ia à tua frente.

– Sim.

– Errado.

– Desculpa?

– Devia estar a *afastar-se* da tua casa. Ia na direcção errada. Nunca te perguntaste porquê?

Capítulo 62

Estava um bonito dia de sol. O género de dia que as crianças desenham a lápis de cor, com um Sol brilhante e redondo, um mar azul-berrante e areia amarela.

Desceram da casa à praia. Gabe e Izzy, Katie, Sam e Gracie. Nunca lhe passara pela cabeça mudar-se para a grande casa. Mas Izzy quisera. Dissera que gostava de estar perto do mar, da praia. E ele não fora capaz de lho recusar.

Não fizera de verdade parte do plano convidar Katie e os filhos a mudarem-se também. Fora uma daquelas coisas que acontecem. Tinham-se visitado muito quando Gabe estava a redecorar a casa. Sam e Izzy brincavam bem juntos e Gracie era um amor. Katie ajudara-o a escolher as cores, a mobília, os quadros; coisas para tornar a velha casa mais acolhedora. Ele agradecia a contribuição – ao fim de três anos a viver numa autocaravana, sentira-se perdido num novo mundo de mobílias para montar, amostras de tecidos e catálogos de tintas.

Quando Katie perguntara o que ia fazer com todo aquele espaço, ele dissera, na brincadeira, que talvez eles devessem mudar-se para lá. Izzy apoiara a sugestão com um entusiasmo imediato. Tinham rido da ideia, mas Gabe dera por si a pensar cada vez mais nisso. A casa era demasiado grande só para ele e Izzy. Não queria acabar com quartos vazios e mortos, como antes. Por isso voltara a fazer a sugestão a Katie, dessa vez num tom mais sério. Um novo começo. Não precisava de pagar renda. *Babysitter* incluído. Sem condições.

Para sua surpresa, Katie aceitara. Arranjara um novo emprego num hotel não muito longe. Tinham passado seis meses e a vida assentara, acalmara. A enorme casa, que sempre parecera uma morgue, estava agora cheia de risos e alegria. Não eram bem uma família, não no sentido tradicional. Katie e ele estavam ainda a conhecer-se. Gabe não sabia aonde aquilo os levaria, se é que levaria a algum lado. Mas era uma estrada que achava muito excitante seguir. Mais do que ter voltado a juntar-se à vida, fora de algum modo a vida que o encontrara a ele.

Naquele dia, levavam um piquenique, como tantas vezes faziam. Um chavão, mas um chavão de que fora privado durante três longos anos. Quando nos é negado o prazer de pequenas coisas como estas, elas passam a significar tudo para nós. Estenderam a manta aos quadrados no chão de seixos e montaram cadeiras desdobráveis. Enfiaram chapéus nas cabeças das crianças e Katie remexeu no saco à procura do protector solar.

Fez um pequeno ruído de reprovação com os lábios.

– Não o encontro. – Voltou-se para Gabe. – Puseste-o no saco?

Ele franziu a testa.

– Pensava que sim.

– Bem, não está aqui.

– Tens a certeza? Deixa-me ver.

– Não está. Já procurei.

Izzy, Gracie e Sam riram.

– O que foi? – perguntaram Katie e Gabe em uníssono.

As crianças trocaram olhares conhecedores.

– O que foi? – insistiu Katie.

– Vocês os dois parecem casados – disse Sam.

Katie e Gabe olharam um para o outro, e ambos coraram até à raiz dos cabelos.

– Isso é… – começou Katie e gaguejar.

– Horrível – disse Gabe, a fazer uma careta. – Iaque!

– Eh!

Katie deu-lhe um murro no braço, a brincar. Doeu. Mesmo assim ele sorriu, a massajar o braço.

– Protector solar! – voltou Katie a dizer, severa.

– Devo tê-lo deixado na cozinha – disse Gabe. – Vou buscá-lo.

– Podemos ir para a água, mamã? *Por favor?* – pediu Sam.

– *Okay*. Mas com as *T-shirts* vestidas. Não os quero com um escaldão.

– Ié!

As crianças correram praia abaixo em direcção ao mar. Gabe ficou a observá-las por um momento, ainda relutante em perder Izzy de vista por muito tempo.

– Queres que vá eu? – perguntou Katie, a ler-lhe os pensamentos.

– Não, não, tudo bem.

Fez meia volta e afastou-se sobre os seixos em direcção ao caminho da falésia. Não era muito longe, mas era íngreme. Quando chegou ao topo estava encharcado em suor, a *T-shirt* a colar-se-lhe ao corpo como uma segunda pele. A partir dali, o trilho ziguezagueava ao longo da falésia até às traseiras de Seashells, onde ele mandara pôr uma vedação com cancela. Estava regra geral deserto, com excepção de um ou outro caminhante ou observador de aves. Mas não naquele dia. A meio do trilho estava uma mulher de pé, mesmo à beira da falésia, a olhar para o mar.

Merda. As falésias a alguns quilómetros dali, em Beachy Head, eram famosas pelo número de pessoas que de lá se suicidavam. Aquelas eram menos conhecidas. Mas não eram menos altas nem menos letais, sobretudo daquele lado, longe da praia. Uma queda a pique para as aguçadas rochas e as ondas que rugiam lá em baixo. Os ossos quebrados de quem dali caísse seriam arrastados para o mar ainda antes que alguém desse por falta da pessoa.

– Senhora? Desculpe-me?

A mulher voltou-se. Um buraco negro abriu-se no coração de Gabe. Parecia mais velha. Usava o cabelo curto e pintado de louro. Apoiava-se a uma bengala. Mas ele reconheceu-a no mesmo instante.

– Pensava que tinha morrido.



– Não peço perdão.

– Óptimo.

– Só queria tentar explicar.

– Podia começar por explicar a sua milagrosa recuperação.

Ela olhou-o com firmeza.

– Eles pensaram que seria mais seguro.

– Quem são eles? Está num desses programas de protecção de testemunhas?

– Uma coisa no género. Há muito interesse pelos Outros. Não só aqui. Noutros países. Quiseram que ajudasse. Era mais fácil eu estar morta. Para que Os Outros deixassem de me procurar.

– A Katie sabe?

Ela abanou a cabeça.

– E não pode saber. É demasiado perigoso.

– Nesse caso, que veio aqui fazer?

– Já lhe disse… explicar.

Gabe olhou para ela. Uma parte de si queria empurrá-la da beira da falésia. Saborear os seus gritos enquanto caía. Outra parte precisava de saber. Perguntas. Ainda havia perguntas. Que acontecera na casa? E o carro. Como dera ele por si a seguir o carro?

Devia estar a afastar-se da tua casa. Ia na direcção errada.

– Então explique. E não me venha com merdas a respeito de ter feito tudo aquilo pela Izzy.

– Salvei a vida da sua filha.

– Que nunca teria estado em perigo se não fosse por si. A minha mulher ainda estaria viva.

– Acredita a sério nisso? Se não tivesse sido eu, teria sido outra pessoa qualquer.

Gabe queria argumentar, mas sabia que ela tinha razão. Não passara de um peão. Haveria sempre outras pessoas. E era esse o problema.

– Que aconteceu na casa, naquele dia?

– Já sabe a maior parte. Eu devia passar por lá, conseguir que a Jenny me convencesse a entrar e abrir o portão da frente.

– E deixar entrar um assassino.

– Não tencionava ir até ao fim. Só queria fazer *parecer* que sim para que julgassem que tinha pago o meu Favor, mas tinha um plano.

– Ligou para a polícia antes de entrar e disse-lhes que havia um intruso.

– Pensei que iam chegar a tempo de evitar que acontecesse alguma coisa má. Então eu e a Emily desapareceríamos.

– Para quê levá-la consigo?

– Não tinha quem tomasse conta dela e tinha medo de a deixar sozinha. – Deixou escapar uma curta e amarga gargalhada. – Irónico, não lhe parece?

Gabe sentiu uma pontinha de compaixão. Muito pequena.

– A polícia disse que havia sinais de luta. Achavam que a Jenny se tinha voltado contra o atacante.

– Ele matou primeiro a Jenny. Entrou pelas portas do pátio. Atirei-me a ele, tentei impedi-lo, mas a arma disparou. – Fez uma pausa, engoliu em seco. O horror muito perto da superfície. – A Emily foi atingida. Caiu. Tentei bater-lhe com a frigideira que estava no suporte, aturdi-lo, mas não havia tempo. Eu…

sabia que a Emily estava morta. Tive de fazer uma escolha. Agarrei na Izzy e fugi, ou teríamos morrido também. Conseguimos chegar ao carro dele. Tinha deixado as chaves na ignição. Atirei a Izzy lá para dentro e arranquei dali o mais depressa que pude.

– Por que não ligou para a polícia depois de terem fugido?

– Estava em choque. Não sabia o que fazia nem para onde ia. Mas então a realidade desabou em cima de mim. A Izzy chorava pela mãe no banco de trás. Apercebi-me de que me tinha afastado quilómetros da casa. Voltei para trás, entrei na auto-estrada. A minha intenção era ir direita à esquadra da polícia. Mas então apanhámos as obras, e havia um carro atrás de nós. Um todo-o-terreno. Começou a buzinar, a fazer sinais de luzes…

Apita se estás com pressa. Gabe sentiu o gelo correr-lhe pelas veias.

– Tentei afastar-me, mas ele acelerou atrás de nós. Perseguiu-nos. Pensei que eram *eles*. Os Outros. Que nos tinham encontrado e iam matar-nos. Entrei em pânico. Esqueci a polícia. Esqueci tudo. A única coisa que sabia era que tinha de fugir dali. E quando o consegui – os olhos dela encontraram os dele –, não havia maneira de voltar atrás.

Gabe sentiu as pernas fraquejarem. Mesmo com a brisa fresca que o açoitava, parecia não haver oxigénio no ar. Julgou que ia vomitar.

– Era eu. Fugiu por causa de *mim*. – Um pequeno sorriso amargo. – A sorte é uma grande puta, não é?

Não sabia se sorrir, se chorar, se atirar-se do alto da falésia. Se não fosse a conduzir atrás dela. Se não a tivesse perseguido. Uns poucos segundos para um ou para o outro lado. Uma mudança de faixa. Outro carro a pôr-se no meio deles. Podia ter sido tudo tão diferente. A culpa fora do destino, do *karma*, de um alinhamento de estrelas. A culpa fora do doentio sentido de humor de Deus. Mas na verdade, pensando bem naquilo, indo mesmo ao cerne da questão, a culpa tinha sido da porra da *simples* má sorte.

– Mesmo assim, podia ter ido à polícia – grasnou. – Mais tarde, quando se apercebeu do seu erro.

– Era demasiado tarde. Estava cheia de medo por causa do que tinha acontecido. Tinha medo dos Outros. Mas, sobretudo, tinha medo de a perder. Aquela rapariguinha que era tão parecida com a Emily. Quase conseguia imaginar que *era* a Emily, se me esforçasse. Tem razão. Não o fiz pela Izzy. Fi-lo

por mim. Porque precisava dela. Estava a afogar-me em desgosto. Não podia viver sem a minha filha, e precisava da Izzy para tapar o buraco aberto no meu coração.

Gabe não respondeu logo. Então disse:

– Compreendo.

Ela abanou a cabeça.

– Não, não compreende. Porque é uma pessoa melhor do que eu. Estou a mentir-lhe neste preciso instante. Não vim aqui para explicar, não de verdade. Vim porque queria ver a Izzy uma última vez. Saber que é feliz.

– É feliz – disse Gabe. – Está com a família.

– Óptimo. – Fran olhou para as rochas lá em baixo. Gabe sentiu-se invadir por uma onda de vertigem.

– Sabe, quando estava inconsciente, no hospital – disse ela –, sonhei que estava numa praia, igual a esta. A Emily também lá estava. – Olhou para ele. – Acha que eles esperam por nós?

Ele engoliu em seco, a pensar em Jenny.

– Não sei. Espero que sim.

Ela assentiu.

– É melhor voltar. Vão dar pela sua falta.

– E você?

– Não se preocupe, não voltará a ver-me.

Gabe esperava que fosse verdade. Queria acreditar nela. Mas tinha de dizê-lo.

– Se voltar, sabe que a matarei, não sabe?

– Já estou morta, lembra-se?

Gabe fez meia volta e começou a descer o caminho da falésia. A meio, apercebeu-se de que não tinha o protector solar. Voltou para trás. Ela tinha desaparecido.

Capítulo 63

Katie estava à beira da água, as ondas a lamberem-lhe os pés. Voltou-se quando Gabe se aproximou, os seus passos a fazerem ranger os seixos.

– Demoraste – disse.

Gabe ergueu a embalagem de creme e encolheu os ombros.

– Sou velho e lento.

– Mais nada?

Ele sorriu.

– Não. Porquê?

Ela olhou para ele, um pouco curiosa, e depois abanou a cabeça.

– Nada. – Agitou a embalagem no ar. – Meninos!

Obedientes, eles saíram da água e deixaram que Katie os besuntasse com factor 50 antes de voltarem a correr para as ondas. Gabe ficou ao lado de Katie, a vê-los brincar.

Ao cabo de um momento, disse:

– Estamos seguros aqui, não estamos?

– Tão seguros quanto podemos estar.

– Achas que ainda andam por aí? Os Outros?

Gabe olhou para a praia, onde um jovem casal se deitava ao sol e uma senhora já de idade, sentada numa cadeira de esplanada, mostrava as pernas salpicadas de manchas que espreitavam de debaixo de um florido vestido de Verão e com um enorme chapéu de palha a proteger-lhe o rosto.

– Suponho que nunca o saberemos – disse ele. – Vamos ter de viver com isso.

– Suponho.

– Posso sempre usar os meus superpoderes para nos proteger.

– Quais são eles?

– Velhice e lentidão.

– Impressionante.

– Os meus inimigos fartam-se de esperar por mim.

Ela sorriu.

– Sim, percebo que isso resulte.

Gabe estendeu a mão e pegou na dela. Katie entrelaçou os dedos nos dele e encostou-se-lhe ao ombro.

Gabe olhou por cima da cabeça dela, na direcção das falésias. Para o lugar onde as ondas fustigavam as rochas aguçadas e tudo o que lá caísse seria obliterado e consumido pelo mar. Sim, podia viver com isso.

Epílogo

O velho caminhava pelo cemitério com uma lentidão solene. Vestia um antiquado casaco preto e tinha na mão um ramo de flores já um pouco murchas. Quando chegou à sepultura que procurava, pousou as flores ao lado e murmurou uma pequena oração.

Ali perto, um jovem, pouco mais do que um adolescente, sentava-se num banco, a olhar com uma expressão desolada para uma lápide reluzente de nova que significava uma partida recente, uma perda ainda em carne viva. Limpou os olhos com a manga do camisolão.

O velho pôs-se de pé.

– Está bem?

O jovem olhou para ele por um instante, confuso, os olhos inchados, sem saber se devia responder ou mandá-lo dar uma volta. Então viu o colarinho branco clerical e esboçou um sorriso.

– Não, nem por isso.

O velho olhou para a lápide, apesar de já saber o nome. Ellen Rose. Dezanove anos, morta por uma *overdose* de drogas fornecidas pelo seu namorado ocasional. O jovem era o irmão gémeo dela, chamava-se Callum e ia ali todas as semanas àquela hora.

– Ellen Rose – disse. – Que nome tão bonito.

Foi o bastante. A dor e a recriminação jorraram numa corrente negra. As pessoas queriam falar, descobrira, e regra geral a um desconhecido. Mais fácil do que falar com um familiar ou um amigo. Esses estavam demasiado próximos, demasiado presos na sua dor e desespero.

Deixou o jovem deitar tudo cá para fora, o buraco enorme deixado pela morte da irmã, o amargo ódio pelo namorado, o ressentimento por ele continuar por aí, a gozar a sua liberdade, enquanto Ellen estava morta.

– Devia estar preso. Devia pagar.

O velho assentiu, compreensivo.

– A maior parte das pessoas não sabe o que é perder um ente querido de uma maneira tão estúpida. Saber que a pessoa que o fez continua livre.

– E o senhor sabe?

– A minha mulher foi assassinada. Assaltada quando ia da igreja para casa. Nunca apanharam o responsável.

O jovem olhou para ele, os olhos a abrirem-se.

– Lamento muito. Não…

– Tudo bem. Já me reconciliei com o que aconteceu.

– Perdoou-lhes?

– De certa maneira. Mas o perdão não deve excluir a justiça. – Procurou no bolso do casaco e estendeu um cartão. – Tome. Pode ser que lhe seja útil.

O jovem lançou um rápido olhar ao cartão.

– É alguma coisa religiosa?

O velho abanou a cabeça.

– De modo nenhum. Mas depois de a minha mulher morrer, ajudou-me a encontrar alguma… resolução. Podem ajudá-lo também a si.

O jovem hesitou, e depois pegou no cartão.

– Obrigado.

O velho sorriu.

– Por vezes ajuda… falar com outras pessoas.

Agradecimentos

Escrever livros não se torna mais fácil. Na realidade, o que acontece é precisamente o contrário.

Fiquei um pouco abalada ao descobrir isto.

Por isso quero agradecer ao Neil, o meu marido, por me ter mantido (mais ou menos) sã de espírito enquanto escrevia este livro, o meu terceiro. Sem o apoio dele teria ainda menos cabelo, a *Doris* teria tido de ir à rua sozinha e a máquina de lavar roupa nunca teria sido despejada.

Obrigada ao Max, o meu brilhante «ogre» editorial que consegue fazer-me sentir uma escritora formidável, ao mesmo tempo que me aponta todos os pedaços em que na verdade não o sou. E à Anne, a minha não menos maravilhosa revisora literária nos Estados Unidos, que se fartou de torcer por este livro.

Um obrigada gigante para todos na MM Agency por tudo o que fizeram e continuam a fazer por mim. São o melhor. Muito amor.

Agradeço a todos os meus editores e a todas as fantásticas pessoas envolvidas no processo de «fazer sair um livro». As equipas de publicidade, os revisores, os que concebem as capas, os *bloggers*, os críticos. E, claro, os livreiros, que tanto fazem para espalhar o amor pela leitura. A sério, a minha parte em tudo isto é bastante pequena.

Obrigada ao ex-detective da Met John O'Leary, que me proporcionou uma inestimável orientação em tudo o que tinha a ver com procedimentos policiais. O maior.

Obrigada aos LK pela amizade, risos e apoio – e a todos os amorosos autores que conheci nesta viagem.

Obrigada à mamã e ao papá. Foi um ano duro. Amo-os muito.

Obrigada à minha linda filha, Betty, por ter enchido o meu coração com um amor total e incondicional e por me lembrar a todo o instante o que é importante na vida (pozinhos brilhantes e unicórnios). Ser a tua mamã é a minha maior alegria e privilégio. Não há estrada que eu não percorresse por ti, minha incrível, minha maravilhosa menina.

E por fim, obrigada a si, leitor, por me ter acompanhado nesta viagem. Espero que tenha gostado e que fique para a próxima. Vai ser o máximo.

Grupo Planeta
Planeta Manuscrito
Rua do Loreto, n.º 16 – 1.º Direito
1200-242 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2020, Betty & Betty Ltd
© 2019, Planeta Manuscrito

Título original: *The Other People*

Tradução: Mário Dias Correia

Imagem da capa: Bela Molnar

Adaptação da capa: Guidesign

1.ª edição em epub: Março de 2020

Conversão para epub: Segundo Capítulo

ISBN: 978-989-777-370-9 (epub)

www.planeta.pt

Reservados todos os direitos sobre esta obra. É proibido proceder a cópia, reprodução, publicação ou distribuição, total ou parcial, bem como a sua incorporação em sistema informático e/ou a transmissão, utilização, modificação, sob qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo electrónico, digital ou em suporte físico, nomeadamente por fotocópia, gravação ou qualquer outro método, salvo consentimento prévio e por escrito do Editor. A infracção ao aqui disposto constitui crime, nos termos do disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (artigos 195.º e 224.º).